



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E  
INOVAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

**ELSON DE OLIVEIRA**

**FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS COMO MODALIDADE  
DE CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO: experiências do  
Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia**

**JUAZEIRO, BA**

**2023**

**ELSON DE OLIVEIRA**

**FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS COMO MODALIDADE  
DE CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO: experiências do  
Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia**

Tese apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro Espaço Plural, como requisito para obtenção do título de doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, na linha de pesquisa Convivência com o Semiárido, Inovações Sociotécnicas e Desenvolvimento.

Orientador: Dr. Denes Dantas Vieira  
Coorientador: Dr. Helder Ribeiro Freitas

JUAZEIRO, BA

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

O48f Oliveira, Elson de  
Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de Circuitos Curtos de Comercialização: experiências do Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia / Elson de Oliveira. -- Juazeiro-BA, 2023.  
xv, 250 f.; il ; 29 cm.

Tese (Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Espaço Plural, Juazeiro, 2023.

Orientador: Profº Drº. Denes Dantas Vieira.

1. Agroecologia. 2. Agricultura orgânica. 3. Agricultura Familiar. 4. Desenvolvimento territorial. I. Título. II. Vieira, Denes Dantas. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 631.584

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF  
Bibliotecário: Márcio Pataro. CRB - 5 / 1369.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E**  
**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ELSON DE OLIVEIRA**

**FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS COMO MODALIDADE DE**  
**CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO: experiências do**  
**Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia**

Tese e Produto final apresentado como requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

**Aprovado em: 25/07/2023**

**Banca Examinadora**

Documento assinado digitalmente



DENES DANTAS VIEIRA

Data: 16/08/2023 09:35:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Denes Dantas Vieira (orientador)**  
**Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)**

Documento assinado digitalmente



JOSE NUNES DA SILVA

Data: 18/08/2023 20:17:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. José Nunes da Silva**  
**Universidade Federal Rural do Pernambuco (UFRPE)**

Documento assinado digitalmente



MOISES FELIX DE CARVALHO NETO

Data: 18/08/2023 16:22:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Moisés Felix de Carvalho Neto**  
**Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**

Documento assinado digitalmente



ELIANA ANDRADE DA SILVA

Data: 20/08/2023 11:25:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Eliana Andrade da Silva**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

Documento assinado digitalmente



EDONILCE DA ROCHA BARROS

Data: 18/08/2023 20:45:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Edonilce da Rocha Barros**  
**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**

À minha companheira Adriana e meu filho Gustavo Fernandes pelo apoio incondicional em todos os momentos difíceis da minha jornada doutoral, e incentivo nas horas mais introspectivas.

Aos povos das águas, das terras e das matas do Semiárido, com seus modos de vida simples, sempre com sorriso no rosto, muita esperança e com alegria no coração, que conquistou a minha admiração e respeito por essa terra e seus povos.

## AGRADECIMENTO

Nesse momento de conclusão dessa grande e importante etapa da minha trajetória acadêmica e profissional, penso que o mais valioso de tudo foram as experiências vividas com diversas pessoas em seus processos pessoais e únicos, forjados na sobrevivência, alegria, amor, energia e avanços significativos em suas vidas. Espero que as energias intercambiadas proporcionem contribuições para os processos evolutivos que estamos buscando nessa existência.

Por isso, começo os agradecimentos sinceros a todos os seres de luz que vem proporcionando a esse ser errante, a oportunidade de crescimento, evolução espiritual, moral e obter a força e sabedoria para a superação dos obstáculos, e acumular aprendizados que conduzem ao encontro da luz fraterna e recolhedora da eternidade.

Agradeço a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e ao Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) pela oportunidade de aprofundamento e aquisição de edificantes conhecimentos. Ao Professor Denes Dantas Vieira pelas orientações, amizade, trocas de experiências e propostas interessantes de acréscimos e ajustes de rotas. Aos meus colegas do PPGADT, em especial os “Agroecologia Raiz”, Eduardo, Flavio e Kalil, muito obrigado pelas contribuições e diálogos enriquecedores. Agradeço também ao colega Elias que sempre com sorriso, trouxe a compreensão dos desafios do bioma amazônico.

Ao professor Helder Ribeiro Freitas pela amizade, trocas, sensibilização, orientações e a inserção no mundo acadêmico, tornando para mim um grande irmão que a vida me deu. Agradeço a professora Cris, pelo despertar e impulso à disputa de uma vaga no mestrado e conseqüentemente no doutorado, sempre com contribuições valiosíssimas, mesmo nos locais mais inesperados como feiras, congressos e eventos, minha gratidão.

Aos meus colegas do Sertão Agroecológico que muito contribuíram para essa conquista, que não mediram esforços para elaboração de mapas, diagramações e o melhor, muito carinho, cuidado e amizades compartilhadas, em especial Diego, Priscila e Lucas, e é claro, os(as) professores(as) Helder, Cris, Rita. “Uma vez Sertão sempre Sertão”.

Agradecimento especial a minha família, que tanto amo e que é a razão de todos os meus esforços, pela compreensão e sacrifícios em minha trajetória, e nos intermináveis fins de semanas de estudo, amo muito vocês. Acrescento também a minha amada mãe Dona Tina, que à sua maneira e visão de mundo, compreende a grande

conquista de ter o primeiro doutor na família.

Agradecimentos especiais as amigas e amigos: Jaciara, Luciana, Bruno, Tainá, Rogerio, Valmira, Elisangela, Ismar, Franze, Lurdinha, Ana Lúcia e Marinalva pela parceria e experiências compartilhadas no decorrer do processo.

Por fim, agradeço a todos e todas que de alguma forma contribuiu para essa conquista, meu eterno e muito obrigado e gratidão.

# **FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS COMO MODALIDADE DE CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO: experiências do Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia**

## **RESUMO**

A Agricultura Familiar de base ecológica, principalmente a produção agroecológica, orgânica e em processo de transição vem contribuindo na sustentabilidade e segurança alimentar e nutricional da população brasileira. Nesse contexto, os circuitos curtos de comercialização são importantes estratégias da Agricultura Familiar de base ecológica para o acesso a mercados com a venda direta, que proporciona maior interação entre produtores(as) e consumidores(as), promovendo reciprocidade, proximidade, cooperação, garantias, valorização de produtos, trocas de experiências, valorização do comércio local e geração de renda de forma direta sem a utilização de atravessadores ou intermediários. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo analisar as Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuito curto de comercialização da Agricultura Familiar no território de identidade Sertão do São Francisco no estado da Bahia. O objeto de estudo foram as Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuitos curtos de comercialização, sendo o lócus da pesquisa o território de identidade supracitado, abrangendo principalmente os municípios de Juazeiro, Remanso e Sento Sé, sendo nesses onde as feiras possuem maior desenvolvimento, inserção de atores sociais e maior regularidade de edições. Defende-se a tese que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no território de identidade contribui para o fortalecimento da Agricultura Familiar de base ecológica, nos aspectos econômicos, sociais e produtivos. Como metodologia utilizou o estudo de caso com múltiplos casos com caráter de pesquisa qualitativa, e como métodos ou instrumentos foi utilizado a entrevista semiestruturada, observação participante e análise de dados. Como resultados foi possível estabelecer que no território de identidade possui 7(sete) Feiras Agroecológicas e Orgânicas sendo desenvolvidas em 60% dos municípios da região. Além da análise sobre os investimentos em estruturas que possuem a sua origem via políticas públicas, em especial o projeto Pró Semiárido do governo da Bahia e doações de organizações de apoio. Os dados revelam que os produtos comercializados são oriundos dos quintais produtivos conduzidos por mulheres que atingem o total de 82,14% dos(as) produtores(as)/feirantes. Foi possível ainda inferir que os alcances na geração de renda bruta das famílias envolvidas atingiram valores próximos de R\$ 560.420,00 em 137 edições no ano de 2022. Além disso, a pesquisa demonstrou que existem contribuições junto aos consumidores(as) em relação a oferta de alimentos saudáveis. Nos processos de acompanhamentos foram desenvolvidas intervenções sociotécnicas, realizadas pelas organizações de apoio que deram sustentabilidade para a continuidade das feiras. Por fim, a pesquisa elaborou o Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas como produto final do processo de doutoramento e que inclui instruções a serem observadas pela gestão das feiras para o alcance de melhores resultados.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Agricultura orgânica. Venda direta. Agricultura familiar. Desenvolvimento territorial.



# **AGROECOLOGICAL AND ORGANIC FAIRS AS A MODALITY OF SHORT CIRCUIT COMMERCIALIZATION: experiences of the Identity Territory Sertão do São Francisco Bahia**

## **ABSTRACT**

Ecologically-based Family Farming, mainly agroecological, organic and transitional production, has been contributing to the sustainability and food and nutritional security of the Brazilian population. In this context, short marketing circuits are important ecologically-based Family Farming strategies for accessing markets through direct sales, which provide greater interaction between producers and consumers, promoting reciprocity, proximity, cooperation, guarantees, valuing products, exchanging experiences, valuing local trade and generating income directly without the use of middlemen or intermediaries. Therefore, the present research aimed to analyze the Agroecological and Organic Fairs as a short circuit modality of commercialization of Family Agriculture in the Sertão do São Francisco identity territory in the state of Bahia. The object of study was the Agroecological and Organic Fairs as a modality of short circuits of commercialization, being the locus of the research the aforementioned territory of identity, covering mainly the municipalities of Juazeiro, Remanso and Sento Sé, being in these where the fairs have greater development, insertion of social actors and greater regularity of editions. The thesis is defended that the Agroecological and Organic Fairs developed in the territory of identity contribute to the strengthening of Family Agriculture with an ecological base, in economic, social and productive aspects. As a methodology, it used the case study with multiple cases with a qualitative research character, and as methods or instruments, bibliographical research, semi-structured interviews, participant observation, research in primary sources and data analysis were used. As a result, it was possible to establish that in the territory of identity there are 7 (seven) Agroecological and Organic Fairs being developed in 60% of the municipalities in the region. In addition to the analysis of investments in structures that have their origin via public policies, in particular the Pro Semiárido project of the government of Bahia and donations from support organizations. The data reveal that the commercialized products come from the productive backyards led by women, which reach a total of 82.14% of the producers/marketers. It was also possible to infer that the gross income generation reaches of the families involved reached values close to R\$ 560,420.00 in 137 editions in the year 2022. In addition, the research demonstrated that there are contributions with consumers in relation to healthy food supply. In the follow-up processes, sociotechnical interventions were developed, carried out by the support organizations that provided sustainability for the continuity of the fairs. Finally, the research produced the Practical Guide for Self-Management of Agroecological and Organic Fairs as a final product of the doctoral process and which includes instructions to be observed by the management of fairs to achieve better results.

**Keywords:** Agroecology. Organic agriculture. Direct sale. Family farming. Territorial development.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	Agroecologia e estilos de agricultura de base ecológica.....	35
<b>Figura 2 -</b>	Espiral da transição agroecológica.....	39
<b>Figura 3 -</b>	Modelos de selo de produtos orgânicos.....	50
<b>Figura 4-</b>	Circuitos curtos de comercialização e suas estruturas para produtos ecológicos.....	54
<b>Figura 5-</b>	Localização do Território Sertão do São Francisco no estado da Bahia.....	74
<b>Figura 6-</b>	Distribuição dos territórios de identidade da Bahia.....	84
<b>Figura 7 -</b>	Localização do Território Sertão do São Francisco e distribuição das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.....	87
<b>Figura 8-</b>	Vista frontal do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso.....	97
<b>Figura 9-</b>	Vista lateral do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso.....	97
<b>Figura 10-</b>	Vista dos banheiros do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso.....	97
<b>Figura 11-</b>	Esboço da capa e expediente do produto .....	191
<b>Figura 12-</b>	Capacitação em precificação.....	197

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b>	Comparativo entre Agroecologia e revolução verde.....	37
<b>Quadro 2 -</b>	Feiras Agroecológicas e Orgânicas participante da pesquisa.....	68
<b>Quadro 3 -</b>	Questões geradoras do roteiro das entrevistas semiestruturadas.....	77
<b>Quadro 4 -</b>	Dias, horários e locais que acontecem as Feiras Agroecológicas e Orgânicas.....	88
<b>Quadro 5-</b>	Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro.....	92
<b>Quadro 6-</b>	Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Sento Sé.....	94
<b>Quadro 7-</b>	Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Remanso.....	98
<b>Quadro 8-</b>	Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro nos dias de quintas-feiras.....	102
<b>Quadro 9-</b>	Ficha do produto alface.....	193
<b>Quadro 10-</b>	Ficha do produto ovo caipira.....	195

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	– População estimada para 2021 do TSSF/BA.....	73
<b>Tabela 2</b>	– Estabelecimentos agropecuários do TSSF/BA.....	74
<b>Tabela 3</b>	– Sujeitos(as) da pesquisa e quantidades de entrevistas semiestruturadas.....	76
<b>Tabela 4</b>	– Sujeitos(as) da pesquisa e localização.....	76
<b>Tabela 5</b>	– Dados dos(as) sujeitos ligados as quatro Feiras Agroecológicas e Orgânicas.....	79
<b>Tabela 6-</b>	Mapeamento das Feiras Agroecológicas por Território de identidade...	84
<b>Tabela 7-</b>	Balanço geral da Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro no ano de 2022.	108
<b>Tabela 8-</b>	Balanço geral da Feira Agroecológica de Sento Sé no ano de 2022...	114
<b>Tabela 9-</b>	Balanço geral da Feira Agroecológica de Remanso no ano de 2022....	119
<b>Tabela 10-</b>	Balanço geral da Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro no ano de 2022.....	123
<b>Tabela 11-</b>	Síntese da geração de renda bruta no ano de 2022.....	124

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAPSSE	Associação de Apicultores de Sento Sé
ADEAP	Agência de Desenvolvimento Econômico, Agricultura e Pecuária
AKSAAM	Adaptando Conhecimento para a Agricultura Sustentável e Acesso a Mercados
AMAP	<i>Associations pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne</i>
AMAP	Associação para Manutenção de uma Agricultura Camponesa
APROVASF	Associação dos Produtores(as) de Orgânicos do Vale do São Francisco
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BAHIATER	Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
CECAAT	Central de Comercialização das Cooperativas da Caatinga
CEP	Comissão de Ética em Pesquisas (CEP)
CETRA	Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Paranaíba
CONEXSUS	Instituto Conexões Sustentáveis
COOFAMA	Cooperativa Familiar de Massaroca
COOPERVIDA	Cooperativa Agropecuária Familiar Orgânica do Semiárido
CSA	Comunidades que Sustentam a Agricultura
CVT/NEA	Centro Vocacional e Núcleo de Estudo em Agroecologia Sertão Agroecológico
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FIDA	Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola
IBD	Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICBF	Instituto Colombiano de Bienestar Familiar
IFSertãoPE	do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
IFOAM	Federação Internacional do Movimento da Agricultura Orgânica
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento dos Sem Terra
OCS	Organização de Controle Social

OPAC	Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade Orgânica
PAE	Programa de Alimentação Escolar
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPA	Programa de Aquisição de Alimentos
PPGADT	Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
PVC	Pontos de Venda Coletiva
SASOP	Serviços de Assessoria a Organizações Populares Rurais
SDR/BA	Secretária de Desenvolvimento Rural
SISORG	Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica
SPG	Sistema Participativo de Garantia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos
TSSF/BA	Território Sertão do São Francisco do estado da Bahia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
1.1	PROBLEMATICA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA	21
1.2	OBJETIVO GERAL	23
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
1.4	ORGANIZAÇÃO DA TESE	23
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>24</b>
2.1	AGRICULTURA FAMILIAR: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES	24
	AGROECOLOGIA, TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA e	33
2.2	AGRICULTURA ORGÂNICA	
<b>2.2.1</b>	<b>Agroecologia e suas bases históricas</b>	<b>33</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Transição agroecológica: conceitos e princípios para o fortalecimento da Agroecologia</b>	<b>37</b>
2.2.2.1	<i>Diferenças e similaridades entre os conceitos de agroecossistemas e sistemas agroalimentares</i>	41
2.2.2.2	<i>A transição agroecológica com base em sistemas agroalimentares sustentáveis</i>	45
<b>2.2.3</b>	<b>Agricultura orgânica suas bases e concepções</b>	<b>48</b>
2.3	CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR	52
<b>2.3.1</b>	<b>Circuitos curtos de comercialização no mundo: iniciativas, desafios e similaridades</b>	<b>56</b>
2.4	FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS FORTALECENDO A AGRICULTURA FAMILIAR	61
2.5	GUIAS PRÁTICOS COMO INSTRUMENTO PARA POTENCIALIZAR OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO	65
<b>3</b>	<b>MATERIAL E MÉTODOS</b>	<b>66</b>
3.1	PERCURSO METODOLÓGICO	69
3.2	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	71
<b>3.2.1</b>	<b>Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia (TSSF/BA)</b>	<b>73</b>
3.3	PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	76
3.4	DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO FINAL	81
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>83</b>
4.1	MAPEAMENTO DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE DA BAHIA	83
4.2	DISTRIBUIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS NO TERRITÓRIO DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO	86

<b>4.2.1</b>	<b>HISTÓRICOS E ESTRUTURAS DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS ANALISADAS</b>	<b>90</b>
4.2.1.1	<i>Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro</i>	91
4.2.1.2	<i>Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Sento Sé</i>	93
4.2.1.3	<i>Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Remanso</i>	95
4.2.1.4	<i>Histórico e estrutura da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro</i>	99
4.2.1.5	<i>Síntese dos históricos e estruturas das Feiras Agroecológicas e Orgânicas</i>	103
4.3	<b>IMPACTOS NA GERAÇÃO DE RENDA E INSERÇÃO ECONÔMICA</b>	104
<b>4.3.1</b>	<b>GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MASSAROCA/JUAZEIRO</b>	<b>104</b>
<b>4.3.2</b>	<b>GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ</b>	<b>109</b>
<b>4.3.3</b>	<b>GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE REMANSO</b>	<b>114</b>
<b>4.3.4</b>	<b>GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA DA ORLA DE JUAZEIRO</b>	<b>120</b>
<b>4.3.5</b>	<b>SÍNTESE DO IMPACTO NA GERAÇÃO DE RENDA E INSERÇÃO ECONÔMICA</b>	<b>124</b>
4.4	<b>ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS E SUAS AÇÕES NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	126
4.4.1	<b>ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MASSAROCA/JUAZEIRO</b>	<b>126</b>
4.4.1.1	<i>Ações da comissão organizadora</i>	126
4.4.1.2	<i>Ações dos(as) feirantes e/ou produtores</i>	130
4.4.1.3	<i>Inserção dos(as) consumidores(as)</i>	134
4.4.1.4	<i>Ações das organizações de apoio e assessoria técnica</i>	137
<b>4.4.2</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ</b>	<b>140</b>
4.4.2.1	<i>Ações da comissão organizadora</i>	140
4.4.2.2	<i>Ações dos(as) feirantes e/ou produtores</i>	144
4.4.2.3	<i>Inserção dos(as) consumidores(as)</i>	149
4.4.2.4	<i>Ações das organizações de apoio e assessoria técnica</i>	152
<b>4.4.3</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE REMANSO</b>	<b>157</b>
4.4.3.1	<i>Ações da comissão organizadora</i>	157
4.4.3.2	<i>Ações dos(as) feirantes e/ou produtores</i>	161
4.4.3.3	<i>Inserção dos(as) consumidores(as)</i>	164
4.4.3.4	<i>Ações das organizações de apoio e assessoria técnica</i>	167
<b>4.4.4</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGANICA DA ORLA DE JUAZEIRO</b>	<b>171</b>
4.4.4.1	<i>Ações da comissão organizadora</i>	171
4.4.4.2	<i>Ações dos(as) feirantes e/ou produtores</i>	176



4.4.4.3	<i>Inserção dos(as) consumidores(as)</i>	178
4.4.4.4	<i>Ações das organizações de apoio e assessoria técnica</i>	181
<b>4.4.5</b>	<b>SÍNTESE SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS</b>	<b>183</b>
4.5	IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19	184
<b>5</b>	<b>PRODUTO FINAL DA TESE</b>	<b>189</b>
5.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	189
5.2	MANUAL DE AUTOGESTÃO DE ESPAÇOS FÍSICOS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR	190
5.3	REGIMENTO INTERNO COM FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ/BA	191
5.4	CAPACITAÇÃO EM PROCESSOS DE PRECIFICAÇÃO JUSTA DE PRODUTOS PARA A FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA	192
5.5	GUIA PRÁTICO DE AUTOGESTÃO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS	197
<b>5.5.1</b>	<b>ESTRUTURA DO PRODUTO FINAL</b>	<b>198</b>
<b>5.5.2</b>	<b>DEVOLUTIVA E VALIDAÇÃO DO PRODUTO FINAL</b>	<b>199</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>201</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>208</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) REPRESENTANTES DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS COORDENADORAS DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	<b>225</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) FEIRANTES E/OU PRODUTORES DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	<b>227</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) CONSUMIDORES(AS) DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	<b>229</b>
	<b>APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS ORGANIZAÇÕES DE APOIO E ASSESSORIA TÉCNICA DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	<b>230</b>
	<b>APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE</b>	<b>232</b>
	<b>APÊNDICE F - REGIMENTO INTERNO COM FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ/BA</b>	<b>237</b>
	<b>APÊNDICE G – GUIA PRÁTICO DE AUTOGESTÃO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS</b>	<b>243</b>
	<b>ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>	<b>245</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O envolvimento do autor com a temática de agroecologia, desenvolvimento territorial, fortalecimento da Agricultura Familiar, circuitos curtos de comercialização e outros temas analisados na presente tese, remete momentos vivenciados na graduação de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (UFV). No mestrado analisou a participação social e desenvolvimento local sustentável e integrado, para promoverem concertações de políticas públicas e controle social de investimentos no município de Campo Alegre de Lourdes/BA.

Como engenheiro agrônomo extensionista integrou a equipe técnica da Organização Não Governamental (ONG) Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP) com a função de coordenador técnico em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), foi consultor individual do Bahia Produtiva da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA) e atualmente é Assessor Técnico do Instituto Conexões Sustentáveis (CONEXSUS), sempre desenvolvendo ações voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar, com as temáticas Agroecologia, convivência com o Semiárido e gestão de cooperativas e associações.

Como pesquisador, pós mestrado, foi marcante a inserção no Centro Vocacional e Núcleo de Estudo em Agroecologia Sertão Agroecológico (CVT/NEA/UNIVASF Sertão Agroecológico), com possibilidade de convívio mais direto com o mundo acadêmico.

Portanto, o pesquisador possui a inserção necessária para a reflexão sobre os circuitos curtos de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar que estão inseridos no território do Sertão do São Francisco do estado da Bahia. A princípio, a pesquisa foi pensada abrangendo dois territórios de identidade de mesmo nome e localizados nos estados da Bahia e Pernambuco. Além de abranger outras modalidades de circuitos curtos de comercialização como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), venda direta nos locais de produção, feiras agroecológicas e orgânicas e pontos fixos de comercialização. Porém, diante da amplitude dos objetos e das modalidades, o pesquisador em conjunto com a equipe envolvida optou pela diminuição do objeto para um território de identidade e pela escolha da modalidade de feiras agroecológicas e orgânicas, que vêm nos últimos anos sendo potencializadas e incentivadas no

território do Sertão do São Francisco no estado da Bahia. Contribuiu ainda para a decisão, o ineditismo nesse tipo de estudo relacionado a estratégia de comercialização via feiras agroecológicas e orgânicas na região.

Nesse sentido, essa tese se insere no processo de reflexão e fortalecimento da Agricultura Familiar, que possui como caracterização e elemento primordial a utilização de mão de obra familiar, mesmo que contratando empregados temporários em determinados momentos da produção agrícola. Somado a utilização de pequenas áreas para a produção, o que ocasiona a diversificação, substituição de insumos inorgânicos por orgânicos e utilização em muitos casos de sementes crioulas.

Historicamente os(as) agricultores(as) familiares possuem grandes empecilhos em seus processos produtivos, dentre eles a dificuldade de acesso à terra e insumos. Após a produção, enfrentam dificuldades para o acesso a mercados eficientes e que absorva o excedente produtivo, principalmente para os que realizam produções diferenciadas como os orgânicos e agroecológicos (DAROLT, 2016).

Sendo assim, a presente tese analisou a Agricultura Familiar e suas organizações sociais que produzem seguindo as diretrizes da agroecologia, produção orgânica, transição agroecológica e demais produções de base ecológica. Ponderando as estratégias dos agricultores(as) familiares no acesso a comercialização por meio das vendas diretas aos consumidores(as), que são classificados como circuitos curtos de comercialização, em especial as Feiras Agroecológicas e Orgânicas que são desenvolvidas em alguns municípios do território de identidade citado.

Cabe salientar, que o enredo analítico da tese não abordou toda Agricultura Familiar que é desenvolvida no lócus de estudo, mas fez-se o recorte para a Agricultura Familiar de base ecológica que desenvolve produções agroecológicas, orgânicas e em processo de transição agroecológica. Pois, entende-se que são esses agricultores e agricultoras familiares que necessitam de maior reflexão sobre suas ações desenvolvidas, e que sofrem em maior grau as mazelas da inclusão precária dos processos de desenvolvimento. Somado que, o desenvolvimento no meio rural de maneira geral, estabelece a exclusão desse importante setor da agricultura brasileira. Visto que, a base histórica está fundamentada na interligação entre capital, propriedade de terra e a “modernização da agricultura”, sobretudo após o fim da segunda guerra mundial (WANDERLEY, 2019).

Como compreensão de circuitos curtos de comercialização foi utilizada a definição de Guzzatti, Sampaio e Turnes (2014) que entende como a comercialização que ocorre a partir de relações mais diretas entre produtor e consumidor, não necessariamente de forma unicamente direta, podendo ser indireta desde que tenha apenas um intermediário entre os polos, produtor e consumidor.

A pesquisa está estabelecida na análise de maneira ampla e qualificada da estratégia de comercialização, denominada de Feiras Agroecológicas e Orgânicas, e que se encaixam como modalidade de circuitos curtos de comercialização no território de identidade do Sertão do São Francisco no estado da Bahia. Vale a ressalva que o território de identidade possui dez municípios, e para a presente pesquisa foram analisados três municípios (Juazeiro, Remanso e Sento Sé), sendo nesses onde as Feiras Agroecológicas e Orgânicas possuem maior engajamento dos(as) envolvidos(as), inserção de atores sociais como organizações de apoio, feirantes, produtores(as), consumidores(as) e comissões organizadoras e maior regularidade de edições.

Dessa forma, foi possível identificar os mecanismos utilizados e analisar qualitativamente o alcance e inserção econômica, política e social da Agricultura Familiar de base ecológica desenvolvida no território. Nos aspectos sociais a pesquisa teve o objetivo de analisar em que medida as Feiras Agroecológicas e Orgânicas vêm contribuindo para o fortalecimento das organizações sociais dos(as) agricultores(as) familiares. Além de estabelecer a necessidade de discussão e formulação de intervenções sociotécnicas na condução das Feiras Agroecológicas e Orgânicas como circuitos curtos de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar de base ecológica.

Como produto final da pesquisa foi elaborado o *Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas*, que irá contribuir nos processos de gestão das feiras agroecológicas e orgânicas que estão sendo desenvolvidas em alguns municípios do território do Sertão do São Francisco, no estado e no país. Permitindo a partir do guia favorecer a organização desses importantes espaços de comercialização da Agricultura Familiar de base ecológica, em relação as parcerias necessárias, organização da base produtiva, planejamento da produção, estratégias de logística dos produtos, acordos sobre os preços a serem cobrados, padronização e aparência dos produtos, indicação de comissão organizadora, escolha do local,

período de funcionamento e periodicidade, divulgação e marketing, taxas e custos e importância de elaborar o regimento interno e fundo rotativo solidário. Potencializando assim, a inserção da Agricultura Familiar de base ecológica de maneira mais eficiente nessa modalidade de circuitos curtos de comercialização.

A base metodológica da pesquisa compreende o estudo de caso com múltiplos casos com caráter de pesquisa qualitativa, somado a interdisciplinaridade com a interlocução de áreas do conhecimento e na compreensão do objeto como um todo e não de forma fragmentada (MARINHO, 2021). Os mecanismos de aplicação metodológico percorreu a (i) entrevista semiestruturada; (ii) observação participante e (iii) análise dos dados.

### 1.1 PROBLEMÁTICA E IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Apesar dos interesses conflitantes e diversificados, a Agricultura Familiar de base ecológica, principalmente a produção agroecológica, orgânica e em processo de transição vem contribuindo na sustentabilidade e segurança alimentar e nutricional da população brasileira, mesmo tendo acesso restrito as terras agricultáveis e as políticas agrícolas. Pois, prevalece no Brasil os privilégios aos grandes latifundiários com grandes propriedades e com acesso irrestrito ao crédito e outras facilidades negadas a Agricultura Familiar (WANDERLEY, 2019).

Nesse contexto, o território de identidade que recebe o nome de Sertão do São Francisco inserido no estado da Bahia Brasil, é reconhecido pelo seu potencial produtivo em fruticultura irrigada e na produção de caprinos e ovinos em comunidades tradicionais de fundo de pasto<sup>1</sup>. Possui 33.245 estabelecimentos que produzem na lógica da produção da Agricultura Familiar, atingindo o percentual de 80% de toda agricultura (IBGE, 2017). Sendo desenvolvidos processos produtivos com base ecológica, principalmente as produções agroecológicas, orgânicas e em processo de transição agroecológica.

Portanto, a Agricultura Familiar inserida na região vem ao longo dos anos

---

<sup>1</sup> Fundo de Pasto, é a denominação de terras utilizadas por comunidades rurais que utilizam de maneira secular e coletiva áreas de terras que atingem grandes extensões e produz-se em sua maioria caprinos e ovinos de maneira extensiva (SABOURIN, 1999). Os Fundos de Pasto, e os povos inseridos nesse contexto, possuem base comunitário-tradicional com relações de parentesco, compadrio e vizinhança e detém conhecimentos ancestrais culturais para a convivência com o Semiárido (CARVALHO, F., 2008).

desenvolvendo suas estratégias para o escoamento da produção que na maioria das vezes acontece por meio dos circuitos curtos de comercialização, incluindo as feiras agroecológicas e orgânicas, vendas aos mercados institucionais com as compras governamentais, utilização de redes de comercialização dentre outras formas inseridas nas definições de circuitos curtos.

A justificativa para o desenvolvimento dessa tese está estabelecida na importância de analisar esse potencial produtivo e de comercialização da Agricultura Familiar, com a utilização dos circuitos curtos para seus processos de escoamento da produção. Soma-se ainda, que os dados relacionados ao seu alcance e análises mais profundas sobre o seu potencial, são exíguos e precisam ser analisados para dar visibilidade e potencializar essas iniciativas de acesso a segurança alimentar e nutricional, promover a proximidade de produtores(as) e consumidores(as) e contribuir na geração de renda de agricultores e agricultoras familiares da região.

O problema de pesquisa está estabelecido a partir dos seguintes questionamentos:

- Houve processos qualificados de geração de renda e inserção econômica para os(as) envolvidos(as) nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas?
- Os agentes sociais envolvidos atuam de forma a contribuir nos processos vivenciados nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas?
- As possíveis intervenções sociotécnicas realizadas no âmbito das Feiras Agroecológicas e Orgânicas da região vêm contribuindo tecnicamente e incentivando as experiências desenvolvidas?
- Como a pandemia do COVID-19 afetou as edições das Feiras Agroecológicas e Orgânicas da região?
- A utilização de materiais de apoio para a implantação e gestão são relevantes e estão contextualizados para a realidade das Feiras Agroecológicas e Orgânicas?

A partir dos questionamentos acima foi possível estabelecer o seguinte problema a ser investigado: As Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no território de identidade do Sertão do São Francisco da Bahia contribuem para o fortalecimento da Agricultura Familiar de base ecológica nos aspectos econômicos, sociais e produtivos?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar as potencialidades e fragilidades das Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuito curto de comercialização da Agricultura Familiar no território de identidade Sertão do São Francisco no estado da Bahia.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (i) Mapear as Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas pela Agricultura Familiar de base ecológica no território de identidade Sertão do São Francisco da Bahia;
- (ii) Analisar as contribuições econômicas e alimentares aos produtores(as) e consumidores(as) das Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuitos curtos de comercialização, desenvolvidas no território de identidade Sertão do São Francisco da Bahia;
- (iii) Investigar as contribuições das Feiras Agroecológicas e Orgânicas no fortalecimento das organizações sociais envolvidas na coordenação e organização dos feirantes e produtores(as) desses espaços de comercialização;
- (iv) Avaliar as contribuições das organizações de apoio e intervenções sociotécnicas nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no território de identidade do Sertão do São Francisco da Bahia;
- (v) Analisar os impactos da pandemia do COVID-19 para os(as) produtores(as), feirantes e consumidores(as) inseridos(as) nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas no território de identidade Sertão do São Francisco Bahia;
- (vi) Elaborar para uso do público em geral o Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas, que auxilie no processo de gestão, tomadas de decisões e implantação de novas iniciativas na região e em todo o país.

## 1.4 ORGANIZAÇÃO DA TESE

A presente tese está dividida em seis seções e subseções para facilitar a sua compreensão, assim distribuídas:

*Seção 1: Introdução*, com a inserção da problemática de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos.

*Seção 2:* com o título de *Referencial Teórico*, estão os principais fundamentos teóricos utilizados para a compreensão dos fenômenos estudados que são: classificação e elementos da configuração de Agricultura Familiar, os circuitos curtos de comercialização e suas modalidades, feiras agroecológicas e orgânicas, Agroecologia, transição agroecológica, agricultura orgânica e utilização de guias como instrumento para potencializar as Feiras Agroecológicas e Orgânicas.

*Seção 3:* com o título de *Material e Métodos*, estabelece os princípios e percursos metodológicos adotados para essa elaboração, sempre tendo como foco de análise o fenômeno e seus sujeitos envolvidos, utilizando para isso as entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise dos dados, além dos parâmetros para elaboração do produto final e caracterização do local de estudo.

*Seção 4:* com o título de *Resultados e Discussões*, a seção está reservada para a apresentação e análise dos achados da pesquisa sendo dividida em cinco subseções: (i) Mapeamento das Feiras Agroecológicas e Orgânicas nos territórios de identidade da Bahia; (ii) Distribuição e contextualização das Feiras Agroecológicas e Orgânicas no território de identidade do Sertão do São Francisco; (iii) Impactos na geração de renda e inserção econômica; (iv) Atores sociais envolvidos e suas ações nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas e (v) Impactos da pandemia do COVID-19.

*Seção 5:* intitulado por *Produto Final*, essa seção é direcionada para a discussão sobre a elaboração e validação do produto final da tese que é o *Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas*, onde está abordado parâmetros ou focos de observação para a gestão e implementação de novas experiências.

Por fim, a *seção 6;* com as *Considerações Finais*, que analisa os principais achados, reflexões e considerações de todo o trabalho desenvolvido.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AGRICULTURA FAMILIAR: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES**

A agricultura surgiu no período neolítico, há aproximadamente 10 mil anos, possibilitando que os seres humanos fixassem em determinados espaços geográficos, em vista disso, perdendo a condição de nômade permanente. Certamente foram



desenvolvidas em moradias que ficavam mais próximas de rios e que já possuíam solos com fertilidade natural elevada, não ocasionando assim severos desmatamentos. Porém, essa agricultura começou a sua expansão em duas frentes principais: sistemas de pastoreio e o cultivo de espécies vegetais com a utilização de grandes derrubadas e queimadas (MAZOYER, 2010).

A partir desse momento a agricultura deu início a complexos sistemas agrícolas que foram desenvolvidos por séculos, e sendo necessário grandes evoluções biológicas e culturais. Por isso, a agricultura é um conjunto de experiências exitosas e acumulativas de agricultores e agricultoras familiares e com intensa interação com o meio ambiente, e sobretudo sem acesso a insumos externos e capital (CAPORAL, 2004).

Nesse processo, merece destaque a diversidade de plantas que foram cultivadas e domesticadas a partir de conhecimentos autóctones e em sistemas de policultivos. Nesse sentido, os povos indígenas conseguiram desenvolver modos de produção eficientes e com grande transferência para gerações futuras de conhecimentos que contribuiriam para o processo evolutivo da agricultura (CHAMBERS, 1983; CAPORAL, 2004).

Ainda sobre o surgimento da agricultura, os indígenas, com

seu conhecimento sobre solos, climas, vegetação, animais e ecossistemas geralmente resulta em estratégias produtivas multidimensionais (isto é, múltiplos ecossistemas com múltiplas espécies), e essas estratégias proporcionam, dentro de certos limites ecológicos e técnicos, a auto-suficiência alimentar dos agricultores em uma determinada região (TOLEDO et al., 1985, p. 34).

Portanto, desde o surgimento da agricultura, a sua concepção foi produzir de forma a provocar grandes transformações no meio ambiente, com regiões arborizadas sendo devastada para dar lugar a plantios e produções de animais. Esse modo de manipular a natureza e tirar dela o sustento da população, perpetua até os dias atuais, gerando crises gerais contemporâneas enraizando o confronto entre agriculturas camponesas menos favorecidas de capital e as agriculturas “modernas” e mais “produtivas” (MAZOYER, 2010).

Segundo Mazoyer (2010),

se o problema essencial da economia do mundo atual reside essencialmente na confrontação destrutiva entre agriculturas tão diversas e tão desigualmente produtivas que constituem a herança

agrária da humanidade, então a solução da crise geral contemporânea passa, necessariamente, por uma política coordenada em escala mundial (MAZOYER, 2010, p. 48).

A partir do breve histórico do surgimento da agricultura é possível compreender a grande diversidade de agriculturas que são desenvolvidas a nível planetário, além de estabelecer o seu papel primordial na construção do futuro melhor e possível para a humanidade. Ou seja, existe uma riquíssima herança agrária a ser valorizada, e a Agricultura Familiar camponesa se insere nesse resgate da agricultura que produz com preservação ambiental e busca a superação da carência alimentícia da população mundial.

No Brasil, na tentativa de valorizar essa agricultura ambientalmente mais justa, além de seu processo de conquistas e busca por valorização via políticas públicas, o termo Agricultura Familiar<sup>2</sup> onde está inserido o(a) agricultor(a) familiar foi elaborado, e designa o conceito que abrange uma diversidade de situações e relações de trabalhadores(as) rurais com suas diferenciações econômicas, sociais e culturais. Além disso, existem diferenças nas relações sociopolíticas e sócio-organizativos, que englobam os povos das terras, matas e das águas, sendo que extrativistas, quilombolas e ribeirinhos passaram a ser incorporados posteriormente a 2006 como Agricultura Familiar. Portanto, no mesmo conceito estão inseridos diversos modos de vida, vínculos com o bioma e natureza, além de determinar os modos de produção (SILVA, 2020).

Por isso, para compreender a Agricultura Familiar como categoria social, é necessário um olhar mais profundo nas composições sociais e atuações dos agentes envolvidos. Além de aprofundar em questões estruturais e trazer à tona as estratificações e mazelas imbuídas. Pois, muitas vezes essas questões são negligenciadas nos conceitos mais generalistas de Agricultura Familiar.

Diante disso, Wanderley (2019),

[...] não considero que todos os agricultores familiares sejam pequenos, embora tenha consciência de que, no Brasil, todos eles

---

<sup>2</sup> “A lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006; artigo 3º “(...) considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, os seguintes requisitos: I – não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II – utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III – tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV – dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família” (SILVA, 2020, p. 49).

sofrem, em graus e sob formas distintas, o bloqueio de suas potencialidades, gerado pelas forças dominantes na agricultura, no meio rural e no conjunto da sociedade brasileira (WANDERLEY, 2019, p. 66).

Segundo Wanderley (2004) o conjunto de características que estão inseridos na Agricultura Familiar, são expressados nas práticas e relações sociais associando reprodução social, patrimônio, renda, consumo e trabalho no seio familiar, o que acaba por direcionar à sua maneira de funcionamento. Sendo assim, a sua centralidade está na produção para a reprodução social da família, e contando ainda com colaborações e relações coletivas estabelecidas na própria família e suas diversidades de anuências e a nível comunitário com os demais integrantes da comunidade ou região (WANDERLEY, 2014, p. 45).

Partindo da compreensão que os atores sociais que compõem a Agricultura Familiar que produz nos princípios da Agroecologia, produção orgânica e de transição agroecológica, na sua maioria possuem laços maiores com a natureza, modos de vida e produção diversificada podemos considera-los como desenvolvedores da *agricultura camponesa*, que segundo Ploeg (2008) “se baseia fundamentalmente no uso sustentado do capital ecológico” (p. 17). Sendo que as principais orientações estão estabelecidas no desenvolvimento reprodutivo e social familiar, abrangendo os seus modos de produção que emprega mão de obra majoritariamente familiar, direcionada ao autoconsumo e comercialização do excedente.

Aprofundando essa importante discussão sobre o campesinato, podemos considera-lo como uma forma social e especial de produção familiar, sobretudo com objetivos para a sobrevivência da família e suas gerações, os trabalhos são organizados através de laços de cooperação intra e extrafamiliar, sendo assim, está embriado em uma forma de viver, de produzir com valores culturais e modo de vida específicos (WANDERLEY, 2014).

Esse modo de vida está presente na estrutura fundiária brasileira desde o período colonial, principalmente com os processos de exclusão programada e intrínseca, e com valores ainda alicerçados no trabalho escravo e na monocultura de grandes propriedades, porém observa-se que mesmo nesse período o campesinato deu passos importantes na produção e ocupação de pequenos agricultores familiares

que produziam nas entrelinhas de café e nas mazelas das grandes propriedades, formando assim ilhas de resistência camponesa (SILVA, 2020).

A denominação do que seja campesinato é alvo de debate ao nível acadêmico, formuladores de políticas públicas e até mesmo para dentro dos movimentos sociais, isso acontece devido a ligação forte com a compreensão de lugar social dessa categoria sempre referindo a “agricultura familiar” e “campesinato”. Sendo assim, a nível Brasil o campesinato recebe duas conotações, a primeira, para se referir às produções familiares em pequena escala, com baixos usos de insumos e recursos financeiros, e com baixa ou nenhuma inserção ao mercado. Nesse ponto, o campesinato diverge da agricultura familiar que teria maior inserção aos mercados e às cidades. A outra conotação refere-se ao termo “camponês” que absorve os aspectos políticos por estarem atrelados aos movimentos sociais e camponês que mantém a sua promoção de ações que visa a sonhada e necessária reforma agrária (WANDERLEY, 2014; MARINHO, 2021).

Independentemente dos conceitos em relação à agricultura familiar e agricultura camponesa, para Wanderley (2014),

mais importante é perceber que, apesar da heterogeneidade referida, todas estas situações concretas apontam para a existência, no meio rural brasileiro, de produtores agrícolas, vinculados a famílias e grupos sociais que se relacionam em função da referência ao patrimônio familiar e constroem um modo de vida e uma forma de trabalhar, cujos eixos são constituídos pelos laços familiares e de vizinhança. É a presença desta característica que nos autoriza a considerá-los camponeses, para além das particularidades de cada situação e da conexão (ou superposição) das múltiplas referências identitárias, assumindo que os conceitos de **campesinato e agricultura familiar podem ser compreendidos como equivalentes** (WANDERLEY, 2014. p. 15, *grifo nosso*).

No entanto, há relação de semelhança entre Agricultura Familiar e agricultura camponesa, que está estabelecida nas esferas da cultura e trabalho, que pode ser sintetizada nos conceitos de “condição camponesa” e “modo camponês de se fazer agricultura” (PLOEG, 2008). No mesmo sentido de entender a Agricultura Familiar e camponesa, segundo Ploeg (2008), podemos classificar a agricultura a nível mundial em três modos: agricultura camponesa, agricultura empresarial e agricultura capitalista. Sendo que a agricultura camponesa compreende os valores e modos de produção supracitados. A *agricultura empresarial* mantém seu vínculo à gerência de capital industrial e financeiro, como crédito, tecnologias e insumos, ou seja, está

totalmente voltado ao mercado e cria-se dependência para sua manutenção. Por fim, a *agricultura capitalista*, possui como atores empresas do ramo agrícola, com ampla mobilidade e sua base são os trabalhadores(as) com salários (PLOEG, 2008, p. 18).

As diferenças entre as três agriculturas estão relacionadas a escala de produção e distribuição. Nesse sentido, a agricultura camponesa são as unidades pequenas e encontra-se na maioria das vezes vulneráveis em relação ao crédito e mercado, de forma antagônica encontra-se a agricultura capitalista, sendo de grandes escalas e influências. Em escala intermediária encaixa-se a agricultura empresarial, que mantém os vínculos com as unidades grandes e pequenas (SILVA, 2020).

Ainda sobre as diferenças das agriculturas, vale a ressalva que,

ao se referir à agricultura camponesa, por exemplo, a centralidade é a construção de **circuitos curtos de circulação de mercadorias**, que conectam a produção e o consumo de alimentos. Enquanto na agricultura capitalista, a centralidade são empresas de processamento e comercialização de alimentos definidas como Impérios Agroalimentares, entendidas como um modo de ordenamento que tende a tornar-se dominante. Ao mesmo tempo, o Império é personificado por uma variedade de expressões: grupos de agronegócio, mecanismos estatais, modelos científicos, etc. (SILVA, 2020, p. 49). (grifo nosso).

Portanto, a Agricultura Familiar e camponesa estabelece relações semelhantes e aproxima o produtor e consumidor, de maneira que ambos conseguem suprir as suas carências alimentares e desenvolver processos consolidados de produção e reprodução social familiar. Nesse sentido, as similaridades entre essas duas modalidades da agricultura que produz para o autoconsumo e com valorização do meio ambiente, podem ser estabelecidas nos seguintes fundamentos: (i) Autonomia produtiva e seus meios de reprodução social; (ii) Relações de privações, dependência e marginalização em relação ao mercado e políticas públicas; (iii) Formas igualitárias de produção em relação a homens e mulheres, porém prevalece as desigualdades estruturais de gênero; (iv) Estratégias diferenciadas de acesso a mercados; (v) Sobrevivência e planejamento estratégico para gerações vindouras; (vi) Necessidade de redução da dependência financeira; (vii) Fortalecimento da pluriatividade da agricultura com a inserção em atividades não agrícolas e (viii) Fomentar as cooperações entre organizações e agricultores familiares e camponeses (PLOEG, 2008).

A partir desse ponto do enredo analítico da tese, como opção metodológica, será abordado somente o termo Agricultura Familiar, porém entendendo as conjunções e contribuições da agricultura camponesa no processo analítico da Agricultura Familiar como o todo, por compreender que segundo Wanderley (2014) o conceito de “campesinato e agricultura familiar podem ser compreendidos como equivalentes” (p. 15).

Em relação a produção e acesso a mercados, a Agricultura Familiar possui dificuldades de acesso aos meios de produção mais qualificados e a mercados para a sua comercialização, sendo assim, muitos agricultores(as) familiares priorizam a produção para o autoconsumo. Termo esse, que vem aos poucos substituindo a denominação de subsistência, considerando dessa maneira que o consumo da família é a prioridade, proporcionando avanços na segurança alimentar e nutricional e a possibilidade de comercialização do excedente da produção familiar. Segundo Rahnema (2003), a economia gerada nos processos de autoconsumo além de garantir os bens materiais, conseguem estabelecer uma ética de vida com compartilhamento em vários níveis e possibilidades, sendo que,

[...] a ética da subsistência, frequentemente ditada pelo medo das penúrias alimentares, consiste em reforçar os laços de solidariedade a fim de que, no momento vindo, a comunidade inteira esteja psicologicamente preparada para afrontar o perigo comum. (RAHNEMA, 2003, p. 244).

Nesse sentido, a Agricultura Familiar sofre com a inclusão social precária promovida pelo modelo capitalista de produção, principalmente de maneira extremamente danosa em seus tecidos sociais. Segundo Martins (1994) pode-se conceituar a exclusão social da Agricultura Familiar como “proposital *inclusão precária e instável, marginal*”:

Não são, propriamente, políticas de exclusão. São políticas de inclusão das pessoas nos processos econômicos, na produção e na circulação de bens e serviços, estritamente em termos daquilo que é racionalmente conveniente e necessário à mais eficiente (e barata) reprodução do capital. E, também, ao funcionamento da ordem política, em favor dos que dominam (MARTINS, 1994, p. 20).

Ou seja, a Agricultura Familiar é parte importante do capitalismo para manter os seus processos excludentes de geração de riquezas, e perpetuando a exploração da força de trabalho e injustiças sociais.

Além disso, a Agricultura Familiar como categoria social convive com a existência de conflitos resultantes entre os modelos de desenvolvimento excludente e modelos mais inclusivos, como pode ser elucidado pelas seguintes estratificações apontados pelo estudo da FAO e INCRA em 1995;

O referido estudo distinguiu, num total de 7 milhões de estabelecimentos, quatro categorias: **a. Patronal, abrangendo 500 mil estabelecimentos** (7,1% do total dos estabelecimentos do país); **b. Familiar consolidada, abarcando 1,5 milhão (21,5%); c. Em transição, correspondente a 2,5 milhões (35,7%) d. Periférica, somando 2,5 milhões de unidades produtivas (35,7%)**. A última categoria, que pode ser considerada a mais frágil social e economicamente, possuía, no total, 5 milhões de hectares de terra, com uma área média equivalente a 2 hectares e ocupava 6,5 milhões de pessoas, apresentando uma ocupação média por estabelecimento de 2,5 pessoas (FAO/INCRA, 1995, p. 9). (grifo nosso).

Para Wanderley (2014), o estudo evidenciou de forma significativa que as populações rurais que estão inseridas nas denominações de “franja periférica”, “conjunto marginal de estabelecimentos”, “pobres do campo” e “desvalidos”, estão à margem da atividade e desenvolvimento agropecuário do país. Assim sendo, as famílias não são consideradas de produtores(as) familiares, pois as suas rendas auferidas não são provenientes da produção agropecuária e sim de ocupações temporárias, e suas residências são vistas como local precário de reprodução social (WANDERLEY, 2014).

Ainda sobre o estudo da FAO/INCRA (1995) foi possível a formulação ao nível de Estado, orientações que foram no sentido de análise de “zona de transição” onde se encaixa a agricultura familiar mais fragilizada e conseqüentemente a faixa menos capitalizada, essa faixa deveria ser a prioridade para políticas públicas dos governos (SILVA, 2020). Além disso, o estudo apontou a necessidade de instrumentos que possibilite a expansão ou reconversão para os estabelecimentos que estão na transição entre a “periférica” e a “familiar consolidada” (WANDERLEY, 2014).

Os números mais atuais do censo agropecuário de 2017, confirma que esses dados de 1995 não se alteraram nesses 22 anos, segundo IBGE (2017), a Agricultura Familiar periférica e em transição continua representando 77% do total de estabelecimentos agrícolas, e ocupa apenas 23% da área total agricultável, e é responsável por 38% do valor bruto total da produção agropecuária. Na comparação entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017, a Agricultura Familiar diminuiu em

9,5% em relação ao número de estabelecimentos, e perdeu o contingente de 2,2 milhões de trabalhadores (IBGE, 2017).

Essa diminuição pode ser explicada em parte, pela alteração da lei 11.326 que foi regulamentada por meio do Decreto 9.064 de 31 de maio de 2017, mudando a forma de classificação dos estabelecimentos principalmente em relação a renda dos produtores, que passou a ser considerada somente a obtida predominantemente no domicílio, desconsiderando assim a pluriatividade da Agricultura Familiar, em que muitos atuam em outras frentes de trabalho, como cabeleleiro, borracheiro, motoristas e outras fontes de renda, porém sem perder a sua essência como agricultores (as) familiares.

A negação da pluriatividade da Agricultura Familiar, desconsidera a denominação de Schneider (2003),

A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar (home-based farming). [...] A pluriatividade permite separar a alocação do trabalho dos membros da família de suas atividades principais, assim como permite separar o trabalho efetivo das rendas. Muitas propriedades possuem mais fontes de renda do que locais de trabalho, obtendo diferentes tipos de remuneração. A pluriatividade, portanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécie e transferências (SCHNEIDER, 2003, p. 82).

Assim, em 2017, dos 4,6 milhões de estabelecimentos periféricos, que claramente são de agricultores(as) familiares, apenas 3,9 milhões foram considerados após a aplicação dos novos critérios estabelecidos (IBGE, 2017). Com essa alteração na lei, as políticas públicas de inclusão e avanço da Agricultura Familiar foram drasticamente atingidas (SILVA, 2020). Na conjuntura política esse momento foi de grandes mudanças e retrocessos sendo conduzido pelo governo de Michel Temer (MDB), após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT). Mesmo tendo que enfrentar esse processo de desmonte e desconstrução, a Agricultura Familiar continua sendo a maioria dos estabelecimentos, ocupando a área de apenas 80,89 milhões de ha de terras agricultáveis, atingindo 23% do total (IBGE, 2017). Além disso, a Agricultura Familiar é a base econômica de 90% dos pequenos municípios (até 20mil habitantes), responsável por 40% da população economicamente ativa e 70% dos



habitantes ocupados no rural, produz 30% dos bovinos, 50% das aves, 59% dos suínos, 60% da produção de leite, 70% da produção de feijão, 34% do arroz, 87% da mandioca, 46% da produção de milho, 38% do café e 21% do trigo (PEREIRA, 2020).

A Agricultura Familiar consegue estabelecer elos em diversas vertentes, uma parte significativa estão concentrados na superação da pobreza e exclusão social, outra estabelece olhares como a agricultura que alimenta o país e garante a segurança alimentar e nutricional, e por fim, existe parte que consegue estabelecer índices de produtividade para o alcance de ganhos maiores e promover a competitividade com os grandes empresários.

## 2.2 AGROECOLOGIA, TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E AGRICULTURA ORGÂNICA

### 2.2.1 Agroecologia e suas bases históricas

A Revolução Verde, que foi um movimento mundial, mas no Brasil ficou conhecido nos anos de 1960 e 1970, como o paradigma de base tecnológica que a partir dos conhecimentos de química e biologia, estabeleceram o uso intensivo de agrotóxicos e adubos inorgânicos, proporcionando aumento questionável da produção agrícola ao preço de danos ambientais e sociais irreparáveis (SERRA, 2016). Somase ainda, que em seu processo de busca do crescimento da produção e da produtividade na agricultura, teve como resultado a contaminação da água e dos solos, a superexploração do trabalho e a insegurança quanto à qualidade dos alimentos (ELIAS et. al., 2019).

Junto com a revolução verde veio à intensificação da agricultura, acompanhada do aumento dos insumos agrícolas, perda da importância da agricultura na cadeia agroalimentar com o aumento do espaço das corporações e uma tendência ao crescimento da escala de estabelecimentos agropecuários com mão-de-obra contratada. Baseada na seleção de variedades de “bom rendimento potencial de arroz, milho, trigo, soja e de outras grandes culturas de exportação”, na ampla utilização de fertilizantes sintéticos, “produtos de tratamento e, eventualmente, em um eficaz controle da água de irrigação e da drenagem” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 28).

No que tange aos efeitos negativos na saúde humana, tem-se relacionado à insegurança alimentar e nutricional, com oferta de alimentos de baixa qualidade

nutricional e sujeitos à ocorrência de resíduos de agroquímicos que comprometem a segurança para o consumo (DÖRR, 2018). Problemas associados à obesidade e à persistência da desnutrição (que não raro coexiste com a obesidade) entre demais inseguranças alimentares se evidenciam em maior intensidade (DÖRR, 2018). Também são constatados efeitos sociais negativos que geram pobreza e fome, com destaque para a ampla vulnerabilidade que acomete pessoas que trabalham com a agricultura (DÖRR, 2018).

Esse modelo de agricultura impulsionado pela revolução verde ocasionou processos de insustentabilidade, e deixou a margem os agricultores(as) familiares, para sua inclusão, faz-se necessário um novo modelo de produção, nova dinâmica de organização e estratégias coletivas de geração de trabalho e renda no campo (DIAS; OLIVEIRA, 2019).

O sistema agroalimentar dominante caminha para a insustentabilidade, sendo responsável por diversos efeitos nocivos. Esse, assume atualmente a responsabilidade das mudanças climáticas. Dentre as terras ocupadas no mundo, 40% do total correspondem às atividades agropecuárias, desta maneira, o sistema agroalimentar contribui com 19% a 29% com a produção global de gases de efeito estufa por ação antrópica, como também na produção de alimentos e demais produtos agrícolas consomem 70% da água doce retiradas dos rios e águas subterrâneas (ELIAS et. al., 2019).

Desse modo, o modelo convencional de produção estabelece uma relação clara entre ação humana e degradação ambiental, com mudanças climáticas, aquecimento global e riscos à saúde humana. Diante dos fatos, surgiram várias crises como a dos alimentos, combustíveis, financeira e fiscal, aumentando assim as desigualdades. Nesse contexto, surge uma emergência a um modelo de produção alternativo ao vigente. Uma vez que o modelo industrial vai de encontro à insustentabilidade (ELIAS et. al., 2019).

Além da insustentabilidade, vale ressaltar que o modelo de inclusão precária de produção, deixou a margem os agricultores familiares, fazendo se necessário um novo modelo de produção, nova dinâmica de organização e estratégias coletivas de geração de trabalho e renda no campo. Diante da crise do atual modelo do sistema agroalimentar, surgem novas formas de se produzir, que transcorre por mudanças profundas e de cunho socioecológica que lidem com causas e efeitos aos danos

ambientais. Portanto, se tem como reverter à crise com um regime metabólico de cunho sustentável, a agroecologia assume esse papel de construção de sistemas agroalimentares sustentáveis, sem desigualdade social ou territorial.

A gênese da Agroecologia enquanto ciência, movimento e prática está estritamente ligada ao movimento das “agriculturas alternativas” que surgiram em vários países pelo mundo como contraponto ao modelo da “revolução verde” e seus usos indiscriminados de agrotóxicos e adubos químicos.

Porém, outros estilos de agricultura sustentáveis são anteriores a esse movimento iniciado nos anos de 1980, que de alguma forma contribuiu para o surgimento da Agroecologia, podendo ser sintetizado na seguinte Figura 1, que demonstra a linha do tempo de várias agriculturas de base ecológica e suas raízes históricas.

**Figura 1:** Agroecologia e estilos de agricultura de base ecológica

Estilos de agricultura e raízes históricas								
Século XVIII	Século XIX	1924	1940	1930 e 1940	1960	1970/80		
		Agricultura biodinâmica	Agricultura Orgânica	Agricultura Natural	Agricultura Biológica	Permacultura	Agricultura Ecológica	Agricultura Agroecológica
A base era rotação de culturas, integração entre atividades de produção vegetal e animal, e com respeito ao meio ambiente.	Lógica modificada, sem respeitar as leis da natureza prevalecendo agroquímica, motomecanização e manipulação genética.	Surge na Alemanha com Rudolf Steiner. Bovinos como elemento central para o equilíbrio do sistema. Acompanhado pela pedagogia Waldorf e na saúde pela Antroposófica.	Surge na Inglaterra com Albert Howard. Publicação "An Agricultural Testament". Sem ligação em concepções Filosófica-religiosa.	Surge no Japão com Mokiti Okada, com concepções filosóficas/ igreja messiânica. Uso de microrganismos eficazes (EM).	Surge na França com Claude Aubert, publicação "L' Agriculture Biologique: pourquoi et comment la pratiquer" (1974).	Surge na Austrália, com Bill Mollison. Mais adaptada aos ecossistemas tropicais, subtropicais, úmidos, subúmidos, semiárido e árido.	Surge na Alemanha com Vogtmann (1992), como uma derivação de outras agriculturas.	Surge a partir das definições de Miguel Altieri, Gliessmann e Guzmán. Como alternativa para produção sustentável e com respeito ao meio ambiente, sociais e saberes tradicionais.

Fonte: o autor (2022) a partir de (JESUS, 2005); (ASSIS, 2005); (WEZEL, 2011)

Dentre os modelos de “agricultura alternativa”, de base ecológica, destaca-se a agroecologia, que em seu conceito se define como “processos endossomáticos do cidadão” (MOLINA, 2011), com a compreensão dos elementos para além dos técnico-agronômicos dos agroecossistemas, mas os elementos sociais, ambientais e relação equilibrada entre ambos. Conforme Molina (2011) significa a garantia dos processos de distribuição e segurança alimentar que envolve, produção, elaboração e transformação, transporte, distribuição, conservação e preparação dos alimentos.

Portanto, a agroecologia vem como forma de manejo ecológico dos recursos naturais por meio de ação social coletiva, capaz de promover na contra hegemonia a ampliação do acesso e melhoria da qualidade dos alimentos e assegurar a Segurança Alimentar e Nutricional (CANAVESI et. al., 2016).

Para Altieri (2012) a Agroecologia que tem como um dos princípios a conservação dos ecossistemas e dos meios naturais. Proporcionando autonomia aos agricultores familiares em relação ao mercado e apoiado em saberes tradicionais, cujo modo de vida se apoia na coevolução com a natureza por meio de uma caminhada ecológica. A ciência agroecológica ainda enfatiza a biodiversidade, dentro de seus sistemas, para potencializar os serviços ambientais. As dimensões culturais, sociais e políticas também estão incorporadas no escopo da abordagem agroecológica, em sintonia com a histórica luta dos camponeses.

Nesse sentido, existem no mundo o grande debate sobre processos de produção que seja um contraponto ao modelo hegemônico que foi difundido durante a “revolução verde”, que provocou a insustentabilidade dos processos produtivos. O impacto da revolução verde possibilitou uma grande modernização da agricultura e seu “pacotão” de sementes, insumos e maquinários que foram atribuídos ao consumo dos agricultores. Essa revolução não considerou as questões sociais inerentes à prática da agricultura familiar, e como consequência gerou impactos sociais, ambientais e econômicos negativos aos agricultores que não se adequaram. Somente às grandes empresas rurais, e latifundiários que obtiveram impactos positivos (TEODOLINO et. al., 2020; CAPORAL, 2015; TEODOLINO et. al., 2020).

Para melhor entendimento em relação ao impacto da revolução verde e o contraponto da Agroecologia, é preciso estabelecer uma análise sobre os enfoques atribuídos aos dois “modelos” produtivos em relação sobretudo aos agricultores/as envolvidos no processo, e suas relações com o mercado e tecnologia. O principal enfoque da Agroecologia está nos(as) agricultores(as) que não conseguem ter acesso a capital suficiente para seus processos produtivos, baixo acesso à tecnologia e dificuldade para o escoamento da produção. Diferentemente do enfoque da revolução verde, que estabelece para os agricultores capitalizados maior inserção no mercado e com ampla possibilidade de acesso à tecnologia (CAPORAL, 2004). Conforme Quadro 1, que estabelece as principais diferenças tecnológicas entre revolução verde e a Agroecologia.

**Quadro 1:** Comparativo entre Agroecologia e revolução verde

<b>Itens avaliados</b>	<b>Revolução verde</b>	<b>Agroecologia</b>
Áreas cultivadas	Planas e irrigáveis.	Todas as áreas.
Sistema de cultivo	Monocultivos.	Policultivos.
Insumos	Agroquímicos, sementes modificadas e insumos externos.	Corretivos orgânicos, fixação de nitrogênio e insumos internos.
Impactos e riscos à saúde	Resíduos de agrotóxicos, alta poluição e resistência a agrotóxicos.	Nenhum.
Necessidades financeiras	Altas. Todos os insumos são adquiridos no mercado.	Baixas. A maioria dos insumos estão no local.
Desenvolvimento tecnológico	Setor semipúblico, empresas privadas.	Na maioria pública, grande envolvimento de ONG's.
Participação social	Baixa (na maioria, método de cima para baixo).	Alta. Socialmente ativadora, induz ao envolvimento da comunidade.
Interação cultural	Muito baixa.	Alta. Uso extensivo de conhecimento tradicional e formas locais de organização.

Fonte: Adaptado de CAPORAL (2004)

Nesse sentido, os princípios e fundamentos da Agroecologia consegue contribuir para a autonomia em relação a mercados, comércio justo, na ação dos camponeses, saúde coletiva, segurança nutricional e alimentar, economia solidária e equidade. Em essência, a Agroecologia produz uma sinergia entre três formas de entendimento; abordagem analítica, capacidade operacional e advocacia política, compreendido como o todo e indivisível. Ela é uma inovação sociotécnica, que se processa de forma não linear, complexa (uma vez que requerem mudanças profundas junto à comunidade, como também mobilização coletiva para se efetivar) e ajustada às especificidades socioecológicas e históricas locais (MOLINA et. al., 2019).

### **2.2.2 Transição agroecológica: conceitos e princípios para o fortalecimento da Agroecologia**

O debate sobre os processos de transição agroecológica analisa a compreensão da sustentabilidade de agroecossistemas definida por Gliessman (2002) como sendo aquele que mantém o recurso base do qual depende, com o suporte do

mínimo de entradas ao sistema de produção, consegue gerenciar doenças e pragas por meios internos, além de se recuperar de perturbações causadas em curto período de tempo, ou seja, conferindo elevada resiliência. Para buscar essa sustentabilidade, os agroecossistemas necessitam de processos de transição que permitam a saída de situações degradantes para agroecossistemas mais sustentáveis e produtores de alimentos livres de contaminantes e de qualidade nutricional.

Para a presente pesquisa o termo sustentabilidade tem a compreensão, que

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que **sustentam todos os seres**, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (BOFF, 2013. p.17). (grifo nosso).

Na visão do autor a sustentabilidade não pode ser considerada somente na garantia da sobrevivência da raça humana, e sim para todos os seres que habitam o planeta terra, deixando assim o antropocentrismo que comumente são utilizados em outras definições de sustentabilidade.

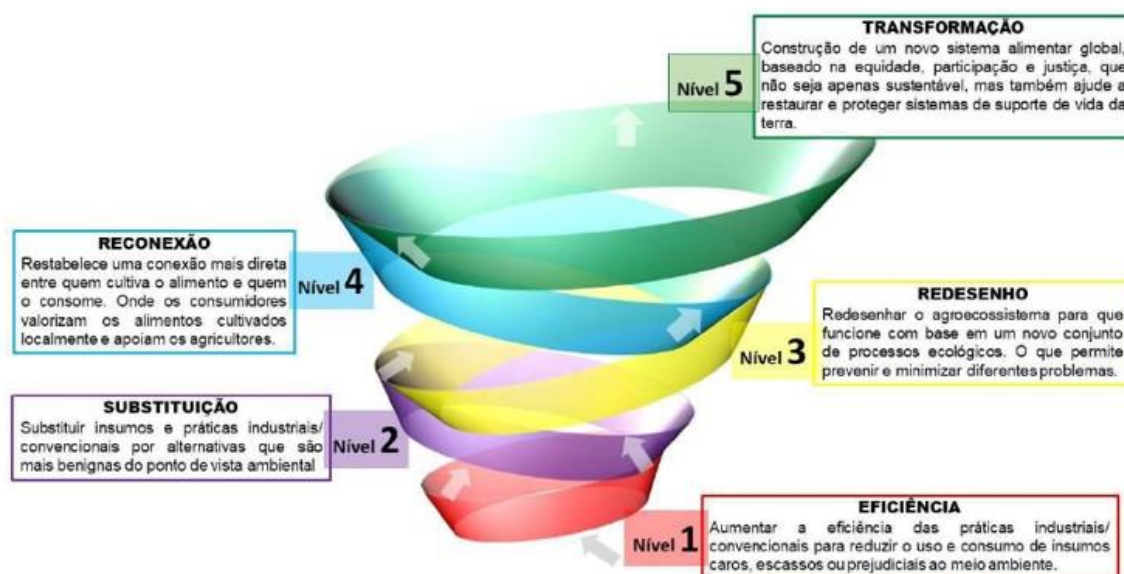
Na análise sobre os processos de transição agroecológica, saindo dos modelos convencionais e/ou hegemônicos para sistemas agroalimentares mais sustentáveis e com preservação ambiental, teóricos como Gliessman (2002 e 2015), Macrae (1990) e Hill (1985 e 1995), estabelecem compreensões sobre os processos de transição agroecológica.

Sendo que Gliessman (2002, 2016, 2018 e 2020) consolidou essas compreensões em níveis de transição, que são: Nível 1 - supõe a redução do uso de agroquímicos para minimizar os impactos negativos dessas tecnologias; otimização das técnicas existentes com o objetivo de alcançar maiores eficiências, ecoeficiência. Nível 2 - substituição dos agroquímicos por insumos de origem orgânica, que contribuirão para a melhoria da qualidade dos recursos naturais, como o solo, minimizando os problemas de contaminação. Nível 3 - redesenho dos agroecossistemas para basear sua operação em um novo conjunto de relações ecológicas e processos que aumentem sua sustentabilidade. Esta fase requer contribuição das instituições governamentais, de assessoria técnica ao produtor rural, fazendo com que nesta etapa conte com o trabalho em conjunto de diversas

propriedades próximas. Nessa perspectiva, pode se pensar também os processos de comercialização e agregação de valor. Nível 4 - restabelecer uma ligação mais direta entre quem cultiva alimentos e quem os consome, com o objetivo de promover uma cultura de sustentabilidade que leve em conta as interações entre todos os componentes do sistema agroalimentar, esperando, dessa forma, o fortalecimento de vínculo entre produtor e consumidor, estabelecendo laços de confiança, valorização dos alimentos produzidos na localidade, proporcionando o desenvolvimento territorial, como também das feiras agroecológicas, além da disseminação de práticas sustentáveis entre a comunidade local. Nível 5 – nesta fase há mudanças gerais, com a conscientização de práticas sustentáveis por parte de todos envolvidos no sistema agroalimentar, principalmente do consumidor, que pode ser caracterizada como "conversão" (GLIESSMAN, 2015; GUZMÁN, 2013; TITONELL, 2019).

Na tentativa de síntese e aprofundamento sobre a temática dos níveis de transição agroecológica, Marinho (2021), propõem o espiral da transição agroecológica estabelecendo também 5 níveis, conforme figura 2.

**Figura 2:** Espiral da transição agroecológica



Fonte: Marinho (2021)

A proposta em formato de espiral, permite a compreensão dos níveis em processos ciclos e com interconexão e continuidade de processos. Destaque para os níveis 4 e 5, que estabelece a reconexão e transformação, respectivamente. Nesses níveis, a transição agroecológica atinge o seu ápice com a discussão sobre os mecanismos de proximidade entre produtores e consumidores e a necessidade de

promover a transformação a nível global para que o suporte da terra em relação a alimentos esteja garantido.

A mudança do sistema convencional para sistemas de base ecológicas apoiados na agroecologia é feita por meio de uma transição. A transição agroecológica, conforme Caporal e Costabeber (2004), é um processo gradual, multilinear do manejo dos agroecossistemas, que corre com o tempo para a mudança de uma agricultura de modelo agroquímico para uma de base ecológica. Assim, a transição agroecológica não se limita a maior racionalização econômico-produtiva, em aspectos biofísicos do agroecossistema, mas também a mudanças de posturas e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A transição da agricultura convencional para agroecológica acontece por várias mudanças simultâneas, em diferentes escalas, níveis e dimensões conforme destaca Tiftonell (2019). Esta transição traz como proposta a garantia da sustentabilidade que, conforme Gliessman (2002), um agroecossistema sustentável é um sistema de produção que se mantém com o mínimo de recursos artificiais externos, gerencia pragas e doenças por meio de mecanismos de regulação interna, que é capaz de se recuperar de perturbações causadas por práticas de cultivo e colheita. Nessa perspectiva, existe um equilíbrio de funcionamento do agroecossistema entre os componentes físicos (bióticos e abióticos - o solo, os cursos de água que o atravessam, as lavouras, o gado, a infraestrutura de irrigação, os edifícios (armazém, estábulos), as pessoas que o gerenciam e operam e seus processos dinâmicos (fluxos que permitem a produção agrícola como energia, materiais (nutrientes, água) e informação) (GUZMÁN, 2013).

A transição agroecológica acontece também na divisão de papéis e responsabilidades dentro da Agricultura Familiar, de tal maneira que não se limita ao agroecossistema, mas ao sistema agroalimentar. Essa mudança é vista a partir do comércio justo, distribuição de alimentos, na busca por políticas públicas que beneficie a agricultura de base ecológica como também a conservação da biodiversidade, busca por qualidade de vida, consumo de alimentos nutritivos e seguros, relações de reciprocidade entre produtor e consumidor, enfim a transição agroecológica nos sistemas agroalimentares vai ao manejo holístico (TITTONELL, 2019). Assim, a conversão não deve ser pautada, apenas por demanda de mercado, mas em todos



os fatores citados acima.

Segundo Tiftonell (2019), a transição agroecológica requer transformação biológica e/ou tecnológica que ocorre no ecossistema físico seja acompanhada por transições nas dimensões sociocultural, mercadológica, organizacional, política, etc. Esta mudança decorre de uma sucessão de inovações, representados pelos níveis de 1 a 5, citados anteriormente (TITTONELL, 2019; GLIESSMAN, 2015).

Segundo Gliessman (2015), o processo de transição agroecológica independentemente do seu foco de análise, sempre terá como ponto de partida o agroecossistema local a nível das propriedades rurais, dado que necessita de mudança nos processos de manejos. Sendo que, de acordo com Tiftonell (2019), “A transição político-institucional é aquela que pode realmente levar a uma verdadeira transformação, não só dos sistemas produtivos, mas também do sistema agroalimentar como um todo” (p.15).

Portanto, a transição para a agroecologia implica uma transição técnico-produtiva ao nível dos subsistemas agrícolas, uma transição socioecológica ao nível da família rural, da sua comunidade e da sua paisagem, e uma transição político-institucional ao nível dos territórios, regiões e países (TITTONELL, 2019. p. 01).

Dessa forma, a transição agroecológica é uma mudança profunda na forma de produzir que ocorre nas dimensões produtiva, ambiental e sociológica, todas no sentido de garantir a oferta do alimento em sintonia com a natureza, e que de fato seja um sistema agroalimentar sustentável.

### *2.2.2.1 Diferenças e similaridades entre os conceitos de agroecossistemas e sistemas agroalimentares*

É insuficiente falar em melhoria da distribuição e qualidade no consumo de alimentos sem falar em sustentabilidade produtiva dos agroecossistemas locais e comunitários. Na compreensão de sistemas agroalimentares contra a hegemonia do capital e do agronegócio, pode-se estabelecer que os mesmos constituem relação direta com as relações sociais, políticas e econômicas de proximidade, e no encurtamento dos circuitos de produção, processamento, distribuição e consumo (MENDONÇA, 2015).

Conceitualmente, o objeto de estudo agroecossistemas, que são unidades de análises da dimensão técnica da agroecologia, compreendem as análises sobre

elementos bióticos e abióticos da paisagem a nível de fazendas/propriedades ou até no máximo a nível de comunidades e suas interações, sendo necessariamente os ambientes antropotizados para a produção agrícola (TITONELL, 2019).

Já a conceituação de sistemas agroalimentares, compreende a inserção de aspectos socioecológicos, com suas visões mais complexas, dinâmicas e adaptativas, realizando assim, a junção de subsistemas sociais e ecológicos, que ocorrem em diversas escalas, espaços e tempo. Necessariamente são objetos que necessitam de estímulos de políticas públicas e econômicas (TITONELL, 2019).

É importante salientar que a estruturação de sistemas agroalimentares sustentáveis possui diversas estratégias, incluindo aspectos ecológicos, políticos e sociais, sem desvalorização de nenhum deles em comparação com o outro, pois esses elementos, em sinergia, devem proporcionar a democratização de acesso na produção e consumo dos alimentos, e com ações em redes a nível global (GLIESSMAN, 2011, 2012).

Dessa forma, o processo de estruturação de sistemas agroalimentares sustentáveis estabelece duas dimensões: a primeira, ligada à discussão mais específica sobre os agroecossistemas com sua produção de base ecológica e compreendendo a ecoeficiência, substituição e redesenho dos processos de produção. Já na segunda dimensão, estão inseridas a compreensão mais ampla e dialogando diretamente com a perspectiva dos sistemas agroalimentares, sem negar as contribuições da primeira dimensão, mas alcançando a esfera dos valores de justiça social, soberania e segurança alimentar, equidade e estabelecendo relações territoriais e globais (MENDONÇA, 2015).

Para Triches e Schneider (2015), existe um hiato na discussão sobre os agroecossistemas e sistemas agroalimentares, ou seja, a ciência agrária vem desenvolvendo estudos em relação à produção e ao consumo, e negligenciando os estudos mais sociológicos dos sistemas ecológicos e produtivos. Nesse sentido, Espinoza-Sanchés (2012) destaca que o olhar estritamente economicista sobre os sistemas agroalimentares deixa de lado a sua função principal e primordial que é a produção de alimentos, e não somente a geração de *commodities* como é estabelecido pelos sistemas agroalimentares hegemônicos.

Segundo Schutter (2011), no processo de industrialização da agricultura

iniciado na “revolução verde”, houve um aumento considerável, nos primeiros anos, da quantidade de produtos ofertados, porém esse aumento não está intrinsecamente ligado a qualidade, diversidade, aspectos étnicos e culturais, tampouco do valor nutritivo. Ou até mesmo a criação de circuitos mais sustentáveis de produção e comercialização, sendo esses elementos estruturais para a compreensão de sistemas agroalimentares sustentáveis.

Para Mendonça (2015), os estudos sobre os sistemas agroalimentares e sua sustentabilidade partem de duas questões essenciais: (i) com a estimativa para 2050 de que o mundo tenha 9 bilhões de habitantes, como alimentar essa quantidade de pessoas? e (ii) como produzir alimentos de maneira que respeite o meio ambiente e seja sustentável, e alimente os 9 bilhões de pessoas? Para a autora, só será possível em um modelo que gere equilíbrio entre os fatores produtivos, diferentemente do modelo hegemônico atual. Segundo Bittman (2014), “Não me pergunte como alimentaremos nove bilhões de pessoas, o problema da fome não é a falta de alimentos, é a pobreza, devemos nos perguntar como vamos acabar com a pobreza” (p. 45). Ou seja, é preciso repensar os sistemas agroalimentares, não sendo necessário produzir mais e mais alimentos, mas sim refletir como e para quem estão sendo direcionados os alimentos.

A discussão sobre os sistemas agroalimentares tem como marco temporal as décadas de 1980 e 1990, quando foi realizado um amplo debate sobre um sistema agroalimentar que alcançou a escala global, com grande influência até o presente, em relação à produção e ao consumo, e ditando dietas para amplas escalas da população urbana mundial (TRICHES, 2015). Segundo Bauman (2007), “vivemos o *consumerismo*, onde a identidade está estabelecida pelo seu consumo, e não mais pela sua posição social.”

Nesse processo, o sistema agroalimentar hegemônico e global, provoca grandes rupturas em suas divisões sociais, e principalmente distanciando o produtor do consumidor. Diante desse contexto, foram gestados movimentos de críticas e a necessidade de reaproximação entre a produção e o consumo, e estabelecendo cadeias curtas de abastecimento (TRICHES, 2015).

Dialogando com a interlocução com o processo de transição agroecológica sobretudo em seu nível 4, proposto por Gliessman (2015), a atuação do consumidor, é fundamental para o processo de ruptura e a institucionalização de novos modos de

sistemas agroalimentares, potencializando assim novas políticas, dinâmicas, qualidades e com valorização do local (TRICHES, 2015).

Nesse debate necessário sobre formas de desenvolvimento de sistemas agroalimentares sustentáveis, contrário ao hegemônico, é primordial a discussão sobre a dimensão social de todo o processo de produção. Com essa preocupação, o termo sociologia da alimentação deve ser incorporado como objeto de análises. De acordo com Triches (2015), essa incorporação da sociologia à temática da alimentação é recente, pois a alimentação não era considerada como um problema social, resumido a algo biológico individual e intrínseco ao cotidiano.

As reflexões a partir dos sistemas agroalimentares atrelado à sociologia da alimentação, permite inferir sobre a globalização da produção e a distribuição de alimentos com seus ímpetus do uso de produtos industrializados na produção como agrotóxicos e transgênicos (TRICHES, 2015). Assim, considera-se que somente com uma visão mais abrangente da alimentação será possível alcançar a sustentabilidade de sistemas agroalimentares e agroecossistemas e suas inovações de configurações.

Na necessidade de mudanças alimentares em seus processos produtivos, Friedmann (1993a), e Triches (2015), estabelece como promissor a localização e a sazonalidade, como dois parâmetros para a necessária ruptura do sistema alimentar hegemônico. Salaria ainda, que os produtores descapitalizados conseguem desenvolver inovações para a superação de problemas, o que pode ser entendido como uma promissora engrenagem de mudança por dentro do sistema. No mesmo sentido, o autor relaciona que os consumidores possuem grande contribuição para essas mudanças como o elo promovedor de diversificação e sustentabilidade.

A relação do consumo nos estudos de sistemas agroalimentares e agroecossistemas sustentáveis é necessária podendo estabelecer uma analogia com os estudos desenvolvidos em torno da sociologia, como o desenvolvido por Bourdieu (2007), que relaciona o consumo ao gosto e na individualidade do indivíduo, que são gerados no confronto de classes sociais, ou seja, o coletivo estabelece normas e o indivíduo incorpora os gostos da sua classe social, não havendo espaços para escolhas maiores. Outra visão do autor, relaciona o consumo massificado com gostos sendo impostos por uma cultura dominante que seria a “McDonaldização” da sociedade defendida por Ritzer (1983).

Nesse processo de maximizar os lucros os sistemas agroalimentares

contemporâneos estabelecem a mercantilização do acesso aos alimentos, eles passam a ser mercadorias, deixando de lado a possibilidade de escolhas mais sustentáveis para grande parte da população, configurando assim um panorama onde a “biografia ambiental dos alimentos” seja desconhecida e/ou desconsiderada (OLIVEIRA, 2019). Contribui para esse debate Machado, Oliveira e Mendes (2016) abordando o distanciamento entre a produção e o consumo, ou seja, a pauta é o entendimento do alimento-mercadoria.

Segundo Oliveira (2019), é necessário a ampliação da discussão sobre a sustentabilidade de agroecossistemas e sistemas agroalimentares para além do uso responsável e viável de recursos bióticos, ampliando para questões sociais de acesso aos alimentos, principalmente em relação a escolha alimentar e o seu ato de comer, que muitas das vezes é político.

Marsden (2003) aborda que a regulamentação para a mudança de um novo sistema agroalimentar alternativo não está vinculada a dicotomia entre convencional e alternativo, ou que há uma terceira via sendo construída. Mas, sim o convencional é vivenciado apropriando de demandas do sustentável e não provocando as necessárias rupturas produtivas e comerciais. Discussões sobre a mudança para a qualidade dos alimentos, com a constituição de redes e cadeias curtas e a politização do consumo, vem contribuindo para esse importante e salutar análises sobre os agroecossistemas e sistemas agroalimentares (BANKS, 2017; CASTANEDA; CASTRO, 2011; GOODMAN, 2003; MARSDEN, 2003; PORTILHO 2011; RENTING, 2017).

Nesse processo do sistema agroalimentar contemporâneo e hegemônico de desestruturar a produção e o consumo, esbarra em exemplos alternativos com potencial de promoção da “(re)localização dos alimentos e a (re)conexão dos indivíduos”, passando as escolhas alimentares a ser um ato político e de retomada a cidadania, com aspectos sociais, culturais, ecológicos e econômicos (OLIVEIRA, 2019).

#### *2.2.2.2 A transição agroecológica com base em sistemas agroalimentares sustentáveis*

Para além de uma crise civilizatória que vem afetando os valores da sociedade,

o mundo vive atualmente situações de fome e de insegurança alimentar e nutricional que, segundo Petersen e Monteiro (2020), podem chegar a quase metade da população mundial. Dentro do cenário de uma pandemia mundial como ocorrido entre 2020 e 2022, torna-se ainda mais crucial o desenvolvimento de estratégias de produção de alimentos saudáveis como também a recuperação da biodiversidade, dos solos e corpos hídricos, de modo a reduzir ou reverter os impactos decorrentes dos sistemas hegemônicos de produção agrícola (PETERSEN; MONTEIRO, 2020).

Nesse contexto, pode-se enumerar três grandes razões as quais orientam à opção por uma transição agroecológica baseada em sistemas agroalimentares mais sustentáveis em contraposição ao agronegócio vigente: (i) garantia de segurança alimentar, nutricional e saúde; (ii) redução da deterioração ambiental, perda da biodiversidade e contaminação dos solos e das águas e (iii) melhoria das condições de vida com redução da pobreza e desigualdades (TORRENS, 2020).

O agravamento dos problemas de saúde como a obesidade, a desnutrição, como também o surgimento de doenças associadas ao uso intensivo de fatores como agroquímicos, hormônios e antibióticos, e do consumo de alimentos ultraprocessados, por si só já são motivos que revelam a crise de irracionalidade e seus efeitos nefastos à saúde da população. A produção de alimento saudável e o equilíbrio no abastecimento alimentar são necessidades urgentes que visam sanar os problemas mencionados anteriormente. Diante desse cenário, pode-se afirmar que a Agricultura Familiar tem a capacidade de atender tais demandas, mas para isso, requer o seu fortalecimento e emancipação diante do avanço do capital hegemônico (PETERSEN; MONTEIRO, 2020).

A produção sustentável de alimentos a partir dos princípios da agroecologia pode oferecer as condições para os enfrentamentos dos problemas mencionados, principalmente os de ordem alimentar e ambiental, pois implica numa evolução capaz de corrigir os efeitos nocivos dos sistemas agrícolas industrializados, no entanto, trata-se de um desafio que requer inovação, organização, mudança, como também apoio do ponto de vista técnico-científico. Essa transição, para acontecer de forma efetiva, deverá atender aos níveis dos subsistemas agrícolas, da família rural e dos territórios (TITTONELL, 2019).

A transição tem um ponto de partida que não é necessariamente de um sistema

industrializado e degradado, mas pode acontecer por outros fatores, como por exemplo, da necessidade de se reduzir custos e dependência com insumos externos, ou mesmo dos cuidados com a saúde consumindo alimentos saudáveis. As famílias agricultoras que buscam produzir excedentes para o mercado, têm-se as demandas dos consumidores tanto por mais qualidade como também obtenção de produtos certificados, garantindo sua procedência e segurança (TITTONELL, 2019).

Os sistemas agroalimentares passam por estágios sucessivos na sua transição como o aumento da ecoeficiência baseada na otimização de processos ecológicos e das técnicas existentes e que estão sendo elaboradas em processos apropriados para cada região e bioma. Em seguida, passa-se à substituição de insumos, considerada uma zona de transição crítica, pois apresenta alta vulnerabilidade econômica e produtiva. Já a transição para o redesenho do sistema de produção, apresenta muitos desafios ao produtor e requer inovações e políticas de desenvolvimento territorial, por isso necessita de apoio e trabalho conjunto, sendo uma fase que não se deve enfrentar individualmente (TITTONELL, 2019).

Para atender os objetivos de produção de alimento saudável e aumento da resiliência socioecológica, Tiftonell (2019) descreve alguns princípios para uma transição agroecológica em sistemas de cultivo: (i) maximizar o número de espécies cultivadas para manter a diversidade genética e funcional (*habitats*, antagonistas, nichos etc.); (ii) capturar e otimizar recursos como radiação, água e nutrientes por meio da rotação de culturas, culturas associadas e manutenção de cobertura do solo com gramíneas e leguminosas; (iii) aumentar a produção de biomassa no sistema garantindo proteção física (cobertura) do solo, redução da evaporação, matéria orgânica e maior atividade biológica; (iv) planejar com horizontes de tempo de longo prazo; (v) reduzir progressivamente o uso de agroquímicos, começando pelos mais tóxicos e realizando manejo integrado de pragas; (vi) avaliar e selecionar cultivares com melhor desempenho no sistema de modo a atender diversos indicadores de desempenho; (vii) associar na medida do possível a produção agrícola com pecuária por meio de fluxos de biomassa e nutrientes, e por fim (viii) monitorar os impactos e atributos ambientais do sistema, de modo a reduzir os primeiros e maximizar os segundos.

Para Torrens (2020) um sistema agroalimentar sustentável se estrutura a partir

de oito pilares: (1) diversificação sociocultural e identidade territorial com seus padrões de consumo e valorização de alimentos saudáveis locais, implicando numa redução e eliminação de produtos ultraprocessados; (2) qualidade nutritiva dos alimentos contribuindo com a nutrição e saúde humana, e bem-estar físico e mental, apoiada por pesquisas e inovação na agricultura; (3) utilização de tecnologias, insumos e práticas de manejo que garanta a reprodução dos ecossistemas; (4) resiliência às mudanças climáticas e resiliência dos ecossistemas diminuindo as externalidades negativas da atividade agrícola sobre os recursos naturais; (5) protagonismo, autonomia e controle da agricultura familiar sobre o novo padrão de sistemas agroalimentares vinculados à economia solidária e processos de inclusão social; (6) constituição de encadeamentos produtivos nos territórios favorecendo a sua coesão social, governança e acesso a ativos (terra, água, tecnologias, financiamento, infraestrutura produtiva), serviços e mercados; (7) conformação de micro, pequenas e médias empresas, cooperativas, associações, agroindústrias e empreendimento solidários, organizados preferentemente em forma de rede e (8) no contexto sistêmico, considerar as conexões e dimensões integradas ao contexto socioambiental (TORRENS, 2020).

O fortalecimento da Agricultura Familiar pautada em princípios agroecológicos com ênfase em sistemas agroalimentares sustentáveis é o caminho a ser trilhado para a superação da crise sistêmica que se estabeleceu como consequência da agricultura industrializada associada a outros fatores, e que de forma sinérgica, consolidaram a crise civilizatória contemporânea, gerando vulnerabilidade social, econômica e ambiental.

### **2.2.3 Agricultura orgânica suas bases e concepções**

A agricultura orgânica compreende grupo de técnicas que visa a eliminação do uso de agrotóxicos e agroquímicos a nível de propriedade, e está intrinsecamente ligado ao nível 2 da transição agroecológica proposta por Gliessman (2002 e 2015), que estabelece a substituição de insumos insustentáveis da agricultura convencional, por insumos orgânicos e sem impacto negativo ao meio ambiente.

Essa importante modalidade de agricultura de base ecológica teve como percussor Albert Howard, que na década de 1940 escreveu o livro denominado de “*An Agricultural Testament*”, fruto de intensas pesquisas agrícolas desenvolvidas na Índia.



Sobretudo com fortes críticas a agricultura industrial e pesquisa agrícola da época (JESUS, 2005).

Em relação aos seus processos produtivos a agricultura orgânica está distribuída em aproximadamente 150 países, sendo a sua expansão interligada aos problemas ambientais e contaminantes da agricultura industrial. A sua base produtiva está estabelecida com respeito a biodiversidade, preservação e os ciclos bioquímicos (SANTOS, 2013).

Segundo Aquino e Assis (2005), a agricultura orgânica possui os seguintes princípios: a) manter o máximo de espécies no mesmo local; b) agroecossistemas interligados, porém independentes; c) o solo é tratado como organismo vivo, ou seja, é fundamental manter a sua saúde; d) o principal é respeitar e conviver da melhor forma com a natureza.

Atualmente o agronegócio orgânico tem alta taxa de crescimento em diversos países, possibilitando a comercialização de produtos na faixa de bilhões de dólares, sendo que os maiores consumidores são os países da Europa como Inglaterra, Holanda, Suíça, França, além de alcançar consumidores nos Estados Unidos e Japão (RIBEIRO; SOARES, 2010).

Com a expansão da agricultura orgânica a nível mundial, houve grande pressão pela sua regulamentação e demonstração para os consumidores finais que os princípios e modos de produção estavam sendo seguidos pelos produtores. Portanto, surge a necessidade de certificação e outras formas de atestar que não havia agrotóxicos e outros produtos proibidos para a produção orgânica inseridos nos produtos finais comercializados (ISAGUIRRE, 2012). Para sua regulamentação foi criado o arcabouço normativo em que a agricultura orgânica é regida, e seus praticantes devem estabelecer intima relação e seguimento irrestrito.

Nesse sentido, a certificação de produtos orgânicos, é o procedimento que por meio de empresas ou terceira parte, assegura de forma independente que o processo produtivo seguiu determinados parâmetros, e para isso emite um certificado. Sendo esse instrumento a garantia para os consumidores que o produto adquirido seguiu as normas e não está contaminado por agrotóxicos e outros produtos proibidos. Para sua visualização é fixado nos rótulos a descrição da certificadora e outras informações que auxilia na escolha do consumidor (AAO, 1998).

Essa pressão pela normatização e certificação, remete ao argumento de que a população se torna cada vez mais exigente, e os alimentos orgânicos passou a diferenciar socialmente os seus consumidores, sendo assim a busca pela normatização da acreditação teve a sua relevância. O processo de acreditação serve para diminuir possíveis ações oportunistas de alguns produtores e para não deixar os consumidores reféns de estratégias inescrupulosas, cria-se de maneira direta valores de credibilidade entre esses dois elos dos circuitos curtos e longos de comercialização (DIAS et al., 2016).

Considerando o local de comercialização, em especial nas modalidades de circuitos curtos de venda direta, os sistemas de acreditação podem perder a sua importância, devido a credibilidade construída no decorrer do processo de transação comercial (GOODMAN, 2003).

Na tentativa de manter alto grau de reciprocidade, diminuição dos custos com a certificação e manter processos mais participativos, foram estimulados a criação de sistemas participativos de certificação. Nesses processos, a garantia está vinculada a responsabilização coletiva, com parâmetros e controles dos atores sociais envolvidos, produtores, consumidores e mediadores (RADOMSKY, 2015).

Assim, pode-se estabelecer que a certificação participativa permite a autonomia dos atores sociais, construção participativa e autogestionária de todo processo e não por delegados de atores externos. Sendo assim, os Sistemas Participativos de Garantia são gestores de autonomia, diminuição de custos e construção coletiva (DELGADO; BERGAMASCO, 2017).

No Brasil os processos de certificação tiveram início na década de 1980, nesse mesmo período o Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD), começou processos de exportação de produtos orgânicos brasileiros (AAO, 1998). A legislação posta sobre a comercialização, certificação e produção é fruto de ações de ativistas, organizações e empresários que visualiza um lócus de atuação que alavancasse os faturamentos (SOUZA et al., 2019). Nos tempos recentes foi aprovada a Lei 10.831/2003 (BRASIL, 2003) que estabelece basicamente três sistemas de certificação dos produtos agropecuários orgânicos: i) a certificação auditada individual; ii) a certificação auditada coletiva e iii) o sistema participativo de garantia (SPG), que é executado por Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC's) (BRANCHER, 2004). Conforme figura 3 o selo por auditoria e por

SPG são praticamente os mesmos, somente com alteração na informação sobre o processo.

**Figura 3:** Modelos de selo de produtos orgânicos



Fonte: MAPA (2012)

Em 2005 foi criado o Programa Nacional de Apoio à Agricultura de Base Ecológica nas Unidades Familiares de Produção e do Programa de Desenvolvimento da Agricultura Orgânica (Pró-Orgânico), nesse foi proposto a conversão e ampliação do mercado de orgânicos (SOUZA et al., 2019).

Em 2007 o Decreto no 6.323, de 27 de dezembro (BRASIL, 2007), estabeleceu a viabilidade e regulamentação da Organização de Controle Social (OCS), onde os produtores que realizam vendas diretas podem comercializar os seus produtos sem a necessidade da certificação, porém não podem empregar o selo de conformidade do Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica (SISORG), sendo apenas exigido o cadastro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). As OCS são associações, cooperativas e grupos informais onde o (a) agricultor(a) familiar deve estar vinculado (SOUZA et al., 2019). “O objetivo da vinculação de um produtor a uma OCS e esta ao órgão fiscalizador é permitir a rastreabilidade do produto e o livre acesso aos locais de produção ou processamento” (SOUZA et al., 2019. p.25).

As modalidades de certificação que prevalecem no Brasil são as por auditoria e sistemas participativos de garantia, sendo que ambas podem utilizar o selo do SISORG. Além disso, o mais comum é que as agências certificadoras estejam vinculadas a Federação Internacional do Movimento da Agricultura Orgânica (IFOAM), que possui aproximadamente 770 organizações, distribuídas em 112 países (ALVES et al., 2012).

No marco regulatório no Brasil data-se como início o ano de 2002, quando é lançada a Instrução Normativa 006, que estabeleceu os parâmetros para o credenciamento das certificadoras por meio do Colegiado Nacional de Agricultura

Orgânica, porém a IN 006 não teve adesão pelo movimento da agricultura orgânica, principalmente pelo fato ter sido concebida de maneira autoritária sem amplo debate. Reconhecendo o erro estratégico, as outras IN foram amplamente debatidas, culminando na IN 007/99, com a certificação mais adequada as regiões de atuação (SOUZA et al., 2019).

Somente em 2004 a IN 007 foi alterada pela IN 16, revogando alguns itens relacionados a identificação, controle de qualidade e responsabilidades das certificadoras. Nova revogação da IN 007 aconteceu em 2008 com a IN 64, que foi incluída o regulamento técnico dos Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal, e incluindo listagens de substâncias permitidas (ALVES et al., 2012).

As regulamentações em relação a agricultura orgânica continuaram em 2009, com mais três IN's: a 17 que incluiu pela primeira vez dois ministérios o MAPA e o Ministério do Meio Ambiente (MMA), incluindo como produção orgânica o extrativismo sustentável. Já a IN 18, teve o olhar sobre o processamento, transporte e armazenamento, além dos produtos permitidos para sanidade do ambiente com a higiene das instalações e equipamentos indo até a regulamentação dos aditivos alimentares. Por fim, a IN 19 sobre o controle e informação da qualidade e formulários necessários (ALVES et al., 2012).

No campo científico da agricultura orgânica, também em 2009, foi lançado o decreto 6.913, que inclui os parâmetros para a pesquisa, experimentos, produção, embalagem, transporte, rotulagem, armazenamento, propaganda, comercialização, importação e exportação, além do destino dos resíduos. Na sequência, em 2009, foi lançada a IN 50 que estabeleceu o selo único e oficial do Sisorg, e suas regras para utilização na comercialização dos produtos orgânicos (SOUZA et al., 2019).

Portanto, a partir dos regulamentos e normas citadas acima, instaurou-se a certificação de produtos orgânicos de forma compulsória, com exceção dos produtos ofertados diretamente do produtor para o consumidor final, que não possui a obrigatoriedade de certificação.

### 2.3 CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Além das dificuldades de acesso à terra e a insumos para a produção, a Agricultura Familiar enfrenta grandes desafios em sua comercialização,

principalmente para os que não possuem os melhores acessos a mercados.

Para Pierri e Valente (2015), a comercialização da Agricultura Familiar está consolidada em quatro canais; (i) vendas para os mercados institucionais (compras governamentais), principalmente o Programa de Aquisição de Alimentos (PPA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); (ii) venda de matéria prima para o agronegócio, para a produção de processados ou ultraprocessados; (iii) vendas para empresas que fazem a distribuição de alimentos e (iv) venda direta ao consumidor, onde se encaixa os circuitos curtos de comercialização.

Segundo Guzzatti, Sampaio e Turnes, (2014) pode ser definido como a comercialização que ocorre a partir de relações mais diretas entre produtor e consumidor, não necessariamente de forma unicamente direta, podendo ser indireta desde que tenha apenas um intermediário entre os polos consumidor e produtor.

Para outros autores como Matte, Neske, Borba, Waquil e Schneider (2014), os circuitos curtos de comercialização relaciona o método de comercialização com os atributos do produto até a mesa, sendo necessário manter suas informações e independência do percurso geográfico do alimento.

Segundo Marsden *et. al.* (2000), no processo de caracterização de um circuito curto de comercialização, o elemento principal é a possibilidade de acesso pelo consumidor de produtos com informações sobre o lugar de produção, quem produziu e a maneira que foi produzido. Diferentemente da agricultura industrial ou “impérios alimentares” Ploeg (2008).

Portanto, os circuitos curtos de comercialização possuem elementos que os classificam como significativos para o desenvolvimento da economia local com geração de trabalho, renda e oferta de alimentos saudáveis. Nesse caso, pode-se considerar que os circuitos curtos de comercialização estão divididos em três dimensões primordiais; (i) dimensão econômica, com avanços nos processos que obtém o pagamento justo pelos produtos; (ii) dimensão espaço, com diminuição da relação produtor e consumidor final; (iii) dimensão sociológica, com maior interação e construção de valores sociais consolidados (SCHNEIDER E FERRARI, 2015).

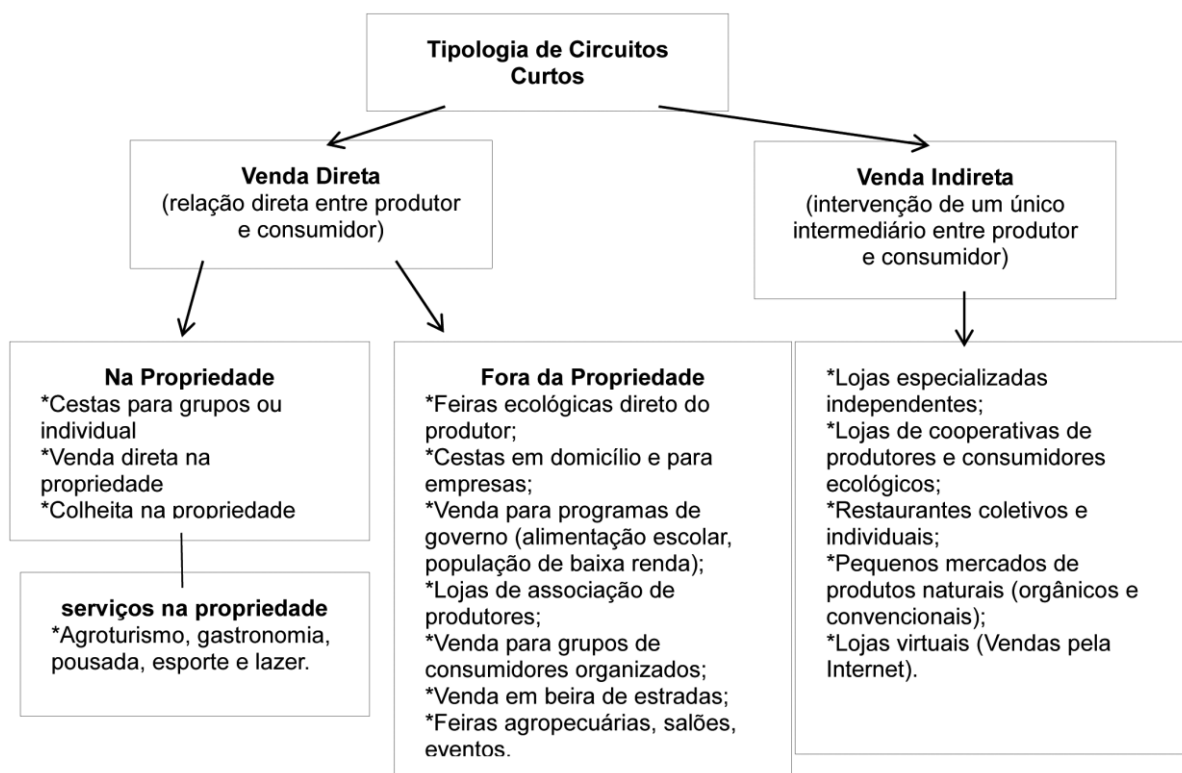
Caracterizando ainda os circuitos curtos de comercialização, considera-se três tipos; (a) venda direta, como feiras livres e porta a porta estabelecendo proximidade entre os dois polos, e podendo ser criado laços de confiança e cooperação; (b) venda estendida, são trabalhados marcas e características marcantes dos produtos e podem

ser comercializados em espaços distantes da produção; (c) vendas regionais, os produtos são direcionados para toda região onde estão inseridos os produtores (MARSDEN, BANKS E BRISTOW, 2000).

Além do potencial instalado dos circuitos curtos de comercialização para a geração de renda, trabalho, fortalecimento da Agricultura Familiar e oferta de alimentos saudáveis, estabelecem relações de cooperação entre os envolvidos o que acaba por gerar associações e cooperativas que ficam responsáveis pela comercialização dos produtos, principalmente para o alcance dos tipos de venda estendidas e regionais.

Na tentativa de sistematizar as características dos circuitos curtos de comercialização, Darolt (2016), desenvolveu um organograma com as tipologias desenvolvidas na Agricultura Familiar, conforme Figura 4.

**Figura 4:** Circuitos curtos de comercialização e suas estruturas para produtos ecológicos



Fonte: DAROLT (2016)

Na figura fica evidente que os circuitos curtos de comercialização permitem a proximidade entre consumidor e produtor, mesmo que utilizando de um intermediário para sua estruturação. Sendo que as feiras e outras vendas diretas possibilitam que os produtos não sejam transportados para grandes distâncias, e permite maior

interação, extrapolando a relação comercial. Já as vendas com intermediário permitem que sejam alcançados novos mercados e com possibilidade de reconhecimento de produtos e sua identidade.

O debate sobre os circuitos curtos de comercialização com o envolvimento e maior interligação entre consumidores e produtores, tem sido alvo de grandes debates a nível mundial. Pois, estão estritamente ligados aos processos de mudança de concepção em relação a alimentação e sua qualidade nutricional, principalmente por consumidores mais informados e exigentes. Esse processo também influencia os produtores que precisam se inserir em mercados exigentes em relação a qualidade e procedência (SCHNEIDER E FERRARI, 2015).

A busca pela qualidade dos alimentos a serem consumidos deve ser após o estabelecimento de relações de determinação do espaço em que foi produzido, confiança e por consequências, os consumidores valorizam as tradições, desenvolvendo a aproximação de produtores e consumidores (GOODMAN, DUPUIS E GOODMAN, 2012). Ou seja, os circuitos curtos de comercialização oferecem tudo aquilo que o sistema convencional não consegue demonstrar aos seus clientes (SONNINO; MARSDEN, 2006).

Considerando, que os circuitos curtos de comercialização possuem em suas bases a eliminação de intermediários em seus processos mercantis por meio das vendas diretas, essa nova concepção permite a “reespacialização e ressocialização” entre produtores e consumidores, em outras palavras, os produtores oferecem produtos qualificados e com controle de preço de venda, e em contrapartida o consumidor tem acesso ao alimento saudável e rico nutricionalmente (SCHNEIDER E FERRARI, 2015).

Conforme Schneider (2016) a comercialização dos produtos oriundos da Agricultura Familiar é favorecida quando o agricultor interage diretamente com seus mercados. Por meio de circuitos curtos de comercialização existe a possibilidade de vínculo entre agricultor e consumidor, mantendo relações de confiança, reciprocidade e mercado justo, diferenciando dessa maneira dos grandes mercados tradicionais.

As potencialidades da inserção da Agricultura Familiar em vendas diretas agrega em seu processo benefícios que podem ser: (i) Sociais, favorecendo a relação consumidor e produtor, com laços de confiança, reciprocidade e autonomia; (ii) Econômicos, com a inserção em mercados e melhorias nas vendas com preços justos;

(iii) Ambientais, com menores impactos negativos ao meio ambiente, pois desenvolvem processos produtivos mais limpos para garantir a qualidade do produto; (iv) Preservação dos sistemas tradicionais dos agricultores(as) familiares; (v) Saúde, com acesso a alimentos saudáveis (CORREIA et al. 2012).

Portanto, os circuitos curtos de comercialização além dos ganhos nos processos de comercialização possibilitam outros valores a serem intercambiados entre consumidores e produtores, como laços de confiança e cooperação, favorecendo assim a reciprocidade de todos os envolvidos (SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012).

Para Pierri e Valente (2015), até mesmo a presença do intermediário, que auxilia de maneira positiva na comercialização da produção, pois em diversas cadeias produtivas o produtor prioriza a produção e “terceiriza” a parte da comercialização para outros atores sociais, incluindo nessa compreensão as organizações representativas, como associações e cooperativas dos próprios agricultores(as) familiares.

Os circuitos curtos de comercialização em seus processos de (re)aproximação entre produtores e consumidores, coloca em discussão mesmo de maneira sutil, a maneira em que a sociedade está estruturada baseada na globalização e maximização do lucro, evidenciando alternativas plausíveis de outra relação entre os dois elos das cadeias produtivas (FERNANDES; SAMPAIO, 2008; LEFF, 2001; VEIGA, 2007). Para isso, o consumidor passa a ser um agente social que promove a cidadania, ou seja, além de suprir a segurança alimentar e nutricional, acaba por gerar o bem-estar da coletividade (GOMES, 2006).

### **2.3.1 Circuitos curtos de comercialização no mundo: iniciativas, desafios e similaridades**

Os circuitos curtos de comercialização são desenvolvidos em diversos países, na França por exemplo, estão potencializando a Agricultura Familiar em 4(quatro) modalidades fundamentais: (i) Mercados de agricultores - locais destinados a comercialização sem atravessadores e são geridos por associações e com apoio de políticas públicas locais; (ii) Pontos de venda coletivos - são pontos fixos (lojas) que comercializam seus produtos e são gerenciados pelas associações; (iii) *Associations pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne* (AMAP) - sistema onde é estabelecido



parcerias entre consumidores e produtores, com a socialização dos processos produtivos e com a garantia de compra e até mesmo com pagamentos adiantados; (iv) Fornecimento em escolas locais (CHIFFOLEAU, 2008).

No Brasil, a feira livre tem papel de destaque, pois está presente na maioria dos municípios brasileiros, acontecendo em espaços públicos organizados semanalmente ou diariamente. São importantes por atender as necessidades de produtores e consumidores no que diz respeito a oferta e consumo da produção local de alimentos, gerando renda e trabalho, além de se tornar um espaço de sociabilidade que une tradição e cultura (SILVA *et al.*, 2017). Model e Denardin (2014), destacam as feiras livres como excelentes canais de comercialização para a Agricultura Familiar, com características singulares não encontradas em outras formas de comércio como solidariedade, proximidade, confiança, troca de saberes e inclusão de segmentos sociais de menor poder aquisitivo.

Ainda no Brasil, destacam-se experiências com redes de produtores e consumidores, que são formas de organização dos agricultores familiares com a finalidade de se integrar aos circuitos curtos de comercialização. Segundo Oliveira, Grisa e Niederle (2020), os chamados mercados alternativos, de proximidade valorizam muitos aspectos presentes nos produtos da Agricultura Familiar, como sua origem, o modo artesanal e a sustentabilidade, orgânica ou agroecológica. Essas *redes* integram estratégias como formação de grupos de produtores, cooperativas, feiras, compras institucionais e processos de certificação participativa (selo), priorizando a venda direta de alimentos agroecológicos. Nesse perfil destaca-se a Rede Ecovida de Agroecologia, integrando grupos, associações e cooperativas de agricultores familiares, atuando principalmente na região Sul (OLIVEIRA, GRISA e NIEDERLE, 2020).

Semelhante as AMAP's desenvolvidas na França, na região sul do Brasil são desenvolvidas as redes de comercialização com princípios estabelecidos na coletividade, cooperação e reciprocidade. Para sua execução mercantil, utilizam-se de cooperativas e associações de produtores e consumidores, alcançando mercados mais distantes como é o caso de inserção de seus produtos em São Paulo. Nessa estratégia os consumidores conseguem ter acesso a produtos com preço mais justo, acessível e com segurança alimentar e nutricional, além de estabelecerem as possibilidades de trabalhos voluntários na organização das redes (DAROLT, 2012).

Garrido (2015) discorre sobre o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) tecendo considerações sobre os desafios de sua implementação na Colômbia. No Brasil, o PAA foi uma das ações estruturantes do Programa Fome Zero de 2003, e se constituiu numa política pública que teve um papel estruturador na produção, abastecimento e consumo, com a participação de povos tradicionais, assentados, agricultores(as) familiares, extrativistas, de forma a atender a distribuição e consumo de redes sociassistenciais de equipamentos públicos para alimentação, grupos populacionais e famílias em situação de insegurança alimentar. Entre 2003-2010, foram investidos cerca de R\$ 3,5 bilhões na aquisição de 3 milhões de toneladas, envolvendo 160 mil agricultores familiares em mais de 2.300 municípios brasileiros.

Na Colômbia, várias iniciativas tiveram como inspiração a política do Fome Zero, como o Programa Bogotá *sin hambre* – sem fome, no qual foram articulados mercados camponeses com os programas de alimentação escolar, comedores comunitários e população em alta vulnerabilidade social. De forma específica, com base no PAA, o Instituto Colombiano de Bienestar Familiar (ICBF) desenvolveu o modelo de compras institucionais nas Compras Locais do Programa de Alimentação Escolar (PAE). No entanto, sendo esse um primeiro esforço, o PAE não conseguiu ser tão relevante para as economias locais em virtude dos contratos considerarem compra local sinônimo de compra no território nacional e de limitarem as compras ao máximo de 10% (GARRIDO, 2015).

Ainda na Colômbia, e baseado no PAE, foi formulado o projeto *Fortalecimiento de la agricultura familiar como modelo agroalimentario para auto-suficiencia alimentaria y generación de excedentes articulados a mercados institucionales y con el apoyo de gobiernos locales como política de Estado*, selecionando as compras públicas do PAE, priorizando os comedores escolares, beneficiando diretamente 800 famílias de produtores, sem se estabelecer quantidade de dinheiro mensal ou anual, nem percentual de compras. A execução ficou a cargo da FAO<sup>3</sup> e PMA<sup>4</sup> considerando quatro componentes, como produtores e organização com capacidade de ofertar alimentos; produção de autoconsumo para segurança alimentar; mercados institucionais articulados com a agricultura familiar; posicionamento da Agricultura Familiar nas agendas públicas. Ainda que seja um projeto de abrangência limitada

---

<sup>3</sup> Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a agricultura.

<sup>4</sup> Programa Mundial de Alimentos surge em 1963 estabelecida pela FAO.

devido ao baixo percentual que o Programa de Alimentação Escolar tem no PIB colombiano, apresenta um significativo volume de alimentos (700 t/dia) , mostrando a relevância da Agricultura Familiar e o potencial do PAE na sua promoção (GARRIDO, 2015).

Segundo a FAO, Brasil e Colômbia, para além da cooperação internacional, têm trocado experiências exitosas na organização da Agricultura Familiar para construção social de mercados. O Projeto Semeando Capacidades, em recente seminário virtual, apresentou iniciativas colombianas como a Rede de Mercados Agroecológicos Campesinos do Vale do Cauca com 58 organizações e 300 famílias que produzem dentro dos princípios agroecológicos; e a Associação de Produtores Orgânicos La Tulpa, formada por 50 famílias camponesas e indígenas, que semanalmente vendem produtos agroecológicos, tendo uma base fiel de clientes, restaurantes e lojas (FAO, 2020).

Na França segundo dados da Agência Francesa para o Desenvolvimento e Promoção da Agricultura Orgânica, a maioria das compras de alimentos em geral é feito em circuitos longos. Entretanto, parte dos consumidores ainda preferem comprar em circuitos curtos (33% compram em feiras do produtor (marché paysan); 29% em lojas especializadas e 19% diretamente nas propriedades, o que representou 48% do valor total das compras) por motivos de saúde, qualidade, sabor e segurança alimentar e nutricional, onde essas redes alternativas trazem novos princípios de troca, valores e tradições nas relações entre produtores e consumidores (DAROLT *et al.*, 2016).

Darolt et al (2016) cita outras experiências bem sucedidas de circuitos curtos de comercialização franceses, como os Pontos de Venda Coletiva (PVC), Associações de Consumidores (AMAP – Associação para Manutenção de uma Agricultura Camponesa) e as vendas nas propriedades. Na França há preferência pelos PVC, que são lojas coletivas de produtores que funcionam o ano todo, sendo que as feiras são mais sazonais em função da dificuldade climática. A venda em PVC surgiu no final da década de 1970 e tem como objetivo melhorar as condições de trabalho do agricultor, diminuir o tempo gasto na comercialização e oferecer aos consumidores diversidade, regularidade e qualidade de produtos típicos da região. (DAROLT, *et al.*, 2016).

Outra modalidade bem estabelecida na França são as cestas diversificadas para grupos organizados de consumidores, as AMAPs, inspiradas nas Community

Supported Agriculture (Agricultura Apoiada pela Comunidade). Surgem a partir dos anos 2000, sendo fruto de um maior engajamento social dos consumidores e participação em grupos de inserção social. Acrescenta-se também as vendas nas propriedades, muito difundidas sobretudo para vinhos, queijos e produtos tradicionais. (DAROLT *et al.* op. cit).

As *Associations pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne* (AMAP) foram baseadas nos modelos *Teikei*, desenvolvidos no Japão, na década de 1970 e no *Community Support Agriculture* (CSA), com surgimento nos Estados Unidos, na década de 1990 (OLIVEIRA *et al.*, 2010). Essa modalidade de circuitos curtos de comercialização vem ganhando bastante espaço em diversos países, incluindo o Brasil, com experiências sendo desenvolvidas em todas as regiões do país, sendo que a denominação prevalecida é a “Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA)”. A base fundamental é estabelecida com a aliança entre os consumidores e os produtores, onde prevalece a lógica dos preços justos e com pagamentos adiantados, o que favorece e potencializa a produção dos agricultores(as) familiares. Nesse contexto é estabelecido um resgate da cooperação, cidadania e o pensar-fazer coletivo (GUZZATTI, SAMPAIO E TURNES, 2014).

O grande diferencial dos CSA's e AMAP's, é o estabelecimento de contrato para que seja seguido os acordos estabelecidos coletivamente, nele é sugerido a entrega semanal com produtos pré-estabelecidos e com qualidade garantida, além de seguir os modos de produção debatidos que em geral prevalece o agroecológico e orgânico. Em relação aos consumidores são estabelecidos os riscos da produção, pagamentos adiantados e aceitação de produtos da época e regionais, ou seja, possíveis perdas nas colheitas são socializadas (GASC, 2011).

Chiffolleau (2019) traz a análise do projeto de cooperação desenvolvido na Itália Central entre uma cooperativa agrícola produtora de massas orgânicas (La Terra e il Cielo) e 50 grupos de compra solidária (Gruppi di Acquisto Solidale - GAS). Essa forma de cooperação se deu por meio de longo processo participativo baseado na transparência dos custos para os clientes, e preço justo e estável para os produtores, assim surgindo entre as partes um “Pacto de Economia Solidária”, uma relação num quadro mais amplo de princípios da economia social e solidária. Nesse pacto se estabeleceram aspectos como compromisso de compra com pagamento antecipado, contribuição para um fundo de apoio a projetos, riscos compartilhados e descontos,

tudo de forma a otimizar uma relação de comércio justo gerida sob a ótica dos mercados de proximidade (SABOURIN, 2018).

Segundo Anjos e Caldas (2017) a Itália é um país que possui uma cultura alimentar rica e diversa, o que a torna quase uma identidade cultural, que transcende fronteiras e se transmuta ao longo do tempo. Nesse contexto, os mercados de venda direta de produtos agroalimentares e as redes agroalimentares alternativas (AFN<sup>5</sup>) têm despontado com amplas possibilidades de contribuição à essa identidade tão marcante.

Ainda segundo Anjos e Caldas (2017), a Confederação Nacional de Cultivadores Diretos (Coldiretti), reconhecida como a maior organização agrária da Itália e da Europa, tem atualmente 1,6 milhões de agricultores e surge no pós-Segunda Guerra.

Os circuitos curtos de comercialização surgem como alternativas viáveis para promoção desses agricultores familiares, pois se baseiam em princípios de equidade, solidariedade, protagonismo, criando uma nova dinâmica socialmente mais justa, com amplas possibilidades de alavancar o desenvolvimento local. No cenário europeu, as iniciativas, principalmente na França e Itália, já estão mais consolidadas, atingindo um grau maior de organização.

Fica evidente também que, apesar dos avanços dessa modalidade de circuitos curtos de comercialização, os desafios enfrentados são muitos, principalmente quando analisa-se os casos brasileiro e colombiano, em que as políticas públicas têm grande capacidade de promover ou desestimular o crescimento dessas vertentes, ainda mais quando existem questões estruturais mal resolvidas, necessidade de substituição de cultivos ilícitos pelos lícitos e tensões sociais como a reforma agrária.

#### 2.4 FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS FORTALECENDO A AGRICULTURA FAMILIAR

A origem das feiras livres remete ao processo civilizatório, estando imbricadas em práticas sociais, experiências desse tipo já foram relatadas no Egito, Roma e Grécia antigos. Desde essa época, até a contemporaneidade, os elementos principais podem ser relacionados as cores, odores, sons, troca de experiências, moedas e mercadorias sendo intercambiadas (SILVA, 2016). Soma-se ainda que é nas feiras

---

<sup>5</sup> Alternative food networks.

livres que são potencializadas diversas atividades simultâneas, incluindo manifestações culturais, sociais em sua efervescência de interação e participação social (DANTAS, 2008).

Já no período do feudalismo, as feiras livres tiveram notoriedade por serem espaços de grandes processos de escambos entre os atores presentes nesses ambientes pulsantes. Somente com a apropriação do comércio europeu, que proporcionou a mudança gradual do feudalismo para o capitalismo, é que as feiras passaram a configurar como instituição de troca de moedas e com a expansão para grandes espaços (DANTAS, 2008).

Nesse processo, aos poucos as cidades-estados foram crescendo, e com o aumento da população e como os perímetros urbanos foram ganhando espaço e importância, o comércio desenvolvido nas feiras livres expandiu de forma desordenada e mantendo o seu papel central do desenvolvimento da época (ANDRIONI, 2019).

Com isso, podemos considerar que as feiras livres são instituições que abarcam a premissa de atuarem na realização de trocas de mercadorias, seja ela através de escambo ou de comercialização de mercadorias e fornece abastecimento para determinada população. Assim as feiras conseguiram e ainda conseguem impactar positivamente na formação e reunião de sociedade, considerando sobretudo que essa organização começa a ter força somente após a humanidade passar a produzir para a geração de excedente, surgindo a atividade comercial e a divisão social do trabalho (DANTAS, 2008).

No Brasil as feiras livres começaram no período colonial, mais especificamente em 1548, quando o Dom João III ordenou que nas vilas e povoados da época que se fizessem com periodicidade semanal, as feiras como espaço de comercialização e interação entre as populações (ANDRIONI, 2019). Segundo Menezes (2005), os povos indígenas originários não se adaptaram as feiras, pois produziam para o autoconsumo, desse modo, não gerava excedentes para serem comercializados nesses espaços históricos.

Nesse cenário de surgimento das feiras livres, merece destaque a bovinocultura no Nordeste, como o gado era conduzido por grandes boiadas para cidades sertanejas interioranas, no decorrer dos trajetos foram criando aglomerações de lugares que serviam como pousio dos animais e pessoas. Nesses locais acabavam

por acontecer grandes transações comerciais entre moradores e viajantes, e geralmente eram utilizadas as praças nas regiões centrais e acabava por provocar o maior movimento da cidade nesses dias, proporcionando o encontro do rural com o urbano, acontecendo com adaptações até os dias atuais (ANDRIONI, 2019).

Com o avanço da pecuária para o interior do Nordeste e a formação do comércio, principalmente as feiras livres, os locais onde acontecia o pouso foram criando aglomerados populacionais, que aos poucos tornaram vilas e cidades, com a convergência de pequenas multidões para conseguirem adquirir e comercializar as suas produções agrícolas. Atualmente as feiras livres nordestinas cumprem o papel de concentração e movimentação da produção agrícola regional, tornando dessa maneira fenômenos sociais relevantes (DANTAS, 2008).

Segundo Dantas (2008), nas cidades menores do Nordeste “o dia de feira”, como é conhecido na região, são considerados os dias mais importantes para a movimentação comercial como o todo, com maior movimento de transporte, comerciantes e pessoas vindas de outros municípios vizinhos. Coexistindo dessa maneira, as feiras livres e os “modernos” setor de comércio local e prestação de serviços.

Ainda no Nordeste as feiras livres comercializam além da produção agrícola e prestação de serviço, há movimentação de produtos têxteis como redes, panos de prato, cobertas, tapetes, toalhas dentre outros. Além de artesanato com madeiras, fibras, couros, tintas e outros artefatos “muito comum encontrar o artesão em plena atividade, fabricando principalmente os artefatos de couro, como sandálias, alpercatas e calçados” (SANTOS, 2013, p. 43).

Após esse breve e necessário resgate do surgimento das feiras livres, evidencia-se que esses espaços não estavam e não estão até os tempos atuais, preocupados prioritariamente com a qualidade, sem referenciar o grau de contaminação por agrotóxicos, reciprocidade e proximidade dos consumidores e produtores. O único objetivo é monetário com a obtenção do máximo de comercialização possível, principalmente após a inserção no modelo capitalista de produção e comercialização.

Como uma outra modalidade de feira, e na busca de espaços para a comercialização dos produtos da Agricultura Familiar de base ecológica, surgem na década de 1980, as agriculturas alternativas e com elas as Feiras Agroecológicas e

Orgânicas como importante mecanismo de fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização. Sendo que a diferenciação entre as Feiras Agroecológicas e as Feiras Orgânicas estão em relação a exigência/obrigatoriedade da Feira Orgânica de produções certificadas seja por auditoria ou participativa, e a Feira Agroecológica não estabelece a obrigatoriedade de certificação sendo um item opcional para os(as) feirantes.

Esse importante debate sobre as Feiras Agroecológicas e Orgânicas como estratégias de mercados alternativos, vêm conseguindo despertar estudiosos e o movimento agroecológico para o fortalecimento da comercialização solidária e justa da Agricultura Familiar (ANA, 2014). Segundo Godoy e Anjos (2007), as Feiras Agroecológicas e Orgânicas conseguem promover o desenvolvimento econômico, ambiental, cultural e social e protagonismo feminino, para os dois elos, produtor e consumidor. Como pode ser observado no depoimento de dois entrevistados:

Os preços dos produtos, fizemos assim, colocamos um preço um pouquinho mais alto que do mercado normal, por que o nosso produto é bem saudável não estraga fácil e damos garantia para o consumidor, que ele está levando coisa boa. E um valor que dá para os feirantes, pagar as despesas e ter um lucrozinho. Não temos regimento interno ainda. E nenhum cadastro. Mas, ninguém tem prejuízo. No final da feira temos o momento de troca, um feirante troca com outro, por exemplo, hoje eu vou trocar uma dúzia de ovos por dois mamões. **E sem olhar preço, troca por alguma coisa que está faltando em casa** (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022, *grifo nosso*).

O depoimento demonstra que as feiras estão inseridas no contexto de geração de renda, mas ainda mantém as trocas sem alicerçar nos aspectos econômicos, mas sim para a superação de dificuldades de acessos a alguns alimentos.

As feirantes, você viu nem, a maioria são mulheres. E elas estão conseguindo ter uma renda, na última feira fizemos um balanço por alto e deu R\$ 4.200,00 de receita bruta. Apenas uma barraca conseguiu vender 700,00, é uma renda que elas não tinham. Muitas dessas mulheres estão buscando não depender dos maridos e criar sua própria renda (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

Nesse trecho da entrevista é ressaltado os impactos das Feiras Agroecológicas e Orgânicas na economia feminina e a busca pela sua emancipação financeira e econômica em relação aos seus companheiros.

No mesmo sentido, Fontana e Lima (2018) reforçam que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas são interessantes para o produtor/feirante e para os(as) consumidores(as), sobretudo nos aspectos de acesso a alimentos ricos



nutricionalmente e com segurança e soberania alimentar. Principalmente em um momento da nossa história civilizatória onde predomina a industrialização e consumo de ultraprocessados, e no setor produtivo a predominância de agrotóxicos e monopólios alimentares.

Portanto, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas são estratégias de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar que se encaixam perfeitamente na compreensão e definição de circuitos curtos de comercialização. Retomando Marsden *et. al.* (2000), no processo de caracterização de um circuito curto de comercialização, o elemento principal é a possibilidade de acesso pelo consumidor de produtos com informações sobre o lugar de produção, quem produziu e a maneira que foi produzido. Portanto, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas possuem elementos que as classificam como significativas para o desenvolvimento da economia local com geração de trabalho, renda e oferta de alimentos saudáveis.

Além disso, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas passam a ser uma estratégia protagonista de métodos que não estabelecem relações de trabalho degradante, contribui para o acesso a alimentos saudáveis e sem agrotóxicos, preservação ambiental, relações mais equitativas de gênero e geração e valoriza a cultural local (MARQUES, 2019).

## 2.5 GUIAS PRÁTICOS COMO INSTRUMENTO PARA POTENCIALIZAR OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO

No contexto da potencialização dos circuitos curtos de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar, o instrumento guia prático é utilizado para subsidiar as gestões de espaços físicos, Feiras Agroecológicas e Orgânicas, acesso a políticas públicas como PAA e PNAE, dentre outras que se encaixam na compreensão de circuitos curtos.

Sendo assim, o guia prático está estabelecido como instrumento que possui em seu objetivo a reflexão e incrementação de parâmetros e itens a serem observados por gestores e responsáveis por espaços de comercialização. Ou seja, ele pode ser uma ferramenta importante de controle e gestão em busca de resultados satisfatórios, possui como pilar orientações práticas de fácil assimilação e entendimento para todos(as) envolvidos(as) (SANTOS, 2018).

Na condução de Feiras Agroecológicas e Orgânicas e espaços físicos, o guia

prático pode ser útil para a elaboração de rotinas, determinar setores, regras de acesso e gestão. Além de contribuir para a investigação dos resultados esperados e obtidos nesses espaços e racionalizar os processos (CURY, 2000). Porém, segundo Cardoso (2011), os guias não devem ser um instrumento obrigatório, no sentido que molde comportamentos, evitando assim, a generalização das informações e ausências de adaptações necessárias no dia a dia de um empreendimento, principalmente em momentos que surgem situações não descritas no guia prático.

A Agricultura Familiar em seus processos e busca por estratégias de fortalecimento da comercialização necessita de instrumentos orientadores, e nesse sentido os guias podem cumprir esse importante instrumento de normatização de procedimentos e regras, além de aproximar da pesquisa e potencializar os processos de intervenções sociotécnicas (ARAÚJO, 2006). “Além disso, os guias práticos contêm fatos e dados em forma de procedimentos operacionais, diretrizes e instruções” (ARAÚJO, 2006. p. 25).

Para que os guias obtenham sucesso em seu propósito, é necessário que os gestores dos espaços de comercialização absorvam os requisitos mínimos contidos nas instruções, e que o guia prático seja aderente as situações vivenciadas pelas lideranças dos empreendimentos e coordenação. Lembrando que é fundamental observar a linguagem, de modo que seja analisado o público a ser atendido, preferência por textos curtos, simples e direto.

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

A base metodológica da pesquisa compreende o estudo de caso com múltiplos casos com caráter de pesquisa qualitativa, que possui como elo principal a abordagem de questões sociais de forma completa, possui métodos humanísticos e plural, o resultado final não é a prioridade e sim o processo, busca o olhar holístico sobre o objeto, as visões e observações dos participantes são amplamente consideradas, a descrição dos dados é sua base principal e a análise dos dados são utilizados para provocar mudanças e reflexões profundas, somado a interdisciplinaridade com a interlocução de áreas do conhecimento e na compreensão do objeto como um todo e não de forma fragmentada (MARINHO, 2021).

A compreensão da pesquisa em relação ao estudo de caso com múltiplos casos, considera o que segundo Yin (2005), afirma “o uso do estudo de caso é

adequado quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos contemporâneos” (YIN, 2005. p. 29). Ou seja, o estudo de caso permite a inserção de processos investigativos em contextos reais, principalmente quando o pesquisador se depara com fenômeno e contexto sem limites definidos (LIMA, 2012).

Na derivação do estudo de caso, podemos considerar casos únicos e casos múltiplos, segundo Yin (2005) a opção pelos casos múltiplos é mais desafiadora por seu caráter de amplitude e robustez, porém permite o pesquisador a ampliação de análises e replicações teóricas a partir dos entrelaçamentos dos resultados.

Segundo Gil (2009) o estudo de caso, único ou múltiplo, segue os seguintes propósitos:

- 1) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação;
- 4) formular hipóteses ou desenvolver teorias e
- 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos (GIL, 2009, p. 132).

Dialogando com os princípios supracitados, a pesquisa também possui como base salutar a interdisciplinaridade e a pesquisa agroecológica, que permite a interlocução de áreas do conhecimento e na composição do enredo analítico da tese, compreendendo o objeto como o todo sem fragmentação. Como definição de interdisciplinaridade, necessário citar que,

interdisciplinaridade pode ser usado para descrever todos os tipos de cruzamentos entre as disciplinas, desfazendo as sutis diferenças entre multi-, inter- e trans-, levantadas em discussões mais elaboradas sobre o assunto (LÉLÉ & NORGAARD, 2005, p.967).

Para Teixeira (2004), a,

interdisciplinaridade evidencia um cruzamento de saberes disciplinares no campo científico e um esforço organizado de coordenação, cooperação e comunicação menos assimétrica (TEIXEIRA, 2004, p.64).

Vale ressaltar, que ao defender a interdisciplinaridade na condução da pesquisa científica não se desconsidera a contribuição das disciplinas, e sim, o diálogo dos saberes sem perder as suas características (MORIN, 1995). Ou seja, as disciplinas são necessárias, principalmente como regulamentação do acadêmico, e principalmente para analisar questões complexas como as questões sociais que

extrapola as disciplinas curriculares e analisa a sociedade como um todo, sem desconsiderar o aprofundamento em um lócus menor como objeto de estudo (LÉLÉ; NORGAARD, 2005).

Nessa interpretação da interdisciplinaridade a partir da junção de disciplinas, o processo de produção do conhecimento poderá ser potencializado com a evolução no aproveitamento de conceitos e métodos de áreas distintas, sendo, portanto, bem próximos dos preceitos da pesquisa qualitativa que permite a interação de formas diferentes de observar o objeto.

Segundo (SOUZA; KERBAUY, 2015), pensadores como Comte, Mill e Durkheim defendiam a unificação das ciências estabelecendo para isso o uso invariável do mesmo procedimento em todas as ciências, em outras palavras defendia a inter, multi ou transdisciplinaridade. Já pensadores como Dilthey, Rickert, Weber e Husserl defendiam as particularidades das ciências, aliando mais a disciplinaridade.

Diante dos princípios estabelecidos e da interdisciplinaridade envolvida, a pesquisa analisou 4 (quatro) das 7 (sete) iniciativas de Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no território de identidade Sertão do São Francisco na Bahia, tendo como atributos de escolha: (i) tempo de execução; (ii) periodicidade e (iii) número de produtores(as)/barracas envolvidas.

Para subsidiar as escolhas foram atribuídas pontuações de máximo e mínimo para cada um dos atributos/critérios,

número máximo da escala substituta deve ser atribuído ao estado do atributo sob análise que o decisor considere como máximo possível (ou, eventualmente, desejável). Por outro lado, o mínimo da escala deve ser atribuído ao estado do atributo considerado o mínimo possível (ou, eventualmente, desejável) (XAVIER, 2009, p. 04).

**Tempo de execução:** 1 (um) ponto para cada mês de execução.  
**Periodicidade:** 5 (cinco) pontos para edições semanais, 3(três) pontos para edições quinzenais, 2 (dois) pontos para edições mensais e 1 (um) ponto para edições esporádicas). **Número de produtores(as)/barracas:** 5 (cinco) pontos para 10 ou mais produtores/ barracas envolvidas; 3 (três) pontos para 5 a 9 produtores/barracas envolvidas e 2 (dois) pontos para 2 a 4 produtores/barracas envolvidas), conforme Quadro 2.

**Quadro 2** – Feiras Agroecológicas e Orgânicas participante da pesquisa

<b>Iniciativa</b>	<b>Tempo de execução</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Número de produtores(as)/b arracas envolvidas</b>	<b>Pontuação atribuída</b>
Feira Agroecológica de Remanso	36 meses	Semanal	12	<b>46</b>
Feira Agroecológica de Sento Sé	36 meses	Semanal	10	<b>46</b>
Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro	3 meses	Semanal	10	<b>13</b>
Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro	4 meses	Quinzenal	13	<b>12</b>
Feira Agroecológica de Campo Alegre de Lourdes	1 mês	Esporádica	8	5
Feira Agroecológica do Bem Bom/Casa Nova	2 meses	Quinzenal	4	7
Feira Agroecológica de Pilão Arcado	2 meses	Mensal	8	7

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Pesquisas - CEP do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), sob o protocolo CAAE: 42275120.1.0000.8052 CEP/IF Sertão e respeitou os princípios éticos presentes na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 2016). Todos os voluntários da pesquisa foram esclarecidos sobre o propósito do projeto, caráter metodológico e foram convidados a participar espontaneamente do estudo; após o aceite eles leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os pesquisadores em questão assumiram a responsabilidade frente à privacidade e à confidencialidade dos relatos apresentados, preservando integralmente o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

### 3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa iniciou pela fase exploratória que consistiu na caracterização da problemática, objeto, problema a ser respondido, teorias e percurso metodológico. Não buscou responder de imediato o problema de pesquisa, mas caracterizá-lo a partir de uma visão geral, aproximativa do objeto pesquisado

O início do processo investigativo da pesquisa aconteceu com o levantamento dos dados bibliográficos para a composição do referencial teórico, com o intuito de

subsidiar a contextualização e fundamentação dos dados empíricos coletados, iniciando no período de estudos nas disciplinas propostas pelo programa de pós-graduação. Sendo que foram utilizados para esse fim, divulgações científicas em geral, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de cursos, livros, periódicos, artigos e resumos expandidos de congressos correlatos. Dessa maneira foi possível o acesso e análise de ampla fundamentação conceitual e teórica, dando base conceitual para as compreensões e resultados apresentados no decorrer da presente tese.

O levantamento inicial aconteceu sobre temas como: (i) Os conceitos, classificações e características da Agricultura Familiar, em especial as relacionadas a produção agroecológica, orgânica e em transição agroecológica; (ii) Circuitos curtos de comercialização; (iii) Considerações e discussões sobre as Feiras Agroecológicas e Orgânicas; (iv) Agroecologia, transição agroecológica e agricultura orgânica e (v) Elaboração e uso de guias práticos de orientações.

Para sua qualificação, o levantamento de dados bibliográficos seguiu rígidos filtros e análise de confiabilidade no material coletado, sendo priorizados textos e obras que sejam indexados pela CAPES pelo acesso via Scielo, Scopus e CAFE, e demais organizações de controle científico e metodológico. Seguindo a definição sobre do levantamento bibliográfico:

É feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como; livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

Os principais critérios que foram utilizados para a filtragem/seleção dos materiais de referência buscaram o estabelecimento do estado da arte dos temas, atualidade e relevância da publicação, além da leitura de outros materiais que auxiliou na compreensão das temáticas abordadas na presente tese.

A base empírica de dados da pesquisa configurou como fonte primária, incluindo a pesquisa de campo que foi estabelecida em dois processos distintos, mas complementares, que foram as entrevistas semiestruturadas e a observação participante com o público inserido nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas e que estão configuradas como modalidade de circuito curto de comercialização. Em suas conduções foram desenvolvidos diálogos que auxiliou nas análises globais de todos os processos vivenciados e analisados.

Em sua base conceitual a entrevista semiestruturada baseia-se na grande interação entre pesquisador e pesquisados(as), promovendo reflexões que auxiliam na compreensão global de todo o objeto de estudo. Sobretudo seguiu as seguintes definições e considerações sobre esse importante mecanismo de pesquisa científica:

[...] a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Convergindo na mesma linha de pensamento:

[...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 1991, p. 154).

Em vista disso, as entrevistas semiestruturadas, sugere que;

[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

O estudo desenvolvido para a elaboração da presente tese teve como local de análise, o território de identidade denominado de Sertão do São Francisco que está incluído no estado da Bahia.

Diante do uso irrestrito do termo território, que vem sendo utilizado sem as devidas complementações e contextualizações, há necessidade de análises mais profundas que remete ao final do século XX. Pois o termo, segundo Raynaut (2014), surgiu por meio de movimentos de renovação conceitual que buscava posicionamentos em relação as lógicas físicas e humanas, ou seja, passa a analisar o território não só como espaço físico, mas sim com a compreensão social do humano inseridos nos espaços geográficos. Soma-se ao processo, a necessidade de compreender o território como espaço político e econômico, envolvendo dessa forma a sociedade e suas economias. Por fim, o movimento de construção de estratégias flexíveis e inseridas em contextos singulares, sendo que, a divisão deve auxiliar o processo de desenvolvimento de microrregiões e com suas semelhanças superando as visões de macrorregiões.

A partir dessa compreensão a melhor definição de território para este estudo

abrange,

território, mais que simples base física para as relações entre indivíduos e empresas, possui um **tecido social**, uma organização complexa feita por laços que vão muito além de seus atributos naturais e dos custos de transportes e de comunicações. Um território representa uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico (ABRAMOVAY, 2000, p.6, grifo nosso).

Portanto, a divisão em territórios são categorias de análises, intervenções e acima de tudo planejamento estratégico de ações, a serem debatidas e desenvolvidas de forma participativa com ampla inserção social. No Brasil somente após a década de 1990, logo após a ditadura militar (1964 a 1985), e principalmente com a constituição de 1988, o país começou a experimentar formas participativas de gestão, incidência política, surgimento de organizações e movimentos sociais, que são as bases para a divisão em territórios (WANDERLEY, 2014).

Somente em 2003, a divisão em territórios, como espaço político e de incidências, alcançou a esfera federal com o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, elaborando o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais – PRONAT, com o intuito de:

promover cada vez mais o protagonismo dos atores sociais para a construção e governança do desenvolvimento de seus territórios. E, para isso, embasada em experiências nacionais e internacionais de aprofundamento da democracia participativa, tem reforçado a necessidade de fortalecer a cultura da gestão social, a ampliação das redes sociais de cooperação, estimulando as iniciativas que reorientam as dinâmicas socioeconômicas a partir da articulação e coesão das diversas políticas públicas federais, estaduais e municipais (SDT/MDA, 2009, p. 5).

Pela definição e considerações anteriores, pode-se afirmar que é salutar para o processo democrático do país a participação social na gestão pública. Nesse contexto, a década de 2.000 ficou marcada pela criação de espaços como conselhos, efetivação de conferências, colegiados e fóruns de discussões, transformando agentes sociais em atores políticos, com amplas contribuições da sociedade na formulação e controle de políticas públicas (DALLABRIDA, BÜTENBERNDER, BIRKNER; 2011).



### 3.2.1 Território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia (TSSF/BA)

O território de Identidade Sertão do São Francisco Bahia é constituído por 10 municípios, com a população estimada para 2021 em 538.535 habitantes, conforme Tabela 1.

**Tabela 1 – População estimada para 2021 do TSSF/BA**

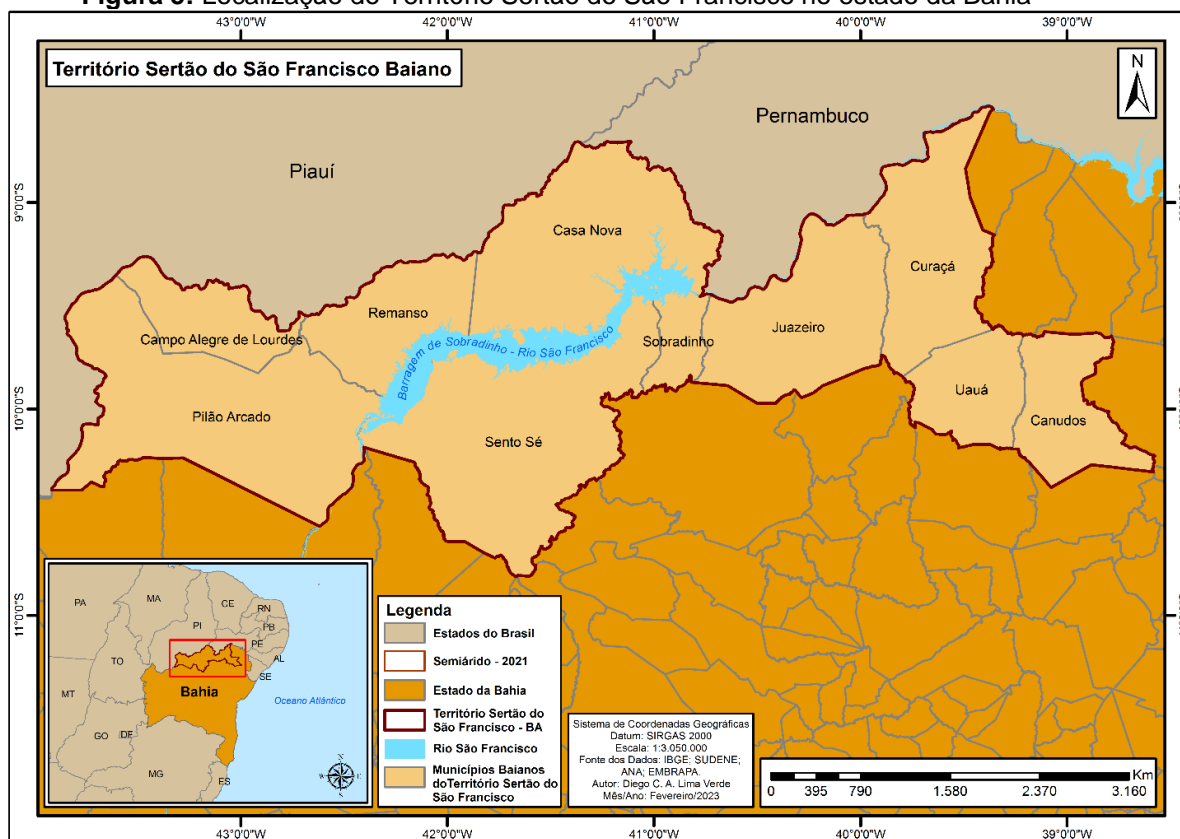
MUNICÍPIO	População estimada 2021 (IBGE)	Porcentagem da população por município em relação ao TSSF/BA (%)
Campo Alegre de Lourdes	28.839	5,36
Canudos	16.832	3,13
Casa Nova	73.092	13,57
Curaçá	35.065	6,51
Juazeiro	219.544	40,77
Pilão Arcado	35.295	6,55
Remanso	41.324	7,67
Sento Sé	41.279	7,67
Sobradinho	23.274	4,32
Uauá	23.991	4,45
<b>TOTAL</b>	<b>538.535</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE (2021)

A população do território representa 3,84% da população do estado da Bahia que é de 14.016.906 pessoas. Sendo que a população do município de Juazeiro representa 40,77% da população do território. Todos os demais municípios têm população inferior a 75 mil pessoas, sendo que em média os demais municípios têm população de 35 mil pessoas.

O território é marcado pela presença do rio São Francisco, que é o único rio perene da região, e configura como elemento histórico, cultural, econômico, social e geográfico. No território o “Velho Chico” como carinhosamente é denominado, percorre 420 Km, margeando a maioria dos municípios, com exceção de Campo Alegre de Lourdes, Canudos e Uauá, conforme Figura 5.

**Figura 5:** Localização do Território Sertão do São Francisco no estado da Bahia



Fonte: Elaborado por Lima Verde (2023) a partir de IBGE (2021) e dados da pesquisa

Em relação a Agricultura Familiar, o território segue o que ocorre com o estado da Bahia e com o Brasil, sendo maioria dos estabelecimentos agropecuários, conforme Tabela 2.

**Tabela 2–** Estabelecimentos agropecuários do TSSF/BA

Número de estabelecimentos agropecuários, por tipologia – ANO 2017				
Brasil, Unidade de federação e município	Tipologia			
	Total de estabelecimentos	Agricultura patronal	Agricultura familiar	Porcentagem de Agricultura Familiar
Brasil	5.073.324	1.175.916	3.897.408	77%
Bahia	762.848	169.437	593.411	78%
Campo Alegre de Lourdes	5.260	567	4.693	89%
Canudos	1.741	377	1.364	78%
Casa Nova	7.509	1.780	5.729	76%
Curaçá	4.655	1.053	3.602	77%
Juazeiro	7.288	2.886	4.402	60%
Pilão Arcado	5.178	319	4.859	94%
Remanso	3.713	496	3.217	87%
Sento Sé	2.248	137	2.111	94%
Sobradinho	561	210	351	63%
Uauá	3.215	298	2.917	91%
<b>Total do TSSF/BA</b>	<b>41.368</b>	<b>8.123</b>	<b>33.245</b>	<b>80%</b>

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2017

A área ocupada pelo território abrange 61.609,7 Km<sup>2</sup>, correspondendo assim a 10,9% das áreas do estado da Bahia (MARINHO, 2021). Os estabelecimentos da Agricultura Familiar no território têm área média de 21 ha, acima da média da Bahia (15ha) e igual a média brasileira (21ha). Os estabelecimentos que não são da Agricultura Familiar no território tem área média de 88 ha (IBGE, 2021).

As áreas ao entorno do rio São Francisco constituem o principal receptor de investimentos, sobretudo, para a fruticultura irrigada. Após a construção da barragem de Sobradinho, ampliou-se o fornecimento de energia elétrica, associando fatores de disponibilidade de terra e água e condições climáticas favoráveis. Na maior parte do território, prevalecem as áreas dependentes de chuva, sendo que nos últimos anos observou-se uma reorganização da população em torno das diferentes formas de captação da água (PTDSS, 2018, p.18).

Nos aspectos sociais a sua ocupação ocorreu em três grandes ciclos: (1) Ciclo da pecuária no período colonial (1.553 até o século XVIII); (2) Ciclo da navegação (até meados de 1970) e (3) Ciclo da Modernização Capitalista, sobretudo com os perímetros irrigados (1975 até os dias atuais) (PTDSS, 2018).

Devido à grande exposição do território pós a implantação do perímetro irrigado, o mais comum é sua imagem está vinculada a esse momento histórico da região. Porém, a maior parte da produção do território acontece em áreas de sequeiro, onde prevalece a captação de água de chuva por meio de tecnologias sociais de convivência com o Semiárido.

Segundo é relatado no PTDRS (2008) “Estes investimentos, se por um lado atraíram o capital privado e aumentaram a produção de riquezas, por outro lado geraram um crescimento desigual do ponto de vista social e econômico” (PTDRS, 2008, p. 21).

Enfim, o TSSF/BA é marcado por contradições sociais, ambientais e econômicas, além da irrigação possui os impactos gerados pela mineração, implantação de parques eólicos e usina fotovoltaica, ou seja, está em constantes disputa por área e colocando em risco comunidades tradicionais de fundo de pasto, que ocupam suas terras de maneira secular e que luta pelo seu reconhecimento. Em 2018, o estado da Bahia possuía 599 Associações de Fundo e Fecho de Pasto e somente nos municípios do TSSF/BA são 263 Associações com esse público (MARINHO, 2021).

Nesse sentido, e como elemento crucial para o fortalecimento do tecido social

da região, há muito Capital Social sendo potencializado na região com atuação de movimentos sociais, ONG's, pastorais, organizações sociais, cooperativas e associações diversas, que atuam no fortalecimento da Agricultura Familiar em múltiplas esferas e campos de disputas.

### 3.3 PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para o processo de coleta de informações foram estabelecidas categorizações de grupos de interesses e quantidades de entrevistas que foram desenvolvidas para facilitar a condução e absorção das informações. Conforme Tabela 3 a seguir:

**Tabela 3** – Sujeitos (as) da pesquisa e quantidades de entrevistas semiestruturadas

Sujeito(a) da pesquisa	Quantidades de entrevistas semiestruturadas
Representantes das organizações sociais coordenadoras das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	5
Feirantes e/ou produtores das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	8
Consumidores(as) das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	8
Organizações de apoio e assessoria técnica das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	4
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A quantidade de entrevistas semiestruturadas foi estabelecida considerando o número de sujeitos (as) da categorização e que estão sistematizadas na Tabela 4.

**Tabela 4** – Sujeitos (as) da pesquisa e localização

Sujeito(a) da pesquisa	Nome da organização ou sujeito(a)	Comunidade/Município	Quantidade de entrevistas
Representantes das organizações sociais coordenadoras das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Associação de Apicultores de Sento Sé (AAPSSE)	Sento Sé/BA	1
	Rede de Mulheres de Sento Sé	Sento Sé/BA	1
	Cooperativa Familiar de Massaroca (COOFAMA)	Distrito de Massaroca em Juazeiro/BA	1
	Comissão Organizadora da Feira.	Remanso/BA	1
	Associação dos Produtores(as) de Orgânicos do Vale do São Francisco (APROVASF)	Orla de Juazeiro/BA	1

<b>Subtotal 1</b>			<b>5</b>
Feirantes e/ou produtores das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Feirantes/produtores 1 e 2	Sento Sé/BA	2
	Feirantes/produtores 3 e 4	Distrito de Massaroca em Juazeiro/BA	2
	Feirantes/produtores 5 e 6	Remanso/BA	2
	Feirantes/produtores 7 e 8	Orla de Juazeiro/BA	2
<b>Subtotal 2</b>			<b>8</b>
Consumidores(as) das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Consumidores(as) 1 e 2	Sento Sé/BA	2
	Consumidores(as) 3 e 4	Distrito de Massaroca em Juazeiro/BA	2
	Consumidores(as) 5 e 6	Remanso/BA	2
	Consumidores(as) 7 e 8	Orla de Juazeiro/BA	2
<b>Subtotal 3</b>			<b>8</b>
Organizações de apoio e assessoria técnica das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP)	Remanso/BA	1
	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA)	Sento Sé/BA Massaroca/Juazeiro	2
	Central de Comercialização das Cooperativas da Caatinga (CECAAT)	Orla de Juazeiro/BA	1
<b>Subtotal 4</b>			<b>4</b>
<b>TOTAL GERAL (1+2+3+4)</b>			<b>25</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Para tanto, foram elaborados roteiros estabelecidos com orientação interdisciplinar, aproveitando ao máximo as formações dos inseridos na equipe de pesquisa, os roteiros estão inseridos nos (APÊNDICES A, B, C e D). Para sua elaboração foram estabelecidas questões geradoras para subsidiar as entrevistas semiestruturadas, conforme quadro 3.

**Quadro 3 – Questões geradoras do roteiro das entrevistas semiestruturadas**

<b>Sujeito(a) da pesquisa</b>	<b>Questões geradoras</b>
Representantes das organizações sociais coordenadoras das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Organização social e seus instrumentos de gestão
	Geração de renda
	Discussão sobre políticas públicas
Feirantes e/ou produtores(as) das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Organização social e produtiva da unidade familiar
	Gestão financeira e geração de renda
	Acesso a políticas públicas pela unidade

	produtiva familiar
Consumidores(as) das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Contribuições na alimentação familiar
	Grau de confiança nos produtos
	Relação custo benefício
Organizações de apoio e assessoria técnica das Feiras Agroecológicas e Orgânicas.	Informações gerais sobre o processo de assessoria técnica
	Capacitações e processos realizados junto as feiras agroecológicas e orgânicas
	Provocações de políticas públicas de incentivo as feiras agroecológicas e orgânicas

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As entrevistas realizadas foram gravadas e com posterior transcrição integral de seu conteúdo, além da opção pela aplicação de codinomes relacionados a sua categorização e função em cada Feira Agroecológica e Orgânica.

Para a seleção dos(as) entrevistados(as) foram seguidos os seguintes critérios: (i) Disponibilidade de tempo para a entrevista; (ii) Assiduidade nos espaços de comercialização; (iii) Pessoas de referência dos espaços de comercialização e (iv) Manutenção da equidade de gênero e geração.

O propósito da *entrevista semiestruturada* nessa pesquisa transcorreu pela busca de dados referentes aos alcances e inserção econômica, análise do fortalecimento das iniciativas e seus agentes envolvidos nos circuitos curtos de comercialização no território.

Na sequência, a *observação participante* foi conduzida com a participação do pesquisador em (i) reuniões de avaliação; (ii) planejamento e (iii) capacitações em precisificações na Feira Agroecológica de Sento Sé, no período de março/2021 a dezembro/2021. Nas demais feiras foram realizadas reuniões com as organizações coordenadoras e a participação durante os dias de realização das feiras nos municípios de realização dos espaços de comercialização.

A tabela 5 relaciona as entrevistas realizadas ao longo do trabalho de campo com os sujeitos inseridos nas 4 (quatro) Feiras Agroecológicas e Orgânicas e sintetizam algumas informações sobre estes:

**Tabela 5:** Dados dos(as) sujeitos ligados as quatro Feiras Agroecológicas e Orgânicas

Sujeito(a) da pesquisa	Idade	Gênero atribuído	Município/distrito
Comissão organizadora 1	38	Feminino	Sento Sé
Comissão organizadora 2	39	Feminino	Sento Sé
Comissão organizadora 3	39	Masculino	Massaroca/Juazeiro
Comissão organizadora 4	42	Feminino	Remanso
Comissão organizadora 5	65	Masculino	Orla de Juazeiro

Feirante/produtor 1	45	Masculino	Sento Sé
Feirante/produtor 2	38	Feminino	Sento Sé
Feirante/produtor 3	38	Feminino	Massaroca/Juazeiro
Feirante/produtor 4	45	Feminino	Massaroca/Juazeiro
Feirante/produtor 5	57	Feminino	Remanso
Feirante/produtor 6	46	Feminino	Remanso
Feirante/produtor 7	38	Masculino	Orla de Juazeiro
Feirante/produtor 8	50	Feminino	Orla de Juazeiro
Consumidor 1	39	Masculino	Sento Sé
Consumidor 2	47	Feminino	Sento Sé
Consumidor 3	46	Feminino	Massaroca/Juazeiro
Consumidor 4	50	Feminino	Massaroca/Juazeiro
Consumidor 5	48	Masculino	Remanso
Consumidor 6	51	Masculino	Remanso
Consumidor 7	55	Feminino	Orla de Juazeiro
Consumidor 8	39	Masculino	Orla de Juazeiro
Assessoria técnica 1	43	Masculino	Remanso
Assessoria técnica 2	23	Feminino	Massaroca/Juazeiro
Assessoria técnica 3	29	Masculino	Sento Sé
Assessoria técnica 4	48	Feminino	Orla de Juazeiro

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A observação participante em sua base conceitual preconiza que ela é “[...] a técnica de pesquisa menos estruturada dentre as de captação de informações nas ciências sociais, pois não depende de um instrumento de coleta estruturado” (LIMA, 1999, p. 15). Segundo Minayo (2014), a observação participante é “um processo pelo qual mantém-se presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (p. 272-274).

A mesma compreensão é estabelecida por Martins (1996), “[...] específica essa técnica como útil para compreender grupos e processos, que de outra forma não seria possível, pois a condução do processo cria condições privilegiadas de compreensão” (MARTINS, 1996, p. 23).

Portanto, o ponto positivo desse tipo de investigação é que o investigador está inserido no contexto a ser estudado; “chamam a atenção para o papel ativo do observador enquanto modificador do contexto e, ao mesmo tempo, como receptáculo de influências do mesmo contexto observado” (HAGUETE, 2005, p. 47).

Os procedimentos de análise dos dados foram feitos por meio de exposição de

elementos qualitativos como transcrição de entrevistas e triangulação de dados para análises dos alcances das Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuitos curtos de comercialização.

A concepção da triangulação proposta por diversos pesquisadores dentre eles Goldenberg (2004) e Triviños (1987), ambos parte da pressuposição da combinação de diversas metodologias ou métodos para que possa ter análises mais precisas sobre determinado fenômeno, pois:

A combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno, conhecida como triangulação, tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social (GOLDENBERG, 2004, p.63).

Assim como:

[...] tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social. (Triviños, 1987, p. 38).

Após a coleta de dados e a triangulação dos resultados obtidos em diferentes instrumentos ou métodos, a análise dos dados avançou com o processo de *análise de conteúdo* proposto por Bardin (2011); “Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não)” (p. 48). Nesse processo, a categorização ou foco de análise ou síntese foram estabelecidos em três elementos; (i) Geração de renda e melhorias da alimentação familiar das Feiras Agroecológicas e Orgânicas; (ii) Organização social coordenadora e seus instrumentos de gestão e (iii) Necessidade de potencialização e avanços dessa importante modalidade de circuitos curtos de comercialização.

Sendo assim as *categorias de análises de conteúdo* estão estabelecidas na compreensão das dimensões que caracterizam os circuitos curtos de comercialização, que são: (a) dimensão espacial, com a aproximação entre produtor e consumidor para acesso a alimentos; (b) dimensão econômica, com a possibilidade de geração de renda para produtores(as) e acesso a alimentos com preços justos para os consumidores(as) e (c) sociológico, com a construção de relação de confiança com a



sociedade, e com a construção de sistemas agroalimentares sustentáveis.

Segundo Minayo (1994), o pesquisador ao analisar os dados qualitativos deve ter vários cuidados, principalmente em relação a visualizar as conclusões de forma imediata, o que pode leva-lo a equívocos e excessivas simplificações. Outra preocupação deve ser em relação a excessiva aplicação das técnicas de coleta, e não tendo as devidas atenções aos significados dos dados.

### 3.4 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO FINAL

Como produto final da pesquisa, além da elaboração da presente tese, artigos científicos, capítulos de livros, resumos expandidos em congressos e outras produções acadêmicas, foi elaborado o Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas<sup>6</sup>. Tendo como objetivo a contribuição nos processos de gestão das feiras agroecológicas e orgânicas, permitindo a organização desses importantes espaços de comercialização da Agricultura Familiar.

O conteúdo do guia prático estabelece parâmetros de observações em relação a organização da base produtiva, viabilidade financeira, relação de custos de produção e comercialização, custos das feiras, contribuir na tomada de decisão em relação a investimentos e potencializar a inserção da Agricultura Familiar de maneira mais eficiente nessa modalidade de circuitos curtos de comercialização.

A opção por esse mecanismo justifica-se pelo fato que existem na região Feiras Agroecológicas e Orgânicas sendo potencializadas e funcionando de maneira espontânea e sem as devidas garantias da sua autonomia e sustentabilidade. Portanto, o guia prático configura como um potente instrumento de análise e observação para os processos de implantação e gestão dessas Feiras Agroecológicas e Orgânicas.

O Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas está estabelecido nos seguintes itens:

- Apresentação: Esse item aborda os principais elementos que

---

<sup>6</sup> Para sua diagramação, layout e capa foi utilizada a plataforma Canva stories. As fotos utilizadas foram realizadas durante o processo de pesquisa de campo, e com utilização do equipamento câmera SJCAM M10 com resolução horizontal e vertical de 72 dpi, largura de 4032 pixels, altura 3024 pixels, dimensões de 4032x3024 e intensidade de bits de 24 em formato jpeg. A fonte utilizada para os títulos foi Arial 16 espaçamento 1,5 entre linhas, os demais itens textuais foram utilizados fonte Arial 12 espaçamento 1,5 entre linhas. Para a revisão ortográfica e gramatical foi realizada por Neuraide Moraes Marinho e a diagramação, layout e capa foi realizada por Ana Caroline dos Santos.

caracterizam as Feiras Agroecológicas e Orgânicas;

- Parcerias estratégicas: Nesse item estão estabelecidos os parâmetros e a importância de estabelecer parcerias estratégicas com o poder público e com organizações sociais, visando o apoio e fortalecimento desses espaços de comercialização;
- Organização das famílias agricultoras para a Feira Agroecológica e Orgânica: O guia prático aponta que é necessário o estudo preliminar sobre o perfil dos(as) agricultores(as) que irão participar da feira, realizar o planejamento da produção, analisar o transporte para a chegada dos produtos, definir os preços a serem cobrados e a padronização e rotulagem;
- Organização do espaço da Feira Agroecologia e Orgânica: Todas Feiras Agroecológicas e Orgânicas devem ter uma comissão organizadora que administrará as ações, além de escolher muito bem o local de realização da feira, período de funcionamento e periodicidade, definição do número de barracas, equipamentos necessários e definir os atores ou empreendimentos que irão participar;
- Autogestão da Feira Agroecologia e Orgânica: Para que uma Feira Agroecológica e Orgânica se torne sustentável é fundamental que os feirantes e organizações coordenadoras estabeleçam contribuições que possam ser direcionadas para um processo de autogestão e sem a sobreposição de ideias e regras;
- Processos de precificação: Os custos de produção dos feirantes devem ser dimensionados de maneira que possam obter sobras e ganhos satisfatórios com as Feiras Agroecológicas e Orgânicas. Além de ter preços que sejam atrativos aos consumidores(as);
- Organização em OCS, OPAC e SPG: Os produtos comercializados nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas devem ter a sua autenticidade e segurança em relação a contaminação por agrotóxicos para os seus consumidores(as). Nesse sentido, são necessários processos participativos de certificação seja por Organização de Controle Social

(OCS), Organização Participativa de Conformidade (OPAC) ou mesmo por certificadoras auditadas. Sendo que em muitos casos essas certificações são dispensadas pelos(as) consumidores(as), porém com a sua possibilidade de expansão as Feiras Agroecológicas e Orgânicas devem buscar esse diferencial em relação as feiras convencionais;

- Propaganda do ponto de comercialização: A divulgação das Feiras Agroecológicas e Orgânicas devem ser potencializadas para proporcionar a sustentabilidade do espaço e sua autonomia, além do aumento das comercializações e geração de renda;
- Formas de comercialização diferenciadas: O guia prático indica que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas devem buscar formas diferenciados de comercialização, como a inserção em plataformas digitais e uso de delivery. Possibilitando o aumento de volume comercializado e ampliação do número de consumidores(as);
- Importância do regimento interno e Fundo Rotativo Solidário: O guia prático possui como modelo de regimento interno o construído durante a pesquisa para a realidade da Feira Agroecológica de Sento Sé, além da discussão da importância de ter um fundo rotativo solidário que possibilite a aquisição de produtos e apoio financeiro aos feirantes.

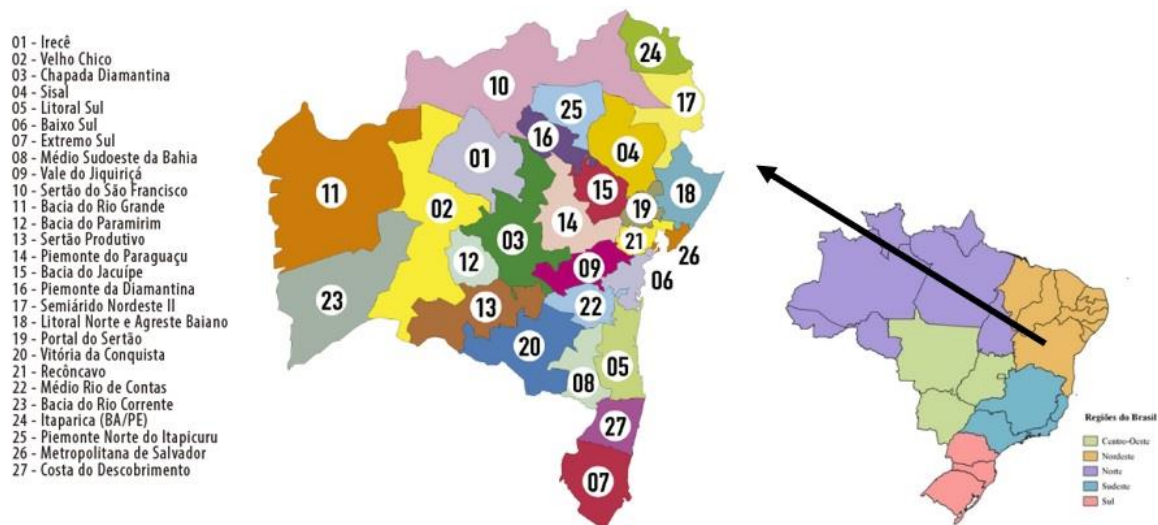
## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 MAPEAMENTO DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS NOS TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE DA BAHIA

Esta seção, apresenta o resultado do mapeamento dos números e localizações das Feiras Agroecológicas que acontecem nos territórios de identidade do estado da Bahia. Como forma de potencializar a formulação e implementação de políticas públicas em diversas áreas, o estado da Bahia foi dividido em 27 territórios de identidade. A partir dessa compreensão, buscou mapear as iniciativas de Feiras Agroecológicas nos territórios de identidade do estado da Bahia, por meio do acesso aos dados coletados e sistematizados pela Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BAHIATER), com posterior análises e considerações.

Conforme figura 6:

**Figura 6:** Distribuição dos territórios de identidade do estado da Bahia



Fonte: Adaptado de SDR/BAHIATER (2017)

A coleta das informações referentes as Feiras Agroecológicas desenvolvidas no estado da Bahia foram realizadas por meio do acesso ao sitio da Secretária de Desenvolvimento Rural (SDR/BA).

O processo de mapeamento e localização por território de identidade demonstra que as Feiras Agroecológicas estão distribuídas em 17 territórios em todo o estado da Bahia, tendo alcançado o total, em 2017, de 115 Feiras Agroecológicas em 77 municípios conforme demonstra a tabela 6.

**Tabela 6:** Mapeamento das Feiras Agroecológicas por Território de identidade

Território	Quantidade de Feiras Agroecológicas	Quantidade de municípios no território que desenvolvem Feiras Agroecológicas
Bacia do Jacuípe	6	5
Costa do descobrimento	1	1
Baixo sul	5	4
Chapada Diamantina	4	4
Irecê	7	6
Itaparica	3	1
Litoral norte e agreste baiano	3	3
Litoral Sul	8	4
Metropolitano de Salvador	20	6

Médio sudoeste da Bahia	2	1
Piemonte da diamantina	9	6
Piemonte norte do Itapicuru	9	7
Recôncavo	15	10
Semiárido nordeste II	7	4
Sisal	4	4
Sudoeste baiano	11	10
Sertão do São Francisco	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>115</b>	<b>77</b>

Fonte: Adaptado de SDR/BAHIATER (2017)

O quadro acima demonstra que do total de 27 territórios de identidade, as Feiras Agroecológicas são desenvolvidas em 62,9%. Sendo o território da região Metropolitana de Salvador com maior ocorrência de Feiras Agroecológicas. Em contraposição a esta realidade o menor número de Feiras Agroecológicas estão nos territórios do Sertão do São Francisco e Costa do Descobrimento com uma única iniciativa em cada um deles. Deste modo, cabe destacar que a porcentagem de feiras por território é de 17,4% na região Metropolitana de Salvador, seguido por 13,0% no território do Recôncavo, 9,6% no Sudoeste Baiano, na sequência atingiram 7,8% os territórios Piemonte do Itapicuru e Piemonte da Diamantina.

O processo de mapeamento e demonstração das quantidades de Feiras Agroecológicas, possibilitou evidenciar a distribuição das iniciativas na maioria dos territórios de identidade do estado da Bahia para o ano de 2017. Embora este número ainda seja pequeno frente à dimensão e população do estado da Bahia, constata-se que os números demonstram a emergência destas iniciativas como importante estratégia de fortalecimento da comercialização dos produtos da Agricultura Familiar agroecológica, à época, já presente em 77 municípios.

Os dados demonstram que a distribuição das Feiras Agroecológicas ainda estava concentrada, em sua maior parte, em regiões próximas aos grandes centros urbanos do estado. Fato esse, relacionado as condições de produção dos próprios alimentos, maior número de habitantes e maior poder aquisitivo de uma parte de seus habitantes. Permite ainda, visualizar que em alguns municípios as Feiras Agroecológicas são desenvolvidas em mais de um local, o que evidencia que as estratégias estão distribuídas de maneira a criar maiores possibilidades de acesso à

população local.

A distribuição espacial das Feiras Agroecológicas no mapa político do estado da Bahia, permite analisar que a região litorânea, correspondente à região leste, e a região norte são as regiões que mais possuem essas iniciativas em 2017. As regiões com menor e/ou nenhuma Feira Agroecológica estão as regiões Sul e Oeste, a região central está representada com iniciativas sendo desenvolvidas na região da Chapada Diamantina.

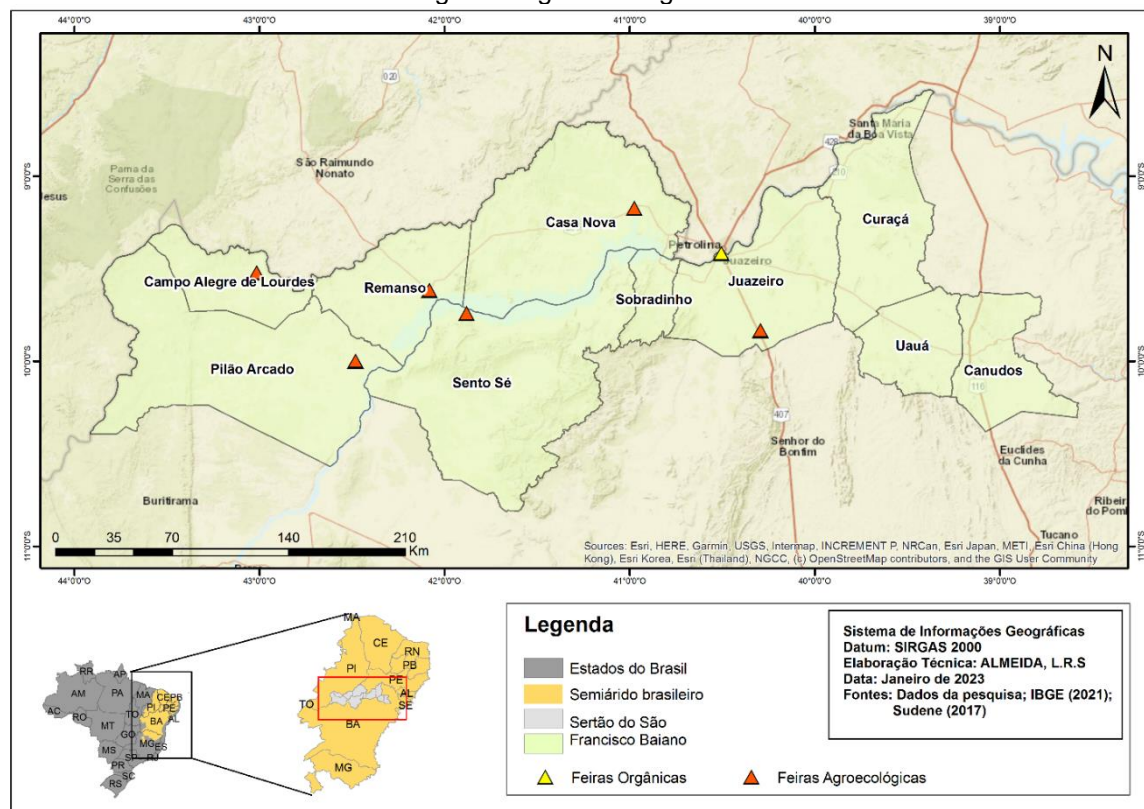
Os dados obtidos se referem ao ano de 2017, portanto os mesmos podem ter sofrido alterações principalmente no período de pandemia do COVID-19, que afetou com impactos negativos a produção e comercialização da Agricultura Familiar. Como evidência da mudança desses números, no processo de pesquisa para a elaboração da presente tese, o território do Sertão do São Francisco passou de (1) uma para 7 (sete) Feiras Agroecológicas e Orgânica no período de 2019 a 2022. No período pandêmico, se ampliou a preocupação com a alimentação saudável, porém devido ao isolamento social ocorreram inúmeras mudanças nas estratégias de comercialização de produtos. Através de novo mapeamento, seria possível analisar possíveis avanços no número de Feiras Agroecológicas como ocorrido no território do Sertão São Francisco.

Finalmente, as Feiras Agroecológicas desenvolvidas no estado da Bahia, são importantes iniciativas que possibilitam a ampliação da comercialização dos produtos da Agricultura Familiar, além de promover o desenvolvimento local e territorial.

#### 4.2 DISTRIBUIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS NO TERRITÓRIO DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

As Feiras Agroecológicas e Orgânicas no território do Sertão do São Francisco estão distribuídas em seis municípios do território de identidade, conforme figura 7.

**Figura 7:** Localização do Território Sertão do São Francisco e distribuição das Feiras Agroecológicas e Orgânicas



Fonte: Elaborado por Almeida (2023) a partir de IBGE (2021) e dados da pesquisa

Os municípios que acontecem as Feiras Agroecológicas e Orgânicas são os municípios de Campo Alegre de Lourdes, Casa Nova, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso e Sento Sé. Sendo que em Juazeiro acontecem duas feiras, a primeira acontece no espaço do Armazém da Caatinga na Orla Bossa Nova e a segunda acontece no distrito de Massaroca no interior de Juazeiro. Vale a ressalva, que a feira que acontece no espaço do Armazém da Caatinga possui duas edições semanais, nas quintas-feiras com a realização da comercialização dos produtos orgânicos (certificados), e nas sextas-feiras a comercialização são dos produtos agroecológicos (sem certificação).

Os dias e locais que acontecem as Feiras Agroecológicas e Orgânicas nos municípios citados estão sintetizados no seguinte quadro 4.

**Quadro 4:** Dias, horários e locais que acontecem as Feiras Agroecológicas e Orgânicas

Municípios do território Sertão do São Francisco que possuem Feiras Agroecológicas e Orgânicas	Tipo de feira. Agroecológica ou Orgânica?	Dia(s) da semana de funcionamento.	Horário	Regularidade	Local de realização
Campo Alegre de Lourdes*	Agroecológica	Sábado	8hs às 12hs	Esporádica, em datas comemorativas	Praça André Folha.
Casa Nova	Agroecológica	Sexta-feira	6hs às 12hs	Semanal	Distrito de Bem Bom.
Orla de Juazeiro**	Agroecológica (sexta-feira) e Orgânica (quinta-feira)	Quinta-feira e Sexta-feira	16hs às 20hs	Semanal	Espaço do Armazém da Caatinga na orla Bossa Nova.
Juazeiro (distrito de Massaroca) **	Agroecológica	Sábado	8hs às 12hs	Quinzenal	Praça principal do distrito.
Pilão Arcado*	Agroecológica	Sexta-feira	16hs às 22hs	Mensal	Praça Frank Lins.
Remanso**	Agroecológica	Sexta-feira	8hs às 12hs	Semanal	Praça Manoel Firmo Ribeiro.
Sento Sé**	Agroecológica	Sexta-feira	6hs às 12hs	Semanal	Avenida principal em frente a secretaria de meio ambiente.

\*Está em processo de discussão a realização com regularidade mensal.

\*\*Feiras Agroecológicas e Orgânicas analisadas na presente pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Conforme demonstra a tabela acima as Feiras Agroecológicas e Orgânicas estão bem divididas no território de identidade, e com a predominância dos dias mais próximos dos finais de semanas. A escolha por esses dias está relacionada a disponibilidade de transporte e demais custos dos feirantes, como pode ser compreendido no trecho da entrevista.

**Tudo hoje é bancado por eles**, fazem o transporte, trazem os seus produtos e voltam e a gente não entra com nada disso. Os seus custos com a alimentação se tiverem, assim como água, lanche e outras coisas são por conta deles, nós conseguimos construir isso neles e eles passem a entender que o espaço é deles, e se é deles são eles que devem tomar de conta, e é assim que deve ser (ASSESSORIA TÉCNICA- 1, 2022, *grifo nosso*).



Portanto, a regularidade das feiras está diretamente ligada aos recursos monetários dos produtores e feirantes, pois não há uma política de incentivo e infraestrutura para os(as) feirantes, como pode ser observado em outro trecho de uma das entrevistas com os feirantes/produtores.

Para trazer os produtos até a feira eu venho com meu genro de carro, e tem outras feirantes que vem de moto, **as vezes vão para pista pedir carona, é um sacrifício, e vem ainda.** Para ser todos os dias não tem como dar certo, ninguém tem produção grande, a não ser que coloquem o veneno, e isso ninguém quer, a nossa feira é agroecológica e tem que manter assim com uma vez na semana no máximo duas vezes, e está bom demais (FEIRANTE/PRODUTOR - 5, 2022, *grifo nosso*).

Fica evidente pelas colocações dos(as) entrevistados(as) que a manutenção e realização das feiras é o somatório de esforços de todos(as) os(as) envolvidos(as), e a realização nos dias indicados é resultado de ampla discussão. Sobre a regularidade das Feiras Agroecológicas e Orgânicas a pesquisa demonstrou que o processo segue a lógica de realização de feiras no primeiro momento, em datas comemorativas como dia da mulher, dia do agricultor rural e outras datas importantes da região. Na sequência os participantes começam a demonstrar interesses na realização em períodos mais curtos, geralmente com a regularidade mensal, depois quinzenal e pôr fim a realização semanal, não sendo possível estipular uma lógica temporal para a essa migração de esporádica até a semanal, como fica evidente nos seguintes depoimentos.

Ai com a chegada do pró-semiárido<sup>7</sup>, em vez da gente colocar uma única feira anual, ai a gente decidiu colocar a feira de quinze em quinze dias, e depois a semanal. A feira anual era a feira da mulher, no dia das mulheres (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Assim em 2019, a gente começou a fortalecer essa ideia de manter uma feira de forma mais continua, nem que fosse uma vez por mês. Assim em 2019, começamos sendo de mês em mês, como um experimento, então de lá para cá, o grupo começou a visualizar a necessidade de encurtar esse prazo, porquê estava dando certo. Daí

<sup>7</sup> O Projeto Pró-Semiárido está vinculado a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA) e Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do governo da Bahia, atuam em 32 municípios da região semiárida do estado. A fonte financiadora é o acordo de empréstimo firmado com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), da Organização das Nações Unidas (ONU). São desenvolvidos (i) Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) contínua e especializada; (ii) Fomento às atividades de segurança hídrica e de produção sustentável; (iii) Agroindustrialização e comercialização da produção e (iv) Acesso às políticas públicas para o meio rural e a Agricultura Familiar. Disponível em: [http://www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido#:~:text=O%20Projeto%20Pr%C3%B3%2DSemi%C3%A1rido%20C3%A9,\(FIDA\)%2C%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das](http://www.car.ba.gov.br/projetos/pro-semiarido#:~:text=O%20Projeto%20Pr%C3%B3%2DSemi%C3%A1rido%20C3%A9,(FIDA)%2C%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das). Acessado em: 05/02/2023 às 07:14.

passamos para quinze em quinze dias, e depois já em 2022 começou a ser semanal, em janeiro, sempre as sextas-feiras (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Seguindo outra lógica de regularidade a Feira Agroecológica e Orgânica de Juazeiro no Armazém da Caatinga não seguiu o processo de esporádica até semanal, ela começou em maio/2022 com regularidade semanal, e com realização em três (quinta-feira, sexta-feira e sábado) e depois dois dias (quinta-feira e sexta-feira) que prevalece até a atualidade.

Avaliamos que fomos muito audaciosos, fazer a gestão de uma feira não é fácil, e acabou que a feira de sábado acabou por desmotivar as feirantes. Além disso, no sábado os consumidores estão muito mais preocupados com outras coisas, cuidar da casa, ir no supermercado para comprar os alimentos sem ser as folhosas e produtos como o nosso, e tem ainda o horário que era de sábado pela manhã, é ruim para uma feira. Mas, a ideia era a seguinte, a mercadoria que não vendesse na sexta, podia ser vendido no sábado. Tudo serve de aprendizado, e tudo é lição, por exemplo, pelo que vejo a feira daqui é a primeira que já nasceu com a ideia de ser semanal, sempre foi mensal e depois foi ajustando para o semanal (ASSESSORIA TÉCNICA – 5, 2023).

A distribuição das Feiras Agroecológicas e Orgânicas garante que a comercialização de produtos livres de agrotóxicos com ou sem certificação, na modalidade de produção orgânica e agroecológica acontece em números satisfatórios de municípios, e com a regularidade semanal na maioria das iniciativas depois dos percursos entre esporádica, mensal e quinzenal.

As Feiras Agroecológicas e Orgânicas seguem os mesmos moldes e observações realizadas por Dantas (2008), que analisou as feiras livres nordestina e afirma o seu papel social relevante, mesmo sendo com público menor em relação as feiras livres, as Agroecológicas e Orgânicas mantêm o seu papel de movimentação da produção na região, e atraindo pessoas de outros municípios e da zona rural.

#### **4.2.1 HISTÓRICOS E ESTRUTURAS DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS ANALISADAS**

No processo de pesquisa para a elaboração da presente tese, do total de sete Feiras Agroecológicas e Orgânicas foram escolhidas quatro iniciativas: (i) Feira Agroecológica de Sento Sé; (ii) Feira Agroecológica de Remanso; (iii) Feira Agroecológica de Massaroca (localizada no distrito de Massaroca em Juazeiro) e (iv) Feira Orgânica e Agroecológica de Juazeiro (localizada no Armazém da

Caatinga na Orla Bossa Nova). Segue descrição do histórico e estruturas de cada feira analisada.

#### *4.2.1.1 Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro*

A primeira edição da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro foi na data de 08/04/2022, apesar do seu curto período tempo de funcionamento, a discussão sobre a comercialização dos agricultores(as) familiares da região remete desde o início das atividades do projeto pró-semiárido a aproximadamente 2 anos. Porém, com a pandemia da COVID-19 a realização da feira foi adiada várias vezes, e somente quando diminuíram os casos na região, é que a feira pôde ser realizada.

A proposta surgiu a partir de provocações da Assessoria Técnica do IRPAA vinculados ao Pró-semiárido, que acompanha as famílias da região e visualizava o potencial de instalação da feira para a comercialização constante. No processo a Cooperativa Agropecuária Familiar de Massaroca e Região (COOFAMA) foi sensibilizada a ser a entidade coordenadora, pois a maioria dos envolvidos possui algum vínculo com a entidade, somado a necessidade de fortalecimento da organização para conseguir realizar a comercialização. Conforme depoimento de um dos entrevistados:

A proposta da feira é antiga, desde que criamos a COOFAMA em 2017, tinha a ideia de criar um espaço de comercialização para os nossos cooperados. No início faltou coragem, aí depois do pró-semiárido os incentivaram e fomos criando coragem. Só que aí teve a pandemia, e só começamos agora após ficar tudo liberado novamente. Para ver uma feira funcionando fizemos um intercâmbio para Sento Sé, no ano passado, foi muito bom, e pegamos várias coisas de lá. Assim, para começar a nossa feira **criamos uma comissão organizadora com 10 pessoas, só que apenas 6 estão realmente participando**. Nessa comissão tem a COOFAMA, os feirantes, o IRPAA pelo pró semiárido (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

Como percebido no depoimento, a Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro possui a comissão organizadora composta por organizações de apoio, impulsionadora/coordenadora e representação dos feirantes/produtores, dessa forma permite a gestão compartilhada da iniciativa, que a princípio tiveram desafios a serem superados em relação as condições de infraestruturas.

O local de realização da feira é a praça principal do distrito de Massaroca que

conta hoje com aproximadamente 3 mil habitantes. O espaço permite a montagem e instalação da feira, bem localizado na entrada do distrito e próximo da BR 407, e conta com amplo espaço para estacionamento, porém não possui estrutura de banheiros para os(as) feirantes e consumidores(as).

A feira possui como estrutura 11 barracas, sendo 6 emprestadas pelo IRPAA e recentemente a coordenação conseguiu 20 barracas adquiridas por meio de doação via prefeitura e câmara de vereadores. Para a acomodação e conforto térmico o IRPAA fez o empréstimo de um toldo com metragem de 5mx5m, e recentemente a COOFAMA conseguiu via projeto a aquisição de dois toldos na metragem de 5mx10m, garantindo assim a estrutura mínima para o seu funcionamento.

Os (As) feirantes/produtores(as) são ao total de 13 pessoas sendo 12 mulheres e 1 homem, sendo que em duas barracas os feirantes dividem o espaço na mesma barraca. A comercialização acontece de forma direta com os(as) consumidores(as) que utilizam de pagamentos em dinheiro, ou via PIX, a utilização de cartões não é realizada. Os produtos ofertados estão inseridos em oito categorias, conforme o quadro 5.

**Quadro 5:** Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro

<b>Categoria</b>	<b>Número de barracas</b>	<b>Produtos comercializados</b>
Artesanato em couro bovino.	1	Carteiras, pulseiras e brincos.
Alimentos prontos de consumo rápido e no local.	1	Café, sucos, bolos, torta e caldos diversos, além da oferta de cestas e chocolates para presentes.
Óleos essências.	1	Tratamentos naturais com óleos, florais, pílulas e extratos fitoterápicos.
Hortaliças.	3	Diversas hortaliças como alface, couve, coentro, rúcula e tomate cereja, além de sementes de coentro e alface.
Produtos processados.	2	Mel de abelha, licor de umbu, geleia e doce de leite.
Ovos.	1	Ovos caipira. (A COOFAMA mantém em uma das barracas a comercialização de ovos caipira com excelente embalagem, rótulos e selos da Agricultura Familiar e o selo de inspeção municipal (SIM).
Frutas.	2	Melancia, limão, mamão e maracujá da caatinga.
Tubérculos.	3	Inhame, mandioca e abobora.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

#### *4.2.1.2 Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Sento Sé*

A primeira edição da Feira Agroecológica de Sento Sé foi em agosto de 2019, com realizações quinzenais até fevereiro de 2020. Em março de 2020 com os decretos em relação a pandemia da COVID-19, a feira foi paralisada em seu espaço físico de comercialização. Porém, a comissão organizadora organizou entregas em delivery utilizando essa estratégia de comercialização até janeiro de 2021, e na volta para o espaço físico foi decidido que a feira passaria a funcionar de forma semanal.

A proposta inicial surgiu durante assembleia municipal de planejamento em novembro de 2018 da Rede de Mulheres<sup>8</sup> com o objetivo de comercializar as produções das mulheres agricultoras que produzem nos quintais domésticos diversas produções como hortaliças, ovos, galinhas, mandiocas e outras produções. Além disso, contou com as provocações da Assessoria Técnica do IRPAA vinculados ao Pró-semiárido, que acompanha comunidades rurais onde estão inseridas essas mulheres, e visualizava o potencial de instalação da feira para a comercialização regular. Sendo que a Rede de Mulheres e a Associação dos Apicultores de Sento Sé (AAPSSE) foram sensibilizadas para serem as organizações coordenadoras no primeiro momento. Segue depoimento sobre esse momento da feira:

A feira de Sento Sé começou com a Rede de Mulheres, porém não tinha essa questão da estruturação e do acompanhante técnico. Mas, todas as mulheres já tinham os quintais. Os quintais nem, e com a chegada do pró-semiárido, com a estruturação e o acompanhamento técnico. E aí, depois, chegou a estruturação dos canteiros, os viveiros, e isso melhorou muito. Ai com a produção, e o aumento da produção que ficava somente na comunidade, passou a ter a feira agroecológica. Então começou a discussão para onde ia vender tudo isso que estava sendo produzido, pois estava sobrando muito (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Em relação a comissão organizadora a Feira Agroecológica de Sento Sé é composta pela Rede de Mulheres, Associação dos Apicultores de Sento Sé (AAPSSE), IRPAA e representação dos feirantes/produtores, sendo que atualmente a coordenação da feira é realizada pela representante dos feirantes/produtores eleita de forma democrática em assembleia e permite a gestão compartilhada da iniciativa.

---

<sup>8</sup> A Rede de Mulheres, é uma organização política e social formada por mulheres em sua maioria agricultoras familiares, com atuação desde 1989, e que busca a garantia dos direitos das mulheres e ampliar a participação política, social e econômica das agricultoras e suas famílias. Teve início no município de Remanso/BA e hoje está presente em todos os municípios do território do Sertão do São Francisco (MUNIZ, 2018).

O local de realização da feira é a avenida principal em frente a secretaria de meio ambiente. O espaço permite a montagem e instalação da feira, e conta com amplo espaço para estacionamento, porém não possui estrutura de banheiros para os(as) feirantes e consumidores(as).

A feira possui como estrutura, 4 toldos sendo um com dimensão de 4mx4m e três com 6mx6m, 20 barracas, 20 aventais, 20 basquetes (transporte de produtos) e uma balança digital, todos os itens foram conseguidos a partir do projeto pró-semiárido, sendo essa a estrutura mínima para o funcionamento da feira.

Os (As) feirantes/produtores(as) são ao total de 10 pessoas sendo 9 mulheres e 1 homem, duas barracas são ocupadas por uma feirante devido ao grande volume de produtos que é comercializado por ela. A comercialização acontece de forma direta com os(as) consumidores(as) que utilizam de pagamentos em dinheiro, via PIX e duas barracas utilizam maquinetas de cartões.

Os produtos ofertados estão inseridos em sete categorias, conforme quadro 6.

**Quadro 6:** Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Sento Sé

<b>Categoria</b>	<b>Número de barracas</b>	<b>Produtos comercializados</b>
Tubérculos.	2	Inhame, mandioca, abobora e outras raízes.
Artesanato em pano.	1	panos de prato, forros de mesa, toalhas de banho, puxa-saco e outros itens.
Alimentos prontos de consumo rápido e no local.	1	café, sucos, bolos, torta e tapiocas.
Hortaliças.	4	Diversas hortaliças como alface, couve, coentro, rúcula, pimentão, pimentinhas e tomate cereja, além de sementes diversas.
Produtos processados.	2	Mel de abelha, mel em favo, galinha abatida, coalhada, requeijão, doce de leite, ervas de chá, flocão, café dentro outros.
Ovos.	1	ovos caipiras com origem de dois produtores diferentes.
Frutas.	2	Melancia, limão, acerola, mamão e bananas tipo prata, d'água, maçã e prata rio.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Possui ainda a barraca do conhecimento como inovação que não tem o objetivo de comercialização, mas sim a divulgação de produções técnicas que auxiliem os produtores e consumidores(as) em seus processos produtivos. Demonstrando assim que a Feira Agroecológica de Sento Sé configura como espaço de troca de

conhecimento, além do importante papel das mulheres no abastecimento local de produtos.

Hoje temos tapioca, acerola, bolo, alface, couve, pimentão, pimentinha, ervas de chá e medicinais, mamão, ovo, galinha abatida, coalhada, leite, requeijão, doce de leite, queijo é muito coisa, a diversidade é muita, mel, mel no favo, flocão, café, massa puba, acho que temos uma cerca de 130 produtos ou mais. Só as bananas são quatro tipos diferente, banana prata, d'água, banana maçã e a prata rio (FEIRANTE/PRODUTOR -1, 2022).

Na feira daqui temos a barraca do conhecimento, que tem o objetivo de divulgar a Agroecologia e a convivência com o Semiárido, com a sua produção limpa e busca criar essa relação com os clientes (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

A Feira Agroecológica de Sento Sé possui como características principais a diversidade de produtos, tempo de realização, estratégias diferenciadas de comercialização como o delivery e realização de capacitações para feirantes/produtores e comissão organizadora. Diante disso, a Feira Agroecológica de Sento Sé é referência na região e recebe intercâmbios de outras iniciativas que estão sendo desenvolvidas na região.

#### *4.2.1.3 Histórico e estrutura da Feira Agroecológica de Remanso*

A proposta da Feira Agroecológica de Remanso surgiu como demanda espontânea de grupos produtivos e associativos que recebem de assessoria em diferentes níveis, das organizações de apoio com atuação no município. Historicamente esses grupos e as organizações de apoio realizavam feiras em datas comemorativas no decorrer do ano, e sempre era indicado nos processos avaliativos que o município precisava de ter uma feira agroecológica com maior regularidade.

A feira daqui de Remanso, já era uma demanda antiga dos grupos econômicos produtivos da economia solidária que o SASOP acompanha, as feiras daqui aconteciam em datas comemorativas. Mas, nunca se conseguiu manter uma feira assim de forma mais continua como é hoje (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Nesse sentido, as primeiras edições da Feira Agroecológica de Remanso foram no segundo semestre de 2019, com regularidade mensal. Com o alcance de resultados positivos, os(as) feirantes, produtores(as) e organizações de apoio começam em 26 de outubro de 2020 edições quinzenais, mesmo com o desafio

pandêmico e sobretudo como alternativa de acesso a alimentos saudáveis pela população do município que necessitava do fortalecimento do sistema imunológico. Seguindo esse percurso, e após discussões sobre os resultados alcançados, em janeiro de 2022 a Feira Agroecológica de Remanso passou a ser realizada com regularidade semanal, e se mantém atualmente nesse formato.

A coordenação ou comissão organizadora da Feira Agroecológica de Remanso é composta pela representação dos grupos produtivos e associativos, IRPAA e SASOP. Vale a ressalva que na feira não existe nenhum feirante ou produtores(as) sem vínculo com esses grupos produtivos e associativos, ou seja, todos fazem parte de associações e grupos informais. A representação dos grupos produtivos e associativos possuem coordenadora, tesoureira e secretária, que foram eleitas de forma democrática em assembleia e permite a gestão compartilhada da iniciativa.

Assim dialogamos, sempre com esse grupo que reúne constantemente, na periodicidade de 15 dias e sempre que surge alguma dificuldade chamamos uma reunião on line, as vezes a noite, e discutimos os problemas e encaminhamos, o diálogo é sempre muito bom com IRPAA, SASOP e os grupos (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

O local de realização da Feira Agroecológica de Remanso no início foi a saída do mercado municipal, posteriormente foi deslocada para a praça principal do município, a praça Manoel Firmo Ribeiro. O espaço permite a montagem e instalação da feira, e conta com amplo espaço para estacionamento, são disponibilizados pela prefeitura banheiros químicos e local de higienização das mãos para uso dos feirantes/produtores(as) e consumidores(as). No início de 2023, a Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca, propôs que a feira fosse realizada em um novo local, que foi construído recentemente ao lado do mercado municipal e possui maior conforto térmico, banheiros e local de estacionamento. A coordenação está avaliando o processo de transferência, uma vez, que a secretaria pediu como contrapartida que a feira seja realizada em dois dias da semana. Conforme figuras 8, 9 e 10, que mostram a estrutura ofertada para o funcionamento da Feira Agroecológica de Remanso.



**Figura 8:** Vista frontal do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso



Fonte: O autor (2023)

**Figura 9:** Vista lateral do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso



Fonte: O autor (2023)

**Figura 10:** Vista dos banheiros do possível local de realização da Feira Agroecológica de Remanso



Fonte: O autor (2023)

A feira possui atualmente como estrutura, 2 toldos com dimensão de 6mx6m, 10 barracas e uma balança digital, todos os itens foram conseguidos a partir do projeto pró-semiárido, sendo essa a estrutura mínima para o funcionamento da feira.

No começo era muitas barracas, não dávamos conta, e ai hoje estamos somente com seis barracas mais persistentes. Porque as pessoas as vezes ver uma ilusão, ver tudo muito bonito e organizado, e quando entra vê que não é tudo assim tem problemas, gastos, as vezes vem e não vende nada ou muito pouco, e perde a ilusão que venderá tudo rapidinho. O nosso padrão é seis barracas que segura a feira semanal, são elas que estão todas sextas-feiras lá marcando presença. Tem período que chega a ter 10 barracas, dependendo da produção, do período do mês, e tem gente que está vindo de 15 em 15 dias, tem duas barracas a da Melosa e do Novo Marcos. Ou até mais nos dias de evento, e quando todos querem vim, ai chega a ter 10 barracas tranquilamente (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Os (As) feirantes/produtores(as) são ao total de 12 pessoas, 11 mulheres e 1 homem, sendo que uma das barracas são ocupadas por duas feirantes devido ao baixo volume de produtos que é comercializado por elas. A comercialização acontece de forma direta com os(as) consumidores(as) que utilizam de pagamentos em dinheiro e via PIX e não utilizam maquinas de cartões.

Os produtos ofertados estão inseridos em sete categorias, conforme quadro 7.

**Quadro 7:** Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica de Remanso

<b>Categoria</b>	<b>Número de barracas</b>	<b>Produtos comercializados</b>
Tubérculos.	1	Mandioca, abobora e outras raízes.
artesanato em pano e madeira.	2	Panos de prato, forros de mesa, toalhas de banho, puxa-saco, artigos de decoração e lembranças escupidos em madeira e outros itens.
alimentos prontos de consumo rápido e no local.	1	café, sucos, bolos, tapioca, torta e pão de queijo.
Hortaliças.	2	Diversas hortaliças como alface, coentro, maxixe, pimentão, pimentinhas e tomate cereja, além de sementes diversas.
Produtos processados.	1	Mel de abelha (apis melífera e abelhas nativas) doce de umbu, ervas medicinais, farinha, feijão, corante caseiro, umburana de cheiro, café dentro outros.
Ovos.	1	ovos caipiras com origem de dois produtores diferentes.
Frutas.	1	Melancia, limão, acerola, mamão e bananas.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Quando começou a feira, nós já tínhamos a banana plantada, e eu planto também o coentro, macaxeira e sempre trago muitas coisas para cá. Eu só comercializo aqui na feira mesmo, não tenho nenhum outro lugar para vender. Para a feira eu produzo, banana, macaxeira, coentro, acerola, mamão, sabão caseiro, ovo e outras coisinhas, eu tenho um poço lá e não falta água para produzir, e tem época tem o rio que chega bem pertinho das minhas plantações na cheia (FEIRANTE/ PRODUTOR – 6, 2022).

Enfim, a Feira Agroecológica de Remanso consegue ter diversidades de produtos para a comercialização de forma direta, vem conseguindo promover melhoria na segurança alimentar e nutricional de consumidores(as), envolvimento e protagonismo de mulheres. Além disso, a feira vem contribuindo no impulsionamento de outras feiras nos municípios da região, com destaque para Pilão Arcado e Campo Alegre de Lourdes.

#### *4.2.1.4 Histórico e estrutura da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro*

A Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro, com funcionamento no Armazém da Caatinga na Orla II Bossa Nova em Juazeiro, teve início em 29/06/2022. Sendo resultado de esforços da Cooperativa Agropecuária Familiar Orgânica do Semiárido (COOPERVIDA), Associação dos Produtores Orgânicos do Vale do São Francisco (APROVASF), Central de Comercialização das Cooperativas da Caatinga (CECAAT). IRPAA e da Prefeitura de Juazeiro via Agência de Desenvolvimento Econômico, Agricultura e Pecuária (ADEAP).

A proposta inicial foi a realização da feira em dias alternados, com a comercialização somente dos produtos orgânicos com certificação nas quintas-feiras e a comercialização dos produtos agroecológicos nas sextas-feiras e sábados, porém após avaliação da coordenação em conjunto com os(as) feirantes/produtores(as) dos produtos agroecológicos ficou estabelecido a paralisação da comercialização aos sábados. A justificativa foi a falta de produtos e baixa adesão de consumidores(as) aos sábados, ressalva ainda, que a comercialização agroecológica ainda é uma novidade no município de Juazeiro.

No início tinha a ideia, e até fizemos a feira agroecológica em dois dias, na sexta e sábado, mas aí a gente viu que não dava, não temos muita produção assim para trazer para cá. Mas, deixamos para o futuro voltar com a de sábado, porém para isso temos que aumentar as vendas e produção, vamos esperar e ver o que acontece

(ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

Diferentemente, a comercialização de produtos orgânicos em feiras na região denota o ano de 2006, como iniciativa da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Paranaíba (CODEVASF), surgindo primeiro em Petrolina/PE e depois em Juazeiro/BA. Nesse período, foi criada a Central de Comercialização de Orgânicos, e surge a primeira feira da região no bairro Areia Branca em Petrolina/PE, que depois passou por outros lugares como o Parque Josefa Coelho, estacionamento do SEBRAE e funciona desde 2018 no Mercado Municipal de Produtos Orgânicos no bairro Areia Branca.

No mesmo período e visualizando a movimentação em Petrolina/PE, os(as) produtores(as) orgânicos de Juazeiro/BA também começaram a se organizar para a realização de sua feira de orgânicos, a princípio na praça Santiago Maior no centro, depois foi transferida para o estacionamento da Casa do Artesão, e no ano de 2022 foi transferida novamente para o espaço do Armazém da Caatinga.

Desse jeito, começou a surgir a produção, aí o Osnam conseguiu criar uma central de comercialização de orgânicos, dando assim o surgimento da primeira Feira lá na Areia Branca, depois ela foi para outros cantos, o SEBRAE colocou lá no espaço deles, esse momento foi bem nômade, foi até para o parque Josefa Coelho. Enquanto isso acontecia em Petrolina, o pessoal de Juazeiro começou a se articular também, principalmente o pessoal da horta Povo Unido e criou a feira de Juazeiro. Ela começou em uma praça próximo da orla, e depois veio para a Casa do Artesão, e ficou por lá até o surgimento desse espaço do Armazém da Caatinga (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A partir das experiências com a Feira de Orgânicos, a Feira Agroecológica e Orgânica surgiu com o objetivo de ser semanal diferenciando de outras iniciativas que apostam em períodos maiores para depois fazerem de forma semanal. A opção por serem em dias alternados foi debatido em reunião com todos os envolvidos, sendo considerado que os produtos orgânicos que possuem certificação por auditoria não podem correr o risco de contaminação, sendo impossível realizar esse controle com a comercialização sendo feita em conjunto com os agroecológicos, que também não utilizam agrotóxicos, porém sem um controle mais rigoroso.

Para fazer parte da Feira somente com produtos certificados, podendo ser por certificadoras ou pelo modelo participativo. Atualmente a feira acontece duas vezes na semana, na quinta-feira com os produtores certificados, e na sexta-feira com os produtores agroecológicos, que nem sempre estão certificados (FEIRANTE/PRODUTOR – 7, 2022).

A coordenação ou comissão organizadora da Feira Agroecológica e Orgânica

da Orla de Juazeiro é composta pela APROVASF, Prefeitura Municipal de Juazeiro, IRPAA, CECAAT e COOPERVIDA. Vale a ressalva que na feira não existe nenhum feirante ou produtores(as) sem vínculo com Associações ou Cooperativas da região.

As decisões sobre a feira, sempre são tomadas em conjunto, e tratada diretamente com a prefeitura, temos uma relação boa. Agora, quando mudamos para o Armazém já temos o pessoal do IRPAA, que está dando um bom suporte para nós. Então a coordenação atualmente é a Prefeitura, APROVASF e IRPAA. E mais para a feira de sexta-feira tem a Central da Caatinga e a COOPERVIDA (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Como dito anteriormente, o local de realização da Feira Agroecológica e Orgânica de Juazeiro é o espaço do Armazém da Caatinga na orla II de Juazeiro, que oferece uma excelente estrutura e conforto para os(as) feirantes/produtores(as) e consumidores(as). “O espaço atual da feira de Juazeiro, tem uma boa estrutura, com bastante conforto, para os feirantes e consumidores bem mais aconchegante que o anterior” (FEIRANTE/PRODUTOR – 8, 2022). O espaço permite a montagem e instalação da feira, e conta com espaço para estacionamento.

Para a demonstração e análise do número de barracas feirantes e produtores(as) inseridos, é necessário a separação das duas edições da feira. Pois, a organização e inserção dos atores sociais e oferta de produtos são diferenciadas, sendo que o maior número de produtos para as edições das quintas-feiras são os produtos vegetais e já nas edições de sextas-feiras, além dos vegetais existe uma boa quantidade de produtos de artesanatos.

Sendo assim, as edições de quintas-feiras com a comercialização dos produtos orgânicos, possuem 10 barracas e com 13 feirantes/produtores(as) inseridos, com a proporção de 7 mulheres e 6 homens. Outra característica marcante das edições de quintas-feiras são a inserção de dois feirantes que não são produtores (algo que não acontece nas outras feiras da região), ou seja, que adquirem os produtos de produtores(as) da região e até mesmo adquire de outras regiões do país e comercializam na feira, contribuindo para manter a diversidade, porém não sendo possível afirmar como se dar as relações com os produtores(as) em relação ao retorno financeiro e as possibilidades de exploração.

Em relação aos produtos comercializados nas edições de quinta-feira, em relação aos produtos orgânicos certificados, não há separação por categorias de

produtos, e sim distribuição de barracas por regiões e/ou afinidades entre os(as) feirantes/produtores(as). Sendo assim distribuídas, conforme quadro 8.

**Quadro 8:** Distribuição das barracas e seus produtos da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro nos dias de quintas-feiras

Barraca	Produtos comercializados
1	Lanches e cosméticos, sendo essa a única que não possui certificação de orgânicos.
2	Bananas e batata doce.
3	Alface, coentro, abobora, abobrinha, mamão, limão, acerola, beterraba e alho poro.
4	Uva, tomate cereja, banana.
5	Produtos minimamente processados como abobora, mandioca, cenoura, pepino e outros produtos.
6	Produtos minimamente processados como abobora, mandioca, cenoura, pepino e outros produtos.
7	Abobora, inhame, goiaba, manga, acerola, uva e outras frutas.
8	Abobora, inhame, goiaba, manga, acerola, uva e outras frutas.
9	Cebola, repolho, pimentinha, suco de uva, doces, merrilho, maçã e outros produtos.
10	Folhosas incluído, couve, alface, alface americano, cebolinha, rúcula, alho poro.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

No quadro acima fica evidente que a prioridade da feira são os vegetais e demonstrando grande variedade de produtos para a comercialização, e as barracas estão estabelecidas por produtos e não por categorias de produtos.

Não existe uma separação por barraca os tipos ou categorias de produtos, precisamos avançar nessa organização da produção e chegada dos produtos até a feira. Sobre isso, por exemplo, combinamos entre nós para não ter concorrência, tipo o pessoal produz hortaliças, então ninguém mais sem ser da horta trás esses produtos, assim evitamos concorrência entre nós. No meu caso, eu produzo frutas, batata, inhame essas coisas e não produzo hortaliças para não concorrer com outros que vem dos assentamentos ou hortas urbanas. Se todo mundo trazer os meus produtos, será prejuízo para todos, e o consumidor não vai gostar de não ter maior variedades (FEIRANTE/PRODUTOR - 7, 2022).

Nas edições de sextas-feiras com a comercialização dos produtos agroecológicos, possuem 4 barracas sendo 3 barracas com produtos vegetais e 1

barraca com artesanatos em couro. Estão inseridos 8 feirantes/produtores(as) na proporção de 7 mulheres e 1 homem. As origens dos produtos vegetais em sua maioria são dos assentamentos do Movimento dos Sem Terra (MST) da região, Coopervida, rede de mulheres e Pré núcleo.

Sendo que o Pré núcleo oferta produtos minimamente processados como a abobrinha e couve. Os artigos de artesanatos em couro não possuem boa oferta de produtos e os valores estão fora dos padrões regionais.

Na feira de sexta os agroecológicos, está bem fraco a parte de produção vegetal, o que temos são as verduras e outros produtos que vem do MST, Coopervida e rede de mulheres e o pré núcleo. O pré núcleo estão vindo com as abobrinhas, couve tudo já cortadinho, os minimamente processados, e vende tudo, vem tudo bem mais organizado. Atualmente estamos com 3 bancas de vegetais e vamos para 4 bancas, e essas barracas são muito importantes para a feira, dão um gás para a feira. Já o artesanato, está muito fraquinho, elas não estão explorando a questão turística, e precisa de ter mais produtos de lembranças, algo que fosse lembrança do rio São Francisco, Juazeiro e hoje não tem, hoje só tem artesanato do couro de um senhorzinho, e bem caro. Rrsr. Atualmente o que mais vende, sai são os vegetais, é o coração da feira. E tem também as barracas de lanche, porém ainda tem muita falha, nem, a maioria são mães solas, e criança adoce e não tem como vim para a feira. Somente os vegetais é que vieram em todos os dias, as outras sempre faltou algum dia de feira (ASSESSORIA TÉCNICA - 4, 2023).

Pelo relato da assessoria as edições de sextas-feiras necessitam de nova estruturação e sensibilização para a inserção de feirantes/produtores(as) com maior número de produtos para serem comercializados.

#### *4.2.1.5 Síntese dos históricos e estruturas das Feiras Agroecológicas e Orgânicas*

Em síntese dos históricos e estruturas das quatro Feiras Agroecológicas e Orgânicas analisadas no presente estudo, é notório e pertinente afirmar que apesar do modelo excludente de produção, as iniciativas estão mantendo a gênese de nova dinâmica de organização com estratégias coletivas de produção e comercialização, demonstrando princípios de autogestão e integração de empreendimentos econômicos solidários, dialogando assim, diretamente com as análises desenvolvidas por Dias e Oliveira (2019).

Os históricos das iniciativas demonstram o protagonismo das mulheres na condução e inserção nas Feiras Agroecológicas Orgânicas, abrangendo a produção

nos quintais produtivos, comercialização e com movimentação monetária demonstrando o trabalho feminino inseridos nos municípios e território. Porém, os processos de desigualdade e divisão dos trabalhos domésticos necessita de grandes transformações estruturais, contribuindo com as análises de Siliprandi (2015).

Em relação a inclusão do poder público nos processos desenvolvidos acontecem apenas nas feiras desenvolvidas nos municípios de Remanso e Juazeiro (Feira da Orla), portanto existe a necessidade maior de construção de parcerias e impulsionar políticas públicas municipais que inclua as Feiras Agroecológicas e Orgânicas. Ou seja, existe a presença de privações o que difere do que é proposto por Sen (2010) e Oliveira (2018), em relação ao desenvolvimento como “ausências de privações” e as políticas públicas devem contribuir para esse aumento, e que é influenciada pela qualidade da participação social em suas formulações.

#### 4.3 IMPACTOS NA GERAÇÃO DE RENDA E INSERÇÃO ECONÔMICA

Como elemento importante para reflexões sobre os alcances dos circuitos curtos de comercialização, a geração de renda e inserção econômica das feiras agroecológicas e orgânicas que estão sendo desenvolvidas no território Sertão do São Francisco, nos permite afirmar que nesse componente os(as) agricultores(as) familiares impulsionados pelas iniciativas vem buscando obter resultados satisfatórios mesmo sem as devidas mensurações dos custos para ser possível a afirmação sobre a sobra líquida e geração de renda final para os(as) envolvidos (as). Porém, merece destaque a busca pela diversificação de produtos, que está estritamente ligado a geração de renda bruta, que segundo Mikulcak et al. (2015), para o enfrentamento da globalização e alcançar a geração de renda e promover a inserção econômica, é necessário a diversificação da produção visando ganhos monetários significativos.

##### **4.3.1 GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MASSAROCA/JUAZEIRO**

A geração de renda e inserção econômica da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro para os(as) feirantes/produtores(as) são significativas no que se refere a renda bruta, principalmente para as mulheres que passam por dificuldades no acesso a melhoria de renda e das condições de vida. Porém, para maiores mensurações sobre a renda líquida final o estudo demonstra a necessidade



de análise dos custos de produção. Como pode ser visto a partir do depoimento da assessoria técnica da feira.

As feirantes, você viu nem, **a maioria são mulheres**. E elas estão conseguindo ter uma renda, na última feira víssemos um balanço por alto e deu R\$ 4.200,00 de **receita bruta** da feira como o todo. Apenas uma barraca conseguiu vender 700,00, é uma renda que elas não tinham. Muitas dessas mulheres estão buscando não depender dos maridos e criar sua própria renda (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022, *grifo nosso*).

O processo de emancipação feminina em relação a renda, frente aos companheiros e maridos, torna-se marcante para as produtoras/feirantes inseridas na feira. Mesmo que demande ainda muito tempo para ser totalmente ressignificado, o componente renda tem o seu papel preponderante. Mesmo sem a avaliação dos custos de produção de forma mais precisa, é perceptível a movimentação financeira promovida pelas mulheres. Como exemplo da contribuição pela inserção econômica podemos citar,

eu me lembro do caso da Alice, que conta que ela tinha umas vacas e ela vendeu e colocou o dinheiro na conta do marido. A intenção dela era comprar uma moto para não precisar de transporte de outras pessoas. Dai quando ela pediu o dinheiro **o seu próprio dinheiro, para o marido, ele disse que não ia dar, por que ela não precisava de moto**. Com isso, ela começou a plantar, criar animais e roça, trabalha como um louca no quintal. Depois de um tempo, ela conseguiu juntar um dinheiro para comprar uma moto zero na loja, foi uma conquista e tanto. Hoje o marido é totalmente dependente dela (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022, *grifo nosso*).

Porém, a mesma entrevistada afirma que o processo de monitoramento e mensuração da renda líquida final é ineficiente e precisa de maior controle sobre os resultados obtidos para dar visibilidade ao poder de geração de impactos e inserções econômicos a partir da feira.

O nosso monitoramento com a feira é feito de maneira direta com os feirantes, sem nenhuma planilha, e precisamos de algo mais técnico para ter um controle melhor dos resultados. Eu pensei em algo que o próprio agricultor pudesse preencher e ser bem simples (ASSESSORIA TÉCNICA - 2, 2022).

Pelos relatos e análises dos dados coletados durante as entrevistas é notório, que nos momentos que possuem eventos ou novidades na feira, acontecem os maiores faturamentos brutos, além de atrair novos(as) consumidores(as). Conforme relato abaixo.

Na nossa primeira feira circulamos 4.200,00 para 13 feirantes, foi muito boa. Deu uma renda bruta para as pessoas. Além disso, o consumidor gostou, a maioria voltou hoje e diz que o produto é muito bom. E teve uns consumidores diferentes (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022).

Para o grupo de feirantes/produtores(as), a Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro é um bom canal de comercialização e auxilia na movimentação econômica, principalmente para os (as) feirantes/produtores (as) que conseguem ter produções diversificadas e com regularidade para serem ofertadas para os(as) consumidores(as). Conforme relato de uma das produtoras/feirantes entrevistada.

Para ser sincera a gente entende que aquelas que produz muito, a feira dá um retorno legal, tem uma das produtoras consegue ter diversidade, produz muito, tem água, que é fundamental, em poço e consegue ter um retorno bom. No meu caso tenho que produzir pouco, por que uso a água encanada do SAAE do rio e usar muito o custo fica bem alto (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

Além da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro muitos(as) feirantes/produtores(as) inseridos na iniciativa, conseguem manter outros canais de comercialização. Porém eles(as) têm a feira como vitrine ou exposição dos produtos, e assim de forma indireta a feira contribui para a potencialização da comercialização via outros circuitos curtos, principalmente nos intervalos de uma edição para outra. Rompendo inclusive os limites do território, chegando em locais mais distantes, mas sem perder a característica de venda direta aos consumidores(as).

Além da feira nós conseguimos comercializar fora, na verdade já tínhamos esses canais antes da feira, com ela essas comercializações foram potencializadas, principalmente pela divulgação e muitos clientes pega o meu número do zap, então a gente aproveita no intervalo de 15 dias que não tem a feira, para vender nesses outros lugares e para outras pessoas. Assim a gente consegue fazer entregas, delivery, aqui na Massaroca, Juremal, Juazeiro e até Senhor do Bonfim, além das comunidades que ficam mais próximas da minha (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

Como forma de geração de renda bruta a feira ainda contribui para a divulgação de experiências exitosas, e a partir disso promover visitas de intercâmbios com fornecimento de alimentação e hospedagem, impulsionando a inserção econômica dos envolvidos. Vale a ressalva, que esse caso não é recorrente para todo o público da Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro, mas sim um caso bem sucedido de uma das feirantes/produtoras.

Outro ponto, que nos ajuda muito a comercializar os nossos produtos

é a divulgação, principalmente aqui na feira, colocamos o banner com a divulgação do Sitio Santa Clara, e isso dá muito certo. Minha filha criou também o Instagram e que vem ajudando a gente a divulgar e vender também, principalmente para os doces e pimenta, e cada vez mais estamos recebendo pessoas na nossa área e estamos conseguindo gerar renda com essas visitas (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

Em casos de produtos que mesmo sendo usados em outros canais de comercialização de forma direta, não são escoados, possuem outras destinações, “não tem desperdício, e caso contrário, a gente posta nas redes sociais, e logo vende, a perda de produtos é zero e as vezes até doa para os vizinhos e pronto” (FEIRANTE/PRODUTOR - 4, 2022).

Mesmo com o potencial desenvolvido de geração de renda bruta, em muitos momentos feirantes/produtores(as) não conseguem comercializar todos os seus produtos em uma edição de feira, o que acaba por desanimar ou interfere na ocorrência de diminuição da oferta de produtos de uma edição para outra, como relata a (FEIRANTE/PRODUTOR - 4, 2022), “E produtores, tem que entender que em feira nem sempre vende tudo, e temos que ter sabedoria que às vezes temos que voltar com alguns produtos para casa”. Nesses momentos a coordenação da feira esclarece ou dialoga nas reuniões, que esse pensamento e atitudes não é mais indicado e busca a conscientização como é o caso de uma das entrevistadas,

não podemos ter o pensamento assim, a não vou para feira por que não vou vender tudo aí deixa de vim, e o principal é fortalecer esse espaço que é da agricultura familiar, e se eu não venho a minha barraca fica aqui vazia nem, e isso deve ser evitado (FEIRANTE/PRODUTOR- 3, 2022).

Para além da geração de renda bruta, os(as) feirantes/produtores(as) mantêm vínculos de solidariedade entre si, mesmo que não comercializa em determinado momento, eles (as) visualizam como estratégico o espaço e a necessidade de fortalecer a construção da iniciativa,

se eu fosse pensar **somente na renda, eu não viria, pois ainda não está compensando a minha despesa de transporte é alta**, está sendo assim hoje, mas futuramente isso vai mudar. Eu sei que se organizar bem, a feira dá dinheiro o desafio é produzir e fazer chegar aqui na feira, com diversidade e com escala maior. Para tu ver, as vezes venho e não trago nada, até porque estou na comissão organizadora e tenho o compromisso de estar aqui presente e animar as companheiras que estão aqui na feira. Eu nunca fiz os cálculos para saber o meu lucro, essa é uma falha grande, e se fizer sinto que irei

desistir... mas **não desisto por entender que a feira é algo maior que apenas a comercialização**. O que dita o preço é os preços de mercado e vamos fazendo assim, sem fazer os cálculos dos custos (FEIRANTE/PRODUTOR - 4, 2022, *grifo nosso*).

Pelos relatos acima e a partir da observação participante existe a necessidade de mensuração melhor os custos de produção e transporte para que seja avaliado a geração de renda real da iniciativa. Porém, em relação movimentação de recursos financeiros e faturamento bruto a Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro nos permite afirmar que estão sendo satisfatórios, apesar de não ter mecanismos mais eficientes de mensuração, é possível estabelecer valores de forma intuitiva e a partir das observações dos (as) feirantes/produtores(as) e comissão organizadora,

a feira que a gente menos vende, **conseguimos livre R\$ 100,00, depois de tirar a gasolina, merenda, pneu quando fura**. A coordenação está organizando um controle para termos melhor os números, precisamos disso, pois para chegar até aqui temos muitos custos que tem que ser avaliado para saber se está compensando. Já chegamos a vender aqui uns R\$ 400,00 total, e isso é muito bom, **tirando os custos sobre ai uns R\$ 250,00** (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022, *grifo nosso*).

A partir das entrevistas e interações com os(as) envolvidos(as) incluindo as organizações sociais, organizações de assessoria, feirantes/produtores(as) e comissão organizadora, foi possível a elaboração da seguinte tabela com os números aproximados alcançados durante o ano de 2022, que foram validados pelas categorias analisadas.

**Tabela 7:** Balanço geral da Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro no ano de 2022

Meses	Número de feirantes/produtores(as)	Média bruta por feirante por feira(R\$)	Número de feiras realizadas	Valor do faturamento bruto mensal(R\$)
Abril	13	320,00	1	4160,00
Mai	10	200,00	2	4000,00
Junho	10	200,00	2	4000,00
Julho	9	200,00	2	3600,00
Agosto	9	200,00	2	3600,00
Setembro	8	200,00	2	3200,00
Outubro	9	200,00	2	3600,00
Novembro	8	200,00	2	3200,00
Dezembro	9	200,00	2	3600,00
<b>TOTAIS</b>			<b>17</b>	<b>32.960,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Portanto, os números evidenciam que a Feira Agroecológica da Massaroca/Juazeiro proporcionou entre os meses de abril a dezembro/2022 (9

meses) o faturamento ou geração de renda bruta média de R\$ 3.662,00/mês ou R\$ 1.831,00/feira, considerando que o número de médio de feirantes/produtores(as) foi de 9 pessoas por feira no mês e que foram realizadas 17 edições da feira. Os valores brutos médios por feirante/produtor por feira alteraram de R\$ 200,00 a R\$ 320,00, com média de R\$207,00.

Os números evidenciam que a iniciativa está inserida como mais uma fonte de receita bruta para agricultores(as) familiares de forma direta, e que contribui para a inserção econômica sobretudo de mulheres agricultoras.

#### 4.3.2 GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ

A Feira Agroecológica de Sento Sé no mês de julho de 2022 completou 3 anos de existência, com isso o processo de faturamento ou geração de renda bruta está mais consolidado em relação as demais iniciativas do território. Sendo o destino preferido para a realização de intercâmbios e trocas de experiências para outras feiras agroecológicas e orgânicas da região. Porém, para maiores mensurações sobre a renda líquida final o estudo demonstra a necessidade de análise maior dos custos de produção e logística até os locais das feiras. Em relação a movimentação financeira e com possibilidade de geração de renda líquida os resultados mostram que são significativos para as mulheres envolvidas, que são a maioria dos(as) feirantes/produtores(as). Seguem relatos que confirmam essa análise preliminar.

As feiras estão conseguindo ter uma renda boa, na última feira vísemos um balanço por alto e deu uns R\$ 400,00 por barraca de **venda bruta**. Teve uma que conseguiu mais, foram uns R\$ 600,00, é uma renda que as mulheres não tinham. Sem dependência do marido, uma revolução (risos) (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022 *grifos nosso*).

Em questão financeira, eu acho que está tendo algum retorno. Tinha muitos feirantes que perdiam as suas produções nas comunidades, por não ter essa oportunidade de estar expondo a sua produção. Hoje como eles conseguem produzir, e ter essa oportunidade de vim para feira, eles vêm e ficam bem satisfeitos com o resultado. Traz o seu produto vende tudo, e eles mesmo relatam que tudo que traz vende, não tem muita perda não. Pois, tinha gente que perdia mesmo a sua produção, e muita coisa (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

A coordenação e a assessoria técnica da Feira Agroecológica de Sento Sé têm como preocupação a questão financeira, pois eles entendem que esse componente é aglutinador de pessoas e possibilita a continuidade da iniciativa de comercialização

em circuitos curtos.

A questão financeira sempre estamos questionando. Será que tem viabilidade a feira? Pois, a maioria tem que o custear o transporte, e o município em território é muito grande, principalmente com esse aumento agora do combustível. **Às vezes a sensação que tem é que não está compensando**, mas por outro lado, se não tivesse eles não estariam vindo e eles continuam vindo. Mas, a gente tem que chegar na barraca e perguntar e aí, quanto você está ganhando? Está ganhando alguma coisa? Está tendo prejuízo? Você ganhou quanto nessa feira? Quanto foi que você gastou para chegar até aqui? Como você fez para trazer os produtos? Está valendo a pena? Não é querendo desanimar as pessoas, mas entender e ver se realmente está valendo a pena (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022, *grifo nosso*).

Assim como acontece nas outras iniciativas pesquisadas para a elaboração da presente tese, falta o controle financeiro da feira para a quantificação e análises dos resultados econômicos alcançados, mesmo já ter sido trabalhado essas questões com os(as) envolvidos(as) diretamente, as planilhas foram abandonadas ou não tiveram as devidas aderências.

A gente já tentou trabalhar com uma ficha de controle, mas como a gente deixou com os ACR's essas fichas da CESOL acabou se perdendo. Essas fichas tinham produtos, valor, quantidades, se é PIX, dinheiro ou se é maquininha. E tem como você marcar tudo, e marca um X, nem, aí a gente passou isso para o pessoal. E isso é importante também, para mostrar para o município que a feira é viável (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

O único mecanismo de mensuração da geração de renda e inserção econômica são as reuniões de avaliação que ocorrem sempre após as edições da feira, e permite a socialização dos resultados com a coordenação, que mantém o diálogo permanente com os(as) feirantes/produtores(as) durante a realização das edições, e sempre com questionamento sobre os alcances financeiros reais, após a retirada dos custos. Porém, pelo relato abaixo é perceptível que o mecanismo é insuficiente.

A gente sabe o montante que conseguimos, por que a gente fica perguntando no final da feira, na hora da avaliação. Mas, esse ano eu não estou vendo muito isso. Ano passado, a gente teve uma noção melhor do quanto. Com isso, no final desse ano vamos ter mais dificuldades para saber quanto a feira rendeu (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Segundo relatos dos(as) pesquisados(as), os(as) integrantes possuem controles pessoais da geração de renda bruta e inserção econômica que estão sendo auferidos nas comercializações realizadas nas edições da feira.

Para o meu controle eu anoto tudo em casa, e quando eu retorno eu sei o que vendeu e vou repassando para aqueles que eu peguei produtos. E eu só peço ajuda para o ônibus, que eu pago para trazer. O único produto que não é assim, é a banana, pois o produtor prefere me passar por um valor fixo pela dúzia, e o que passar fica para mim (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Na tentativa de organizar essas questões financeiras da Feira Agroecológica de Sento Sé, a coordenação com a contribuição dos assessores e do pesquisador, elaborou o Fundo Rotativo Solidário para a feira que vem conseguindo auxiliar no processo de arrecadação e destinação de recursos para os custos fixos imbuídos no processo de realização das edições da feira. Para sua movimentação foram realizadas rifas, doações e aportes pelos(as) feirantes/produtores(as), conseguindo o valor que julgaram necessário para a realização da feira durante todo o ano de 2022.

A questão do fundo rotativo, já trouxemos uma capacitação e fizemos uma conversa com a coordenação. E agora no dia 25 de maio, vamos ter uma reunião ampliada com todos os feirantes. O capital, que conseguimos reunir com a rifa está em 2.000,00 e alguma coisa. Mas, temos uma proposta que até o mês de novembro, o IRPAA, vai dobrar o que tivermos no fundo rotativo, mas que nós tínhamos de fazer um esforço para aumentar esse montante. Nós temos as caixinhas nas barracas, para que os clientes pudessem contribuir, mas acaba que os feirantes esquecem de trazer (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Assim o Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé terminou o ano de 2022 com o montante de R\$ 14.000,00, após o IRPAA ampliar o montante conseguido em 100%. Resultado esse obtido após esforços significativos da coordenação, feirantes/produtores(as) e com a contribuição dos(as) consumidores(as).

Para muitos(as) feirantes/produtores(as) a feira não é o único canal de comercialização, eles e elas fazem as suas comercializações na própria comunidade ou nas comunidades vizinhas, mas vale ressaltar que se mantém a comercialização via direta, ou seja, por circuitos curtos.

A maioria dos feirantes, além da feira comercializa com as comunidades vizinhas, no trajeto da comunidade até a feira, eles já vêm comercializando. Às vezes é por isso também, que já chega poucos produtos na feira. Porque, eles já vêm vendendo pelo caminho. A nossa produção, não perde, porque tem as galinhas e porcos que comem tudo. Os nossos produtos que vêm, nunca volta, e se voltar é

o mínimo e fica para o consumo de casa, mesmo (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Especificamente no município de Sento Sé, a Feira Agroecológica de mesmo nome do município (Sento Sé), é a única feira existente, não existe a feira de produtos convencionais, sendo que os produtos agrícolas para a alimentação humana são feitos nos pontos fixos de comercialização denominados de verdurões e nos supermercados. Com isso a iniciativa está sendo estratégica para demonstrar que existe produção no município e que se pode comercializar os produtos dentro do próprio município sem a necessidade de recorrer ao CEASA de Juazeiro.

Tem outro detalhe, aqui em Sento Sé, não tem a feira livre essa feira livre tradicional, que tem em outros municípios aqui da região. Então a feira agroecológica é diferente, não é igual a feira livre, mas ela se insere no processo que é mais uma tentativa de comercializar os produtos dentro do município, e com o intuito de instituir uma feira dentro de Sento Sé (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

A produção convencional do município é toda comercializada via CEASA de Juazeiro/BA de forma que muitos dos produtos que são produzidos em Sento Sé, são destinados para o município de Juazeiro e depois retorna para o município de Sento Sé com os acréscimos de fretes, mostrando a sua insustentabilidade logística e produtiva.

E em Sento Sé, tem uma particularidade. O pessoal vende a sua produção tem que ter uma produção que enchesse um caminhão, aí esse caminhão levava essa produção para o CEASA de Juazeiro leva ainda, aliás leva ainda, acontece muito ainda, mas a gente quer cutucar essa realidade. Assim eles levam essa produção para o CEASA, e os comerciantes daqui de Sento Sé vai lá e busca esta mesma produção que saiu daqui. Compra tudo ali no local e vai embora mesmo sem saber, ou às vezes ele tá mesmo sabendo, que ele tá comprando um produto que é do seu vizinho. Você vê que é uma loucura né, e não tem muita sustentabilidade, assim não estou falando da produção agroecológica, mas sim da produção convencional com veneno, desde jeito dobra frete e esse custo vai para o produto sem necessidade nenhuma (ASSESSORIA TÉCNICA - 3, 2022).

Os produtos agroecológicos seguem uma lógica diferente da relatada acima, porém sofrem os impactos culturais desse tipo de organização da comercialização, relatos como: “eu planto meu tomatinho aqui e coloco no carrinho e saio para vender e não consigo vender nada que eu planto aqui no quintal, e eu perdi muito produto” (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022), demonstra que os(as) consumidores(as) não estão



sensibilizados para o acesso aos produtos sustentáveis, ou que preferem os produtos convencionais que são trazidos da forma insustentável persistente no município.

A transformação que a Feira Agroecológica de Sento Sé vem provocando e possibilitando a geração de renda bruta no município é notório, pois os(as) feirantes/produtores(as) afirmam que antes da feira a comercialização não existia na sede do município, tinham que comercializar nas comunidades e isso acaba por gerar perdas consideráveis.

Antes da feira não tinha comercialização para nois aqui na sede, era por lá mesmo. Um pouquinho nas comunidades vizinhas, perdia muito, a macaxeira mesmo, eles faziam a farinha para não perder. As hortaliças eles não plantavam para não perder, plantava somente para o consumo mesmo, não fazia o excedente. **Agora na feira, eu trazendo só a banana, dá para tirar uns 150,00 por semana. Para quem traz mais diversidade, tira muito mais que isso.** Na primeira feira, eu juntei uma C-10 de produtos, para provar para eles que vendia, e vendi tudo, foi muito bom. A primeira feira foi top (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022, *grifo nosso*).

A partir do relato acima fica evidente a necessidade de diversificação da produção para a obtenção de volumes melhores de comercialização, e consequentemente permitir maior faturamento bruto para os(as) envolvidos(as) na iniciativa. A coordenação da feira mantém estreita relação e preocupação na geração de renda líquida, entendendo que esse componente é a mola propulsora da iniciativa e compreende-la é fundamental.

A feira precisa de ter lucro, porque a gente não consegue dizer, sim, eu sou autônomo e não consegue gerar o financeiro, né, porque senão como que eu vou falar que eu sou autônomo, sendo que meu processo de comercialização está negativo para mim no financeiro. Ou se você não tiver quem lhe ajude no caso da assessoria, eu não vou ter motivação para ir e nem vou conseguir. O pior que ter prejuízo, é não saber que tá tendo (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Dessa forma, por meio das entrevistas e interações com os(as) envolvidos(as) incluindo as organizações sociais, organizações de assessoria, feirantes/produtores(as) e comissão organizadora, foi possível a elaboração da seguinte tabela com os números aproximados alcançados durante o ano de 2022, que foram validados pelas categorias analisadas.

**Tabela 8:** Balanço geral da Feira Agroecológica de Sento Sé no ano de 2022

Meses	Número de feirantes	Média bruta por feirante por feira(R\$)	Número de feiras realizadas	Valor do faturamento bruto mensal(R\$)
Janeiro	10	390,00	4	15.600,00
Fevereiro	9	390,00	4	14.040,00
Março	10	390,00	4	15.600,00
Abril	11	390,00	4	17.160,00
Maio	9	280,00	4	10.080,00
Junho	10	280,00	4	11.200,00
Julho	10	280,00	4	11.200,00
Agosto	10	280,00	4	11.200,00
Setembro	9	400,00	4	14.400,00
Outubro	9	380,00	4	13.680,00
Novembro	10	400,00	4	16.000,00
Dezembro	10	350,00	4	14.000,00
<b>TOTAIS</b>			<b>48</b>	<b>164.160,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Portanto, os números evidenciam que a Feira Agroecológica de Sento Sé proporcionou no ano de 2022 a geração de renda bruta média de R\$ 13.680,00/mês ou R\$ 3.420,00/feira, considerando que o número médio de feirantes/produtores(as) foi de 10 pessoas por feira e que foram realizadas 48 edições da feira. Os valores brutos médios por feirante/produtor(as) por feira alteraram de R\$ 280,00 a R\$ 400,00, sendo assim a média de R\$ 390,00/feira/produtor(a)/feirante.

Os números evidenciam que a iniciativa está inserida como mais uma fonte de renda bruta para agricultores(as) familiares de forma direta, e que contribui para a inserção econômica sobretudo de mulheres agricultoras.

#### 4.3.3 GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE REMANSO

Com o histórico de ser realizada desde 2019 de forma mensal e atingindo a periodicidade semanal em janeiro de 2022, a Feira Agroecológica de Remanso completou em 2023 os seus 3 anos de existência. Mesmo com a necessidade de superação de desafios, mensuração de custos de produção e transporte o processo de movimentação financeira e inserção econômica está proporcionando recursos monetários para as mulheres que são a maioria dos(as) feirantes/produtores (as). Seguem relatos que confirmam essa análise preliminar.

As nossas feiras conseguem gerar renda, ainda não muito, mas, pensando que muitas dessas mulheres não tinham renda é positivo. Assim, por alto víssemos um balanço e deu uns R\$ 200,00 livres por barraca de venda. Lógico, é uma média tem umas que ganham mais e outras menos. Estamos no caminho e vamos conseguir melhorar esses números (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A Feira Agroecológica de Remanso vem conseguindo utilizar planilhas de controle dos alcances financeiros brutos, o método persiste em distribuir fichas de controle impressas e cada barraca fica responsável pela anotação das vendas e depois repassar para a coordenação e assessoria técnica. Por meio do acesso a planilha, que foi socializada com o pesquisador, é perceptível que existem falhas no preenchimento, mas, demonstra a preocupação na coleta e a sensibilização da importância do monitoramento desse componente.

Toda sexta-feira nós fazemos o controle de geração de renda, passamos uma ficha, onde a gente faz esse controle, e depois jogamos em uma planilha que eu fiz e depois tabula os dados, é bem simples e rústica (ASSESSORIA TÉCNICA - 1, 2022).

Além da planilha a questão financeira é gerenciada pelo Fundo Rotativo Solidário, que está incluído no regimento interno e mantém a sua funcionalidade para organização da feira. Apesar dos(as) entrevistados(as) afirmarem que o fundo não tem funcionado a contento, a proposta prevalece e após ajustes pode se tornar uma esfera essencial do controle financeiro da Feira Agroecológica de Remanso.

Estamos com a proposta que cada barraqueiro tenha um fundo, porém ainda não tem funcionado, mas quando criamos o nosso regimento interno, incluímos a criação de um fundo rotativo solidário, que seria mantido através de uma contribuição mensal que é de R\$ 10,00 (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

O fundo rotativo da feira, foi criado, porém ainda não está funcionando e tínhamos estipulado o valor de R\$ 10,00 mensal para arcar com as despesas que surgem no dia a dia da feira. Muito por falha da nossa tesoureira que não cobra e distribui os carnês (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Para a reflexão sobre os alcances financeiros das feiras agroecológicas e orgânicas, o item custo deve ser observado pela comissão organizadora e assessoria técnica, e a partir da junção das receitas com as despesas que é possível auferir os ganhos reais das iniciativas. Pensando assim, a Feira Agroecológica de Remanso possui como custo a montagem e desmontagem das barracas na praça, embalagens

de papel biodegradável e transporte das barracas até o local de realização da iniciativa.

O custo hoje da feira, é de R\$ 5,00 por barraca, para montar e desmontar as barracas nas sextas-feiras, com a ajuda de dois meninos. Tem além disso, o transporte das barracas até a praça, mas aí é o IRPAA e SASOP que bancam (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Nós temos custos que são semanais que precisam ser cobertos, pois toda sexta-feira os barraqueiros pagam pela montagem e desmontagem, já que eles não têm condições de vim do interior para montar, e assim eles ganham com isso. Assim pagamos dois jovens que fazem esse serviço, e eles pagam a taxa de R\$ 5,00, para garantir esse valor para os meninos. Ainda tem as embalagens de papel, que é biodegradável e que não impacta o meio ambiente, nós queremos fugir ao máximo do plástico e outros. No início isso foi garantido por um projeto do SASOP que tínhamos, com a sobra desse recurso conseguimos fazer isso, e agora essas embalagens já estão chegando ao fim. E aí, esse fundo será para isso para repor essas embalagens de papel, e dar continuidade na proposta (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Os custos individuais de produção na maioria das vezes são negligenciados pelos(as) produtores(as), com isso não sabem ao certo o valor que estão auferindo com a comercialização via feira. Porém, observa-se que o, componente renda é tangido também pela reciprocidade, laços fraternos e trocas de experiências que são desenvolvidos pelos integrantes durante as edições das feiras.

Os meus custos não é muito, mas eu digo que dá um retorno, a banana por exemplo, o meu custo é de molhar e as vezes colocar um esterco, e tem o custo com o óleo para bombear a água do rio, no geral é baixo os custos. E quando é usado a água do poço, não tem o custo com óleo, pois é por placar solar, apesar que teve o custo de colocar as placas para o sol bater e gerar a energia, as placas até hoje estamos pagando. As coisas que vendo tenho certeza que cobre os meus custos, mesmo sem fazer as contas certinho na ponta do lápis (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

Financeiramente se for olhar na ponta do lápis, não compensa muito, mas como eu já tenho produção boa, e tenho minha aposentadoria eu venho até mesmo para ter o que fazer, eu gosto muito de estar aqui conversando, vendendo e vendo muitas pessoas, é bom demais. A feira me ajuda a manter a minha saúde física e da minha cabeça, e no dinheiro me ajuda muito a acertar minhas contas, somando tudo só tem coisas boas (FEIRANTE/PRODUTOR - 5, 2022).

Os(As) produtores(as) que conseguem fazer os cálculos dos custos, observam que em muitas edições obtém prejuízos, mas continuam ocorrendo pelos motivos

relatos acima. Alguns produtos como o mel de abelhas nativas, que possuem alto valor agregado, são comercializados em menores escalas e os custos devem ser bem dimensionados.

A gente faz os cálculos para saber se vai dá para gente ganhar, os cálculos são feitos em cima do valor rótulo, embalagem, mão de obra e mais coisas. Porém, mesmo assim o custo de produção, por exemplo, do mel de mandassaia não cobre os custos, ele é bem mais difícil de produzir, demora mais, essas abelhas produzem pouquinho mel e para conseguir retirar um vidro de 275ml demora bastante tempo. Para trazer os produtos até a feira a gente vem de moto com o meu marido, o problema é que o custo de gasolina a gente acaba não incluindo no preço de venda e isso tenho certeza que faz é perder dinheiro (FEIRANTE/PRODUTOR - 5, 2022).

A Feira Agroecológica de Remanso funciona como exposição dos produtos para a conquista de novos canais de comercialização para vendas diretas, sendo assim, muitos dos(as) feirantes/produtores(as) mantêm a comercialização por outras vias e com contribuições da feira.

Eu vendo em outros locais além da feira como em feiras em outros municípios, no dia a dia, eu vendo mais na minha própria casa e com preços melhores que quando na feira daqui de Remanso. Mas, **a feira ajuda na divulgação**. Meus filhos vendem também pelo Instagram, Facebook e outros sites e manda pelos correios, principalmente para Petrolina e outros lugares. A renda de casa depois que comecei a vender na feira melhorou um pouco, não sei te disser o quanto, mas melhorou. E o principal, a feira faz uma boa divulgação dos produtos e abre possibilidade de vender em outros locais para outras pessoas fora da feira. (FEIRANTE/PRODUTOR - 6, 2022, *grifo nosso*).

Depois da concepção da Feira Agroecológica de Remanso, alguns produtores(as) vêm conseguindo obter melhores preços de vendas das suas produções, pois no passado a produção era adquirida pelos comerciantes do município a preços bem inferiores, e as margens dos(as) produtores(as) ficavam próximos do prejuízo. Atualmente eles conseguem obter a margem de sobra mais justas e com geração de renda mais qualificadas.

No passado antes da feira, eu cheguei a produzir e vender de 300 a 400 molhos de coentro aqui na cidade, já era encomendado, eu vendia de R\$ 1,00 e aqui na feira eu vendo de R\$ 2,50. **Eu vendia dentro do mercado para as bancas, vendia de R\$ 1,00 e eles vendiam de R\$ 2,50 a R\$ 3,00** (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022, *grifo nosso*).

A comercialização na Feira Agroecológica de Remanso consegue absorver praticamente todos os produtos ofertados, exceto os artesanatos, que possuem

saídas menores. Porém, os produtos como hortaliças, tubérculos e ovos, a saída é constante e com perdas insignificantes. Quando não ocorre a comercialização de todos os produtos expostos, os(as) produtores(as) possuem a sistemática de doações e trocas entre as barracas ou nas comunidades que estão inseridos(as). “Quando eu não vendo tudo aqui na feira, eu levo de volta e doou, as vezes troca, perder não perde, quando vejo que vai perder eu já doei aqui mesmo na cidade ou na comunidade” (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

Eu acho que compensa vim para a feira, pois eu vendo bem por aqui, e não tem desperdício, e é melhor que ficar parado e a doença chegar. Assim, todas as vezes que vim eu sempre vendo alguma coisinha, nunca deixei de vender, inclusive tem vezes que não sobra nada um dia mais, outro dia menos, mas sempre está vendendo (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

Portanto, mesmo que as feiras agroecológicas e orgânicas sejam modalidades de circuitos curtos de comercialização, nesse sentido a geração de renda é fundamental, porém, os(as) produtores(as) e feirantes possuem outras motivações para além do econômico, principalmente pela interação entre os(as) participantes e excelentes trocas de experiências, segue relato,

A minha motivação de vim participar da feira não é o dinheiro, assim a gente começa a vim e começa a gostar das pessoas que estão por aqui, bate papo, conversa e isso é muito bom. Tem feira que a gente não vende nada, mas tem outras que a gente vende bastante o jeito é participar em todas e ficar por dentro de tudo que está acontecendo. Sempre tem aquela motivação ou dúvida, tipo, será que nessa feira vai ser boa, ai a gente vem e tirar a dúvida para o bem ou para o ruim, mas no fundo é muito bom participar da feira. **Se fosse somente o financeiro a gente não participava**, tem vez que venho e eu não vendo nem o valor da gasolina, e mesmo assim eu venho e persisto. Tem também as amizades com as outras mulheres, ai é um ponto de encontro, tem reuniões que acontecem, sempre tem algum movimento por aqui. Temos que insistir, e uma hora da tudo certo (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

Para a demonstração dos resultados alcançados no componente geração de renda bruta e inserção econômica, na Feira Agroecológica de Remanso foram feitas diversas interações e análises de dados primários para sua compreensão. Nesse processo foram feitos diálogos com as organizações sociais, organizações de assessoria, feirantes/produtores(as) e comissão organizadora, e partir disso foi elaborado a tabela abaixo (Tabela 9) com valores aproximados e validados pelas categorias analisadas.

O ano de análise foi escolhido o ano de 2022, por considerar que esse ano foi o único com realização de edições em todos os meses do ano, e sem interrupções por motivos externos como a pandemia do Covid-19. Os dados não passaram por nenhum tratamento estatístico e está coerente com a metodologia qualitativa que foi empregada em todo o processo de desenvolvimento da presente tese.

**Tabela 9:** Balanço geral da Feira Agroecológica de Remanso no ano de 2022

Meses	Número de feirantes	Média bruta por feirante por feira(R\$)	Número de feiras realizadas	Valor do faturamento bruto mensal(R\$)
Janeiro	13	210,00	4	10.920,00
Fevereiro	11	220,00	4	9.680,00
Março	11	215,00	4	9.460,00
Abril	10	180,00	4	7.200,00
Mai	10	180,00	4	7.200,00
Junho	12	210,00	4	10.080,00
Julho	12	210,00	4	10.080,00
Agosto	11	200,00	4	8.800,00
Setembro	10	220,00	4	8.800,00
Outubro	10	190,00	4	7.600,00
Novembro	12	200,00	4	9.600,00
Dezembro	12	220,00	4	10.560,00
<b>TOTAIS</b>			<b>48</b>	<b>109.980,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Portanto, os números evidenciam que a Feira Agroecológica de Remanso proporcionou no ano de 2022 a geração de renda bruta média de R\$ 9.165,00/mês ou R\$ 2.291,25/feira, considerando que o número médio de feirantes/produtores(as) foi de 11 pessoas por feira e que foram realizadas 48 edições da feira. Os valores médios por feirante/produtor(as) por feira alteraram de R\$ 180,00 a R\$ 220,00, sendo assim a média de R\$ 205,00/feira/produtor/feirante.

Os números evidenciam que a iniciativa está inserida como mais uma fonte de renda bruta para agricultores(as) familiares de forma direta, e que contribui para a inserção econômica sobretudo de mulheres agricultoras.

#### 4.3.4 GERAÇÃO DE RENDA DA FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA DA ORLA DE JUAZEIRO

Com início em junho de 2022, a Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro já iniciou com periodicidade semanal, o que demonstra o desafio de ofertas de produtos de forma regular, principalmente para as edições de sextas-feiras que são comercializados os produtos agroecológicos sem certificação. No que se refere a geração de renda bruta e inserção econômica, a iniciativa está tendo bons resultados em relação a movimentação financeira, principalmente para as mulheres que atingem 66% dos(as) feirantes/produtores(as), sendo que as edições de quintas-feiras (orgânicos), atingem valores mais significativos. Porém, sem as devidas mensurações dos custos de produção e logística dos produtos como sugere o seguinte relato, e que confirma essa análise.

No geral, as barracas de quinta conseguem em média 650,00 por feira, e teve feiras que atingiram 900,00, o que é muito bom, e na de quinta tudo que vem acaba vendendo, e mesmo assim eles dizem que não está boa, no outro local eles conseguiam vender o dobro. Assim tem gente que consegue mais de 1.000,00 de venda bruta, não informam no monitoramento, mas conseguem atingir esses valores. As feiras estão em processo de construção, é um grande desafio, e o valores são interessantes, mas temos condições de aumentar mais ainda, e lembrando que estamos lidando com algo educacional e tudo demanda um bom tempo para atingir grandes resultados (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

O monitoramento dos resultados econômicos alcançados é de responsabilidade da Central da Caatinga, que gerencia o local de realização da feira. Para essa finalidade foi utilizado modelo elaborado e socializado durante a presente pesquisa. Porém, a proposta não teve aderência e foi perceptível a resistência pelo monitoramento, “agora em relação ao monitoramento, temos que dialogar para ter uma ferramenta para monitorar os alcances da feira, vamos ser cobrados por isso e temos que ter respostas” (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

A resistência principal são dos(as) feirantes/produtores(as) que comercializam nas edições de quintas-feiras, que estão inseridos de forma mais consistente na agricultura orgânica e interpretam o monitoramento como apenas sondagem de vendas ou fiscalização e preferem a omissão dos valores alcançados.

Além de tudo temos que deixar claro para os feirantes que o



monitoramento é muito importante, e não algo para ficar apenas vendo o que eles estão vendendo, muitos deles ficam sem querer responder o monitoramento. O monitoramento é mais difícil de fazer na feira de quinta dos orgânicos, eles não gostam de disser o quanto estão vendendo, na de sexta nos agroecológicos, isso é mais tranquilo são mais abertos, dialogam bem mais (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

A Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro possui diferencial em relação as outras iniciativas pesquisadas, que é a presença de feirantes que não são os próprios produtores(as), que estão presentes somente nas edições de quintas-feiras, dia dos produtos orgânicos. Esses atores sociais acabam por interferir negativamente na composição dos preços finais dos produtos, porém existe o aspecto positivo, pois esses feirantes conseguem contribuir na oferta de maiores variedades de produtos na feira.

Nisso temos o problema maior no preço, quem são os produtores e que produzem na região, podem vender mais barato, mas os que compram de fora, pagam impostos, transporte e tal, não conseguem abaixar os preços e isso acaba engessando tudo na questão do preço. Assim acaba que temos que colocar um preço que cobre os custos de todo mundo, e a gente entende que eles fazem um papel importante, principalmente para que a feira consiga ter uma maior variedade de produtos para os consumidores (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Nesse contexto, outro desafio da Feira Agroecológica e Orgânica de Juazeiro é o processo de precificação dos produtos, que interfere diretamente na geração de renda e inserção econômica, atualmente esse aspecto é negligenciado e mantém-se os preços que são “sugeridos” pelos feirantes não produtores(as), além da comparação com os valores que são praticados na região.

Em relação a precificação dos produtos, a gente tentou e deu uma confusão muito grande, deu briga, perdemos até sócios na APROVASF por causa disso. Temos dois problemas, um é o produtor e temos também esses caras que são uma espécie de **atravessadores**, eles não gostam de ser chamado assim, mas não são produtores e compram de outros produtores de outras regiões e vendem por aqui (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022, *grifo nosso*).

Além disso, também seguimos os preços de mercado da região, teve um tempo aqui, há uns dois, três meses atras, fazíamos uma pesquisa nos supermercados convencionais para ver como é que estava, para que tivéssemos uma coisa mais alinhada com o mercado local. Hoje não fazemos mais essa pesquisa, mas eu digo que os nossos preços estão bem alinhados com os do mercado comum (COMISSÃO

ORGANIZADORA – 5, 2022).

Portanto, os preços que deveriam ser estabelecidos tendo como elemento principal os custos de produção, logística e remuneração da mão de obra empregada, seguem apenas o comparativo de preços dos mercados orgânicos e convencionais, com maior apelo ao convencional, desse modo,

os nossos preços não estão muito alinhados aos custos propriamente ditos de produção, e sim mais com os preços de mercado convencional, chegando no máximo quando tem um acréscimo de 15%. Apesar de que esse comparativo não é muito bom, pois não comparamos orgânico com orgânico, mas temos que se o convencional tem esse preço então o orgânico também consegue, pois temos um custo maior com mão de obra, porém não temos o custo com agrotóxicos e outros produtos que são caros (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro em seu processo de comercialização e geração de renda, compete o importante papel de regulador de mercado e preços dos produtos orgânicos da região de Juazeiro, pois além da feira, os(as) consumidores(as) somente terão acesso a esses produtos via supermercados e lojas especializadas, com preços bem maiores. Segundo relato,

Além disso, as feiras fazem esse equilíbrio de preço, se deixar somente com as lojas e supermercados, eles colocam os preços que querem e quebram os produtores e sobrecarrega os consumidores, são verdadeiros reguladores de preços dos produtos orgânicos. Sobretudo, deixa os consumidores com opção de preços e produtos e não refém de poucos mercados, e trilhando o caminho da popularização dos produtos orgânicos e não criando nichos de mercados (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

Em muitos casos os(as) produtores(as) inseridos na Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro conseguem comercializar para supermercados e lojas especializadas, porém em situações em que seus produtos são comercializados com ágio de aproximadamente 200% para os(as) consumidores(as) finais, gerando desconforto e impactos negativos para os(as) produtores(as) orgânicos e do município. Conforme relato abaixo:

Quando colocamos um produto orgânico direto no supermercado, eles sobem demais os preços, e quem sofre com isso é o produtor, porquê, vendendo muito caro cai o consumo, e menos pessoa irá comprar. Por exemplo, eu já entreguei para o supermercado cebola a R\$ 4,00 e eles vendiam a R\$ 10,00, e isso me incomodava muito sabendo que o consumidor pode pagar menos e estava sendo enganado, e tem mais quando o produto não é vendido eles devolvem para o produtor que

fica no prejuízo. **Por isso, sinto que as feiras são fundamentais para a sobrevivência do produtor** (FEIRANTE/PRODUTOR – 7, *grifo nosso*).

Os controles financeiros da feira, também veem sendo negligenciados pela comissão organizadora, não sendo considerado a criação do Fundo Rotativo Solidário e outras contribuições para o custeio das despesas da feira, o custo único de R\$ 10,00 é pago semanalmente pelos(as) feirantes/produtores(as) para a montagem e desmontagem das barracas. Conforme relato,

A questão financeira da feira, é individual, não possuímos fundo rotativo, caixinha nada desse tipo. O único custo que temos com a feira é em relação a montagem e desmontagem das barracas, o valor é R\$ 10,00 por cada barraca e bancada montada, quando chegamos já está tudo prontinho e desmonta no final. Quando a feira funcionava na Casa do Artesão, tínhamos o custo de água, luz, e tinha uma funcionária da prefeitura que recolhia um valor como caixinha para esses custos, depois que mudamos não temos mais essa cobrança (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

No processo de análise dos resultados alcançados no componente geração de renda bruta e inserção econômica na Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro, a presente tese teve que realizar diversas interações e análises de dados primários para sua compreensão. Sendo assim, os diálogos foram conduzidos junto as organizações sociais, organizações de assessoria, feirantes/produtores(as) e comissão organizadora. Para efeitos de cálculos foi considerado o somatório da realização das edições de quintas-feiras (produtos orgânicos) e sextas-feiras (produtos agroecológicos), e partir disso foi elaborado a tabela abaixo com valores aproximados e validados pelas categorias analisadas, entre os meses de julho a dezembro de 2022.

**Tabela 10:** Balanço geral da Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro no ano de 2022

Meses	Número de feirantes	Média bruta por feirante por feira(R\$)	Número de feiras realizadas	Valor do faturamento bruto mensal(R\$)
Julho	20	650,00	4	52.000,00
Agosto	15	550,00	4	33.000,00
Setembro	16	600,00	4	38.400,00
Outubro	15	720,00	4	43.200,00
Novembro	16	680,00	4	43.520,00
Dezembro	18	600,00	4	43.200,00
<b>TOTAIS</b>			<b>24</b>	<b>253.320,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os números evidenciam que a Feira Orgânica e Agroecológica de Juazeiro entre os meses de julho a dezembro de 2022 proporcionou a geração de renda bruta média de R\$ 42.220,00/mês ou R\$ 10.555,00/feira, considerando que o número médio de feirantes/produtores(as) foi de 17 pessoas por feira e que foram realizadas 24 edições da feira. Os valores médios por feirante/produtor(a) por feira alteraram de R\$ 550,00 a R\$ 720,00, sendo assim, a média de R\$ 633,00/feira/produtor(a)/feirante.

Os números evidenciam que a iniciativa está inserida como mais uma fonte de movimentação financeira para agricultores(as) familiares de forma direta, e que contribui para a inserção econômica sobretudo de mulheres agricultoras.

#### 4.3.5 SÍNTESE DO IMPACTO NA GERAÇÃO DE RENDA E INSERÇÃO ECONÔMICA

A partir dos resultados apresentados para as quatro Feiras Orgânicas e Agroecológicas pesquisadas na presente tese, os seguintes números foram expostos na Tabela 11 para o ano de 2022.

**Tabela 11:** Síntese da geração de renda bruta no ano de 2022

Feiras	Número médio de feirantes	Faturamento bruto médio por feirante por feira(R\$)	Número de feiras realizadas	Faturamento bruto anual (R\$)
Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro	9	207,00	17	32.960,00
Feira Agroecológica de Sento Sé	10	390,00	48	164.160,00
Feira Agroecológica de Remanso	11	205,00	48	109.980,00
Feira Orgânica e Agroecológica da Orla de Juazeiro	17	633,00	24	253.320,00
<b>TOTAIS MÉDIOS</b>	<b>11,75</b>	<b>358,75</b>	<b>34,25</b>	<b>140.105,00</b>
<b>TOTAIS GERAIS</b>			<b>137</b>	<b>560.420,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os dados demonstram que as feiras realizadas no ano de 2022 nas 4 iniciativas pesquisadas, conseguiram movimentar valores monetários significativos e promoveu

a inserção econômica predominantemente para mulheres agricultoras. Auferindo rendas brutas mensais individuais ou familiares em torno de R\$ 523,17 a R\$ 1.368,00, com valor bruto médio de R\$ 649,48 mensais, sendo que na maioria das vezes são valores extras, pois muitos conseguem comercializar os seus produtos por outros canais ou mantêm a pluriatividade da Agricultura Familiar. Portanto as feiras analisadas, no ano de 2022 contribuíram na movimentação financeira feminina.

As comissões organizadoras das iniciativas analisadas necessitam realizar processos de monitoramento dos alcances financeiros de forma mais qualificada, os instrumentos que foram propostos não tiveram adesão, exceto a Feira Agroecológica de Remanso, que mantém o monitoramento, porém possui resistência dos feirantes em fornecer as devidas informações.

As feiras agroecológicas e orgânicas objeto desse estudo funcionam como vitrines e exposição de produtos, principalmente para os(as) produtores(as) que conseguem produções diversificadas e com periodicidade, assim, por meio delas, conseguem comercializar por outros canais de circuitos curtos na região, ampliando o processo de movimentação financeira e melhorias nas condições de vida.

Para a análise da geração de renda bruta, o componente precificação de preços é imprescindível para que se tenha a compreensão de como estão os custos de produção e a margem de sobra que pode ser aplicada, nesse sentido as iniciativas estão apenas fazendo o comparativo de preços com os concorrentes e/ou com os preços dos produtos convencionais, o que é insuficiente e precisa de ser ajustado e refletido.

Tendo como foco de análise a inserção de mercados alternativos, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas contribuíram para a movimentação financeira a nível territorial, com a comercialização de forma solidária, mesmo que necessitando de ajustes nos controles de custos, dialogando assim com a afirmação de ANA (2014), que considera as feiras como importante movimento da Agricultura Familiar e promove geração de renda. Soma-se ainda a essa análise, os preceitos de Godoy e Anjos (2007), que afirma que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas conseguem promover o desenvolvimento econômico, ambiental, cultural e social, e no caso analisado contribuiu para o protagonismo feminino, e desempenha o importante papel de regulador, mercado e preços dos produtos orgânicos da região de Juazeiro.

Os valores intercambiados nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas consegue ir de encontro com a compreensão de que o não monetário também pode ser incluído como geração de renda, pois muitas(os) entrevistadas(os) relatam que existem trocas de mercadorias ao final de feira e que o fato de não precisar de comprar também é um tipo de renda. Rompendo sobretudo com a lógica que tudo deve ser levado ao mercado para ter valor, como diz Boff (2014),

Dessa maneira, tudo pode ser levado ao mercado, garantido lucros e acumulações. Até as coisas mais sagradas para manutenção da vida, como água, sementes, solos, órgãos humanos, são objetos de compra e venda. Tais realidades têm valor, mas não têm preço. Por isso, jamais deveriam entrar no círculo comercial do mercado (BOFF, 2014. p. 10).

Assim essa retomada de valores encontrada no objeto de estudo permite analisar a partir de Polanyi (2000),

A filosofia liberal jamais falhou tão redondamente como na compreensão do problema da mudança. Animada por uma fé emocional na espontaneidade, a atitude de senso comum em relação à mudança foi substituída por uma pronta aceitação mística das consequências sociais do progresso econômico, quaisquer que elas fossem (POLANYI, 2000. p. 51).

Ou seja, mesmo estando inserido no contexto de competição e acesso a mercados de qualquer forma e com o objetivo de alcançar o progresso econômico, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas demonstram que outras relações econômicas e não monetárias podem ser estabelecidas e com geração de resultados satisfatórios.

#### 4.4 ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS E SUAS AÇÕES NAS FEIRAS AGROECOLOGICAS E ORGÂNICAS

Nesse item foram analisadas as ações realizadas pelos atores sociais envolvidos nas iniciativas e que foram sujeitos(as) da pesquisa, nas perspectivas de compreender a organização social e seus instrumentos de gestão conduzidas pelas comissões coordenadoras, organização produtiva dos feirantes e/ou produtores(as). Além das contribuições da alimentação familiar, grau de confiança nos produtos e relação custo benefício para os(as) consumidores(as) que adquirem os produtos das feiras agroecológicas e orgânicas da região. Finalizando com as análises sobre o processo de assessoria técnica e suas capacitações e processos realizados junto

as feiras agroecológicas e orgânicas. Para melhor compreensão dos resultados encontrados, a sistematização está dividida por feiras agroecológicas e orgânicas desenvolvidas no território Sertão do São Francisco.

#### **4.4.1 ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MASSAROCA/JUAZEIRO**

##### *4.4.1.1 Ações da comissão organizadora*

A Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro desde a sua fundação foi estabelecido a necessidade da composição da comissão organizadora, que atualmente é composta pelos representantes dos(as) feirantes/produtores(as), organização de apoio o IRPAA e a Cooperativa Agropecuária Familiar de Massaroca e Região (COOFAMA). Sendo que a maioria dos(as) produtores(as) e feirantes são cooperados(as) da COOFAMA, os(as) que não estão inseridos na cooperativa são representados pelo(a) representante escolhido(a) na reunião periódica que são realizadas após as edições das feiras ou em momentos exclusivos convocadas para tomadas de decisões.

Todas as decisões sobre a feira são coletivas a comissão reúne e depois informamos a todos e com direito de dar opinião. É bem tranquila a relação. E a participação é boa, ninguém fica de cara feia com nada (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022).

A comissão organizadora realiza toda a organização das edições da feira além de observar os requisitos para participação, que é conduzido em duas etapas, no espaço de realização da feira e nos locais de produção. Dessa forma, é possível garantir mesmo sem a utilização de selos, a procedência e ausência de contaminantes.

Para poder participar da feira, o feirante tem que ser produtor orgânico, sem usar agrotóxico e esses produtos que fazem mal. Assim, mesmo **sem o selo**, nem, é **mais agroecológico**. E aí, a **comissão faz visita nas propriedades** para saber se planta sem produto químico mesmo, só depois que ele vem para a feira. Temos que ter uma atenção bem grande para isso, se não podemos colocar tudo a perder (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

A base produtiva da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro está estabelecida com produtores(as) agroecológicos, ou seja, não possuem certificações

de orgânicos, porém o processo de controle social da produção é exercido pela comissão organizadora que fiscaliza as produções na base, em casos de observação ou desconfiança por parte de algum feirante ou pelos(as) consumidores(as) os fatos são debatidos em reuniões específicas e feito os devidos encaminhamentos.

Esse processo de “fiscalização” da base produtiva está intrinsecamente ligado ao processo de acreditação que serve para diminuir possíveis ações oportunistas de alguns produtores(as) e para não deixar os(as) consumidores(as) reféns de estratégias inescrupulosas, como define Dias et al. (2016), mesmo na venda direta onde os(as) produtores(as) e consumidores(as) mantém maior proximidade.

O único produto que possui algum selo de garantia é o ovo caipira produzido pela COOFAMA, que atesta que o mesmo passou por inspeção sanitária e que é produzido exclusivamente em unidades familiares que produzem nos preceitos da Agricultura Familiar. “De todos os produtos que vendemos, somente o ovo tem selo, não o orgânico, mas o selo da agricultura familiar e o de inspeção. Mas, no futuro, vamos buscar que todos tenham selo na feira” (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022).

Outra função da comissão organizadora da feira é o estabelecimento dos preços dos produtos, que são acordados com os(as) produtores(as) e feirantes. Porém, nesse item o processo necessita de ajustes e a realização de capacitações em precificação de preços. Atualmente os preços de custos da produção não estão sendo considerados ou evidenciados, e sendo realizado apenas o comparativo de valores com o mercado convencional.

Os preços dos produtos, fizemos assim, **colocamos um preço um pouquinho mais alto que do mercado normal**, por que o nosso produto é bem saudável não estraga fácil e damos garantia para o consumidor, que ele está levando coisa boa. E um valor que dá para os feirantes, pagar as despesas e ter um lucrozinho (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

É perceptível que a comissão organizadora compreende que os produtos ofertados possuem valores agregados como a qualidade dos produtos, maior tempo de armazenagem na geladeira dos(as) consumidores(as) e garantia de alimento livre de agrotóxicos, mesmo sem a utilização de selos. Sendo essa a grande diferenciação dos circuitos curtos de comercialização, pois os(as) consumidores(as) mantêm a reciprocidade e proximidade com os(as) produtores(as).



Ou seja, os sistemas de acreditação podem perder a sua importância, como é defendido por Goodman (2003) que considera as modalidades de circuitos curtos de venda direta, como exemplo de credibilidade construída no decorrer do processo de transação comercial (GOODMAN, 2003).

Outra função da comissão organizadora é a organização do momento de trocas no final da feira, que mantém uma excelente estratégia de comercialização para evitar possíveis perdas. Nesses momentos, os valores monetários dos produtos são ocultados e prevalecendo a superação das necessidades, aproximando do ideário do escambo<sup>9</sup> pré-capitalista no período do feudalismo.

Assim como aproxima da fundamentação de Ploeg (2008), que estabelece a Agricultura Familiar e camponesa, como estratégico para a superação da necessidade de redução da dependência financeira e fomenta as cooperações entre organizações e atores sociais.

Mas, ninguém tem prejuízo. No final da feira temos o momento de troca, um feirante troca com outro, por exemplo, hoje eu vou **trocar uma dúzia de ovos por dois mamões. E sem olhar preço, troca por alguma coisa que está faltando em casa** (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

As organizações que fazem parte da comissão organizadora não conseguiram avançar na elaboração de regimento interno e cadastros dos(as) produtores(as) e feirantes, porém consideram importantes esses instrumentos “Não temos regimento interno ainda. E nenhum cadastro, mas vamos avançar nisso” (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022).

Para a organização da feira desde a divulgação até a logística de chegada dos produtos para a comercialização, a comissão organizadora mantém diálogo com a base produtiva que informa os produtos a serem comercializados e somente após esse mapeamento que é realizada a divulgação.

Antes de acontecer a feira, ligamos e entramos em contato com todo mundo para saber o que eles têm de produção, se vai dar para trazer e só depois é que começamos a divulgar. Se tiver pouco produto, preferimos adiar, porquê se o consumidor chegar e não encontrar nada ele vai embora e não volta nunca mais. **Sabemos onde o produtor está, mas não fazemos nenhum controle** apenas ligamos e vemos

---

<sup>9</sup> O escambo era o tipo de transação utilizada em período anterior (Idade Antiga e Média) a monetarização do capitalismo, e consistia na troca de mercadorias sem utilização de moedas e prevalecendo a superação e acesso a mercadorias para o autoconsumo (SILVA, 2023).

se tem produto (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

A Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro não recebe nenhum recurso financeiro direto, os(as) produtores(as) e feirantes são os custeadores(as) de toda iniciativa. O único apoio que estes recebem, é com relação a disponibilização da estrutura e o acompanhamento técnico. “Apoio financeiro direto não recebemos, tudo é com nosso dinheiro. Mas, recebemos apoio com as barracas. Além do técnico que nos acompanha” (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022). Desse modo, conforme relato,

As minhas expectativas com a feira são boas, e sinto que está dando certo. O consumidor está bem satisfeito com os nossos produtos, os nossos produtos duram bem mais e o consumidor tem que entender isso. Só precisamos de divulgar mais a nossa feira (COMISSÃO ORGANIZADORA – 3, 2022).

A comissão organizadora possui boas expectativas em relação a permanência e ampliação da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, e colocam como condição a melhoria das estratégias de divulgações e maior diálogo com os(as) consumidores(as).

#### 4.4.1.2 Ações dos(as) feirantes e/ou produtores(as)

A participação e inserção dos(as) feirantes e produtores(as) na Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro acontece de forma geral em ciclos, sendo que no início, por ser inédito na região, teve maior agregação de interessados. Nos meses subsequentes tiveram diminuições e novas inserções, mas, sempre mantendo o quantitativo médio de 13 pessoas.

Essa é uma preocupação da comissão organizadora e dos próprios feirantes, pois eles observam que a diminuição de produtos e/ou do número de barracas podem acabar por diminuir a comercialização e comprometer toda a existência da feira. De acordo com o relato,

Pois se o pessoal chega aqui e ver o espaço vazio vai desestimulando e não podemos deixar acabar a feira. As vezes não tenho produto meu, mas eu coloco para vender produtos de outras mulheres da região ou que já fazem parte da feira e que não podem vim em algum dia por qualquer motivo (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

A gestão da produção que é comercializada na feira de maneira geral, indica

que são produções que possuem o direcionamento já estabelecido no hábito alimentar familiar e de forma regional, ou seja, a diversificação não é a prioridade e sim o volume de produtos comercializados. Porém, vale ressaltar que as barracas que possuem maior diversificação conseguem maior comercialização de seus produtos. Sendo esse o melhor caminho a ser adotado pela comissão organizadora e demais feirantes para o fortalecimento da feira. Em conformidade com o relato,

A nossa produção é bem diversificada, e fazemos assim, o consumidor chega e procura alguma coisa e não temos, daí analisamos e vemos o que podemos produzir e trazer para a feira. Além disso, **sempre buscamos o novo para trazer para ser comercializado, e assim vamos atraindo mais clientes para a nossa barraca, e espero que assim podemos atender a vontade dos clientes.** Exemplos é a produção do alho poro, berinjela, jiló e o rabanete (que era uma coisa que muitos aqui nem conhecia) (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022, *grifo nosso*).

Exemplificando a preocupação com a diversidade da produção e oferta de produtos para a comercialização, uma das entrevistadas diz,

Infelizmente na feira falta produtos, deveria ter mais variedades, e as vezes as barracas só tem o coentro ou então a alface, e então para que tenha muita diversidade é preciso que cada um produz um determinado produto. Tipo assim as agricultoras têm que saber, se plantou hoje daqui a quando tempo vai ter de novo, para que não falte na barraca, e isso em modo geral não necessariamente só para a feira, muitas tem outros lugares para vender os seus produtos até mesmo dentro da comunidade ou encomenda. Tem de evitar o tipo assim, ligo para uma agricultura, há não vou mais na feira porque não tenho mais coentro, vendi tudo, e plantei mais e não deu ainda (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

No relato fica evidente que a diversificação dos produtos ofertados nas barracas extrapola o escopo da comercialização, e sim dialoga diretamente com a atuação da assistência técnica que é desenvolvida nas unidades produtivas familiares dos(as) agricultores(as) inseridas na feira, principalmente em relação ao escalonamento da produção e plantios mais diversificados e adaptados ao clima semiárido.

[...] a gente quer que esse espaço seja bem amplo, com maior quantidade e variedade de produtos, e temos espaços para esse crescimento. Nós temos essas barracas aqui, mas temos outras barracas, só não montamos mais barracas, pois estamos montando apenas aquelas que serão ocupadas e que confirma com antecedência antes da feira. Mas, se surgir demanda maior temos

condições de montar, temos ao total 20 barracas, e cada barraca dá para colocar duas pessoas, então podemos chegar a 40 pessoas (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

Na dinâmica familiar a produção e posteriormente a comercialização são realizadas por todos os integrantes do núcleo familiar, sendo que na produção envolve um número maior de integrantes e a comercialização é realizada, de forma geral, por um dos integrantes. Essa organização está estabelecida na perspectiva de diminuição dos custos e potencialização da logística para a chegada dos produtos até o local de realização da feira, na maioria das vezes o transporte é realizado por moto, como relata um produtor,

Na minha propriedade quem produz, é eu mais minhas duas meninas, minhas filhas, no total 3 pessoas e 3 mulheres. Já na comercialização na barraca, na maioria das vezes é só eu, pois tenho apenas a moto como transporte, e tenho que trazer os produtos e não dá para trazer mais ninguém (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

A comercialização na barraca é feita na maioria das vezes por mim e meu marido, mas de vez em quando os meus dois filhos também vêm para a feira para fazer a comercialização (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

As afirmações acima que a produção é realizada por todos os integrantes da família, afirma o que Wanderley (2014) considerou como características que estão inseridos na Agricultura Familiar, que estabelece práticas e relações sociais associando reprodução social, patrimônio, renda, consumo e trabalho no seio familiar, o que acaba por direcionar à sua maneira de funcionamento.

Em relação a possíveis perdas de produtos, os(as) entrevistados(as) e a partir da observação participante, de forma unânime os(as) participantes da feira enaltece que não há perdas, pois o destino dos produtos segue a lógica de trocas e comercialização via outros canais, além da priorização do autoconsumo.

Os produtos que não são vendidos na feira, voltam para ser vendido nas comunidades, não tem desperdício, e caso contrário a gente posta nas redes sociais e logo vende, a perda de produtos é zero e as vezes até doa para os vizinhos e pronto. A nossa produção primeiro é para a alimentação da família de forma saudável, e depois vender, e nunca o contrário (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

Para os(as) feirantes e produtores(as) o diferencial dos seus produtos em relação ao convencional que são comercializados no distrito, está relacionado a

origem da produção que é agroecológica, desenvolvido por mulheres em seus quintais produtivos, sem utilização de adubos químicos e agrotóxicos e possui maior tempo de armazenamento na geladeira. Em conformidade com, diz um feirante que,

Todos sabem de onde vem, como é produzido nos quintais das mulheres, a gente não usa nada químico, não usa nada que venha comprometer a saúde e a terra, e dura mais na geladeira. O principal diferencial dos nossos produtos é a sustentabilidade, saudável limpos, qualidade e principalmente valorizando os trabalhos das mulheres, pois são realmente elas que produzem nos quintais e dedica para chegar esses produtos até aqui na feira (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

O meu produto tem como diferencial, por ser agroecológico, não vai contaminar o cliente por não ter veneno, tem durabilidade, do jeito que vai no saquinho aguenta até próximo da outra feira, e acima de tudo estamos vendendo saúde para os consumidores (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

No tocante a gestão financeira das famílias que fazem parte do grupo de feirantes e produtores(as), a maioria não faz nenhum planejamento orçamentário com previsão de receitas, custos e anotações sobre as rendas obtidas com os produtos comercializados na feira. Novamente afirmando as considerações de Wanderley (2014), que argumenta que a produção da Agricultura Familiar tem como centralidade a reprodução social da família, e contando ainda com colaborações e relações coletivas estabelecidas na própria família e suas diversidades de anuências e a nível comunitário com os demais integrantes da comunidade ou região.

Durante as entrevistas foram observados que as famílias que conseguiram organizar as suas finanças para a produção e participação na feira, obtiveram melhores resultados e conseguiram ampliar os seus canais de comercialização, além da criação de reserva financeira e acesso ao crédito para ampliação da produção. Assim, expõe um feirante/produtor(a),

O nosso dinheiro também é bem administrado, o de hoje mesmo, o dinheiro vai enterrar para comprar o vestido de formatura da minha filha. Sempre tem uma relação tranquila entre os quatros, em relação ao dinheiro, é sempre conversado e chegamos a um consenso de onde utilizar. Aqui durante a feira, o meu marido é que lida o maior tempo com o dinheiro, mas quando chega em casa e fazemos o balanço e discutimos o que vamos fazer e quais prioridades para a família de forma geral. Nós fazemos a nossa contabilidade no caderno, e com isso conseguimos ter uma noção melhor do preço que podemos colocar nos produtos, anotamos bastante, se não for assim a gente acaba por perder dinheiro, utilizamos a ideia da caderneta agroecológica (FEIRANTE/PRODUTOR – 3, 2022).

As famílias que conseguem organizar e executar esses devidos controles financeiros, estes, são realizados na maioria dos casos pelos filhos e filhas com supervisão da mãe ou pai. Sendo assim, um tipo de gestão coletiva e participativa em todos os processos desde a produção até a comercialização na feira. Conforme descrição abaixo:

Tudo mesmo, semente, mudas anotamos o que compramos, o que recebemos de doação, o que vendemos de sementes e por ai vai, tudo anotado, tudo na ponta da caneta, os meus dois meninos é que ficam mais com essa função, e sempre com a orientação e conversa com o meu esposo, que tem o tino para isso. Temos uma reserva financeira para organizarmos o nosso dia a dia da produção e os custos da casa, isso é o meu filho que mais faz junto com o pai. Hoje temos uma boa reserva para qualquer necessidade, e isso é raro na agricultura familiar. Acessamos também o agroamigo para a produção de galinha, bode e outras produções, chegamos a pegar R\$ 6.000,00 e foi tranquilo o pagamento não tivemos problemas, usamos mais a comercialização do bode para pagar o empréstimo (FEIRANTE/PRODUTOR – 4, 2022).

Dessa forma, as relações estabelecidas e os resultados alcançados pelos(as) feirantes/produtores(as) da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, dialoga diretamente com a análise de Ploeg (2008), em que estabelece que a Agricultura Familiar consegue manter formas igualitárias de produção em relação a homens e mulheres e estratégias diferenciadas de acesso a mercados.

#### *4.4.1.3 Inserção dos(as) consumidores(as)*

Os(As) consumidores(as) são importantes componentes dos circuitos curtos de comercialização, e para conquista-los as estratégias são as mais diversas possíveis como: realização de eventos periódicos, manter maior diversidade possível de produtos, preços competitivos em relação aos produtos convencionais, maior tempo de duração dos produtos sobre refrigeração, aparência, atendimento e locais que conseguem oferecer segurança e estacionamento, dentre outras.

Portanto, para se ter grupos coesos de consumidores(as) que mantém a feira em funcionamento, e que consiga ir além da troca financeira, laços de proximidade e reciprocidade são construídos no seu dia a dia, entre feirantes/produtores(as) e os(as) consumidores(as), assim os tipos de consumo são modificados e estabelecidas melhorias na segurança alimentar e nutricional de famílias. De acordo com esse relato,

A feira tem influenciado o nosso consumo, até mesmo na vizinhança. Sempre tem aqueles questionamentos, há mais você está comprando mais caro, aí eu vou aprendendo na feira e escutando os produtores que eles vendem os produtos e explicam que quem compra está levando saúde para casa, e assim convence a gente de maneira bem legal a comprar esse produto que é bem mais sustentável (CONSUMIDORA - 3, 2022).

Segundo os(as) entrevistados(as) os preços quando comparado com o convencional é um pouco mais elevado, porém esse não é um impedimento para a aquisição, e sim a certeza de que estão adquirindo produtos mais sustentáveis e saudáveis, “quando compara com o convencional, sim é mais caro, mas o pessoal não tem essa consciência de que está levando um produto saudável e com saúde, e com maior tempo de duração na geladeira” (CONSUMIDORA – 4, 2022).

Os (As) consumidores(as) que são recorrentes na Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro já possuem algum grau de entendimento sobre a produção agroecológica, e já conseguiam consumir esses tipos de produtos, porém com a feira o acesso foi facilitado e permite ainda maior interação e proximidade com os(as) produtores(as) que são também os(as) feirantes. Diante disso, é exposto que,

Antes da feira nós já consumia os produtos agroecológicos, mas com a feira a compra é mais regular, a partir da feira conseguimos alimentar melhor. Como a feira acontece de 15 em 15 dias, nesse intervalo eu compro em Juazeiro, naquelas pessoas que ficam próximas do mercado, mas nesses dias fico bem mais insegura em relação aos produtos comprados, a minha prioridade é na compra na feira (CONSUMIDORA – 3, 2022).

O aspecto segurança em relação aos produtos é considerado primordial para os(as) consumidores(as) que adquirem os produtos, e nesse aspecto os(as) entrevistados(as) reafirmam que a aquisição dos produtos na feira é a certeza de qualidade, mesmo sem o processo de certificação. “Assim, eu gosto de comprar na feira por ter mais segurança, e também porque eu conheço o pessoal das comunidades, e é uma maneira de estar divulgando” (CONSUMIDORA – 3, 2022).

No quesito aparência os(as) consumidores(as) reclamam que existe muita alteração em determinados períodos do ano, e isso é levado em consideração no processo de aquisição, mesmo sabendo as intempéries climáticas da região. “Os aspectos dos produtos variam bem, quando estava no tempo mais seco tem uma certa diferença dos produtos, eu sei que por mais que coloca água é diferente”

(CONSUMIDORA – 4, 2022).

Em relação a confiabilidade dos produtos pelos(as) consumidores(as) os(as) entrevistados(as) afirmam que no caso da aquisição direta na feira, não é necessário o uso de selos de garantia, pois a maioria conhece os(as) produtores(as) e já conseguem desenvolver processos de confiança. Porém, nos ambientes diferentes da feira, os(as) consumidores(as) visualizam como importante a utilização dos selos para garantir que os produtos são realmente livres de contaminantes. Segundo alega essa consumidora,

Quando eu percebo que vem diretamente dos consumos e produção dos quintais, eu não ligo muito para selo de garantia, não olho para isso, pois eu conheço bem os produtores e nem me passa pela minha cabeça essa questão dos selos. Agora quando eu compro em Juazeiro, ou outro mercado que não conheço os produtores, eu compro os produtos por exemplo, alface, com o selo de orgânico (CONSUMIDORA – 3, 2022).

Nesse sentido, a utilização de selos de orgânicos ou outro selo que garanta a produção sem uso de agrotóxicos, para a realidade da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, não seria um elemento agregador de qualidade e diferencial de produtos, e conseqüentemente que justificaria maior valor agregado e sendo repassado para o consumidor final. Segundo depoimento,

Agora para a feira aqui, acho que não precisa de selo, temos muita confiança nos produtores, e criamos uma boa relação. A gente percebe que existe uma relação de confiança entre produtores e consumidores. Além disso, **eu já visitei a área da Valmira que é a produtora com maior diversidade na barraca da feira, e outras mulheres também da região** (CONSUMIDORA – 3, 2022, *grifo nosso*).

Pelo depoimento acima fica evidente que a feira agroecológica como modalidade de circuitos curtos de comercialização, permite a proximidade e desenvolve processos confiáveis entre os elos produtor e consumidor, com possibilidade de visitas aos locais de produção.

Como atrativos dos(as) consumidores(as) para a aquisição dos produtos diretamente na feira estão estabelecidos em critérios que são medidos na percepção e de forma empírica e comparativa, como exemplo disso, é o tempo de duração dos produtos nas geladeiras domiciliares. Assim, mencionado abaixo,

**O tempo de geladeira dos produtos da feira é bem maior, por**



exemplo, eu estava observando o pimentão, você acredita, nós fizemos uma viagem de quase 20 dias para Salvador, e quando cheguei o pimentão ainda estava do mesmo jeito lá na geladeira, isso é muito bom, e **o outro tão rapidinho vai embora** (CONSUMIDORA – 3, 2022, grifo *nosso*).

Outro componente avaliativo dos(as) consumidores(as) para a opção de frequentar a feira e realizar as compras de alimentos são os ambientes, que na maioria das vezes são utilizados para além da troca mercantil, as feiras conseguem proporcionar ambientes agradáveis de trocas e de convívio de produtores(as) e consumidores(as). Nesse sentido, é exposto que,

O ambiente que mais gosto de fazer as minhas compras de alimentos, é nas feiras livres, porquê, a gente tem mais contato com o povo, conversa, e tem toda essa troca, de estar aí com tempo para um bate papo, escutando as histórias é mais comunitário. A feira vai para além do econômico, não é somente a troca de dinheiro para o produto, tem uma relação mais prazerosa é como se estivesse em casa, e distraio muito nesses momentos de feira. Sempre tem trocas de experiências muito bacanas, partilhar os desafios, os percalços, tudo isso (CONSUMIDORA – 4, 2022).

O elemento motivação pode ter diversas maneiras de ser avaliado, mas no caso dos(as) consumidores(as) a motivação está em adquirir alimentos saudáveis para toda família, potencializando a segurança alimentar e a Agricultura Familiar da região “A minha maior motivação de comprar na feira, é comprar um alimento limpo, saudável, investir na minha saúde pessoal e das pessoas que moram comigo” (CONSUMIDORA – 4, 2022).

Considerando que a produção desenvolvida nas iniciativas analisadas está mais aderente a transição agroecológica, sobretudo no nível 4 estruturado por Gliessman (2015) onde fica bem estabelecido a atuação do consumidor, as experiências conseguem manter bom relacionamento com esse elo. A partir desses laços mais próximos mantém-se as bases proposta por Triches (2015) para que seja feita a ruptura e a institucionalização de sistemas agroalimentares mais sustentáveis e aderentes ao processo contra hegemônico, que busca a valorização do local.

#### 4.4.1.4 Ações das organizações de apoio e intervenções sociotécnicas

A Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, em seus processos de constituição enquanto modalidade de circuitos curtos de comercialização foi

impulsionada pela ação direta da organização de apoio, IRPAA. Com a inserção do projeto Pró-semiárido as famílias receberam investimentos para melhorias da produção em quintais produtivos, somado com as intervenções sociotécnicas que auxiliava as famílias a produzirem de forma qualificada e com os princípios da produção agroecológica. Com isso, as produções atingiram volumes consideráveis que extrapolaram a lógica do autoconsumo. Sendo assim,

A feira foi pensada junto com as produtoras que produzem em seus quintais produtivos, e sempre foi questionado que elas não tinham para onde comercializar, e então no processo de acompanhamento foi construindo a proposta da feira. O processo de assessoria acontece pelo projeto pró-semiárido, principalmente nos quintais e tudo começou com o preenchimento das cadernetas agroecológicas que começou a mostrar as produções e que tinha uma boa quantidade que dava para vender (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

As ações de intervenções sociotécnicas desenvolvidas pela organização de apoio, IRPAA, foram na perspectiva inicial de desenvolver os processos produtivos com a estratégia de convivência com o semiárido e com o fortalecimento da autonomia dos(as) agricultores(as) familiares, e posteriormente com a constituição da feira, os processos de intervenções passaram para a organização social como a constituição da comissão organizadora e a realização de intercâmbios para trocas de experiências. “O grupo da feira é muito bom, o IRPAA auxilia o processo, e eles enquanto grupo fazem tudo de forma bem tranquila” (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

Considerando que a região do distrito de Massaroca no município de Juazeiro está situado no polo de produção convencional de hortaliças, com uso indiscriminado de agrotóxicos e outros contaminantes de solo e água, as ações de intervenções sociotécnicas tiveram que analisar as possibilidades de contaminação, chegando a conclusão, mesmo sem a utilização de testes laboratoriais, que os produtos desenvolvidos nos quintais por estarem no espaço adjacente as moradias, em distância superior a 10 km e com espécies arbóreas nativas que servem de barreiras físicas de proteção, estão livres de contaminação e que podem ser comercializados como produtos agroecológicos.

O nosso grande dilema no início da feira era em relação que bem próximo daqui a menos de 16km tem plantios com muito agrotóxico, cebola, melão, pimentão. Daí tivemos que ter a certeza que não tinha nenhuma contaminação dos produtores, mas quando fomos fazer as visitas percebemos que a produção é toda dos quintais produtivos e que não existe nenhuma contaminação. Não realizamos testes, mas

dá para confiar, e a comissão está sempre atenta a isso (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

Os circuitos curtos de comercialização são as estratégias principais que a organização de apoio com atuação na Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, desenvolve em seus processos de incentivos as comercializações dos produtos da Agricultura Familiar. Além da feira é potencializado a comercialização via programas de compras governamentais como PAA e PNAE, sempre sendo trabalhado primeiro as bases produtivas com a inserção de tecnologias sociais de captação e armazenamento de água, distribuição de sementes e investimentos em quintais produtivos. Portanto, o fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização está na estratégia de atuação da organização de apoio IRPAA. Diante disso, explana que,

O IRPAA prioriza no pró semiárido que as famílias tenham todas as condições de produzir, teve estrutura de acumular água, distribuição de sementes e incentiva bastante a produzir, primeiro para sustentar a família e vender o restante. E as vendas são em canais de venda direta, como a feira, PAA e para a merenda escolar (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

No quesito comunicação a organização de apoio não vem conseguindo desenvolver processos de comunicação como a utilização de embalagens especiais, rótulos e inserção em redes sociais, ficando a cargo apenas da comissão organizadora da feira. A prioridade maior é o apoio do fortalecimento da comissão organizadora e os processos de fortalecimento interno da iniciativa, sendo que os grandes desafios e necessidade de aprofundamento técnico são a precificação de produtos que auxilie a determinação dos preços de venda, elaboração de regimento interno e formulação do fundo rotativo solidário.

No campo da produção os desafios que devem ser trabalhados pela organização de apoio são em relação a elaboração de planejamento produtivo, visando o escalonamento e diversificação da produção.

A organização de apoio estabelece que a Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro está no momento de ampliar o seu alcance na conquista de novas comercializações, mantendo sempre a garantia de qualidade dos produtos e ausência de contaminantes. Para isso, a comunicação deve ser priorizada e manter os mecanismos de confiança e reciprocidade entre produtores(as) e consumidores(as).

O momento atual da feira é conquistar novos consumidores, de um lado do distrito tem boas vendas, mas do outro lado os clientes são poucos e temos que mostrar para eles que a feira acontece e tem produtos limpos de venenos. Porém, aqui prevalece o preço, então quem tem o menor preços vende, não se valoriza muito a qualidade, o que interessa é o preço. Temos que trabalhar essas questões com os consumidores (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

A organização de apoio visualiza que existe grandes possibilidades de crescimento da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro, para isso os entraves devem ser superados. Um possível impulsionador da comercialização da Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro é a inauguração do Quiosque da Umbuzada, que deve acontecer entre os meses de janeiro a março de 2023.

Essa estratégia de comercialização em circuitos curtos será coordenada pela COOFAMA, e será um ponto fixo de comercialização de produtos e que servirá a tradicional umbuzada (vitamina feita a base de umbu) e outros produtos. Sendo possível, a utilização do espaço para a comercialização dos produtos que por ventura venha sobrar nas edições da feira.

A feira aqui na Massaroca está apenas começando e tem muito a crescer, principalmente desse lado do distrito. A intenção que com a abertura do Quiosque, o que não vender na feira irá para esse vendido por lá a semana toda (ASSESSORIA TÉCNICA – 2, 2022).

Para Altieri (2012) a Agroecologia está na compreensão de ciência, movimento e prática, nesse sentido, os processos de intervenções sociotécnicas está contemplado na tríade. Sendo assim as intervenções realizadas nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas conseguem manter a autonomia dos agricultores familiares. Estando interligado a relação com o mercado e os saberes tradicionais, apoiando em valores culturais, sociais e políticos, e mantendo sintonia com a histórica luta da Agricultura Familiar camponesa.

#### **4.4.2 ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ**

##### *4.4.2.1 Ações da comissão organizadora*

A Feira Agroecológica de Sento Sé que começou a ser realizada em 2019, desde o primeiro momento existia a preocupação de estabelecer a comissão organizadora. Nesse sentido, a iniciativa estabeleceu como comissão a Rede de

Mulheres, Associação dos Apicultores de Sento Sé (AAPSSE), IRPAA e representação dos(as) feirantes/produtores(as), sendo que a presidência da comissão é da representação dos(as) feirantes/produtores(as), gerando assim autonomia e protagonismo dos(as) agricultores(as) familiares, sendo que não existem integrantes desvinculados de grupos formais, ou seja, todos(as) possuem vínculos com alguma associação ou grupo produtivo.

Então ela surgiu no planejamento de 2018 em novembro, mas para ser realizada em 2019. A gente passou quase dois meses, planejando e pensando como iríamos conseguir, e como ia continuar (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

As principais ações desenvolvidas pela comissão organizadora estão estabelecidas no controle e monitoramento dos(as) inseridos(as) incluindo visitas a campo, pesquisas sobre a produção, participação em reuniões e relacionar os requisitos necessários para a inclusão, estratégias essas que garantem a origem e garantia dos produtos, pois não existem produtos certificados.

Para entrar na feira, a gente faz um acompanhamento, a pessoa vem participa da avaliação que a gente faz no final da feira, e ai a gente marca uma visita na propriedade. Vai alguém da feira, e visita o local onde eles produzem. Pois, a gente tem que ver se está mesmo no alinhamento que a gente está acostumado. Ai a gente faz essa visita, e depois da visita é que ele começa a vim para vender os seus produtos na feira. Tanto é que quando chega alguém sem comunicar nada, e sem vim para a avaliação e ninguém conhece, a gente já chega e conversa, e pergunta de onde, como que foi que ficou sabendo da feira. Para ter mesmo esse cuidado para que a nossa produção não tenha mesmo, contato com a produção convencional (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Pensando na necessidade de avanços no controle sobre os produtos dos (as) agricultores(as) que estão sendo comercializados na feira, a comissão organizadora em parceria com a Rede Povos da Mata e com apoio financeiro do projeto Pró-semiárido, está desenvolvendo processos de certificação participativa via Sistema Participativo de Garantia (SPG) com a Rede Povos da Mata sendo um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC) para os(as) produtores(as) que estão incluídos na feira e produzem de acordo com os princípios da agroecologia e produção orgânica.

O processo de certificação participativa desenvolvido pela Feira Agroecológica de Sento Sé poderá torna-se recorrente, considerando sobretudo a reflexão de

Delgado e Bergamasco (2017), que salienta que mesmo em processos mais diretos de comercialização a certificação participativa permite a autonomia dos atores sociais, construção participativa e autogestionária de todo processo e não por delegação de atores externos, em comparação com a certificação por auditoria, ou terceira parte.

Por enquanto a gente trabalha aqui, com a questão da confiança. Estamos em processo de certificação participativa, mas não chegou ainda. O processo de certificação avançou, provavelmente logo teremos os territórios que já serão certificados. **Para os feirantes e consumidores a certificação vai ser uma segurança**, porque ainda tem gente de fora que vem e ainda questiona, será que é orgânico mesmo, entendeu. Então com a certificação poderemos disser que é orgânico e certificado. Até agora não pensamos em aumentar o preço por ser orgânico (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022, *grifo nosso*).

A ação de precificação dos produtos é conduzida em parceria com organizações de apoio e os(as) produtores(as), na perspectiva de mensurar da melhor forma possível os custos e margem a ser praticada no processo de comercialização. A maior preocupação da comissão organizadora é que os preços não sejam praticados de maneira diferente, e assim evitar a possível concorrência entre as barracas e seus feirantes. Para seu ajuste a comissão organizadora desenvolveu o processo de capacitação em precificação, e vem conseguindo impulsionar que os(as) produtores(as)/feirantes possam elaborar as fichas de produtos com seus custos.

Nós vamos pela linha, que mesmo chegando a certificação orgânica participativa, a gente vai seguir bastante naquele raciocínio de preço, fazendo o levantamento da precificação, para gente chegar no valor final do produto. A gente não quer perder isso dentro da feira agroecológica. Depois da capacitação sobre a precificação, conseguimos fazer o mesmo processo com alguns produtos, não com todos. Agora por exemplo, estava conversado sobre o preço do ovo, nem, que como aumentou um pouco a ração e outros custos. Assim acho que temos que ver novamente o preço do ovo, acho que não está dando muito não. Acho que vendendo a 10,00 ainda está no preço, a 9,00 está bem apertado (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Porém, a comissão organizadora enfrenta resistência na definição dos preços a serem praticados na feira de forma única, existe a tabela de preços a ser seguida que é reconhecida pela maioria dos(as) feirantes, e mesmo assim a minoria resiste e cria-se um entrave para a comissão a ser resolvido.

A tabela de preço, é uma questão que ainda não resolvemos, a maioria conseguiu tabelar os preços, mas, ainda tem um ou dois, que resiste. As hortaliças a gente conseguiu, mas por exemplo a galinha abatida,

ainda continua com preços diferentes, os queijos também estão com preços diferentes, o próprio ovo, os salgados, está dando uma escapada ainda (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Como estratégia de divulgação, alternativas de acesso a produção e para impulsionar o fortalecimento de outras modalidades de circuitos curtos de comercialização, a comissão organizadora da Feira Agroecológica de Sento Sé, promove intercâmbios para os(as) produtores(as) e feirantes internos a feira, com visitas a outras experiências em municípios do território e de outras regiões, além de receber produtores(as) e feirantes de outras iniciativas da região, que utilizam a experiência da feira de Sento Sé como exemplo importante de organização e condução.

Assim tem muitas feiras acontecendo na região, e penso que temos que comunicar com essas outras feiras, e uma ir apoiando as outras com produto. Além de produto, comunicar para ver o que uma está passando, e pode ser que uma ajuda a outra com produtos, ou troca de informações mesmo. As vezes vai ter produto perdendo em um município, e no outro está faltando na feira, e pensar como mandar esses produtos, e dessa forma tentar sanar esses probleminhas de produção (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Nesse ponto da análise é perceptível que a experiência aproxima da compreensão do campesinato, pois a realização de intercâmbios e contribuições para a realização de novas experiências, são valores inerentes a laços de cooperação extrafamiliar, e estabelecendo novas formas de conviver com valores específicos, apontados por Wanderley (2014).

As ações desenvolvidas pela comissão organizadora também estão relacionadas a organização da base produtiva para que os produtos cheguem até o espaço de realização da feira, evitando assim que os(as) consumidores(as) não deixem de frequentar a iniciativa. Para tanto, em alguns casos a comissão organizadora estabelece contato com outros(as) produtores(as) e suas organizações sociais para que sejam ofertados os produtos da melhor forma e regularidade, considerando sobretudo que a produção no semiárido é impactada de forma marcante com as intempéries climáticas.

Em relação a produção, tem duas feiras que vendemos a alface da COOPERVIDA, estamos tendo problema com a produção nos quintais. Mas, vamos buscar alternativas para que os produtos sejam adquiridos no território, para evitar de trazer de outros lugares. Por

exemplo, a cebola que estamos vendendo hoje na feira, veio de Irecê que trouxemos no intercâmbio (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

Teve um dois mês, aí que foi osso para gente, principalmente em relação as hortaliças. Assim, não foi culpa totalmente do agricultor, **veio primeiro o clima e depois a enchente, esses acontecimentos, de fenômeno natural, atrapalham um pouco.** Diante disso, explicamos para os clientes tudo direitinho, e que estamos fazendo tudo que está em nosso alcance, e explicamos que tudo isso é da natureza, **e eles acabam entendendo** (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022, *grifo nosso*).

A Feira Agroecológica de Sento Sé por ter três anos de funcionamento está bem estruturada em relação a elaboração do regimento interno e a criação do fundo rotativo solidário, mesmo assim a comissão organizadora visualiza que o instrumento está sendo seguido e que necessita de constantes ajustes para adequar aos processos dinâmicos que estão inseridos.

Ainda estamos na base do regimento interno, a gente não deixou de seguir ele não. A gente pensa até de fazer, algumas alterações, melhorar, pois vai surgindo coisas que deve ser inserido (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

A Feira Agroecológica de Sento Sé não recebe nenhum recurso financeiro direto, os(as) produtores(as) e feirantes são os custeadores(as) de toda iniciativa. o apoio recebido, se dá por meio da disponibilização da estrutura e o acompanhamento técnico.

Não recebemos nenhum apoio financeiro para a feira, é tudo por conta dos feirantes mesmo. A gente cobra um valor para custear dois rapazes que vem e montagem e desmontam as barracas da feira, e cada feirante paga um valor minimo, é minimo é só um valor para eles virem e ajudar. Antes era nós mesmo, que víamos e montava e demonstrava, e como a maioria vem das comunidades, ficava difícil todo mundo chegar no mesmo horário, além de pessoas que depenam de transportes com horário e não dava para esperar até o final da feira. O valor é 9,00 apenas (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

A comissão organizadora possui boas expectativas em relação a permanência e ampliação da Feira Agroecológica de Sento Sé, e colocam como condição a melhoria da produção, logística, divulgação e maior diálogo com os(as) consumidores(as). “Daí chegamos para ele e explicamos, que estamos na lógica da Agroecologia e que nem toda a feira, vai tudo que quer, pois tem ciclo de produção e



os produtos não dão o ano todo, a gente tenta fazer esse diálogo mesmo” (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Além disso, a comissão organizadora está em processo de buscar autonomia financeira em relação ao projeto Pró-semiárido, para que quando chegar ao fim o projeto, não seja encerrada a Feira Agroecológica de Sento Sé.

Nós já estamos nessa discussão, de como iremos tocar os trabalhos sem o pró-semiárido. E estamos buscando ter a estabilidade de caminhar com as nossas próprias pernas. Porque o pró-semiárido está acabando mesmo, e já estamos preparando terreno para quando eles saírem. Eu acho que a gente consegue continuar com a feira sim, vai ser um pouco mais difícil, mas nos consegue (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

#### 4.4.2.2 *Ações dos(as) feirantes e/ou produtores(as)*

A Feira Agroecológica de Sento Sé desde a sua idealização e criação vem conseguindo ocupar o espaço no município que não era preenchido por nenhum ator social, pois nesta localidade não existia feiras livres. Diante disso, a lógica que prevalecia era que no município de Sento Sé não era sustentável estabelecer qualquer intenção de comercialização de produtos da Agricultura Familiar. Dessa forma, os(as) feirantes e produtores(as) tiveram que reavaliar seus posicionamentos e estabelecer confiança no processo que estava sendo arquitetado pela comissão organizadora. Assim, os(as) agricultores(as) familiares inseridos na produção agroecológica mantiveram apoio a iniciativa e mantêm importantes laços de cooperação, confiança e participação.

Aqui não tem feira livre, não tinha nem. Aqui em Sento Sé não tem a feira livre tradicional, mas tem muitas banquinhas nas calçadas, muito verdurão, muito mercado que vende o convencional. E aí com a chegada desse planejamento da rede, e com o acontecimento da primeira feira, foi que juntou o pró-semiárido com os territórios, a rede, os agricultores para continuar a feira. Aí teve uma discussão com todos os que participaram da primeira, que é até hoje, e decidi que iria tentar colocar a cada quinze dias. Aí fomos estudando e chegando até a semanal. Só que aí já estamos em 2020, e veio a pandemia (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022).

De forma geral a produção que é comercializada na Feira Agroecológica de Sento Sé é oriunda de produções individualizadas que são desenvolvidas nos quintais produtivos, porém os(as) agricultores(as) possuem estratégias coletivas para que a produção chegue até a feira e diminua os impactos dos custos de logística. A feira

possui grau razoável de diversificação de produtos, deixando a desejar em relação a regularidade, acontece com frequência ausência de alguns produtos e acaba por gerar desconfiança da continuidade para os(as) consumidores(as), sendo que as barracas que possuem maior diversificação conseguem comercializar por total as suas produções.

A produção que eu vendo na feira, é praticamente de todo o assentamento, tem muita variedade, além da banana. Eu saio juntando tudo por lá, e perguntado, se fulano tem isso, se tem aquilo, e dá uma carrada. Eu mobilizo para trazer para a feira, de mais ao menos uns 10 agricultores, vai variando. Sempre vem de 10, 9, 8 entendeu (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

No aspecto do desenvolvimento da diversificação e regularidade da produção, existe a preocupação dos(as) produtores(as) em estabelecer processos qualificados de escalonamento da produção para que tenham produtos em estágios diferentes, e dessa forma os produtos possam ser ofertados de modo contínuo e estabelecer novos espaços para a diversificação.

A gente vem batendo muito nessa tecla do escalonamento da produção, viu, por que assim tem pessoas que ainda não adaptou ao escalonamento, e planta tudo de uma vez, e depois tem que esperar um tempão para ter produto novamente. E a gente fica batendo na tecla, gente vamos fazer o escalonamento, o IRPAA, também vem sempre falando nos territórios. De modo que não falte produtos na feira, mas, as pessoas não estão bem focadas nisso não (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022).

O escalonamento não é uma coisa tão simples de fazer. Lá na horta coletiva, eu resolvi fazer nos meus dois canteiros, e assim eu mostro para eles que funciona. Ai nos meus dois canteiros, eu fui plantando de quinze em quinze e dias, e eles começaram a falar, assim não falta. Então eu respondo, tá vendo do certo, e em dois canteiros é pouco, e se fazer direitinho em mais canteiros da mais certo ainda. E deixe jeito não falta o seu dinheiro (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Outra fonte de preocupação de alguns produtores(as) é em relação a autonomia e sustentabilidade de produção e conseqüentemente a oferta de produtos na feira. Nesse sentido, a produção autônoma de sementes e mudas são primordiais e é foco de atenção dos(as) produtores(as).

Uma coisa que ainda estamos pecando muito, é a produção das nossas sementes. Ainda estamos comprando muita semente, temos que sensibilizar os produtores a produzir as suas próprias sementes. Ainda nenhum produtor pensou em produzir as suas próprias sementes. Tipo, vou deixar um coentro para sementar, vou deixar uma

alface ao ponto de produzir sementes, uma couve, enfim produzir as sementes e diminuir os custos. Além é claro de produzir as próprias mudas de fruteiras, ou que seja do que for, para gerar autonomia e não precisar de ir ao mercado para essa finalidade, evitando a dependência e essa lógica terrível do capitalismo (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Eu falo assim, o meu marido, ele planta coentro e **todo mês ele deixa mais de 100,00 no local que vende as sementes**. Agora sim, a gente não consegue fazer semente, por que não sobra coentro. Mas, uma vez ele sobrou coentro, e a gente fez quase 3 sacos de sementes, saco de 50kg. E daí, passamos quase **6 meses sem comprar sementes de coentro**. Além disso, a **semente passa a ser da pessoa** nem, e temos que ver como que vamos incentivar a eles fazerem isso (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022, *grifo nosso*).

O processo produtivo familiar segue a lógica de inserção de todos(as) os(as) integrantes da família, principalmente na produção estão envolvidos as mulheres, jovens e homens, já na comercialização fica estabelecido o deslocamento de apenas um dos membros, em alguns casos estabelece parceria com os(as) outros(as) feirantes para que seja comercializado de forma coletiva nas barracas. Essa estratégia visa a diminuição dos custos com a logística, que é um dos grandes entraves da Feira Agroecológica de Sento Sé.

No meu caso, a produção é no assentamento e eu junto todas as produções e comercializo na minha barraca, e depois dividimos os custos que tive para trazer. Se não fosse assim, eles não viriam, por que é muito longe da sede e caro. Já na comercialização na barraca, na maioria das vezes é só eu, não dá para trazer mais ninguém (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Em relação a possíveis perdas de produtos, os(as) entrevistados(as) e a partir da observação participante, de forma unânime os(as) participantes da feira enaltece que não há perdas, muitos comercializam os produtos na própria comunidade e o que não é vendido tem destinação para o autoconsumo.

Segundo os(as) produtores(as) e feirantes, o diferencial dos seus produtos em comparação com o convencional, relaciona-se com a origem da produção agroecológica, desenvolvido por mulheres em seus quintais produtivos, sem utilização de adubos químicos e agrotóxicos e possui maior tempo de armazenamento na geladeira.

O grupo que comercializa sua produção via Feira Agroecológica de Sento Sé consegue ter acesso a formações em temas que são pertinentes e contribui para a

gestão e organização da feira, porém muitos não priorizam esses espaços e ficam de fora de discussões que contribuem para o fortalecimento e avanços da iniciativa.

[...] nem todos participam das formações, tem alguns que não participam de jeito nenhum das formações, e aí desse jeito complica, os que participam tem um acúmulo maior. Principalmente, quando não participa das capacitações, não consegue explicar para o cliente né porque que não tem o produto. Outras tem esse domínio para explicar o que é agroecologia para o cliente outras nem tanto, e aí isso complica as vezes a relação com o cliente (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022).

A gestão financeira das famílias é um desafio, pois a maioria não faz nenhum planejamento orçamentário com previsão de receitas, custos e anotações sobre as rendas obtidas com os produtos comercializados na feira. Nas famílias que conseguem executar esse planejamento, os filhos e filhas é quem são responsáveis por ele, com supervisão da mãe ou pai. Sendo assim, um tipo de gestão coletiva e participativa em todos os processos desde a produção até a comercialização na feira.

Sendo que o item que consegue ter maior impacto negativo na gestão financeira das famílias para a comercialização, é a logística, que é realizada em sua totalidade pelos(as) produtores(as) e que é alvo constante da comissão organizadora em busca de solução.

A logística é toda por conta dos feirantes, ainda temos um apoio dos meninos, mas é os feirantes mesmo que se desloca de suas comunidades, que vê como vai fazer. Por isso, também é uma dificuldade, pois tem comunidades que é muito longe, as vezes nem compensa vim. Por que a produção não cobre aquelas despesas, você não pode vim só para trocar moeda, tem que vim para ganhar um pouquinho. O que mais precisamos, é apoio de logística, para levar as baquetas para o ponto de ônibus, e outros pontos para chegar e sair da feira (FEIRANTE/PRODUTOR – 2, 2022).

Mesmo com esses entraves os resultados obtidos na Feira Agroecológica de Sento Sé tendo como foco de análise as ações desenvolvidas pelos(as) produtores(as) e feirantes, é possível afirmar que está sendo promovido desenvolvimento local na microrregião do município de Sento Sé.

Dialogando com a compreensão de Karnoop (2012), que estabelece os pilares do desenvolvimento local como o progresso da região, comunidade e individual, ou seja, quando os(as) produtores(as) conseguem graus de autonomia produtiva, oferecem produtos saudáveis para os(as) consumidores(as) e com geração de renda,

estes estão provocando desenvolvimento local e regional. Assim como está de acordo com Buarque (1999), que direciona o desenvolvimento local para atuações e ações da coletividade com inovação, atuação de agentes locais, potencialização dos recursos locais e contextualizado e que para ser permanente necessita de novas oportunidades e competitividade para a economia local.

Os (As) produtores(as)/feirantes da Feira Agroecológica e Orgânica de Sento Sé estão estritamente ligados a compreensão de Ploeg (2008), que estabelece a compreensão do capital ecológico para definir a agricultura camponesa, a iniciativa mantém em sua base produtiva assentamentos da reforma agrária e prioriza a diversificação da produção, com os princípios da Agroecologia, produção orgânica e em processo de transição, mantendo aproximação maior com a natureza e modos de vida. Além de manter produção fundamentada na mão de obra familiar e comercialização somente do excedente, esses valores e reflexões estão mais consolidados na experiência de Sento Sé.

#### *4.4.2.3 Inserção dos(as) consumidores(as)*

Nas estratégias de acesso aos circuitos curtos de comercialização o componente consumidor(a) são as atividades fins de produtores(as) e feirantes, nesse sentido, torna-se importantíssimo a sua compreensão e manter diálogos de aproximação e conquista. No mesmo sentido, os(as) consumidores(as) devem compreender a importância dos(as) produtores(as) para o acesso a alimentos saudáveis e com segurança alimentar e nutricional, e trilhar dessa forma a compreensão da coprodução, onde os(as) produtores(as) produzem os alimentos, comercializam e executam o importante papel de utilidade pública de saúde.

Sendo assim, a Feira Agroecológica de Sento Sé mantém a partir da sua comissão organizadora boas relações de reciprocidade e proximidade entre produtor(a) e consumidor(a) e assim é sustentando a quantidade de 100 consumidores(as) mais fixos e com gasto médio em torno de R\$ 50,00, dessa forma esse é o grupo que sustenta a iniciativa nos aspectos financeiros, e que compreende a falta de alguns produtos em determinados momentos do ano.

Nas assessorias falamos muito na figura do coprodutor, e sensibilizamos os feirantes para eles irem sensibilizando os consumidores locais, para que eles sejam os seus colaboradores ou coprodutores, é só uma ideia e que precisa de muito debate dentro da

feira (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Os clientes mesmo com um momento difícil de produção, a produção baixou, mesmo assim, eles não abandonaram a feira estão participando. Mesmo que não conseguem comprar aquele produto que eles querem, mas tá sempre ali presente. Sempre reclamando, preocupados com a feirinha, e dizendo, rapaz, mas tá pouca coisa, outros perguntando se a feirinha vai acabar. Mas, não abandonam, e mantendo um gasto médio de 50 reais por feira, e hoje a gente tem mais ou menos 100 clientes fixos, aquele que tá toda toda semana tá ali comprando alguma coisinha, né e tem aqueles flutuantes. E mesmo com a falta de produtos, não estamos perdendo clientes, muitas vezes os clientes vem atras de uma coisa, não acha e acaba por levar outros produtos, e acaba saindo satisfeito (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Nesse grupo coeso da Feira Agroecológica de Sento Sé, os(as) consumidores(as) foram conquistados por meio da qualidade dos produtos, e percebe pelo discurso que os hábitos alimentares estão sendo modificados de forma positiva.

Quando comprei pela primeira vez, fiquei me questionando, há mais você está comprando mais caro, aí eu vou conversando com um e outro aqui na feira, e percebo que estou levando saúde, e conluo, é, melhor gastar aqui do que em farmácia e médico. E assim eu convenci mais gente, e tudo muito tranquilo (CONSUMIDOR - 1, 2022).

Em relação aos preços, existem muitas reclamações quando eles compararam com os verdurões e supermercados, mas acabam sendo conquistados pelo tempo de geladeira e por conhecer os(as) produtores(as) o que é o suficiente para a garantia de ausência de contaminantes. “Assim, antes de vim para cá eu comprava nos verdurão, e lá o preço é melhor, porém rapidinho o coentro estraga e acaba desperdiçando, e daqui demora um tempão uns quinze dias no mínimo, e isso é muito bom” (CONSUMIDORA – 2, 2022).

A relação com os clientes, é boa, mas tem vez que entende que está faltando produto, outros não entende. Os clientes que estão desde o início, entendem mais, pois sempre provocamos a eles estudarem o que é Agroecologia e como ela funciona. Ou que segue o Instagram e fica por dentro de como é a nossa produção. Assim, eles vão entendendo que nem toda feira vai ter tudo. Mas, sempre tem clientes novatos chegando, e na feira anterior ele veio e encontrou hortelã, e nessa não encontrou e ficou reclamando, que tem que ter um todas as feiras (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

O perfil dos(as) consumidores(as) que são recorrentes na Feira Agroecológica de Sento Sé são bem variados com inclusão em todas as classes sociais, e com grau

variado de compreensão da produção agroecológica.

Os nossos clientes são bem variados, tem os com dinheiro, e outros que não tem, uns mais esclarecidos outros nem tanto. Eles vêm e começam, a conhecer, leva um produto para casa, e lá eles vêm a durabilidade dos produtos que é outra, em comparação ao tradicional. O principal é a durabilidade, tem gente que diz bem assim, oxe eu comprei, na sexta-feira passada até quinta-feira ainda tenho verduras que parece do dia (COMISSÃO ORGANIZADORA – 1, 2022).

Antes da feira, era difícil de consumir os produtos agroecológicos, aliás eu nem entendia o que realmente era isso. Mas com a feira compramos e gostamos e voltamos sempre. Hoje a minha prioridade é na compra na feira (CONSUMIDORA – 2, 2022).

No quesito segurança dos produtos, a confiança foi sendo conquistada aos poucos, muitos(as) consumidores(as) ficaram com receio de comprar sem ter a certeza de ser sem contaminantes, porém aos poucos e com os diálogos permanentes com os(as) produtores(as) foram superados e hoje a maioria dos(as) consumidores(as) afirmam que a aquisição de produtos na feira é a certeza necessária que estão comprando alimentos saudáveis, sem a necessidade de certificação. “Eu gosto de comprar na feira por ter mais segurança, eu conheço o pessoal e suas comunidades, para mim isso já é o suficiente” (CONSUMIDORA – 2, 2022).

Para manter o bom relacionamento e evitar frustrações nos(as) consumidores(as) a comissão organizadora mantém dois grupos de WhatsApp, o primeiro com os(as) produtores(as) com o objetivo de manter o controle de quais os produtos serão ofertados na feira, e o segundo grupo com os(as) consumidores(as) mais recorrentes. Dessa forma, na quarta-feira os(as) produtores(as) relacionam a sua produção e oferta, e é divulgado a relação para os(as) consumidores(as) e assim os dois elos ficam sabendo previamente como será a feira na sexta-feira.

A gente sempre pede a lista do que vai ter na feira de produtos, ai com aquela lista mandamos para o contato de alguns clientes daqui, ai ele escolhe os produtos que querem para semana, o que está precisando, assim a gente separa, e ele ou vem buscar, ou a gente manda entregar na casa dele. Para isso usamos o grupo do WhatsApp da feira. A comercialização da feira, está estruturada na produção dos feirantes nos quintais e não na necessidade do consumidor, bem diferente do tradicional da venda, que foca no cliente. No nosso caso, o cliente tem que querer o que nós temos (COMISSÃO ORGANIZADORA – 2, 2022).

A maior reclamação dos(as) consumidores(as) está na aparência dos produtos que variam muito de época do ano para outra, o que necessita de estratégias de convencimento dos(as) produtores(as) feirantes. Para o público que demonstra conhecer melhor o processo produtivo agroecológico, esse item não influi de forma mais drástica como é percebido no público que está aproximando-se da iniciativa. “A aparência muda muito de feira para feira, já teve vezes que deixei de comprar por isso, é muito ruim comprar produtos com muitas manchas, eu sei que não usa veneno, mas a aparência ajuda a levar o produto, se tivesse um jeito de melhorar seria bom (CONSUMIDOR – 1, 2022).

Em relação a aparência dos produtos segundo a FAO aproximadamente metade dos alimentos produzidos no mundo são desperdiçados, chegando nos países mais industrializados a atingir 1,3 milhões de toneladas por ano, que seria o suficiente para alimentar 925 milhões de pessoas (QUINTAL, 2020). Os desperdícios acontecem em toda cadeia agroalimentar, com condições inadequadas de transporte e armazenamento. Em Portugal existe a iniciativa da “Cooperativa Fruta Feia”, que atua no mercado alternativo que comercializa as frutas e hortaliças que seriam desperdiçadas e assim debate a alteração dos padrões de consumo (QUINTAL, 2020).

A Feira Agroecológica de Sento Sé no processo de certificação em curso via OPAC Povos da Mata, busca de forma participativa e menos onerosa a confiabilidade dos produtos para os(as) consumidores(as). Porém, existe a incerteza em relação a ganhos reais na comercialização com o desenvolvimento da certificação, pois para os(as) consumidores(as) a aquisição direta na feira, não é necessário o uso de selos de garantia, pois a maioria conhece os(as) produtores(as) e já conseguem desenvolver processos de confiança. Nesse sentido, a utilização de selos de orgânicos ou outro selo que garanta a produção sem uso de agrotóxicos, para a realidade da Feira Agroecológica de Sento Sé, pode não ser um elemento agregador de qualidade e diferencial de produtos, e conseqüentemente que justificaria maior valor agregado e sendo repassado para o consumidor final.

O que não pode acontecer aqui em Sento Sé, é começar a usar o selo de orgânico e começar a criar o nicho de mercado, e aí somente a elite comprar os produtos da feira. Até porquê aqui em Sento Sé, não tem uma elite que consiga absorver toda a produção. Tem que acabar com essa lógica, que o orgânico é caro e não precisa ter tanta qualidade que pode ser um produto pequenininho e tal. Tem que ter preço não



pode ser mais caro, e tem que ter qualidade boa (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Como elemento avaliativo dos(as) consumidores(as) da Feira Agroecológica de Sento Sé, o ambiente é atrativo com grandes trocas e realização de eventos culturais e artísticos, e promove ambientes agradáveis de trocas e de convívio de produtores(as) e consumidores(as), além da aquisição de produtos saudáveis e sem agrotóxicos.

A Feira Agroecológica de Sento Sé contribui para a avaliação de Fontana e Lima (2018) que argumenta que as feiras são importantes locais de acesso a alimentos ricos nutricionalmente e com segurança e soberania alimentar para os(as) consumidores(as). Principalmente em um momento da nossa história civilizatória onde predomina a industrialização e consumo de ultraprocessados, e no setor produtivo a predominância de agrotóxicos e monopólios alimentares.

#### *4.4.2.4 Ações das organizações de apoio e intervenções sociotécnicas*

O processo de constituição da Feira Agroecológica de Sento Sé foi impulsionado pela organização de apoio IRPAA, em consonância com a Rede de Mulheres e AAPSSSE, sendo que a maioria das intervenções sociotécnicas foram desenvolvidas pelo IRPAA, na perspectiva do fortalecimento da base social e organização da feira.

O financiamento das intervenções sociotécnicas e os investimentos em estruturas produtivas foram por meio do projeto Pró-semiárido, com as melhorias da produção nos quintais produtivos, apicultura e viveiro de hortaliças, as produções atingiram volumes de excedentes que foram direcionados para a comercialização via circuitos curtos.

A princípio os objetivos, e eles foram mudando durante o processo, nem, era assessorar e apoiar as iniciativas dos agricultores de comercialização depois de um processo de fomento da produção em cinco territórios, pelo projeto pro semiárido. Tanto a nível de estruturas como apoio das associações, estimulando sempre uma produção agroecológica. Aí depois de um certo tempo, chegou à conclusão. Bom, e agora a gente tem essa produção e agora o que fazer com ela? (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

As capacitações e acompanhamentos foram realizados em duas esferas, a produtiva e a organização social, sempre na lógica das estratégias de convivência

com o semiárido e o fortalecimento da autonomia dos(as) agricultores(as) familiares, e na feira os processos de intervenções passaram para a organização social como a constituição da comissão organizadora e a realização de intercâmbios para trocas de experiências.

Agora teve os investimentos e ele não pode ficar ocioso, então começamos ao processo de discussão sobre a comercialização. Os agricultores perguntavam, temos produção né e uma produção limpa, tem qualidade, mas e aí que que eu faço com ela? Só para o alto consumo? Com essa estrutura vai sobrar muito não vai ser só para eu comer (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

O maior desafio da organização de apoio e comissão organizadora é a manutenção em relação ao número de barracas em todas as edições da feira, pois ainda está bem flutuante esse número de 10 a 13 barracas, os motivos são os mais variados, sendo o principal a questão da logística que é totalmente realizada pelos(as) produtores(as) e acaba por inviabilizar a chegada dos produtos em determinados momentos.

É normal na feira ter feirante que sai e depois outra volta, sempre por causa desses perrengues de trazer os produtos para cá. Então sempre tem essa flutuação de pessoas, também acontece de aparecer uns novos que não estava no grupo e fica sabendo da feira e quer entrar, fazer parte (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

O IRPAA como organização de apoio tem como estratégia a potencialização dos circuitos curtos de comercialização, as intervenções sociotécnicas com intuito nesse sentido de fortalecimento, e no caso da Feira Agroecológica de Sento Sé, existe a necessidade de desenvolver a cultura da comercialização em feiras para os integrantes principais, produtor(a) e consumidor(a).

A feira de Sento Sé, tem potencial para crescer, eu vejo que sim, e com certeza entraves também. Um dos maiores entraves é a cultura de feira que ainda a gente não tem, os feirantes ainda não são aquilo que a gente sonha, militantes mesmo pela feira, né, que busca fortalecer e querer que ela cresça. O próprio poder público não dá apoio não incentiva a cultura da Feira, essa cultura mais popular, como acontece em outros municípios da região. Essa estratégia da feira é um desafio, pois ela é tanto para os produtores agroecológicos, como para todos os produtores convencionais, pensando na viabilização e valorização da comercialização no município, rompendo a ideia que tem que levar para Juazeiro e depois buscar de novo (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

As ações desenvolvidas nas intervenções sociotécnicas vêm sendo

desenvolvidas para a provocação da valorização da produção sustentável, sem utilização de agrotóxicos a nível de produtor(a) e atingindo o nível de consumidor(a) com o potencial de mudança da alimentação mais saudável e que valorize a Agricultura Familiar da região. “Outro debate da feira é a valorização do produto limpo, sem agrotóxicos, que também é um grande objetivo da gente, né, a gente tenta provocar esse debate da produção limpa tanto nas comunidades como para dentro do município” (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Então, não é a produção por si só que a gente debate, mas uma produção agroecológica com convivência com semiárido, a gente trabalha tudo isso nos territórios a partir da assessoria. A gente tem essa vontade de trazer esse debate para o ambiente da feira, mas sinto que ainda não tem esse caldo para fazer esse debate. Mas, já conseguimos trazer boas discussões nesse sentido, e já temos elementos para trazer esse debate sobre a Agroecologia e tudo que cerca esse tema (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

O tema inicial que foi desenvolvido nas capacitações da organização de apoio foi no debate sobre a produção agroecológica, sem uso de agrotóxicos com preservação ambiental e com a valorização de mulheres e jovens. Esse momento foi muito importante para potencializar a criação do grupo da feira, e estabelecer os parâmetros para a participação nas edições da feira.

Pelo pró-semiárido tivemos capacitações no campo, nas comunidades aconteceram muitas oficinas, e no âmbito da feira também. Lembro que em 2019, no primeiro ano da feira, nós fizemos uma capacitação sobre Agroecologia. Tínhamos sempre essa inquietação junto com produtores, essa produção é do tipo orgânico ou é agroecológica? Por que tem aquela máxima, né todo agroecológico é orgânico, mas nem todo orgânico é agroecológico. Pois a realidade do orgânico está muito mais na lógica de mercado, e Agroecologia entra por outros caminhos, ela é bem mais ampliada. E aí quando você fala Agroecologia, aí você vai ter que pensar meu preço tem que estar justo para mim e para quem compra, então eu tenho que ter esse cuidado com preço. Além de pensar, qual o mercado que eu estou acessando? Se eu estou explorando alguém, tem uma série de situações que tem que ser avaliada. Quando você vai falar que é agroecológico, você complica o processo, porque o negócio é muito mais embaixo (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Das capacitações desenvolvidas para os(as) envolvidos(as) diretamente na produção e organização da Feira Agroecológica de Sento Sé, e que mereceu destaque positivo foi a de precificação de produtos, que trouxe a compreensão dos custos fixos e variáveis a serem observados para a comercialização e composição do

valor final do produto. Compreendendo o método de precificação e os possíveis valores a serem atingidos nas comercializações, tem-se o desenvolvimento da autonomia financeira, que é essencial para a continuidade da feira após o encerramento de determinado projeto.

Então o processo de precificação de produtos é importante para a autonomia financeira, para isso teve uma capacitação no sentido da precificação. Mas, ainda nem todos estão aplicando no cotidiano, um ou outro está fazendo, e isso já é bom, é um processo educativo. O pessoal ainda não está na pegada de colocar tudo na ponta do lápis, descrever tudo detalhado para ter bem claro assim, meu lucro é 30% se não for isso eu não estou ganhando. E se tiver ali no, nem ganha nem perde, e se eles estão ali é porque a gente está animando-os, enquanto assessoria e quanto propósito. Se isso estiver acontecendo, quando o projeto se encerrar e a gente se afastar um pouco, vai cair, né. Então eu acho, portanto, que esse ganho financeiro é essencial para manter a autonomia para manter a sustentabilidade da feira (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

Outra intervenção sociotécnica que teve resultados interessantes foram os intercâmbios, com outras experiências no território Sertão do São Francisco e no Território de Irecê, eles possibilitaram trocas de experiências e a vivência em feiras que comercializam produtos orgânicos certificados. Contribuindo assim, para a ampliação da discussão sobre a proposta de certificação da Feira Agroecológica de Sento Sé.

Fizemos um intercâmbio agora recentemente com a feira de Irecê, com o grupo da feira daqui, lá diz que é a maior feira de orgânico da Bahia. Todos os feirantes são certificados de forma participativa, pela rede Povos da Mata. Mas, é interessante que lá em Irecê por exemplo eles têm a tabela de preço, e é uma coisa bem tranquila, algo que ainda não avançamos por aqui. E a outra propriedade que a gente visitou, era bem mais diversificada, estava mais agroecológica (ASSESSORIA TÉCNICA – 3, 2022).

No quesito comunicação a organização de apoio desenvolveu em parceria com outra organização capacitações sobre o marketing digital e manutenção de sites, essas capacitações vem contribuindo para a manutenção das redes sociais da feira, e está em desenvolvimento pelos cursistas os próprios catálogos de divulgação. Além disso, e também em parceria foram desenvolvidas capacitações em gestão e pós colheita de produtos vegetais. “O grupo também teve uma capacitação de pós colheita, gestão e marketing digital e que vai ajudar bastante eles, pois vão fazer seus próprios catálogos e divulgar os produtos” (ASSISTÊNCIA TÉCNICA – 3, 2022).

A organização de apoio estabelece que a Feira Agroecológica de Sento Sé está no momento de ampliar o seu alcance na conquista de novas comercializações, porém será necessário potencializar a autogestão da feira, atualmente ela está concentrada em pessoas específicas o que acaba por sobrecarregar a comissão organizadora.

A feira ainda tem um probleminha de que tem pessoas que tem que carregar ela nas costas, né, tem umas três que carrega e aí precisa ter uns processos mais autogestionários. Na coordenação da feira, tem no máximo quatro pessoas que tocam a coordenação. Eu acho que talvez também essas próprias pessoas não demandam nos momentos coletivos, não provocam as pessoas do grupo maior para despertar de consciência de que precisa apoiar todo processo (ASSISTÊNCIA TÉCNICA – 3, 2022).

A Feira Agroecológica de Sento Sé poderá torna-se uma associação e dessa forma existe a possibilidade de inserção em outras modalidades de circuitos curtos de comercialização como o PAA e PNAE, essa discussão já está sendo avaliada e será necessário algumas mudanças no regimento interno para sua concretude.

Inclusive a gente até está tentando mudar algumas coisas do regimento interno, para colocar mais estruturas tipo de uma associação. Quem é que pega qual função e isso ajudaria a ser um grupo mais autogestionário, mas participativo. Quem sabe assim o grupo da feira irá ver que é preciso fazer três reuniões anuais, que coloque todas as questões realmente do que tá pegando na feira para organizar melhor todo o grupo. Assim, o grupo teria uma estrutura melhor para tocar as decisões e as coisas que tem que serem feitas. O grupo tem essa consciência, de saber esperar os tempos e os momentos corretos (ASSISTÊNCIA TÉCNICA – 3, 2022).

Como conclusão, a organização de apoio e suas ações de intervenções sociotécnicas, entende que contribuiu para a animação do grupo e que os resultados positivos alcançados, foram alcançados de forma coletiva e os grupos envolvidos possuem estratégias e boas possibilidades de crescimentos e avanços.

As organizações de apoio, é muito importante, porque se o grupo tá desanimado que não tá querendo muito, chega o técnico e dá aquela injeção de ânimo, aquela agitada no grupo e isso é muito importante mesmo que não esteja tão próximo como está hoje. Mas é importante ter essa sensibilização para que as coisas funcionem da melhor forma possível (ASSISTÊNCIA TÉCNICA – 3, 2022).

### 4.4.3 ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE REMANSO

#### 4.4.3.1 Ações da comissão organizadora

A Feira Agroecológica de Remanso teve seu início em 2019 com regularidade mensal e chegando a semanal em 2022, desde sua abertura a maior preocupação foi a estruturação da comissão organizadora, pois naquele momento não existia um grupo específico organizado em associação ou cooperativa que pudessem assumir a comissão organizadora. Diante disso, no primeiro momento a comissão organizadora foi composta por apenas as organizações de apoio SASOP e IRPAA, e com a ampliação da discussão interna, foi inserido a representação dos grupos produtivos para essa composição atual. Sendo assim, existe no grupo dos(as) produtores(as) e feirantes os(as) agricultores(as) independentes, ou seja, que não fazem parte de nenhuma associação ou cooperativa.

Na Feira Agroecológica de Remanso a comissão organizadora recebe a denominação de coordenação, e possui estrutura organizativa semelhante a associação com a coordenadora, tesoureira e secretária, sendo todas mulheres.

A ideia da feira já veio do SASOP, com aquela feira que era feita no dia internacional da mulher. A partir disso começamos a feira mensal, montamos uma **coordenação com a coordenadora, tesoureira e secretária**. E o SASOP, IRPAA e Prefeitura entra como parceiros (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022, *grifo nosso*).

As ações desenvolvidas pela comissão organizadora têm a função de zelar pelo cumprimento do regimento interno, contribuição financeira de cada barraca e na produção de alimentos sem uso de agrotóxicos. Ou seja, estão relacionadas a organização social e controle da produção que é adquirida pelos(as) consumidores(as).

Temos um protocolo para participar da feira, pois temos que passar pela coordenação e seguir o regimento interno, e daí passamos todos os conhecimentos as regras que devem ser seguidas, por que tudo tem que ter normas para ser organizado, para não ficar bagunçado. Em linhas gerais as regras são sobre a contribuição financeira que tem, os horários de montagem e desmontagem, são coisas básicas. Além de orientar sobre a atenção em relação ao não uso de agrotóxico, pois é uma feira agroecológica e isso é o principal ponto. Não podemos sujar o nome da feira, pedimos sempre esse cuidado especial em relação a isso (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A comissão organizadora ainda conta com a contribuição da Prefeitura Municipal de Remanso mais precisamente com a Secretaria de Agricultura, que apoia com estrutura, incluindo os toldos, local de depósito das barracas, banheiro químico e lavatório de mãos. No início de 2023 a prefeitura ofertou a utilização do espaço definitivo para a feira no espaço adjacente ao mercado municipal que oferece maior conforto e segurança para os(as) produtores(as) e consumidores(as).

A relação com a prefeitura é boa, um grande avanço, no começo não tinha a união entre os três (SASOP, IRPAA e prefeitura), sempre um querendo ser mais destaque que o outro. O que é normal de todos os lugares. Mas, hoje em dia eu vejo que mudou muito, os três apoiam, chegam juntos, eu achei bem legal essa parceria. Pois tem que ter essa parceria, um depende do outro, quantas vezes o SASOP não pode contribuir e o IRPAA pode contribuir, e vice versa. E que ganha com essa relação mais direta são os agricultores (as) e suas famílias (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A prefeitura mesmo não sendo parte integrante da comissão organizadora é uma parceria estratégica para a organização, promoção de eventos e divulgação. Porém, a inclusão da prefeitura no dia a dia e composição da comissão organizadora não é bem avaliada pelo restante do grupo, pois tem o receio da perda da autonomia e o uso para fins eleitorais.

Hoje uma parte da estrutura é fornecida pela prefeitura, como os toldos, o local onde guarda as barracas, os banheiros químicos e o lavatório de mãos, tudo isso é fornecido pela prefeitura. Além disso, quando temos eventos, como foi o dia das mães, a prefeitura e vereadores contribuíram também nesses eventos, além de divulgação da feira no site e já contribuiu com carro de som. Gostaríamos que a prefeitura contribua ainda mais com a divulgação. A prefeitura fez um evento “saúde na comunidade”, com caravana com médicos e outros setores da prefeitura foram para a comunidade, e a última foi no Mandu, e a feira foi convidada para ir montar uma feira lá. A gente levou e foi bem gratificante de vendas, as mulheres ficaram bem contentes, e foi bom levar o artesanato e os outros produtos. Porém, é uma parceria que merece cuidado e muitos sentem desconfortável nessa relação (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A definição de preços praticados na feira segue a lógica da comparação com o convencional, não sendo realizada nenhuma capacitação em precificação, sendo assim os(as) produtores(as) não possuem parâmetros para avaliar o alcance e margem de retorno ou sobra que estão conseguindo. Mesmo diante dessa carência a comissão organizadora consegue manter os mesmos preços para os produtos iguais, a definição ocorre em reuniões específicas e com amplo debate para sua definição e

aceitação.

Os preços nas barracas que vendem os mesmos produtos são mantidos iguais, para que não haja concorrência entre eles, essa combinação de preços foi tranquila. Falta para os feirantes um curso sobre precificação, e outras qualificações. Foi ofertado recentemente um curso pelo SEBRAE, porém somente eu e mais uma pessoa das barracas que participou, era justamente sobre a precificação de produtos. Mas, seria muito importante ter uma qualificação nesse tema para todos os feirantes. Muitos não têm a noção que estão perdendo e não estão sabendo. Os preços que são cobrados na feira, levam muito em consideração os preços praticados nos concorrentes, e se aumentar perde os clientes, a freguesia (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A ação da comissão organizadora em realizar cadastros e mapeamento dos(as) produtores(as), teve bons resultados em relação a conhecer melhor os(as) integrantes e manter o controle social da produção sem agrotóxicos, de posse desses dados a comissão organizadora consegue manter os produtos a serem ofertados nas edições da feira.

O regimento interno da nossa feira foi elaborado pela assessoria, ele precisa de ser sempre atualizado. Existe ainda o cadastro dos feirantes, como sócios, para termos uma ideia de quem são, onde estão, quem está participando. Existe um grupo da comissão, e nele discute as ideias ali, e só depois socializamos com os outros da feira (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Mesmo não sendo realizadas ações específicas pela comissão organizadora para a organização da base produtiva, existe a confiança na produção agroecológica que está ligada ao conhecimento das comunidades inseridas e a certeza mesmo que sem controle da certificação, que a produção está livre de agrotóxicos. Demonstrando assim que a certificação, mesmo que participativa não irá trazer ganhos significativos de controle social a ser incorporado nos produtos e repassados para os(as) consumidores(as).

A base produtiva da feira está distribuída em algumas regiões de Remanso, não consegue atingir toda a zona rural. E isso é devido questões pessoais ainda, muitos não vão com a cara de alguns do SASOP ou IRPAA e não participa, não entendem que a feira não é das organizações. As comunidades inseridas na feira atualmente são: Veredas das Minas, Pedrinhas e Pimenteira, e agora está chegando a do Major. Assim temos a consciência que essas comunidades não usam agrotóxicos, são comunidades bem conscientes, são 100% agroecológicas (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

O processo de monitoramento da comissão organizadora em relação as



demandas e produtores(as) são desenvolvidas por grupos de WhatsApp, não sendo realizada o monitoramento dos produtos a serem ofertados em cada edição, ficando a cargo somente dos(as) produtores(as) essa chegada dos produtos a serem comercializados.

Boa parte do monitoramento é via grupos do WhatsApp, não fazemos o monitoramento de quais os produtos cada feirante irá trazer. Pois já sabemos, por exemplo a barraca da alimentação vai trazer, biscoitos e pães caseiros. A dona Edina da Pimenteira, ela já sabe quais os produtos que vai trazer, que é a mandioca, feijão verde e maxixe. A comunicação principal é via grupos do WhatsApp, e como temos muitos do interior, e aí fazemos a reunião presencial, porém não é muito produtiva. Nos grupos as discussões e encaminhamentos é bem melhor. E externamente a comunicação é falha, hoje só temos a placa falando que é uma feira agroecológica e nada mais. Selos tem alguns produtores que já tem em seus produtos, através do CESOL, porém tem uma resistência boba de muitos em não aceitar a assessoria da CESOL para a qualificação dos produtos. Muitos estão muito fechados com a assessoria do SASOP e IRPAA, e não querem receber contribuição do CESOL, o que é uma pena, pois poderia ser mais uma contribuição para a nossa feira (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A Feira Agroecológica de Remanso não recebe nenhum recurso financeiro direto, os(as) produtores(as) e feirantes são os custeadores(as) de toda iniciativa. O único apoio recebido por eles, é a disponibilização da estrutura e o acompanhamento técnico.

A avaliação da comissão organizadora estabelece boas expectativas em relação a permanência e ampliação da Feira Agroecológica de Remanso, mesmo com os desafios postos e entraves a serem superados, a feira consegue manter renda para as mulheres inseridas e fornecer alimentos de qualidade para os(as) consumidores(as) de Remanso e região.

As expectativas que tínhamos com a feira, ainda está longe, assim já avançamos muito, eu diria que estamos no meio do caminho. Mas, temos muito que melhorar, e temos que urgentemente. A minha maior frustração é ter tantas barracas que desistiram, se pudéssemos atrair novamente esse público iríamos avançar muito. É gratificante receber vários elogios em relação a feira e saber, que muitas não conseguia vender a sua produção, e hoje estão conseguindo obter renda com a feira. Além da amizade que é criada entre as participantes da feira, é muito bom (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

A comissão organizadora da Feira Agroecológica de Remanso, estabelece relações com os(as) produtores(as), feirantes e consumidores(as) que foi proposto

Ploeg (2008), em relação a aproximação de produtor e consumidor, de maneira a suprir as carências alimentares e econômicas de ambos atores sociais. Além de contribuir para a reprodução social das famílias envolvidas, em especial com os fundamentos da autonomia produtiva, privações de acesso a mercados e políticas públicas, inclusão de mulheres e fortalecimento da pluriatividade da Agricultura Familiar.

#### 4.4.3.2 *Ações dos(as) feirantes e/ou produtores(as)*

A Feira Agroecológica de Remanso antes de sua edição semanal acontecia de forma esporádica em datas comemorativas, principalmente no dia das mulheres, desde então, vem conseguindo ser um importante local de divulgação dos produtos da Agricultura Familiar do município. Os (As) feirantes e produtores(as) que estão comercializando seus produtos de forma regular, argumenta que esse histórico é a base consolidada da feira, e muitos(as) estão inseridos(as) desde essa época.

Tudo começou, lá trás quando o SASOP organizava o dia das mulheres, e ai um quando participei de uma reunião no IRPAA, e eles disseram que irão por essa feira aqui, e ai, eu e outras mulheres de lá resolvemos experimentar e eu já vinha desse tempo mais antigo (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

A produção que é comercializada na Feira Agroecológica de Remanso tem a sua origem de produções individualizadas desenvolvidas nos quintais produtivos, e a sua comercialização e logística também são individualizadas, não sendo desenvolvidos mecanismos de ações coletivas que impactasse na diminuição dos custos de logística.

Eu trago os meus produtos de moto, é um sufoco, eu moro longe e não tem nenhuma outra mulher que vende aqui, ai fica tudo por minha conta, as vezes da a sensação que estou perdendo dinheiro, viu, mas eu venho é muito bom esse contato com as outras mulheres (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

A minha produção é toda minha, eu trago para vender somente a minha produção. As outras mulheres que trabalham com o mel na minha comunidade e que fazem parte da associação comercializa pela internet e outros consumidores fora da feira. Da minha região somente eu que participo da feira (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

Entre os(as) feirantes e produtores(as) a diversificação e regularidade da

produção, não é citada como obstáculo para o alcance de novos(as) consumidores(as), a compreensão demonstrada é que a produção realizada é absorvida de forma total pelos(as) consumidores(as).

Eu trago o que tem por lá, e vendo somente o que tem, não faço plantio de coisas novas que os clientes pedem não. Hoje mesmo, teve uns consumidores que pediu coentro e couve e não tinha, e daí perdi vendas (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

Pelo depoimento existe a preocupação pelas perdas de vendas, porém falta mais empenho para a diversificação e escalonamento da produção para a comercialização seja mais eficiente para o consumidor final.

Na produção estão inseridos a maioria dos integrantes das famílias, principalmente as mulheres e seus esposos. A comercialização é realizada por apenas uma pessoa da família para diminuir os custos de transporte e alimentação nos dias de feira. Sendo que o desenvolvimento de rótulos ou vendas em redes sociais são realizadas pelos filhos. “Os rótulos foram desenvolvidos pelo meu filho, ele faz a arte e traz para a cidade para imprimir na gráfica, e ajuda a manter uma boa aparência do produto” (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

A minha produção é realizada por mim e meu esposo, e meu filho ajuda um pouco. A barraca hoje é dividida, mas eu gostaria que no futuro fosse uma para mim sozinha. Por que as vezes trago muitas coisas e não tem espaço para colocar na barraca (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

A Feira Agroecológica de Remanso consegue comercializar os seus produtos de hortaliças de forma a não acontecer perdas consideráveis, quando acontece de não comercializar toda a produção o restante é vendido em outros espaços como os verdurões, faz-se doações ou são direcionados para o autoconsumo.

Segundo os(as) produtores(as) e feirantes o diferencial dos seus produtos em comparação com o convencional, relaciona-se com a origem da produção agroecológica, sem uso de produtos químicos e desenvolvida de forma natural.

O diferencial do meu produto, vou disser da banana, é o seguinte ela é natural do mesmo jeito que eu a pego no pé ela amadurece, não coloco nada para amadurecer mais rápido, e os consumidores sabem disso e compra com essa certeza, mesmo sem a certificação. A maioria dos que plantam banana colocam os produtos para amadurecer, e tenho certeza que esses produtos prejudicam a saúde, e a minha não, ela dá saúde para quem compra de mim

(FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

O diferencial do meu produto é que colhemos o mel em casa de mel, na centrifuga e não é espremido, é bem limpinho e todo mundo que está colhendo ou beneficiando tem essa preocupação com a higiene. O nosso mel tem o destino medicinal, é excelente para curar várias doenças, podemos disser que estamos vendendo saúde (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022).

As capacitações que os(as) produtores(as) que comercializa sua produção via Feira Agroecológica de Remanso foram em relação a temática “produção nos quintais produtivos” sendo executadas pelo IRPAA. “O IRPAA vem conseguindo fazer assistência técnica junto aos produtores(as) e ajudando na produção dos animais e das plantas” (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022). Os temas como precificação, escalonamento produtivo e diversificação não foram objetos de aprendizagem das intervenções sociotécnicas.

Em relação a motivação em participar da Feira Agroecológica de Remanso está estabelecida na troca de experiências, geração de renda, possibilidade de escoamento da produção e amizades construídas entre as mulheres envolvidas.

A minha maior motivação, é que eu acho bom, é bem melhor que ficar parado, geralmente eu dividido com a minha filha tem um dia que eu venho e outra ela vem. A nossa banana teve um tempo que quase morreu tudo, pois não tinha para quem vender, e hoje tem umas pessoas que pegam lá mesmo na comunidade e vende para outros lugares, e com a feira trazemos para cá e cuidamos bem dos pés de banana (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

A gestão financeira das famílias é negligenciada, a maioria não faz nenhum planejamento orçamentário com previsão de receitas, custos e anotações sobre as rendas obtidas com os produtos comercializados na feira. Com isso, o acesso a possíveis empréstimos para a produção é tido como obstáculo, em alguns casos os(as) produtores(as) conseguem acesso para investimentos pontuais como a implementação de energia solar. “O único empréstimo que fizemos foi para financiar as placas de energia solar, e até hoje estamos pagando” (FEIRANTE/PRODUTOR – 5, 2022). O pensamento que prevalece é a insegurança no acesso e no pagamento “eu nunca fiz empréstimo, eu tenho medo de não conseguir pagar, mas penso no futuro fazer algum empréstimo para ajudar na produção do mel e nas outras produções” (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

As produções desenvolvidas pelos(as) produtores(as) na Feira Agroecológica de Remanso estão inseridos na compreensão proposta por Silva (2020), onde os tipos

de agriculturas estão vinculados as escalas de produção e distribuição. Ficando a Agricultura Familiar camponesa responsável por unidades pequenas e sem acesso a crédito e mercado, diferentemente da capitalista e a empresarial. Dialogando também com Wanderley (2014), que considera as agriculturas que estão nas denominações de franja periférica e desvalidos, onde a renda auferida não é considerada como resultado das atividades agropecuárias, como alvo de maiores análises e inserção de políticas públicas.

Como conclusão, os entraves maiores da Feira Agroecológica de Remanso em relação aos(as) produtores(as) e feirantes estão em relação a diversificação de produtos, necessidade de capacitações em precificação de produtos, mapeamento da produção e melhorias da logística.

#### 4.4.3.3 *Inserção dos(as) consumidores(as)*

A importância do elo consumidor nos circuitos curtos de comercialização como atividade ou objetivo fim, está definido como estratégia de proximidade, confiança e cooperação, por isso, a importância de diálogos e conquistas desse público. Sendo assim, a Feira Agroecológica de Remanso mantém a partir da sua comissão organizadora boas relações com o público mais recorrente que atinge o quantitativo de 50 consumidores(as) e com ticket médio (valor gasto por feira) de aproximadamente R\$ 40,00. Sendo esse o público base da feira e que garante a geração de renda bruta mínima para os(as) envolvidos(as).

Eu gosto de comprar os produtos da feira, não tem muitas coisas diferentes como eu gostaria, mas o básico do dia a dia, como coentro, alface, cebolinha, banana essas coisas eu sempre encontro. A minha sexta-feira é sempre passar por aqui, agora acho que eles podiam começar um pouco mais cedo, as 8hs o sol já está quente. Mas, os produtos são frescos e sinto confiança nessas mulheres (CONSUMIDOR – 4, 2022).

Para conseguir conquistar esse público mais fiel, a Feira Agroecológica de Remanso teve que investir na divulgação e dialogar com os(as) produtores(as) para não faltar produtos, pois no município existe a concorrência de duas outras feiras. As feiras existentes não são de produtos agroecológicos, são convencionais e existem nessas feiras barracas de produtores(as) que produzem em comunidades rurais e nas hortas comunitárias urbanas que provavelmente não utilizam agrotóxicos. Esse público poderá no futuro ser inserido como feirantes da Feira Agroecológica de

Remanso, para isso a comissão organizadora está em processo de diálogo, mas existe resistência devido ao tempo que estão comercializando nos atuais locais, por isso eles pensam que poderiam perder parte da clientela já conquistada. Sendo assim, esses são os concorrentes atuais da Feira Agroecológica de Remanso.

E tem a concorrência da feira, pois eles já têm os clientes deles, e até a gente conscientizar que os nossos produtos são agroecológicos, leva um tempo. E muitos deles também, não dá feirona lá de dentro, mas sim aquele pessoal que até fica nas calçadas, são produtos da roça também e são os grandes concorrentes nosso (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Os preços cobrados na feira, estamos entendendo que é um preço justo, mas o preço em si, ainda não foi feito o detalhamento, estudo mais preciso (ASSISTÊNCIA TÉCNICA – 1, 2022).

Os preços cobrados pelos produtores(as) seguem o mesmo cobrado pelas concorrências citadas acima, com isso não existem reclamações por parte dos(as) consumidores(as) que frequentavam os outros espaços de comercialização. Os(as) novos(as) consumidores(as) relatam que a opção pela feira se dá pelo maior tempo de conservação de seus produtos na geladeira e por conhecer alguns dos(as) produtores(as). “Antes eu comprava no supermercado e no verdurão, e os preços são praticamente o mesmo, só que o daqui da feira dura muito mais” (CONSUMIDOR – 6, 2022).

Na Feira Agroecológica de Remanso o perfil dos(as) consumidores(as) são bem variados com inclusão em todas as classes sociais, e com compreensão inicial da produção agroecológica.

Os clientes são pessoas ricas, pobres, estudante tem de tudo. O ruim é que eles não entendem muito bem quando falta algum produto, aí explicamos e eles dizem, oxe, mas na barraca tal lá no mercado tem. Leva um tempão para explicar e a sensação é que a maioria não entende muito bem a nossa produção sem irrigação (FEIRANTE/PRODUTOR – 6, 2022).

Antes da feira, eu comprava na horta Madre Cabrini, não sabia o que era produtos agroecológicos, nem sei se sei realmente o que é (rsrs) o mais importante é que consigo comprar, e alimentar a minha família (CONSUMIDORA – 5, 2022).

O quesito segurança dos produtos, a confiança não foi dificultosa aconteceu de forma natural devido a parte da concorrência que já comercializa produtos sem contaminação, e esse não é a prioridade dos(as) consumidores(as) da Feira

Agroecológica de Remanso. O fato de conhecer os(as) produtores(as), as comunidades e a comissão organizadora já são mais que suficiente para a maioria dos(as) consumidores(as) finais. “Eu gosto de comprar por conhecer todo mundo aqui, e está bem próximo da minha casa” (CONSUMIDOR – 5, 2022).

Na perspectiva de contribuir com a organização e fortalecimento da Feira Agroecológica de Remanso, a comissão organizadora estabelece diálogo recorrentes com os(as) consumidores(as). Sendo assim, as maiores reclamações dos(as) consumidores(as) estão relacionados a aparência dos produtos no decorrer do ano, principalmente para os(as) consumidores(as) que desconhecem o processo produtivo agroecológico. “Outro dia, peguei uma babata doce que estava com uma aparência ruim, acabei não levando, só que depois me arrependi, porque no mercado também estava do mesmo jeito, não sei o que aconteceu” (CONSUMIDOR – 6, 2022).

Na iniciativa da Feira Agroecológica de Remanso não existe nenhum processo de certificação em curso seja participativa ou auditada, e os(as) consumidores(as) não avaliam como necessário a utilização de selos. “Acho que tivesse um selo o preço ia aumentar, e não estou disposto a gastar mais para ter um selinho, a relação que temos aqui na feira, para mim é suficiente” (CONSUMIDOR – 5, 2022). Nesse sentido, a utilização de selos de orgânicos ou outro selo que garanta a produção sem uso de agrotóxicos, para a realidade da Feira Agroecológica de Remanso, pode não ser um elemento agregador de qualidade e diferencial de produtos.

Os(as) consumidores(as) da Feira Agroecológica de Remanso avaliam que o ambiente é atrativo com grandes trocas, o preço é justo, a localização é excelente e promove ambientes agradáveis de trocas e de convívio de produtores(as) e consumidores(as), além da aquisição de produtos saudáveis e sem agrotóxicos.

Mesmo estando inserido na compreensão do acesso os(as) consumidores(as), os(as) produtores(as) inseridos na Feira Agroecológica de Remanso mantêm processos de exclusão social em seus tecidos sociais, onde os(as) produtores(as) estão competindo pelos(as) consumidores(as), e provocando efeitos negativos em seus tecidos sociais, como afirma Martins (1994). Assim como dialoga com Molina (2011) que classifica a Agroecologia como a garantia dos processos de distribuição e segurança alimentar que envolve, produção, elaboração e transformação, transporte, distribuição, conservação e preparação dos alimentos.

#### 4.4.3.4 Ações das organizações de apoio e assessoria técnica

A constituição da Feira Agroecológica de Remanso desde seu início foi idealizada pela organização de apoio SASOP, em parceria com outros grupos produtivos, além da inserção do IRPAA como outra organização de apoio a feira. Sendo que as intervenções sociotécnicas em sua maioria foram desenvolvidas pelo SASOP, na perspectiva do fortalecimento da organização da feira, como elaboração de regimento interno e composição da comissão organizadora.

A gente até fala idealizadores da feira são: grupos da economia solidária e SASOP, com apoio da prefeitura municipal de Remanso e IRPAA, todos entraram por que acredita e porque tem famílias que acompanham que estão no espaço de comercialização da feira. A relação é muito boa com a equipe que está hoje no IRPAA. A relação da feira com a prefeitura é boa, nesse sentido, tem dado apoio, no que a gente tem buscado, a gente tem conseguido, isso com a secretaria de agricultura. Esse apoio é muito importante para a organização e condução da feira agroecológica (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

O SASOP conseguiu fazer com eles muitos encontros e algumas reuniões, mas no sentido do processo organizativo com regimento interno, criação da comissão organizadora da feira, a coordenação em si, nós temos coordenação, nós temos tesouraria, nós temos secretaria. Temos isso já estruturado, e mantemos reuniões de rotina para está fortalecendo o papel de cada um, tentando corrigir algumas falhas que acontecem, sempre na frequência de uma reunião por mês e no futuro será a cada três meses (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

O custeio das intervenções sociotécnicas se deu a partir de projetos da cooperação internacional e do projeto de sementes do Pró-semiárido, ambos com gerencia do SASOP, sendo que o Pró-semiárido contribuiu com parte da infraestrutura como barracas, balanças e aventais, não sendo investido recursos em estruturas produtivas para os(as) produtores(as). “Parte da estrutura hoje da feira, teve a ação de dois projetos, projeto da cooperação internacional e projeto sementes com vínculo com o pró-semiárido, isso no início, atualmente não temos projetos” (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

No momento o SASOP não possui nenhum projeto que apoie financeiramente a feira, hoje o que temos de apoio para o funcionamento lá, principalmente com toldos, vem da secretaria de agricultura, ou seja, da prefeitura na figura da secretaria de agricultura. O secretário se comprometeu desde o início, e tem mantido isso. Além disso, toda quinta-feira, eles montam a estrutura, a gente realiza a nossa feira na sexta-feira, e depois eles desmontam (ASSESSORIA



TÉCNICA – 1, 2022).

Tido como maior desafio pela organização de apoio e comissão organizadora é a manutenção do número de barracas em todas as edições da feira, pois ainda está bem flutuante esse número de 10 a 12 barracas, sendo o motivo principal os problemas de logística que é realizada em sua totalidade pelos(as) próprios(as) produtores(as), e a falta de produções mais frequentes e com diversidade.

Hoje estamos com 10 barracas, que está mantendo a feira de maneira fixa. No início tínhamos bem mais, tínhamos além dessas 10 barracas mais 5. Temos também a falta dos grupos do pescado, que no início ocupavam duas barracas uma da APPR e outra da Colônia, e tínhamos o pessoal do mel da Melosa, que se afastaram, mas estão começando a voltar (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

O SASOP tem como objetivo na inserção na Feira Agroecológica de Remanso, fortalecer a Agroecologia, promover a segurança alimentar e nutricional e contribuir para a emancipação econômica das mulheres envolvidas na iniciativa.

O objetivo do SASOP com a feira é fortalecer a sua missão, com o fortalecimento da Agroecologia como um todo nos territórios, além da Segurança Alimentar, já que os nossos produtos são no mínimo orgânicos. A gente tem prezado por isso, até pelo nome da feira. A feira surge justamente para trazer esses produtos diferentes para a sociedade como todo de Remanso. Então o objetivo é fortalecer a SAN, o protagonismo da mulher, a maioria são mulheres, geração de renda e o fortalecimento da Agroecologia como um todo. Esses temas são dialogados nos dias que tem feira, sempre estamos levando um pouco disso, sempre abordando a Agroecologia, mostrando que ela existe que é viável e tem viabilidade, principalmente para a Agricultura Familiar (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

As ações desenvolvidas pela organização de apoio, tiveram sempre o objetivo de geração de protagonismo, sem gerar dependência para que, caso cesse os apoios os(as) próprios(as) produtores(as) e comissão organizadora consiga desenvolver a feira de maneira qualificada e permanente.

As intervenções sociotécnicas desenvolvidas na Feira Agroecológica de Remanso estão coerentes com a Agroecologia, que segundo De Molina (2019) deve gerar processos autônomos de gestão, acesso a mercados, realização de comércio justo. Além de manter sinergia entre três formas de entendimento; abordagem analítica, capacidade operacional e advocacia política, compreendido como o todo e

indivisível. Sendo, portanto, uma inovação sociotécnica, que se processa de forma não linear, complexa (uma vez que requerem mudanças profundas junto à comunidade).

No início da feira as pessoas tinham maior dependência, não tinham o protagonismo das suas coisas e tinha muita dificuldade de assumir esses espaços mais coletivos. Tanto é que, até hoje o povo ainda trata as barracas como as barracas do SASOP, mas a gente tem sempre fortalecido que elas precisam de autonomia. As barracas foram adquiridas pelo projeto sementes. No início existia sim essa dependência para tudo, mas hoje já estão mais autônomos, não dependem do SASOP financeiramente para fazerem os seus transportes (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Nesse sentido, a organização de apoio SASOP, busca em seus projetos direcionar recursos para a realização de capacitações que são necessárias, principalmente na precificação de produtos, realização de intercâmbios e impulsionar novas experiências nos municípios vizinhos. Ou seja, o fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização é estratégico para a organização e para o fortalecimento da Agricultura Familiar da região.

A estratégia é uma ideia da organização, até por que acredita nessa estratégia como fortalecimento da Agroecologia, mas, assim pessoalmente tenho me dedicado muito e encontrado essas brechas nos tempos dos projetos. A feira já é real, nós estamos em Campo Alegre e Pilão Arcado, com essa mesma discussão da feira agroecológica e nós vamos estruturar logo, logo, algo parecido com o que acontece hoje em Remanso. Uma das estratégias que irá nos ajudar a fortalecer a estratégia das feiras, são os intercâmbios, porém não temos recursos para isso (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Para esse alcance da organização de apoio em relação a organização da feira e a potencialização de novas iniciativas, o SASOP demonstra preocupação na falta de capacitações para a precificação de preços de produtos junto aos produtores(as), mesmo considerando o preço cobrado justo, não existe parâmetros para essa afirmação e os custos não são dimensionados para a composição do preço final a ser comercializado.

Os preços cobrados na feira, estamos entendendo que é um preço justo, mas o preço em se, ainda não foi feito o detalhamento, estudo mais preciso. Mas, isso está dentro do nosso processo de acompanhamento. Ainda não conseguimos fazer, precisamos de sentar com cada grupo e fazer esse processo com eles, em relação aos custos de cada produto e assim chegarmos a um preço justo para

todo mundo (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Os resultados alcançados na Feira Agroecológica de Remanso permitem afirmar que as expectativas que a organização de apoio, tem com a iniciativa estão sendo atingidas, principalmente pela promoção da Agroecologia, protagonismo de mulheres, geração de renda bruta, incidência política municipal e potencialização de novas iniciativas na região.

Em relação a expectativa que o SASOP tem com a feira, eu acredito que já alcançamos, a gente sente pela animação das pessoas com o espaço, pela geração de renda que está acontecendo, pela aceitação da sociedade com um todo. A gente percebe, que a cada semana a feira vem se fortalecendo, então há uma aceitação, de certa forma está sim atingindo as expectativas (ASSESSORIA TÉCNICA – 1, 2022).

Sendo assim, conclui-se que a organização de apoio e suas ações de intervenções sociotécnicas, contribuíram para a animação do grupo e que os resultados positivos conquistados, foram alcançados de forma coletiva e os grupos envolvidos demonstraram possuir estratégias e boas possibilidades de crescimentos e avanços. Como análise do processo vivenciado na experiência podemos citar a compreensão de Tiftonell (2019), que estabelece a transição agroecológica como divisão de papéis e responsabilidades dentro da Agricultura Familiar, de tal maneira que não se limita ao agroecossistema, mas ao sistema agroalimentar.

#### **4.4.4 ORGANIZAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA DA ORLA DE JUAZEIRO**

##### *4.4.4.1 Ações da comissão organizadora*

O processo de constituição da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro que funciona atualmente no Armazém da Caatinga na Orla II Bossa Nova em Juazeiro, é resultado de intensos processos de capacitações em produção orgânica que inicia em 2006. Nesse período, o processo foi conduzido pela CODEVASF e alguns pesquisadores da EMBRAPA Semiárido. A partir das capacitações foi organizada a Feira de Orgânicos de Petrolina e depois a Feira de Orgânicos de Juazeiro.

O surgimento das feiras na região começou em dois momentos, primeiro surgiu a de Petrolina e depois a de Juazeiro. E tudo começou assim, a CODEVASF em 2006 abriu uma licitação para a

Assistência Técnica, e dentro dos profissionais a serem contratados foi exigido que fosse contratado pelo menos dois profissionais com experiência na agricultura orgânica. Já existia na região algumas iniciativas bem incipientes, aqui em Juazeiro existia a APROAC, com a participação de algumas pessoas da EMBRAPA, mas, assim era uma coisa bem amadora e que não deslanchava. E quando começamos com a CODEVASF, teve uma pressão bem forte do gestor do contrato para que as coisas acontecessem (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Superado a falta de conhecimentos técnicos em relação a agricultura orgânica, a primeira feira aconteceu no bairro de Areia Branca em Petrolina/PE, com ampla participação do poder público e já com a certificação de orgânicos. Pois essa era a exigência dos(as) envolvidos(as) no processo da época, e que prevalece até hoje na Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro que é desenvolvida nos dias de quintas-feiras.

Nesse tempo, a maior dificuldade era até mesmo para dentro da PLANTEC, empresa que foi contratada, muitos técnicos não acreditava, não dava o devido valor para que apoiássemos a iniciativa da agricultura orgânica. E assim abrimos a primeira feira no bairro Areia Branca, com grande mobilização do poder público da época. Nesse processo, tivemos a contribuição de muitas pessoas e organizações, como o SEBRAE, principalmente com a certificação de agricultores orgânicos. Tudo já nasce com a certificação, pois era preciso para ter essa quantidade de produtos para viabilizar a feira até hoje (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A comissão organizadora que envolve a COOPERVIDA, APROVASF, CECAAT, IRPAA e ADEAP, nas duas versões da feira, orgânicos e agroecológicos possui como maior protagonista a ADEAP que atua desde o início e já nos outros locais de realização. Porém, a comissão organizadora é compartilhada principalmente com a COOPERVIDA e APROVASF. Sendo que a ADEAP consegue realizar visitas técnicas nas áreas de plantios com o objetivo de garantir a produção sem uso de agrotóxicos e monitorar as produções de forma a não faltar produtos nas edições da feira.

Quem administra essa feira aqui, é o pessoal da prefeitura, pelo menos começou assim com a secretária de agricultura, e temos de certa forma uma gestão compartilhada APROVASF, COOPERVIDA e Prefeitura. Eles continuam dando apoio e com visitas as áreas, não é uma assistência técnica, mas é um importante apoio. É claro, podiam contribuir ainda mais, mas diante do cenário atual está bom. Podia realmente visitar as áreas para conferirem se estão produzindo

conforme as regras da produção orgânica (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Portanto, as ações da comissão organizadora estão sendo direcionadas para o monitoramento da produção dos(as) produtores(as) nas áreas de plantio, e na organização das edições da feira com a formulação de preços, organização das barracas, gestão participativa e monitoramento dos alcances de resultados.

Comparando a gestão das feiras, Petrolina e Juazeiro, eu gosto mais do participativo e a de Juazeiro é bem mais participativo que a de Petrolina, a de lá somente a APROVASF define tudo e isso gera um processo bem mais concentrado. O apoio que a feira de Juazeiro recebe é da Prefeitura e do IRPAA, a Central da Caatinga sede somente o espaço, e precisaríamos que tivéssemos um apoio maior para o controle dos produtos que chegam até as barracas para serem comercializados (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A comissão organizadora com a representação do IRPAA e com recursos do projeto Pró-semiárido desenvolveu na região o processo participativo de certificação de orgânicos com execução da organização Povos da Mata. Com isso, existe a possibilidade de inserção de novos(as) produtores(as) e feirantes nas edições de quintas-feiras, outrossim as edições de sextas-feiras (agroecológicos) passarem a apresentar para os(as) consumidores(as) a certificação orgânica.

O pessoal de sexta-feira que passou pela certificação com o Povos da Mata e que adquiriu a certificação pode participar no dia de quinta-feira sem problemas. A certificação sendo auditada ou por OPAC ou OCS está legal e podem participar, e não precisa ser associado da APROVASF. Com certeza não precisa fazer parte da APROVASF para comercializar na feira daqui de Juazeiro, só precisa ter algum mecanismo de certificação, para gente ter maior controle. Em Petrolina como a Feira é coordenada somente pela APROVASF, somente os associados podem participar, e não fazemos nenhum empecilho para ser associados, apesar de que atualmente não tem nenhum produtor querendo participar (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Outras ações desenvolvidas pela comissão organizadora são os instrumentos de controle da feira, que encaixa na compreensão de regimento interno, porém sem receber essa denominação, sendo o principal mecanismo para evitar a inserção de produtores(as) ou feirantes que não desenvolvem a produção agroecológica e/ou orgânica.

Ao longo do tempo fomos construindo um instrumento de controle da feira, não propriamente é um regimento interno, é mais um contrato de convivência, digamos assim, que foi lido e discutido com

os envolvidos, e quem cuida disso é a prefeitura. A nossa preocupação é de entrar alguém que não tem nada a ver com a agricultura orgânica ou agroecológica e prejudicar todo mundo, até agora isso nunca aconteceu (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A definição de preços praticados segue a lógica da comparação com o convencional, e com o mercado de orgânico que funciona em Petrolina/PE, não sendo realizada nenhuma capacitação em precificação, sendo assim os(as) produtores(as) não possuem parâmetros para avaliar o alcance e margem de retorno ou sobra que estão conseguindo. Os preços são combinados entre os(as) produtores(as) e feirantes de modo a evitar a concorrência entre as barracas.

Para que os resultados da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro sejam potencializados existe a preocupação da comissão organizadora, em aumentar a divulgação dos produtos. Porém, atrelado a divulgação existe a preocupação do aumento da produção, pois corre o risco de divulgar os produtos e não conseguir atender a demanda de pedidos dos(as) consumidores(as).

Na compreensão de envolvimento e acessos a políticas públicas de fortalecimento da Agricultura Familiar adere a lógica de análise de Silva (2020) e Wanderley (2014), que a partir da reflexão do estudo da FAO/IN CRA de 1995, considera que existe a zona de transição entre a agricultura familiar mais fragilizada e menos capitalizada e a consolidada, e nessa faixa merece maior atenção dos gestores públicos em suas formulações de ações.

Sobre a divulgação, a gente precisava primeiro, na minha opinião organizar a produção, por exemplo, uma das minhas maiores preocupações é divulgar e depois não ter produtos para vender. A propaganda é muito importante, mas temos que ter muito cuidado, pois se a gente divulga e o consumidor vem e não encontra o produto, ele não volta mais. Mas, no geral temos que melhorar a nossa divulgação, e sempre reativando os nossos consumidores e alimentando a nossa exposição (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A comissão organizadora avalia que existe a carência de planejamento operacional e tático da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro, o que existe é somente o planejamento produtivo de cada produtor(a), o que não é suficiente para evitar problemas de ofertas de produtos e ajustes de datas de realização das

edições.

Não existe atualmente nenhum planejamento da feira feito pela coordenação, o único planejamento que existe é o produtivo de cada feirante. Sinto que falta um bom planejamento, com metas a serem alcançadas no decorrer do processo, mas por enquanto não temos. Se tivesse um planejamento e com isso incluído, evitaria que os feirantes viessem e tivessem algum tipo de prejuízo, porquê tem dia que não é viável vim (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Com a realização de um bom planejamento a Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro possui o potencial de torna-se uma associação independente e com possibilidades de acesso a outras modalidades de circuitos curtos de comercialização como o PNAE e PAA da região, potencializando a produção e o escoamento de volumes maiores de produtos.

Exemplos como a feira de Irecê, que conseguiu organizar em um CNPJ e vem acessando o PNAE, é um sonho da feira de Juazeiro e que precisamos de assistência técnica efetiva para conseguir isso a médio e longo prazo. No início a gente até tentou fazer um planejamento, mas infelizmente o individualismo prevaleceu e não conseguimos avançar, mas ainda está vivo a ideia e quem sabe nos próximos anos conseguiremos (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Para a comissão organizadora o maior desafio da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro é popularização dos seus produtos, de forma que não se crie nichos de mercado, mas sim que o grande público possa ter acesso a alimentos saudáveis e com segurança alimentar e nutricional.

O grande desafio da feira é popularizar os seus produtos de maneira que o grande público possa ter acesso ao um alimento rico, saudável e que possamos gerar renda e colocar a produção orgânica em outro patamar. O nosso objetivo não pode ser produzir orgânico somente para quem tem muito dinheiro, e se queremos popularizar a produção e comercialização o caminho é fortalecer as feiras (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro possui grau de autonomia positiva, e em caso de saída de um dos integrantes da comissão organizadora, avaliasse que os(as) produtores(as) e feirantes teriam totais condições de continuar a iniciativa, mesmo sem a implementação de um fundo rotativo solidário.

Se caso houvesse o fim do acordo e apoio da Central da Caatinga e Prefeitura, sinto que a Feira mesmo assim conseguiria se manter de pé, ela já possui certo grau de autonomia e consegue caminhar com as próprias pernas (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro não recebe nenhum recurso financeiro direto, os(as) produtores(as) e feirantes são os custeadores(as) de toda iniciativa. Obtendo somente o apoio estrutural da prefeitura e da Central da Caatinga com a disponibilização do espaço e das barracas. Os (As) envolvidos(as) não fizeram empréstimos para sua viabilização por receio do pagamento e/ou falta de divulgação de possibilidades mais atrativas.

Os feirantes não fizeram nenhum empréstimo para a produção e comercialização dos produtos na feira, a única política pública que tem, é o apoio da prefeitura, e atualmente as barracas que são utilizadas são cedidas pela Central da Caatinga (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

A comissão organizadora possui boas expectativas em relação a permanência e ampliação da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro, mesmo com os desafios postos e entraves a serem superados, a feira consegue manter renda para os(as) envolvidos(as) e fornecer alimentos de qualidade para os(as) consumidores(as) de Juazeiro e região.

As expectativas que temos com a feira, está longe ainda, mas estamos no caminho, e entendendo que não estamos em centro urbano que tem um poder aquisitivo muito alto, estamos falando de uma região que índices bem altos de pobreza e o nosso **público ainda é reduzido e elitizado, temos a consciência disso e precisamos mudar essa história**. Considerando ainda, que a produção orgânica na região que atuamos ainda é muito pouco, no geral chegamos no máximo a 60ha com plantio orgânico, é muito pouco ainda. Tudo em relação aos orgânicos na região, está apenas começando e temos um longo caminho pela frente (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022, *grifo nosso*).

Em síntese sobre a atuação da comissão organizadora e demais integrantes da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro a iniciativa de maneira sutil vem conseguindo provocar reflexões sobre a transição político-institucional proposto por Titonell (2019), na compreensão de provocar verdadeiras transformações dos sistemas produtivos e na construção do sistema agroalimentar sustentável e contra hegemônico a nível territorial e regional. Assim como dialoga com Mendonça (2015) que reafirma a necessidade do encurtamento dos circuitos de produção, processamento, distribuição e consumo.



#### 4.4.4.2 Ações dos(as) feirantes e/ou produtores(as)

A Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro desde o seu surgimento teve como protagonistas produtores(as) e feirantes que a princípio produziam de forma orgânica e agroecológica, nesse sentido a feira já surgiu com uma boa base consolidada mesmo que no atual local de realização tenha menos de um ano de existência.

Antes eu comercializava em Petrolina na Areia Branca, e hoje como estou em Juazeiro, ficou mais fácil a logística de trazer os produtos da horta para cá. Aqui temos mais conforto, é mais bonito, mas no estacionamento da Casa do Artesão as vendas eram melhores. Acho que precisamos melhorar a nossa divulgação, e tem também a pandemia que influenciou bastante (FEIRANTE/PRODUTOR – 7, 2022).

Apesar de todos os(as) produtores(as) e feirantes estarem incluídos em alguma organização produtiva, a produção que é comercializada na Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro tem a sua origem de produções individualizadas, e em áreas irrigadas. Já a comercialização é feita em barracas destinadas a cada organização, portanto sendo coletivas.

Os meus produtos eu trago de carro junto com mais um feirante, e assim dividimos os custos da gasolina. É tranquilo, apesar desse custo, temos uma boa margem, e assim vamos tocando as coisas por aqui (FEIRANTE/PRODUTOR – 8, 2022).

Na feira de quinta-feira os(as) feirantes e produtores(as) possuem maior diversificação de produtos, e como estão na maioria em áreas irrigadas existe regularidade na oferta da produção. Nas sextas-feiras com os produtos agroecológicos a maioria estão em assentamentos rurais, não tendo muita diversidade e a regularidade é satisfatória.

A minha produção é toda direcionada para cá, não tenho outro lugar de comercialização, e na medida do possível consigo plantar algo diferente para ver se vende, e está dando certo. Sempre tem um cliente ou outro que pede algo diferente e acabo perdendo vendas (FEIRANTE/PRODUTOR – 7, 2022).

A produção dos(as) produtores(as) é desenvolvida pela maioria dos integrantes das famílias, principalmente as mulheres e seus esposos. Na comercialização e realização fica a cargo de apenas uma pessoa da família, estratégia que diminui os

custos de transporte. Não existe entre os(as) produtores(as) desenvolvimento de rótulos ou vendas em redes sociais. “Os produtos que trago é produzido por mim e minha esposa, e a filha ajuda quando pode, mas ela estuda e fica difícil para ela. Na minha barraca o espaço é dividido e é tranquilo” (FEIRANTE/PRODUTOR – 8, 2022).

As barracas da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro que comercializam hortaliças e tubérculos conseguem na maioria das vezes escoar a totalidade dos produtos, não acontecendo perdas consideráveis, quando acontece de sobrar o destino é a comercialização em outros espaços como os verdurões.

Especificamente no caso da Feira Agroecológica e Orgânica existem os(as) feirantes que são pessoas que não fazem produção direta, e sim adquirem os produtos de outros(as) produtores(as) ou compram de outras regiões do país para a comercialização na feira de quinta-feira (orgânicos). Essa estratégia contribui positivamente para a manutenção da diversidade dos produtos, porém contribui negativamente para o aumento dos preços dos produtos para os(as) consumidores(as) finais.

Segundo os(as) produtores(as) e feirantes o diferencial dos seus produtos em comparação com o convencional, relaciona-se com a origem da produção agroecológica e orgânica certificada, sem uso de produtos químicos e desenvolvida de forma natural.

O meu produto tem o diferencial de demorar mais na geladeira, é agroecológica e orgânica e não acrescento nada de agrotóxico. A maioria dos que plantam banana, por exemplo, colocam os produtos para amadurecer, e eu não uso nada disso (FEIRANTE/PRODUTOR – 7, 2022).

Em relação a motivação em participar da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro a maioria dos(as) produtores(as) e feirantes consideram a geração de renda bruta um fator importante, além de poder oferecer um produto de qualidade para os(as) consumidores(as).

Tem dia que venho aqui, e as vendas são baixas, mas mesmo sinto bem em saber que muitas pessoas vão consumir os nossos produtos saudáveis. Assim, claro que um dos objetivos é ter um bom retorno financeiro, mas tem outras coisas que também conta. No período da pandemia que não podemos vim, senti muita falta (FEIRANTE/PRODUTOR – 8, 2022).

O financeiro das famílias é monitorado com anotações em cadernetas e papeis

de forma rustica, mas suficiente para avaliar os alcances de cada feira. Porém, não há planejamento orçamentário com previsão de receitas e custos. Com isso, o acesso a possíveis empréstimos para a produção é tido como obstáculo, em alguns casos os(as) produtores(as) conseguem acesso para investimentos pontuais como a implementação de sistema de irrigação.

Como conclusão, os entraves maiores da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro em relação aos(as) produtores(as) e feirantes estão na falta de controle, regularidade de produtos, individualização das estratégias de produção e comercialização e a necessidade de realização de capacitações na parte produtiva e administrativa da comercialização.

A atuação dos feirantes e produtores(as) na feira está ligada aos processos de transição agroecológica, mesmo que estando mais interligados na compreensão de substituição de insumos, em seus agroecossistemas de produção orgânica, no que se faz referência a Mendonça (2015). Porém, percebe que os(as) envolvidos conseguem compreender o processo transpondo o econômico e estabelecendo valores de justiça social, soberania e segurança alimentar.

#### *4.4.4.3 Inserção dos(as) consumidores(as)*

As estratégias de conquista de consumidores(as) a partir do acesso aos circuitos curtos de comercialização está estabelecida na proximidade, confiança e cooperação. Nesse sentido, a comissão organizadora mantém boas relações com o público mais recorrente que possui professores, estudantes, alunos e público em geral. Sendo esse o público base da feira e que garante a geração de renda bruta mínima para os(as) envolvidos(as).

Uma das preocupações nossa é manter essa relação de confiança, apesar de ter certificado de tudo isso, mas as pessoas não ligam muito para isso não, elas querem saber é se o produto dura mais na geladeira, se tem maior sabor, e preço. E para manter essa relação de confiança, vire e mexe, estamos recebendo pessoas na minha área, já tive várias visitas lá, e o interessante é que indo elas conseguem convencer outras pessoas a comprar e consumir orgânicos (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

O desafio maior para manter o público recorrente da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro é o investimento em divulgação, realização de eventos

no espaço da feira, evitar a ausência de produtos e manter a diversidade. Conta positivo para feira, o fato de não ter no município de Juazeiro muitos concorrentes que comercializam produtos orgânicos e agroecológicos, assim para os(as) consumidores(as) a feira é a melhor opção de acesso a alimentos com segurança alimentar e nutricional, promovendo saúde.

O que mais gosto daqui, é o espaço, tem estacionamento, é tranquilo e os produtos são excelentes, o preço é um pouco mais alto, mas vale a pena pela qualidade e costume vir todas quintas-feiras. As vezes tem alguns produtos diferentes, a minha preferência é mais pelo básico mesmo (CONSUMIDOR – 7, 2022).

Os preços cobrados pelos produtores(as) e feirantes basicamente são os mesmos cobrados pelas concorrências, em comparação com o convencional o preço é mais alto em torno de 15% a 20% a mais, o que torna acessível quando compara com a qualidade e durabilidade na geladeira. “Se comparar sobre o preço, acabamos não comprando, mas quando vejo os produtos com mais sabor, e durabilidade na geladeira compensa” (CONSUMIDORA – 8, 2022).

A Feira hoje no meu entender, não tem um nicho de mercado econômico, e sim um nicho de pessoas conscientes, que já tiveram problemas graves de saúde como câncer ou que tem crianças e querem dar uma alimentação mais saudável para seus filhos, netos etc (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

Em relação ao perfil dos(as) consumidores(as) da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro são bem variados com inclusão em todas as classes sociais, mas percebe-se a predominância de professores, estudantes e pessoas com algum grau de esclarecimento sobre a produção agroecológica e orgânica, além de pessoas que enfrentam algum problema de saúde e necessita de fortalecer o sistema imunológico.

Eu enfrento problemas de saúde e não posso correr o risco de ingerir alimentos contaminados, por isso prefiro comprar aqui por ter selo e dá para conhecer o pessoal, sinto bem e tenho confiança com o pessoal daqui da feira (CONSUMIDORA – 8, 2022).

No aspecto segurança dos alimentos, os(as) consumidores(as) afirmam que sentem confiança nos produtos que estão adquirindo, e com o tempo conseguem desenvolver processos de proximidade com os(as) produtores(as), o que contribui para a fidelização e garantia de geração de renda bruta ao longo do tempo. A utilização do selo de orgânicos é tido como uma garantia a mais, porém não

demonstra que a aquisição é baseada nesse processo de certificação. “Sempre compro os produtos aqui, às vezes não é eu que vem, mas sempre tem alguém da minha família comprando, temos muita confiança nos produtos” (CONSUMIDOR – 7, 2022).

Mesmo tendo consumidores(as) conscientes, a Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro sofre com a recusa de produtos que não possui a aparência desejada, principalmente para os(as) consumidores(as) que desconhece o processo produtivo agroecológico e orgânico. “Não ligo muito para o aspecto do produto, mas tem vez que não dá para levar, está muito pequeno, com muitas manchas e nesse prefiro levar outro produto no lugar o mais importante é que mantenho um mínimo de gastos aqui na feira” (CONSUMIDORA – 8, 2022).

Os(as) consumidores(as) da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro avaliam que o ambiente é confortável, existe confiança nos produtos, os preços são mais altos que o convencional, possui maior qualidade, a interação com os(as) produtores(as) é tranquila e diferenciada e que a aquisição de produtos saudáveis e sem agrotóxicos é o principal diferencial.

A atuação dos(as) consumidores(as) que frequentam a iniciativa conseguem ter acesso a alimentos saudáveis com regularidade, demonstrando assim a certeza proposta por Bittman (2014) que afirma a necessidade de repensar a produção de alimentos em sistemas agroalimentares mais sustentáveis e com produção que atinge todos os níveis de sociedade considerando sobretudo o econômico.

#### *4.4.4.4 Ações das organizações de apoio e assessoria técnica*

O atual local de realização da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro foi idealizada pela CECAAT, desde o processo de reforma e implementação do Armazém da Caatinga. Sendo a CECAAT a organização de apoio inserida na iniciativa, porém as ações de intervenções sociotécnicas em sua maioria são desenvolvidas pela ADEAP e IRPAA. As ações estão inseridas no contexto de visitas as áreas de produção, para o monitoramento do não uso de agrotóxicos, e no espaço da feira as ações são de organização social com a discussão de regimento interno e regras para a utilização do espaço. Porém existe a reclamação de que as decisões não são tomadas de forma coletiva e prevalece a falta de planejamento eficiente para as ações de potencialização da feira.

A comissão tem que está bem alinhada para tudo, e infelizmente não está, é tudo muito solto. A decisão mesmo de parar com a feira de sábado não foi decidida em coletivo, em reunião com a comissão, e falta um planejamento (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

O custeio das poucas intervenções sociotécnicas foi realizado por meio da Prefeitura Municipal de Juazeiro, para as visitas técnicas nas áreas de produção, porém, existe a necessidade de maior número de ações junto ao público da feira que possibilitasse a inserção de novos integrantes, aumentar a diversidade e potencializar as comercializações.

Na tentativa de aumentar a exposição da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro, a organização de apoio vem provocando a comissão organizadora a incentivar mais a divulgação da feira em diversos meios de comunicação, que pode ser executada de forma eficiente e de relativo baixo custo.

Precisamos intensificar na divulgação da feira, usando por exemplo carrinho de picolé das mulheres da laje das aroeiras, que tem dez carrinhos por aqui. Distribuindo panfletos, tudo isso antes da feira acontecer e dizendo que a feira acontece nos dias de quinta e sexta-feira, no espaço da orla nova. Treinar pelo menos duas pessoas dos carrinhos para dizer sobre a feira. No próprio dia da feira sair de manhã divulgando na cidade, tudo isso é possível e com custo baixo. Só que temos ideia, mas a comissão ainda não despertou para isso, e o profissional contrato para fazer a divulgação do Armazém da Caatinga, não dá muita atenção para a feira (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

Para contribuir na diversificação da produção nos dois dias da Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro, a organização de apoio vem provocando que algumas barracas que comercializam nos dias de quintas-feiras, venha também nas sextas-feiras para que a comercialização seja eficiente, e possibilite o aumento da geração de renda bruta. Assim como é possível a participação dos(as) produtores(as) que comercializam nas sextas-feiras participarem nas quintas-feiras, caso tenha conquistado a certificação orgânica participativa, via OPAC.

Os produtores orgânicos do Juazeiro 8, que comercializam na quinta dos orgânicos, foram convidados para vim também na sexta no agroecológico, eles têm uma boa variedade; tomatinho cereja, berinjela, rúcula, espinafre, agrião, cebolinha, salsa, coentro e pimentão, e eles só comercializam na quinta e tem tudo para vim na sexta ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

O maior desafio pela organização de apoio e comissão organizadora é a manutenção o número de barracas em todas as edições da feira, pois ainda está bem flutuante, sendo o motivo principal, os problemas de logística que é realizada em sua totalidade pelos(as) próprios(as) produtores(as), e a falta de produções mais frequentes e com diversidade.

Atualmente a feira é mantida por 10 barracas, já tivemos 13. Temos condições de aumentar, para isso precisamos divulgar e convidar mais grupos aqui da região. Por exemplo, tem as meninas que produzem biscoitos, os ovos da Coopercar e Coofama que são produtos que deveriam estar aqui no dia a dia (ASSESSORIA TÉCNICA – 4, 2022).

As ações desenvolvidas pela organização de apoio foram sempre no objetivo de geração de protagonismo, sem gerar dependência para que caso cesse os apoios os próprios produtores(as) e comissão organizadora consiga desenvolver a feira de maneira qualificada e permanente.

Nesse sentido, as organizações de apoio, busca em seus projetos direcionar recursos para a realização de capacitações que são necessárias, principalmente na precificação de produtos, realização de intercâmbios e impulsionar novas experiências nos municípios vizinhos. Ou seja, o fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização é estratégico para a organização e para o fortalecimento da Agricultura Familiar da região.

Os resultados alcançados na Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro permitem afirmar que as expectativas que a organização de apoio, tem com a iniciativa, estão sendo atingidas, principalmente pela promoção da convivência com o semiárido, protagonismo de mulheres e geração de renda bruta.

Sendo assim, conclui-se que a organização de apoio e suas ações contribuiu para a animação do grupo e que os resultados positivos alcançados, foram conquistados de forma coletiva e os grupos envolvidos possuem estratégias e boas possibilidades de crescimentos e avanços.

Em síntese os processos de intervenções realizadas no ambiente da iniciativa pode ser um impulsionador de inovações que favorece a mudança por dentro do sistema estabelecido, assim considerando as afirmações de Triches (2015), que relaciona a ausência de acesso a recursos econômicos e o poder de inovação de produtores(as) descapitalizados, e estabelece ainda a importante contribuição dos(as) consumidores(as) para essas mudanças necessárias em diversificação e

sustentabilidade.

#### **4.4.5 SÍNTESE SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS**

As ações desenvolvidas em cada experiência ou arranjo produtivo comercial analisado, consegue demonstrar o fortalecimento da Agricultura Familiar da região do território objeto de análise, principalmente na compreensão estabelecida por Schneider e Ferrari (2015), onde os autores estabelecem as dimensões de atuação dos circuitos curtos de comercialização. Nesse sentido, as feiras agroecológicas e orgânicas conseguem proporcionar movimentações econômicas importantes para os(as) produtores(as) inseridos(as), além de ofertar alimentos com preços justos para os(as) consumidores(as). Já na dimensão espacialização onde é promovido relações mais próximas entre produtor e consumidor final, as experiências estão bem estruturadas com processos de acreditação interessantes. Porém, necessitando de ampliar para processos como as experiências de coprodução que são desenvolvidas em Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) espalhadas a nível mundial. Enfim, a dimensão sociológica está sendo conduzida de maneira a manter laços de proximidade e boas relações de integração comunitária e construção de mercados locais contra hegemônico e contribuindo na estruturação de sistemas agroalimentares sustentáveis.

O fato que as experiências estarem estritamente vinculadas a comercialização de produtos, e conseqüentemente, o econômico é considerado importante fio condutor das análises. Foi possível a observação das ações para além da visão economicista, dialogando assim com a visão de Espinoza-Sanchés (2012) que estabelece a função principal e primordial que é a produção de alimentos para todas classes sociais.

A reespacialização e ressocialização dos circuitos curtos de comercialização propostas por Schneider e Ferrari (2015), foram desenvolvidas de maneira especial pelas iniciativas analisadas, com valores entre produtores(as) e consumidores(as) sendo mantidos por laços de proximidade e confiança, sendo possível até mesmo a dispensa da acreditação por terceiros como é promovido pela certificação de orgânicos por auditoria. A ressocialização foi estabelecida com a relação de construção de mercados mais justos e com a venda direta.

As relações e igualdade de gênero está estabelecido na compreensão que os grupos participantes das Feiras Agroecológicas e Orgânicas são constituídas de



maneira majoritária por mulheres e suas organizações, proporcionando autonomia financeira e produtivas para mulheres, que utilizam os quintais produtivos para sua produção e conseguem fornecer alimento saudável para homens e mulheres que compõem os(as) consumidores(as). Contribuindo para romper com o que Siliprandi (2015) afirma, que “as relações de gênero expressam, portanto, uma hierarquia que estrutura todo o sistema social, em que o masculino sobrevalorizado em relação ao feminino”. A inclusão qualificada das mulheres na gestão, produção e comercialização das Feiras Agroecológicas e Orgânicas, aos poucos desconstróem o que Siliprandi (2015) denominou de invisibilidade do trabalho feminino, que é considerado como ajuda ou complemento ao trabalho do homem.

#### 4.5 IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19

O período pandêmico de 2020 a 2022 causado pelo vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, impactou de forma drástica as Feiras Agroecológicas e Orgânicas do território de identidade Sertão do São Francisco no estado da Bahia, nos aspectos de geração de renda, acesso a alimentos saudáveis pelos(as) consumidores(as) para o fortalecimento do sistema imunológico e na produção que seria destinada a comercialização de forma direta nas feiras.

A Feira Agroecológica de Massaroca/Juazeiro teve o seu processo de constituição do espaço de comercialização paralisado, considerando que a discussão sobre a sua implementação já estava em curso antes da pandemia, e com o plausível decreto de fechamento desses espaços de comercialização para evitar a contaminação, a coordenação paralisou o processo e somente retornou após a diminuição dos casos após os avanços significativos da vacinação em todo o território brasileiro.

Os impactos na Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro durante a pandemia teve dois momentos marcantes, nos primeiros momentos da pandemia no ano de 2020, e posteriormente durante o ano de 2021, a feira acontecia no estacionamento da Casa do Artesão. Com o fechamento dos eventos públicos para evitar a contaminação, os feirantes e produtores(as) lançaram mão da estratégia de comercialização por delivery, onde os(as) próprios(as) produtores(as) entregavam os produtos diretamente nas casas dos(as) consumidores(as) e seguindo todos os

protocolos de segurança da época. Essa modalidade de comercialização persistiu até o primeiro semestre de 2022, porém não foram todos(as) os(as) feirantes e produtores(as) que utilizaram dessa estratégia, pois muitas pessoas tinham algum tipo de comorbidade e não se sentiram seguros na estratégia.

Diante disso, os prejuízos na produção e comercialização de modo geral foi na ordem de 60%, segundo um dos(as) entrevistados(as). Na contramão dessa análise outros conseguiram aumentar o seu volume de comercialização, principalmente os feirantes que utilizam a estratégia de aquisição de produtos para a revenda. Com o aumento da procura de alimentos saudáveis e que favorecessem o processo de imunização, esses feirantes conseguiram aumento da comercialização em 35% em comparação a feira, ressalva-se que esses feirantes são a minoria do público integrante da feira. Soma-se ainda que boa parte dos(as) consumidores(as) da Feira Agroecologia e Orgânica da Orla de Juazeiro, são professores e estudantes dos centros acadêmicos da região, e com o processo pandêmico muitos dos integrantes desse público foram para seus municípios de origem para se protegerem de forma mais qualificada.

A nossa clientela maior são **estudantes, professores** e com a pandemia muitos foram para suas casas em outras cidades e isso acabou por impactar na comercialização da feira. Sem contar que muitos professores e funcionários públicos passaram tempos sem reajuste salarial, e tudo isso impactou nossas vendas. Mesmo assim, na pandemia teve gente que aumentou **as vendas no delivery, em uns 30 a 35%, e os que não deu pra fazer caiu uns 60%** (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022, *grifo nosso*).

No segundo momento a Feira Agroecológica e Orgânica da Orla de Juazeiro reabre para o público no segundo semestre de 2022, funcionando no espaço aberto do Armazém da Caatinga na orla de Juazeiro, com a mudança e ainda sofrendo os impactos da pandemia as comercializações caíram em comparação com a feira realizada no estacionamento da Casa do Artesão, sendo avaliado pela coordenação que o maior impacto foi a diminuição do poder aquisitivo dos(as) consumidores(as) na pandemia, ou seja, os impactos da pandemia ainda estão sendo sentidos pelos(as) produtores(as) e feirantes.

As vendas não estão tão boas por aqui, mas acho que é muito mais por questões econômicas da crise, e principalmente a pandemia. Quando ela era no espaço da Casa do Artesão, as vendas eram muito melhores, hoje a gente não vende a metade do que vendíamos antes

por lá, mas, assim que temos que considerar várias coisas, como a **pandemia por exemplo que deu uma mudança radical no processo da feira**, e tem a questão econômica, hoje o dinheiro está cada vez mais difícil, assim muitas pessoas deixaram de comprar, não porquê não querem comer produtos orgânicos, mas sim por falta de condições mesmo (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022, *grifo nosso*).

A Feira Agroecológica de Remanso em seu formato quinzenal começou em outubro de 2020, em pleno período dos maiores impactos negativos da pandemia, a coordenação fez essa escolha de período de início, na perspectiva de fornecimento de alimentos com segurança alimentar e nutricional para os(as) consumidores(as) do município e região. Sendo assim, a feira contribuiu positivamente para o processo de imunização dos cidadãos e cidadãs para o enfrentamento dos sintomas do COVID-19. Porém, o maior desafio da coordenação foi a manutenção do distanciamento social e a higienização dos produtos e barracas. Nesse sentido, a prefeitura municipal disponibilizou banheiros químicos, lavatórios e álcool em gel para todos(as) os participantes. Mesmo assim, no período do ano 2021 algumas edições da feira foram canceladas mediante decretos municipais e estaduais para evitar a contaminação, a estratégia do delivery não foi utilizada por falta de produção e receios dos(as) produtores(as) em relação a contaminação que nesse período estava em seus maiores índices. Não sendo possível estimar impactos negativos na geração de renda na pandemia, por não possuir dados anteriores.

Na Feira Agroecológica de Sento Sé os impactos foram sentidos com a paralisação do espaço de comercialização, que acontecia de forma quinzenal desde agosto de 2019. A opção de comercialização com entregas em delivery aconteceu de maio de 2020 a janeiro de 2021, com grandes dificuldades para a chegada dos produtos até a sede do município, nesse período os transportes de pessoas nos “carros de linha” e vans, do interior do município para a sede foram suspensos. Por isso, a comercialização era mínima e somente atendia uma pequena parcela dos(as) consumidores(as) da feira presencial. Mesmo assim, os resultados econômicos e o fornecimento de alimentos ricos nutricionalmente foram significativos para a diminuição dos impactos negativos da pandemia. Os dados financeiros anteriores e durante esse período não foram registrados, impossibilitando a análise quantitativa dos impactos na geração de renda.

Em aspectos gerais as comissões organizadoras das feiras agroecológicas e

orgânicas nesse período passaram por diversos desafios a serem superados, como a diminuição do número de produtores(as) e feirantes, principalmente os que já possuíam idades mais avançadas e foram aconselhados a não irem para as feiras. As feiras que estavam sendo organizadas para começarem nesse período, tiveram que ser adiadas por diversas vezes, conforme os decretos e números de atingidos pela pandemia eram demonstrados. Outro desafio foi na organização das entregas em delivery que exigiu muita organização, logística e cuidados para funcionarem.

A maior desistência foi no período que a pandemia intensificou, desistiram por que, tinha muitas idosas, por exemplo das hortas, devido essas questões e não voltaram mais (COMISSÃO ORGANIZADORA – 4, 2022).

Porém, com a pandemia do COVID-19 a realização da feira foi adiada várias vezes, e somente quando diminuíram os casos da região, que a feira podese ser realizada (COMISSÃO ORGANIZADORA - 3, 2022).

Nos aspectos gerais os(as) produtores(as) e feirantes das feiras agroecológicas e orgânicas tiveram as suas produções reduzidas ou modificadas nesse período histórico, pois muitas das produções eram conduzidas para o fornecimento e comercialização nas feiras, e com o fechamento os impactos foram grandes. Mesmo assim, a produção continuou e foi possível a organização e realização das entregas em delivery para os(as) consumidores(as) que desejavam esses produtos mais saudáveis.

Ai quando foi março com a pandemia, e com todos os decretos a gente teve que fechar. Fechou a parte física, e como tínhamos muita produção, e como tínhamos um pouco o contato dos clientes da época, nem, não era muito eram poucos. Aí tendo a produção, decidimos que iríamos continuar com entregas em delivery. Nessa época foi um pouco difícil, pois a gente não tinha um ponto de apoio, para a chegada dos produtos, mas os produtos chegavam até aqui na cidade. Tudo ia para minha casa, a minha casa virou o depósito, estoque. Ai montava a cesta e distribuía na cidade, no delivery. E foi assim até janeiro de 2021 (FEIRANTE/PRODUTOR – 1, 2022).

Para os(as) consumidores(as) as feiras agroecológicas e orgânicas no período pandêmico tiveram um papel relevante para o fortalecimento do sistema imunológico de toda família, a opção pelo delivery foi a mais interessante e importante para evitar a contaminação. Porém, a impossibilidade de sair de casa para ir na feira e fazer pessoalmente as compras e conversar com os(as) produtores(as) feirantes foi o maior

impacto negativo desse período.

Na pandemia, eu tive que trabalhar o meu psicológico, eu gosto muito de ir e comprar na feira, de comprar um alimento limpo, saudável e conversar com as pessoas de lá. Mas, entendo que foi para o nosso bem esse isolamento, e que bom que teve o delivery, pude investir na minha saúde pessoal e das pessoas que moram comigo (CONSUMIDOR – 7, 2022).

As organizações de apoio e assessoria técnica as feiras agroecológicas e orgânicas tiveram também que se adaptar para a realização das atividades, com o cancelamento de atividades presenciais, os(as) técnicos(as) passaram a realizar os acompanhamentos de forma online, demandando para isso tempo e acesso à internet com o mínimo de qualidade para os(as) técnicos(as) e para os(as) beneficiários(as). Diante desse imenso desafio, as feiras e os(as) produtores(as) não tiveram as devidas orientações de forma qualificada e as ações ficaram bem menos significativas.

A pandemia nós chaqualhou (sic) muito, tivemos que aprender a mexer em um monte de aplicativo da internet que, eu não sabia que existia. Com isso, a feira recebeu o mínimo, não dava para fazer muita coisa. Se resumiu a telefonemas, criação de grupos de Zap para comunicar e organizar o delivery, a produção mesmo ficou por conta do produtor. Foi terrível, e sem contar que muitos técnicos adoeceram, ou da Covid ou no psicológico, acho que todo mundo saiu um pouquinho doente desse processo todo (ASSESSORIA TÉCNICA -1, 2022).

Os impactos da pandemia do COVID-19 nos circuitos curtos de comercialização foram consideráveis, principalmente por terem maior proximidade com os(as) consumidores(as) finais, e serem os acessos mais seguros de alimentos saudáveis, que foram primordiais para o fortalecimento do corpo para a superação dos sintomas e evitar a contaminação. Soma-se ainda que com o fechamento das escolas programas como PNAE foram paralisados e isso impactou a alimentação de crianças em vulnerabilidade social, e o componente geração de renda de agricultores(as) familiares. No tocante as feiras agroecológicas e orgânicas, os impactos foram sentidos por todos os envolvidos comissão organizadora, produtores(as) e feirantes, consumidores(as) e organizações de apoio e assessoria técnica, em diversas escalas e níveis. Estratégias como a utilização de entregas em delivery foram assertivas e favoreceu produtores(as) feirantes e consumidores(as). É notório que diante dos grandes desafios como esse, os circuitos curtos de

comercialização em especial as feiras agroecológicas e orgânicas se insere como “uma potente política pública de saúde, com a diminuição de incidência de doenças que são adquiridas pela alimentação ruim” (COMISSÃO ORGANIZADORA – 5, 2022).

## **5 PRODUTO FINAL DA TESE**

### **5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No processo de pesquisa de campo para a elaboração da presente tese, algumas limitações e gargalos em relação as feiras agroecológicas e orgânicas foram sendo diagnosticados pelo autor, o que possibilitou a elaboração de materiais importantes para subsidiar as iniciativas de comercialização em circuitos curtos. Sendo esses materiais considerados como protótipos para a elaboração do produto final principal que são: (i) Manual de Autogestão de Espaços Físicos de Comercialização dos Produtos da Agricultura Familiar; (ii) Regimento interno com Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA e (iii) Capacitação em processos de precificação justa de produtos para a Feira Agroecológica e Orgânica. Segue breve relato sobre os processos desenvolvidos na elaboração dos protótipos.

### **5.2 MANUAL DE AUTOGESTÃO DE ESPAÇOS FÍSICOS DE COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR**

No tocante a pesquisa desenvolvida para a elaboração da presente tese, envolvendo as feiras agroecológicas e orgânicas, a elaboração desse protótipo contribuiu para a ampliação da visão do autor sobre parâmetros a serem analisados para a elaboração de guias práticos que envolvem as modalidades de circuitos curtos de comercialização.

A sua elaboração ocorreu entre os meses de janeiro a março de 2022, a partir de consultoria realizada pelo autor junto a ONG denominada de Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA) localizada no estado do Ceará, e com apoio financeiro do AKSAAM - Adaptando Conhecimento para a Agricultura Sustentável e Acesso a Mercados, por meio do projeto Saberes do Semiárido e do projeto Paulo Freire, ambos com recursos do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), e com vínculo com a Universidade Federal de

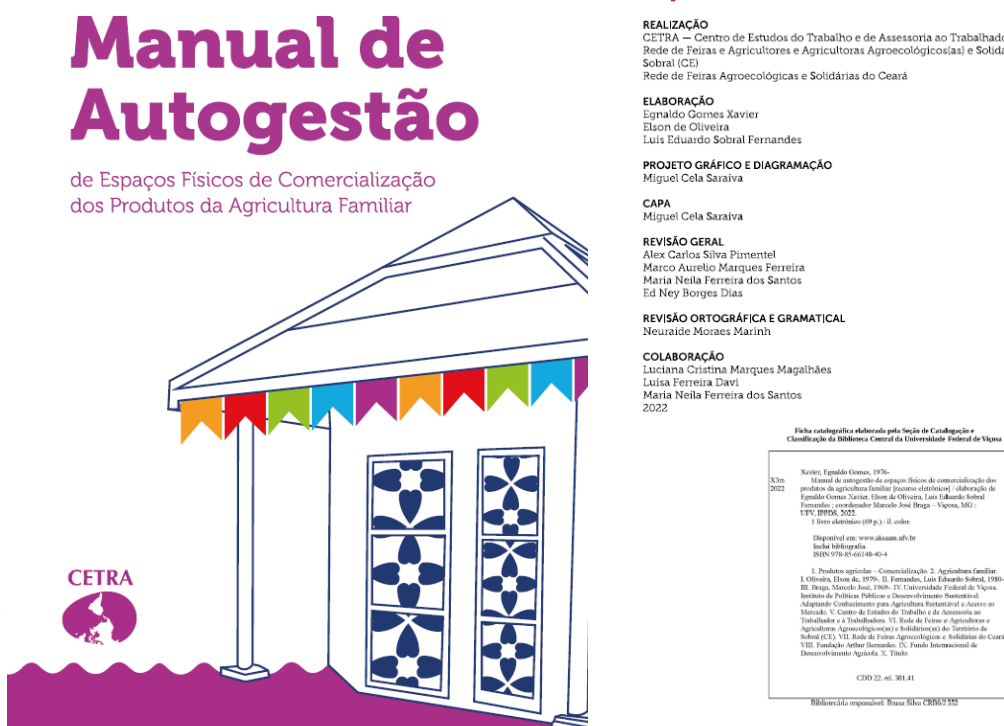
Viçosa (UFV).

O objetivo foi demonstrar de forma simples e direta, os principais elementos que devem ser analisados no processo de implantação e autogestão de espaços físicos de comercialização dos produtos da Agricultura Familiar.

Portanto, o protótipo manteve compatibilidade direta com o tema da tese em relação as modalidades de circuitos curtos de comercialização. Mesmo não sendo o principal foco de análise da presente tese, esses espaços são importantes para a geração de renda e exposição dos produtos da Agricultura Familiar em todo o país.

O trabalho foi registrado no ISBN 978-85-66148-40-4, e está disponível no site [www.akssam.ufv.br](http://www.akssam.ufv.br) e no link [96 \(ufv.br\)](http://96.ufv.br). Vale a ressalva, que o registro não foi feito via Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) e Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), por motivos relacionados ao vínculo principal dos financiadores serem pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**Figura 11:** Esboço da capa e expediente do produto



Fonte: Elaboração própria (2022)

### 5.3 REGIMENTO INTERNO COM FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO DA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ/BA

Esse protótipo, foi elaborado durante o processo de pesquisa realizada junto a Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, após o relato e diagnóstico que a feira necessitava de estabelecer regras e normas para a melhor gestão do espaço de comercialização. Além disso, necessitava de elaborar e efetivar o fundo rotativo solidário que seria utilizado para o custeio direto da feira e com a possibilidade de pequenos empréstimos para os feirantes e produtores(as) para desenvolverem os seus processos produtivos.

Sendo assim, o autor que tem experiências em elaboração desses tipos de documentos e na condução de processos participativos para essas finalidades, conduziu durante os meses de abril a junho de 2021 atividades remotas e presenciais para a sua elaboração, aprovação e efetivação.

O produto desenvolvido foi incorporado ao produto principal como modelo de regimento interno e fundo rotativo solidário, a ser debatido e adaptado para outras Feiras Agroecológicas e Orgânicas que estão sendo conduzidas na região e no país. Segue no Apêndice F, o esboço do texto elaborado para a realidade da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA.

### 5.4 CAPACITAÇÃO EM PROCESSOS DE PRECIFICAÇÃO JUSTA DE PRODUTOS PARA A FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA

Assim como o regimento interno e fundo rotativo solidário, que foram diagnosticados como entraves pela comissão organizadora e feirantes da Feira Agroecológica de Sento Sé, existia a deficiência no processo de precificação dos produtos comercializados na feira do município, para sua reflexão e superação foi realizada capacitação nessa temática. Sendo assim, mais um protótipo do produto final principal, considerando sobretudo que a precificação de produtos é estratégica para a condução e análise dos alcances dos circuitos curtos de comercialização.

Nesse sentido, o autor realizou no dia 13/10/2022 a capacitação denominada de “Precificação justa para produtos comercializados pela Agricultura Familiar em Feiras Agroecológicas”. A capacitação foi desenvolvida na sede do município de Sento Sé/BA com a participação de 9 pessoas inseridas na condução e produção da feira.



O objetivo foi contribuir para que os integrantes da Feira Agroecologia de Sento Sé possam realizar a precificação de seus produtos de maneira justa e que obtenha melhor resultado no processo de comercialização. A metodologia utilizada foi em formato de oficina, de maneira que os participantes obtiveram a oportunidade de testar e treinar os novos conhecimentos adquiridos. Para isso, foi realizado o processo de precificação de dois produtos. Sendo que a precificação do produto alface foi realizado pelo autor com a participação de todos os presentes, e o produto seguinte que foi o ovo caipira, foi elaborado pelas feirantes e com contribuição e complementações do autor. Para a discussão sobre o preço justo, o público foi questionado e solicitado para que colocassem em tarjetas a compreensão do que seria o preço justo.

O desenvolvimento da oficina foi assim dividido; momento inicial marcado pela elaboração das tarjetas sobre a compreensão do preço justo. Diante disso, foram elencadas palavras como: (i) solidariedade; (ii) preços iguais; (iii) padronização dos preços; (iv) que seja justo para mim e para o cliente; (v) que seja tabelado com todos da feira; (vi) fazer cálculo para ver se vai dar certo para todos feirantes e clientes; (vii) um acordo com todos feirantes no final de feira; (viii) possa fazer uma tabela para vender mais barato no final da feira; (ix) o que seria bom para os dois, cliente e vendedor; (x) ter qualidade e quantidade com regularidade e com higienização; (xi) oferecer ao cliente um valor acessível e (xii) que eu possa comercializar e o cliente sair satisfeito.

Nesse momento, foi possível ainda debater sobre a lógica de mercado capitalista que mantém a sua determinação de que o mais importante é a comercialização na maior margem de lucro possível. No seu contraponto, o público se identifica na lógica da economia solidária, em que os preços são justos para todos inseridos nas relações comerciais, e que toda a população tenha acesso ao alimento com segurança alimentar e nutricional.

Para a precificação do produto ALFACE, foram enumerados todos os itens que são necessários para produzir uma unidade comercial, nesse caso 500g de alface. Além de acrescentar os custos com mão de obra, embalagens, depreciação de equipamentos, perda de produtos e transporte. Ao final com todos os cálculos realizados foi feito a comparação de preços encontrados com os praticados na concorrência.

Como efeito de comparação, o produto na concorrência é comercializado no

valor de R\$ 4,00 com o mesmo peso final por unidade comercial, porém vale ressaltar que esse produto na concorrência não é agroecológico e orgânico.

O segundo produto escolhido pelo público para a análise da precificação justa foi o OVO CAIPIRA, sendo que a metodologia utilizada para esse momento foi de provocar o público a fazerem os cálculos aprendidos no produto alface. Segue esboço das fichas de produtos elaborados.

**Quadro 9:** Ficha do produto alface

<b>ALFACE</b>				
<b>Preço de comercialização na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA R\$ 3,00 com 500 gramas</b>				
<b>Itens</b>	<b>Quant./unid</b>	<b>Preço Unitário (R\$)</b>	<b>Preço total do item (R\$)</b>	<b>OBS</b>
Semente	<b>0,625g</b>	<b>0,08g</b>	<b>0,05</b>	Foi considerado o kg de semente de R\$ 80,00/Kg e que foram gastos aproximadamente 0,6 g para cada pé de alface.
Esterco	<b>90g</b>	<b>0,00011/g ou 0,11/Kg</b>	<b>0,01</b>	Considerando que na região o esterco é comercializado em carrinho de 90kg ao preço de R\$ 10,00/carrinho.
Mão de obra	<b>5mim</b>	<b>0,125/mim</b>	<b>0,625</b>	Considerando a diária de R\$ 60,00 que é praticada na região de Sento Sé. Além disso, consideramos que para fazer todos os tratos culturais de um pé de alface é preciso 5mim, envolvendo plantio, preparação da terra, irrigação e colheita.
Água	<b>60l</b>	<b>0,003/L</b>	<b>0,18</b>	Considerando que o valor cobrado na taxa mínima no município é de R\$ 30,00 para uso de 10.000litros mensais.
Energia	<b>2mim</b>	<b>0,006/mim</b>	<b>0,01</b>	O custo médio de energia no município é de R\$ 260,00. Por dia são gastos R\$ 8,66/dia e para o processo de produção de alface gasta-se 2 min de energia.
Transporte	<b>1 pé</b>	<b>0,61/pé</b>	<b>0,61</b>	O custo médio de transporte na região é de R\$ 55,00, e no processo pode-se transportar 90pés de alface.
Embalagem primária	<b>1 saquinho</b>	<b>0,14/saquinho</b>	<b>0,14</b>	Para o processo de embalagem do produto é utilizado uma embalagem plástica para cada unidade comercial. O custo é de

				R\$ 7,00 para 50 saquinhos de plástico.
Embalagem secundária	<b>1 sacola</b>	<b>0,13/sacola</b>	<b>0,13</b>	Após a embalagem primária, é utilizado a embalagem secundária ao custo de R\$ 15,00 para 110 sacolas.
Perda de produtos	<b>5%</b>	<b>1,865</b>	<b>0,093</b>	Consideramos uma perda de 5% entre a produção até a comercialização final.
Depreciação	<b>60/dias</b>	<b>0,0021/dia</b>	<b>0,12</b>	Considerando que foram gastos em equipamentos o valor total de R\$ 1.167,05 sendo carrinho 200,00; irrigação 408,00; enxada 75,00; pá 62,05; regador 22,00 e tela sombrite 400,00. A taxa de utilizada foi de 10%/ano e considerou como 15 anos para a depreciação total.
Custo sem aplicação da margem justa			<b>R\$ 1,968</b>	Valor bruto das matérias primas para a produção de 500g de alface.
Margem da precificação justa (50%).			<b>R\$0,98</b>	Aplicação da margem de 50% que é considerado o limite superior do preço justo.
<b>TOTAL POR UNIDADE COMERCIAL</b>			<b>R\$ 2,95</b>	Valor máximo que poderá ser aplicado no processo de comercialização na feira.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

**Quadro 10:** Ficha do produto ovo caipira

<b>OVO CAIPIRA</b>				
<b>Preço de comercialização na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA R\$ 9,00 com uma dúzia</b>				
<b>Itens</b>	<b>Quant./unid.</b>	<b>Preço Unitário (R\$)</b>	<b>Preço total do item (R\$)</b>	<b>OBS</b>
Galinha de postura	<b>0,016/galinha/dúzia</b>	<b>35,00/galinha</b>	<b>0,57</b>	O valor de cada galinha de postura na região de Sento Sé é de R\$ 35,00. E considerando que cada galinha consegue produzir durante 2 anos aproximadamente 60,83 dúzias de ovos caipira.
Ração de postura	<b>0,01</b>	<b>6,59/Kg</b>	<b>0,0659</b>	Na ração estão inseridos os itens milho (R\$ 140,00), farelo de trigo (R\$ 70,00) e farelo de milho (R\$ 58,00).

				<u>Sendo o valor por kg de ração de R\$ 6,59.</u>
Medicações	<b>0,0075/L</b>	<b>24,00/L</b>	<b>0,182</b>	Atualmente os produtores utilizam apenas limão (R\$ 2,00) e alho (R\$ 22,00) como medicamentos.
Mão de obra	<b>0,5334/horas</b>	<b>7,5/Horas</b>	<b>4,00</b>	Considerando a diária de R\$ 60,00 que é praticada na região de Sento Sé. Além disso, consideramos que para fazer todos os tratamentos culturais de uma dúzia de ovos necessita de 4 horas, e consegue organizar 7,5 dúzias.
Água	<b>17/L</b>	<b>0,003/L</b>	<b>0,05</b>	Considerando que o valor cobrado na taxa mínima no município é de R\$ 30,00 para uso de 10.000litros mensais.
Energia	<b>2mim</b>	<b>0,006/mim</b>	<b>0,01</b>	O custo médio de energia no município é de R\$ 260,00. Por dia são gastos R\$ 8,66/dia e para o processo de produção de ovos caipira gasta-se 2 min de energia.
Transporte	<b>1/dúzia</b>	<b>0,61/dúzia</b>	<b>0,61</b>	O custo médio de transporte na região é de R\$ 55,00, e no processo pode-se transportar 90 dúzias de ovos caipira.
Embalagem primária	<b>1/unid.</b>	<b>1,46/unid.</b>	<b>1,46</b>	Para o processo de embalagem do produto é utilizado a embalagem típica de transporte de ovos.
Embalagem secundária	<b>1 sacola</b>	<b>0,13/sacola</b>	<b>0,13</b>	Após a embalagem primária, é utilizado a embalagem secundária ao custo de R\$ 15,00 para 110 sacolas.
Perda de produtos	<b>1%</b>	<b>7,73</b>	<b>0,0773</b>	Consideramos uma perda de 5% entre a produção até a comercialização final.
Depreciação	<b>314/dias</b>	<b>0,0021/dia</b>	<b>0,66</b>	Considerando que foram gastos em

			equipamentos o valor total de R\$ 6.418,77. A taxa de utilizada foi de 10%/ano e considerou como 15 anos para a depreciação total.
	Custo sem aplicação da margem justa	<b>7,81</b>	Valor bruto das matérias primas para a produção de uma dúzia de ovos de caipira.
	Margem da precificação justa (50%).	<b>3,90</b>	Aplicação da margem de 50% que é considerado o limite superior do preço justo.
	<b>TOTAL POR UNIDADE COMERCIAL</b>	<b>R\$ 11,71</b>	Valor máximo que poderá ser aplicado no processo de comercialização na feira.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

**Figura 12:** Capacitação em precificação



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

## 5.5 GUIA PRÁTICO DE AUTOGESTÃO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS

O processo de elaboração do Guia Prático está inserido nas opções de produto técnico, na esfera da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o seu conteúdo é resultado de pesquisas em nível de pós-graduação na modalidade profissional.

O seu desenvolvimento está subsidiado em pesquisas e com aspecto de

inserção a nível profissional, ou seja, com atuação direta na sociedade e que auxiliará a superação de problemas relacionados a entraves e situações materializadas em realidades concretas e com ação direta. No caso dessa pesquisa, se constitui em um Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas visando a parametrização de itens ou questões que contribua para avanços nos processos de instalação, manutenção e gestão de feiras agroecológicas e orgânicas.

Pode-se afirmar que os guias práticos estão intrinsecamente ligados a gestão na proporção que o seu conteúdo abarca a gestão e atingindo a estrutura como um todo (ARAÚJO, 2008). Ainda segundo Araújo (2008), a decisão para a elaboração de guias práticos segue indicadores específicos tais como: (i) Questionamentos corriqueiros de clientes ou de pessoas inseridas na organização e que ficam em dúvida de caminhos a serem seguidos; (ii) Problemas recorrentes sendo aportados a coordenação, ou necessidade de mudanças de gestão; (iii) Subsidiar ou parametrizar processos avaliativos da gestão; (iv) Avaliação de necessidade de socialização de regras para aumento de capacidade na gestão; (v) Estabelecer parâmetros de direitos e deveres para os agentes sociais envolvidos; (vi) Definir procedimentos a serem implantados visando melhorias na gestão de processos.

Outrossim, os guias práticos não devem ter restrições principalmente em relação a burocratização de normas a serem seguidas, e sobretudo em relação ao custo para sua elaboração e manutenção, sendo evitado que tornem obsoleto e com atualização constante. Segundo o portal da Capes as orientações gerais para sua elaboração é que os mesmos devem ser objetivos, lógicos, bem elaborados e contemplar o máximo da criatividade humana. Além disso, deve ter em seu conteúdo questões que contribua para a superação de entraves do funcionamento de organizações ou iniciativas comerciais (D'ASCENÇÃO, 2001).

De modo geral, os guias práticos devem seguir as seguintes estruturas mínimas; (i) introdução/apresentação; (ii) sumário ou índice numérico; (iii) conteúdo, com questões salutaras para a superação ou orientação de caminhos a serem percorridos; (iv) anexos e (v) apêndices. Outros itens podem ser incorporados para melhor adaptação as realidades vivenciadas pelos pesquisadores e elaboradores dos guias práticos (ARAÚJO, 2008).

### **5.5.1 ESTRUTURA DO PRODUTO FINAL**

O Produto Final foi elaborado em partes onde em cada uma delas contemplam parâmetros importantes para a condução das feiras agroecológicas e orgânicas:

- Parte I – Parcerias estratégicas em dois níveis, poder público e organizações sociais;
- Parte II – Organização das famílias agricultoras para a feira, com definição de perfil, planejamento da produção, logística, definição de acordos e padronização de produtos;
- Parte III – Organização do espaço da Feira Agroecológica e Orgânica, com indicação de comissão organizadora, escolha do local adequado, período de funcionamento, definição do número de barracas e equipamentos e atores ou empreendimento inseridos;
- Parte IV – Autogestão da Feira Agroecológica e Orgânica, com definição dos destinos dos produtos não comercializados, realização de eventos culturais, divulgação e marketing, definição de taxas e custos, formas de pagamento, importância do regimento interno e o fundo rotativo solidário e outras formas de comercialização.

Sendo assim, para a elaboração do produto final principal foram considerados todos os subsídios descritos acima, e seguiu rigorosamente os aprendizados e achados da pesquisa de campo. As imagens da capa e do sumário do produto final está inserido no Apêndice G: Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas.

### **5.5.2 DEVOLUTIVA E VALIDAÇÃO DO PRODUTO FINAL**

O presente produto final inserido como Guia Prático foi elaborado a partir dos resultados de pesquisa realizada no território Sertão do São Francisco no estado da Bahia, estando assim aderente a realidade das Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas na região.

Sendo que nas etapas da pesquisa é estabelecido a necessidade de validação final junto aos atores sociais envolvidos, para muitos pesquisadores a devolutiva é um momento ao final do estudo onde pesquisadores e participantes podem ter acesso aos resultados obtidos. Porém, essa compreensão pode ou deve ser realizada no decorrer do processo de investigação e elaboração, e não somente ao final com o

produto já finalizado, compõem assim como momento ético do pesquisar-intervir-devolver, podendo ser processual e construtivo (ALMEIDA et al., 2018).

Portanto, com essa compreensão e entendendo a devolutiva e validação como mais um momento de trabalho da pesquisa-intervenção, o produto final foi validado em três etapas distintas e interligadas.

- A primeira etapa: aconteceu durante a realização das entrevistas e na observação participante, onde foram discutidos os possíveis instrumentos a serem desenvolvidos de forma a contribuir com o processo desenvolvido. Nesse momento o público pesquisado, salientou que não existia material que eles pudessem seguir como guia para a implantação das feiras, e que tiveram que fazer por tentativa e erro. Soma-se ainda que nessa etapa que foi debatido a necessidade de realização de capacitações em precificação de preços de produtos, em especial na Feira Agroecológica de Sento Sé. Essa observação deu origem a um dos produtos protótipos, que está descrito no item produto final;
- A segunda etapa ocorreu no processo de elaboração do texto base, onde foi socializado a metodologia e conteúdo para complementos e entendimento da abordagem linguística. Vale a ressalva, que um dos principais elementos considerado foi a linguagem a ser utilizado para favorecer a apropriação dos(as) envolvidos(as);
- A terceira etapa foi a socialização do produto final após a diagramação com todo o texto e figuras das iniciativas pesquisadas. Essa etapa foi conduzida por via virtual e com a solicitação de não ser divulgada para outros grupos ou ambientes para que a ampla divulgação acontecesse após a aprovação no exame de defesa final do doutorado.

As etapas descritas acima foram realizadas no módulo virtual e presencial, no ano de 2022, principalmente após a diminuição dos casos de COVID-19. A devolutiva e validação do produto final ocorreu entre os meses de agosto/22 a fevereiro/2023 nas localidades das Feiras Agroecológicas e Orgânicas e por via de conferencia virtual pelo aplicativo Google Meet. Com base no exposto, considera-se, portanto, que a elaboração do produto final e a pesquisa contribuiu de maneira significativa para as Feiras Agroecológicas e Orgânicas do território Sertão do São Francisco, e com potencial de alcance para outras regiões do estado e país.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de negociação utilizando as modalidades de circuitos curtos de comercialização estão distribuídas em diversos países, sendo importante como potencializador do escoamento de alimentos produzidos pela Agricultura Familiar de base ecológica em nível mundial. Além disso, permite inserção em mercados com maior proximidade, laços de confiança e cooperação, proporcionando processos mais justos de geração de renda e acesso a alimentos saudáveis para produtores(as) e consumidores(as).

Mesmo com o encurtamento dos elos produtor e consumidor, e atuando em transações comerciais que possuem vendas diretas, estendidas e regionais, os circuitos curtos de comercialização possuem como desafios; a sua organização que exige maior empenho dos envolvidos, formulação e acesso a políticas públicas para essa finalidade e tipo de comercialização, menor acesso aos meios de comunicação e ferramentas de gestão e de modo geral menor volume de recursos financeiros envolvidos nas transações, quando comparado aos circuitos longos de comercialização.

As potencialidades dos circuitos curtos de comercialização estão estabelecidas na proximidade e reciprocidade entre produtores(as) e consumidores(as), potencializa a cooperação e participação social, promove a geração de renda e protagonismo para agricultores(as) familiares de forma direta.

Além disso, favorece a segurança alimentar e nutricional para os (as) consumidores(as) e suas famílias, os pontos fixos de comercialização são vitrines para os produtos da Agricultura Familiar e o acesso a políticas públicas específicas para a comercialização como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) conseguem gerar rendas significativas com preços justos para as organizações e grupos informais de agricultores(as) familiares.

Os resultados desta pesquisa são referentes aos agricultores(as) familiares que produzem seguindo a compreensão e princípios da agroecologia, transição agroecológica e produção orgânica. Ou seja, refere-se à estratificação da Agricultura Familiar de base ecológica, especialmente que comercializam utilizando os circuitos curtos de comercialização. Essas comercializações por venda direta promovem acesso facilitado sem intervenientes, a recursos financeiros para potencialização e

consolidação da produção com preservação ambiental e sem contaminantes e com segurança alimentar e nutricional, a nível local, regional e nacional. Soma-se ainda, as grandes possibilidades de trocas de experiências com intercâmbios entre o rural-urbano e o rural-rural.

As Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuito curto de comercialização, desenvolvidas no território de identidade do Sertão do São Francisco, lócus de estudo da presente tese, a distribuição está estruturada de forma mais consolidada em três municípios; Sento Sé, Remanso e Juazeiro com duas edições (distrito de Massaroca e na sede do município na orla Bossa Nova), sendo essas as Feiras Agroecológicas e Orgânicas que possuem maior desenvolvimento, inserção de atores sociais e maior regularidade de edições. Sendo que outras feiras agroecológicas estão sendo conduzidas de forma mais esporádica ou espaçadas em mais três municípios; Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado e Casa Nova. Os demais municípios do território até o presente momento, não demonstrou interesse e sensibilização para a organização e construção das propostas de comercialização nessa modalidade de circuitos curtos.

A distribuição das iniciativas atinge 6 dos 10 municípios do território, estando em estágios diferentes em relação a regularidade. Sendo que as feiras que atualmente estão regulares tiveram momentos em seus processos históricos de serem esporádicas, realização em datas comemorativas, mensal, quinzenal até atingindo as edições semanais. Com exceção da Feira Agroecológica de Juazeiro da orla Bossa Nova que foi inaugurada com o objetivo de ser semanal. Ressalva-se que não foi possível estabelecer o marco temporário referente a transição de esporádica para regular, sendo intrínseco a cada realidade vivenciada.

A escolha dos dias da semana que são realizadas as edições das feiras segue a lógica de melhor acesso e utilização dos transportes pelos(as) produtores(as) feirantes, que nos casos analisados a preferência predominante são os dias mais próximos dos fins de semanas e que consegue ter maior movimentação dos(as) consumidores(as), essa definição é após amplo debate nas comissões organizadoras.

As Feiras Agroecológicas e Orgânicas pesquisadas conseguiram as suas estruturas a partir de doações de organizações ou via políticas públicas, principalmente o projeto Pró-semiárido desenvolvido pelo governo estadual. Os produtos comercializados estão em sua maioria divididos em 7 categorias

(artesanatos, alimentos prontos, hortaliças, produtos processados, ovos, frutas e tubérculos).

As mulheres são a maioria na condição de produtoras/feirantes e composição das comissões organizadoras, atingindo a porcentagem de 82,14%, sendo o total de 46 mulheres e 10 homens nas quatro feiras pesquisadas. Dessa maneira as Feiras Agroecológicas e Orgânicas contribuem para a superação da desigualdade de gênero, o patriarcado e ausência de autonomia financeira para as mulheres inseridas nas iniciativas. Principalmente com a inclusão de políticas públicas que potencialize a comercialização da produção realizada nos quintais e em pequenas áreas que são conduzidas por mulheres de forma majoritária. Mesmo com essas contribuições existe ainda longo caminho para a garantia da igualdade de gênero e o desenvolvimento pleno da cidadania das mulheres do meio rural e urbano.

Em relação as contribuições na geração de renda bruta e inserções econômicas promovidas pelas Feiras Agroecológicas e Orgânicas são relevantes, porém é imprescindível terem avanços na mensuração dos custos de produção e logísticas dos produtos, para que seja analisado a geração de renda líquida dos(as) envolvidos(as). Considerando sobretudo que de forma majoritária o público inserido nessa modalidade de circuito curto de comercialização são mulheres que não conseguiam desenvolver processos de comercialização eficientes, e com a inserção, desenvolveram em muitos casos outros canais de comercialização, e as feiras são contribuintes para a divulgação e efetivação de novos ganhos.

Os valores elucidados na presente pesquisa apontam que no ano de 2022, as quatro Feiras Agroecológicas e Orgânicas pesquisadas conseguiram movimentar de forma direta valores próximos de R\$ 560.420,00 (valores brutos sem a mensuração de custos), em 137 edições no ano, as movimentações indiretas que foram conseguidas após a divulgação e exposição dos produtos não foram passíveis de serem mensuradas.

Considerando que a geração de renda é uma mola propulsora para a efetivação e sustentabilidade das iniciativas, compreendê-la é imprescindível. Diante disso, existem entraves que devem ser superados para que os valores na geração de renda e inserção econômica sejam potencializados como: (i) melhorar os processos de monitoramento dos alcances financeiros em todas edições; (ii) realizar a precificação dos produtos de forma mais qualificada, possibilitando assim, a mensuração dos reais

ganhos e custos de produção e estabelecer margens de sobra adequada; (iii) elaborar e implementar o fundo rotativo solidário de forma que exista uma instancia dentro da feira para a organização financeira e custear os custos fixos do espaço; (iv) inserir os valores de logística nos preços finais dos produtos e (v) potencializar ou incentivar a produção diversificada dos(as) produtores(as), favorecendo a conquista e fidelização de consumidores(as).

Mesmo tendo como objetivo principal a comercialização e conseqüentemente promover a geração de renda monetária, as Feiras Agroecológicas e Orgânicas, conseguem também a geração de renda não monetária, pois quando não ocorre a comercialização de todos produtos expostos, os(as) produtores(as) possuem a sistemática de doações e trocas entre as barracas ou nas comunidades que residem, demonstrando assim, os laços de solidariedade proporcionado pelos circuitos curtos de comercialização.

Sendo assim, pode-se afirmar que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas do território do Sertão do São Francisco contribuem de forma efetiva na emancipação feminina em relação a movimentação financeira e promove melhorias nas condições de vida.

No processo de condução das Feiras Agroecológicas e Orgânicas, as organizações sociais envolvidas tiveram contribuições em seu fortalecimento e estruturação enquanto atores sociais com atuação na região. Em especial as organizações que compõem as comissões organizadoras, que estão tendo a oportunidade de aprofundar em quesitos relacionados a comercialização de produtos da Agricultura Familiar de base ecológica.

Para que os produtos cheguem até os espaços das feiras as comissões realizam organizações prévias das bases produtivas, mapeiam as disponibilidades de produção e logística, organizam os espaços, fiscalizam os produtos para garantir a ausência de contaminantes, promovem a divulgação, convocam reuniões, estabelecem os preços a serem praticados, incentivam a diversificação da produção, estabelecem boa relação com os(as) consumidores(as) dentre outros. Exercendo assim o controle social de todo o processo, nesse sentido, as organizações sociais inseridas nas comissões organizadoras estão fortalecendo a relação com a base social, demonstrando maior compromisso com os(as) sócios(as), promovendo acréscimos em seu capital social nas comunidades e território.

Para os(as) feirantes e produtores(as) que também integram a categoria de atores sociais envolvidos nas iniciativas, as contribuições das Feiras Agroecológicas e Orgânicas são em relação a melhor organização da produção, possibilidade de comercialização dos seus produtos, geração de renda, impulsionar ou sensibilizar para a diversificação da produção, trocas de experiências com os demais produtores(as) e consumidores(as), maior envolvimento familiar para a produção e comercialização, realização de trocas de produtos entre os(as) produtores(as) (renda não monetária), conquista de novos canais de comercialização fora da feira, realizar produções mais sustentáveis e sem contaminantes, envolvimento maior de mulheres, potencializar as produções desenvolvidas nos quintais produtivos e sensibilizar para a necessidade de desenvolver controles financeiros da produção e comercialização.

Para os(as) consumidores(as) as contribuições também são positivas, principalmente para aqueles que buscam alimentos saudáveis e com segurança alimentar e nutricional, além da certeza da procedência e com interação direta com os(as) produtores(as).

Os (As) consumidores(as) são importantes componentes dos circuitos curtos de comercialização, sendo a atividade fim do processo, nesse sentido, as estratégias desenvolvidas pelas iniciativas para conquista-los estão na realização de eventos periódicos nos espaços das feiras, diversidade de produtos ofertados, preços atraentes, maior tempo de duração, aparência, atendimento e locais de fácil acesso e estacionamento.

Nas Feiras Agroecológicas e Orgânicas do território do São Francisco, as comissões organizadoras e os (as) produtores(as) feirantes vem conseguindo ter acesso a intervenções sociotécnicas de forma a contribuir com as iniciativas para sua estruturação e condução. Os acompanhamentos técnicos são potencializados pelo projeto pró-semiárido do governo da Bahia, e estão relacionados primeiramente na estruturação de quintais produtivos para o autoconsumo e posteriormente a comercialização via feiras nos municípios, onde foram investidos recursos para a sua estruturação como barracas, toldos, aventais, balanças e eventuais apoios na logística dos produtos.

A maioria das iniciativas pesquisadas surgiram após provocações das organizações de apoio, que visualizava o aumento da produção e a necessidade de potencializar a comercialização via feira e/ou acesso aos PNAE's e PAA's da região.

As intervenções sociotécnicas realizadas pelas organizações de apoio foram nos aspectos de amplo processo pedagógico e de organização social das feiras como: criação de comissão organizadora, debate sobre a Agroecologia, produção sustentável, elaboração de regimentos internos, fundo rotativo solidário, precificação de produtos e realização de intercâmbios com outras experiências de feiras agroecológicas e orgânicas.

Os desafios e necessidades de avanços nas intervenções técnicas estão em relação aos processos de precificação dos produtos, somente a Feira Agroecológica de Sento Sé conseguiu desenvolver capacitações para os(as) produtores(as) e feirantes para apenas três produtos, necessitando de ampliação para os outros itens e para as outras feiras do território Sertão do São Francisco.

Outro desafio, o regimento interno só existe em duas iniciativas e necessita que as organizações de apoio se apropriem do instrumento e elaborem esse importante mecanismo de controle e organização. Atrelado ao regimento interno, existe a discussão sobre a criação e condução do Fundo Rotativo Solidário que deve ser ampliado para que as feiras sejam melhor administradas financeiramente e autossustentáveis.

No campo da produção os desafios que devem ser trabalhados pelas organizações de apoio são em relação ao escalonamento da produção, para evitar a falta de produtos ou excesso de ofertas do mesmo produto e que potencialize a diversificação de produtos, que é o maior impulsionador de vendas e a conquista de novos(as) consumidores(as).

Ainda sobre a produção, as organizações de apoio devem estabelecer intervenções sociotécnicas que vise a garantia de produção sem contaminantes, buscar a implementação de processos participativos de certificação, mesmo que não seja esse um entrave para conquista de consumidores(as) como aponta a pesquisa realizada nesse trabalho, a utilização de selos de garantia é uma tendência em crescimento e ao longo dos processos de comercialização e com a possível ampliação das feiras, a expectativa é a aproximação de consumidores(as) mais exigentes em garantias.

Para que o processo seja mantido de forma autônoma e sem intervenientes externos, as organizações de apoio devem objetivar processos com independência financeira e metodológica, ou seja, que as Feiras Agroecológicas e Orgânicas não

fiquem refém de aportes financeiros e metodológicos de projetos e organizações.

No transcorrer da pesquisa e no momento de sistematização e validação de todo processo junto aos(as) pesquisados(as) foi possível elaborar para amplo acesso, divulgação e utilização pública o produto final denominado de **Guia Prático de Autogestão de Feiras Agroecológicas e Orgânicas**, que irá contribuir no processo de gestão, tomadas de decisões e implantação de novas iniciativas na região e com potencial de alcance para outras regiões do estado e país.

O guia prático passou por processos de validação junto ao público objeto de estudo, e consta em seu conteúdo temas pertinentes como: (i) Parcerias estratégicas com o poder público e organizações sociais; (ii) Organização das famílias agricultoras para a feira, com definição de perfil, planejamento da produção, logística, definição de acordos e padronização de produtos; (iii) Organização do espaço da Feira Agroecológica e Orgânica, com indicação de comissão organizadora, escolha do local adequado, período de funcionamento, definição do número de barracas e equipamentos e atores ou empreendimento inseridos e (iv) Autogestão da Feira Agroecológica e Orgânica, com definição dos destinos dos produtos não comercializados, realização de eventos culturais, divulgação e marketing, definição de taxas e custos, formas de pagamento, importância do regimento interno e o fundo rotativo solidário e outras formas de comercialização.

Considerando o objetivo geral da pesquisa, que buscou analisar as Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuito curto de comercialização da Agricultura Familiar no território de identidade Sertão do São Francisco no estado da Bahia, foi possível observar que as iniciativas são importantes formas de acesso ao mercado de forma mais justa, com protagonismo feminino, promoção da Agroecologia e agricultura orgânica, fornecendo segurança alimentar e nutricional para consumidores(as) geração de renda para os(as) agricultores(as) familiares e suas organizações.

Respondendo assim, o problema investigado: As Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no território de identidade do Sertão do São Francisco da Bahia contribuem para o fortalecimento da Agricultura Familiar de base ecológica nos aspectos econômicos, sociais e produtivos.

Mesmo num momento histórico desafiador que foram os anos de pandemia do COVID-19 (2020-2022), as Feiras Agroecológicas e Orgânicas desenvolvidas no

território de identidade foram importantes espaços de utilidade pública para o fortalecimento dos sistemas imunológicos, geração de renda e inserção econômicas de mulheres e da Agricultura Familiar de base ecológica.

Esta pesquisa conseguiu demonstrar, analisar e divulgar as experiências desenvolvidas por feirantes, produtores(as), organizações de apoio e comissões organizadoras, que através da comercialização dos produtos da Agricultura Familiar de base ecológica consegue manter proximidade, confiança e abastecimento da comunidade local com produtos livres de agrotóxicos e com segurança alimentar e nutricional. Soma-se ainda, como uma contribuição para a academia em relação a discussão sobre a Agricultura Familiar, Agroecologia, transição agroecológica, agricultura orgânica, circuitos curtos de comercialização e a elaboração de material didático de apoio para a gestão e reflexões sobre implementação de novas iniciativas.

Por fim, esta pesquisa aponta para novas investigações a serem realizadas no lócus e objeto de estudo, sendo impossível o seu esgotamento na presente investigação. Os possíveis temas a serem abordados em novas pesquisas são: questão de gênero, processos de análise da contribuição na alimentação saudável dos(as) consumidores(as), provocações e formulações de políticas públicas, elaboração de mecanismos eficientes de controle dos alcances, inserção qualificada das organizações de intervenções sociotécnicas e melhorias na produção e logística.



## REFERÊNCIAS

ANDRIONI, I; CAETANO, E. **Feiras Agroecológicas como contraponto ao projeto do capital**. Trabalho necessário. V.17, nº34. 2019.

AAO. **Manual de Certificação**: normas de produção, regulamentos, contratos, formulários e estatutos. São Paulo: Associação de Agricultura Orgânica, 1998. 64p.

ALIAGA, M. A.; SANTOS, S. C.; TRAD, L. A. B. **Política(s) de segurança alimentar e nutricional: narrativas de líderes e moradores de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil**. *Saúde Soc.* São Paulo, 2019, v.28, n.4, p.124-136.

ALMEIDA, L. R. S. **Recaatingamento na comunidade de Ouricuri, Uauá/ Bahia/Brasil**: Diagnóstico socioambiental e condições para o avanço na transição agroecológica. (TCC) Engenharia Agrônômica/UNIVASF. Petrolina/PE. TCC. 51p. 2022.

ALMEIDA, U. R.; CÉSAR, J. M.; SANTOS, L.; CARVALHO, P. H. **A devolutiva como exercício ético-político do pesquisar**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.30, n. 2, p. 204-213. 2018.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar**. *revista Nera*, n. 16, p. 22-32, 2012.

ALTIERI, M.A. **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. Boulder: Westview Press, 1987. Disponível em: <https://www.amazon.com/Agroecology-Scientific-Alternative-Agriculture-Westview/dp/0813372844>. Acesso em: 20, jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 Ed.Revista e ampliada, São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 400p., 2012.

ALVES, A. C. O.; SANTOS, A. L. S.; AZEVEDO, R. M. M. C. **Agricultura orgânica no Brasil**: sua trajetória para a certificação compulsória. *Revista Brasileira de Agroecologia Rev. Bras. de Agroecologia*. 7(2): 19-27 (2012).

AQUINO, A.N.; ASSIS, R.L. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura sustentável**. Brasília: Embrapa, 2005.

ANA – Articulação Nacional de Agroecologia. Carta Política III Encontro Nacional de Agroecologia – ENA em Juazeiro da Bahia. Rio de Janeiro. ANA, 2014.

ANJOS, F. S. D.; CALDAS, N. V. A dinâmica dos circuitos curtos de comercialização: o caso do Projeto Campagna Amica na Itália. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 771-789, Set./Dez. 2017.

ARAÚJO, E. L. S. Geoturismo: conceitualização, implementação e exemplo de

aplicação no Vale do Rio Douro no setor Porto Pinhão. **Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente)**. Escola de Ciências da Universidade do Minho, Portugal, 2005.

ARAÚJO, L. C. G. **Organização e métodos**. São Paulo: Altas, 2006.

ARAÚJO, L.C.G de. **Organização, sistemas e métodos**. São Paulo: Atlas, 2008. Vol. I.

ASSIS, R. L. **Globalização, Desenvolvimento Sustentável e Ação Local: O Caso da Agricultura Orgânica**. Cadernos de Ciência & Tecnologia. 2003; 20(1): 79-96.

ASSIS, R. L. de. Agroecologia: Visão Histórica e Perspectivas no Brasil. *In*: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília - DF, Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 175-184p.

BATTERSBY, J. **The food desert as a concept and policy tool in African cities: An opportunity and a risk**. Sustainability (Switzerland) v. 11, n. 2, 2019. CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24 p.

BAHIA. **DECRETO Nº 9.957 DE 30 DE MARÇO DE 2006**. Cria a Área de Proteção Ambiental – APA do Lago de Sobradinho, nos Municípios de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé e Sobradinho, e dá outras providências. Disponível em: Acesso em: 20 abr. 2020.

BARBOSA NETO, M. V.; ARAÚJO, M.S. B.de; ARAÚJO FILHO, J.C. de; ALMEIDA, B.G.de. Degradação do solo por erosão em área vulnerável à desertificação no Semiárido pernambucano. **Anais do XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Os desafios da Geografia Física na fronteira do conhecimento. Instituto de Geociências – UNICAMP. Campinas/SP, 2017. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/sbgfa/article/view/1929>. Acesso em: 23/02/2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BARRETO, A.M. F.; SUGUIO, K. **Considerações sobre a idade e a paleogeografia das paleodunas do médio Rio São Francisco, Bahia**. In: Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário - ABEQUA, IV, São Paulo. *Resumos Expandidos*, p. 11, 1993.

BARRETO, A. M. F. **Interpretação paleoambiental do sistema de dunas fixadas do médio Rio São Francisco, Bahia**. Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo: Tese de Doutorado, 1996, 174 p.

BAUMAN, Z. (2007). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Produto Orgânico: melhor para a vida de todos e do planeta.** 2012.

BERTRAND, G.; BERTRAND C.. **Uma Geografia Transversal e de Travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades.** Maringá: Mossoni, 2007.

BIESEK, A. S.; CARDOZO, P. F. Interpretação do Patrimônio Ambiental: O caso do Parque Nacional do Iguaçu (Foz do Iguaçu, PR). **Cultur**, Ilhéus, ano 6, n 4, p. 113-123. 2012.

BITTMAN, M. **Don't ask how to feed the 9 billion.** *The New York Times*, New York, 11 nov. 2014.

BOURDIEU, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento.* Porto Alegre: Zouk.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é.** 2 Ed., Petrópolis: Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação: na economia, na política e na ecologia.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

BRASIL. **Lei n o 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN – com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências.** Diário Oficial da União 2006; 18 set.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Lei Nº 10831, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2003. Publicado no Diário Oficial da União de 24/12/2003, Seção 1, Página 8. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=2&i=P&c=200>>. Acesso em: agosto de 2021.

BRANCHER, P. C. **Importância da certificação na definição dos preços dos produtos orgânicos praticados na região metropolitana de Curitiba.** In: Congresso da Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 42. Anais..., CD-ROM. 2004.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável.** Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA, 1999.

CANAVESI, F. C. C.; MOURA, I. F.; SOUZA, C. **Agroecologia nas políticas públicas e promoção da segurança alimentar e nutricional.** *Segur. Aliment. e Nutr.*, dez. 2016, Campinas, v.23, n.esp., p.1019-1030. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/san.v23i2.8635617>.

CAPORAL, F.; PETERSEN, P. **Agroecologia e políticas públicas na América Latina: o caso do Brasil**. *Agroecología*. 2012; 6:63-74.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G.. **Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA, 2006.

\_\_\_\_\_. Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. (ORGS.) **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília/DF: 2009, p.65-111.

\_\_\_\_\_. (ORGS.) **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília/DF: 2009, 111p.

CAPORAL, F.R.. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações**. Brasília; 2008. 35p.

\_\_\_\_\_. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. (ORGS.) **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília/DF: 2009, p. 02-64.

CARDOSO, M. M. G. **Organização, sistemas e métodos**. Núcleo de Educação à Distância de Maringá, 2011.

CARVALHO, I. S. **Paleontologia: conceitos e métodos**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.

CARVALHO, F. P.; **Fundo de Pasto organização política e território**. Tese mestrado UFBA. p. 32, 2008.

CAVALCANTI, A. P. B.. Sustentabilidade ambiental como perspectiva de desenvolvimento. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, UFSC: Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 219-237, jan./jul. 2011.

CHIFFOLEAU, Y. et al. A construção participativa de novos modelos econômicos em cadeias curtas de abastecimento alimentar. **Journal of Rural Studies**, v. 68, p. 182-190, Maio 2019.

CHIFFOLEAU, Y. Les circuits courts de commercialisation en agriculture: diversité et enjeux pour le développement durable. In: Ma réc hal , g. (Ed.). **Les circuits courts alimentaires: bien manger dans les territoires**. Dijon:Educagri, 2008. p. 21-30.

CORREIA, T., Cristóvão, A., Costa, D., Guimarães, H., Rodrigo, I., Tibério, L.& A. Baptista, (2013). **Recomendações de Medidas de Política de Apoio aos Circuitos Curtos Agro-Alimentares: período de programação 2014-2020 (Relatório Final)**, ISA, UE, UTAD, julho 2013.

CURY, A. **Organização e métodos: uma visão holística, perspectiva comportamental e abordagem contingencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2000

DANTAS, G. P. G. **Feiras no Nordeste**. Mercador – Revista de Geografia, Universidade Federal do Ceará/UFC, Fortaleza, Brasil, vol. 7, nº 13, 2008, pp. 87-101.

DAROLT, M. R. **Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. Londrina: IAPAR, 2012.

DAROLT, M. R. et al. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XIX, n. 2, p. 1-22, abr.-jun. 2016.

D'ASCENÇÃO, L. C. M. **Organização, sistemas e métodos**. São Paulo: Atlas, 2001.

DECOOX, M. C.; PRÉVOST, S. **Circuits courts: une valeur ajoutée pour les territoires**. Paris: Réseau Rural Français, 2010. Disponível em: <[http://www.reseaurural.fr/files/dossier\\_de\\_presse\\_circuits\\_courts.pdf](http://www.reseaurural.fr/files/dossier_de_presse_circuits_courts.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2020.

DELGADO, G. **Reestruturação da economia do agronegócio – anos 2000**. In: Stedile JP, Estevam D. A questão agrária: o debate na década de 2000. São Paulo: Ed. Expressão Popular; 2013. p. 57-87.

DELGADO, G. C; BERGAMASCO, S. M. P. P. **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 470p. 2017.

DE MOLINA, G; PETERSEN, P.F; PEÑA, F.G; CAPORAL, F.R. 5. **Scalling Agroecology. Scaling Agroecology**. In: \_\_\_\_\_ . Political Agroecology: Advancing the Transition to Sustainable Food Systems. Boca Raton: CRC Press. 2019. p.97-117.

DIAS, T. F; DE OLIVEIRA, E. F. **Agricultura Familiar, Políticas Públicas e Mercados Institucionais: uma Análise Exploratória do Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE no Rio Grande do Norte**. HOLOS, v. 5, p. 1-19, 2019.

DIAS, V. V; SALVATE, N; RÉVILLION, J. P; SCHNEIDER, S. **A importância da certificação nos circuitos curtos de alimentos orgânico**. Espacios. Vol.37 (nº03). 2016.

DÖRR, F. **Decent Work Deficits in Southern Agriculture: Measurements, Drivers and Strategies**. In: SCHERRER, Christoph; VERMA, Santosh (Orgs.). Munich, Germany: Rainer Hampp Verlag, 2018. 9783866188969.

DOS SANTOS, José Ozildo et al. A evolução da agricultura orgânica. **Revista**

**Brasileira de Gestão Ambiental** ISSN 2317-3122, v. 6, n. 1, p. 35-41, 2013.

ELIAS, L. P.; BELIK, W.; ODERICH, E. H. **A construção de um sistema alimentar sustentável e a agricultura familiar**. Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019.

EMBRAPA. **Relatório executivo – agricultura familiar: construindo uma agenda com visão de futuro**. Brasília: Embrapa, 2014.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP, WHO. **Food Security and Nutrition in the World the State of Building Climate Resilience for Food Security and Nutrition**. [S.l: s.n.], 2018.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **The state of food insecurity in the world: strengthening the enabling environment for food security and nutrition**. Roma, 2014.

FAO e OPAS. **2016 América Latina e Caribe: Panorama de Segurança Alimentar e Nutricional – sistemas alimentares sustentáveis para acabar com a fome e a má nutrição**. Santiago, 2017.

FAO. Programa de Cooperação Internacional Brasil-FAO. **FAO**, 2020. Disponível em: <<http://www.fao.org/in-action/programa-brasil-fao/noticias/ver/pt/c/1312831/>>. Acesso em: 29 outubro 2020.

[18] FERNANDES, V.; SAMPAIO, C. A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? a natureza da relação sociedade meio ambiente. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 18, p. 87-94, 2008.

FAZENDA, I.C.A.. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2012.

FRAXE, T.J.P.; PINHEIRO, J.A.C.; COSTA, M.S.B.; GONÇALVES, V.V.C.; OKA, J.M.; SENA, G.M.; CARNEIRO, J.P.R.; PEREIRA, H.S.; PEREIRA, C.F.. Uso de agrotóxicos e seus impactos socioambientais nos municípios de Rio Preto da Eva e Careiro da Várzea, Amazonas – **Brasil. Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 5, p.31429-31451, may. 2020.

FREIRE, P.. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com uma pedagogia do oprimido**. 4 eds. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 248p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 213p.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade: direito ao futuro**. 2 ed. Belo Horizonte:Fórum, 2012.

FONTANA, A. P. C.; LIMA, R. de S. As feiras da agricultura familiar como território de práticas alimentares e sociabilidades: compreendendo a relação feirante – freguês. *In: Third International Conference Agriculture and Food in na Urbanizing Societ y*, 17-21 set. 2018, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: 2018.

FOREMAN, Kyle J et al. **Forecasting life expectancy , years of life lost , and all-cause and cause-specific mortality for 250 causes of death : reference and alternative scenarios for 2016 – 40 for 195 countries and territories.** *The Lancet* v. 392, n. 10159, p. 2052–2090 , 2018. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)31694-5](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(18)31694-5)>.

FRIEDMANN, H. (1993a). After Midas's Feast: Alternative Food Regimes for the Future. Em P. Allen, *Food for the Future: Conditions and Contradictions of Sustainability* (pp. 213-233). California: John Wiley e Sons, Inc.

GASC, M. **Les AMAP: un partenariat entre consom'acteurs et producteurs.** Paris: Observatoire du Management Alternatif, 2011.

GARRIDO, H. C. C. Abordagem territorial da segurança alimentar: articulação do campo e da cidade no Programa de Aquisição de Alimentos: considerações sobre o caso colombiano. **NERA**, Presidente Prudente, n. Especial, p. 51-69, 2015.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019. 207 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 175 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agriculturas sustentáveis.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. (Estudos rurais).

GLIESSMAN, S.R. 20. Alcanzando la Sostenibilidad. In: GLIESSMAN, S.R. *Agroecología: Procesos Ecológicos en Agricultura Sostenible.* Turrialba, C.R.: CATIE, 2002, 303-318p.

GLIESSMAN, S. **Agroecology and food system change.** *Journal of sustainable agriculture*, v. 35, n. 4, p. 347–349, 2011.

GLIESSMAN, S. **Agroecology and going beyond organic.** *Agroecology and sustainable food systems*, v. 37, n. 2, p. 147–148, 2012.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems.** Boca Raton: CRC Press. 2015.

GLIESSMAN, S. **Transforming food systems with agroecology, Agroecology and Sustainable Food Systems**, 40:3, 187-189, 2016.

GLIESSMAN, S. **Scaling-out and scaling-up agroecology, Agroecology and Sustainable Food Systems**, 42:8, 841-842, 2018.

GLIESSMAN, S. **Confronting Covid-19 with agroecology. Agroecology and sustainable food systems.** 44:9, p. 1115–1117, 2020.

GODOY, I. F.; ANJOS, F. S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local.** In: Congresso o Brasil eiro de Agroecologia, 2., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ABA, 2007. p. 364-361.

GOODMAN, D. (2003). The Quality “Turn” and Alternative Food Practices: Reflections and Agenda. *Journal of Rural Studies*, 19(1),1-7.

GOMES, D. V. Educação para o consumo ético e sustentável. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Porto Alegre, v. 16, p. 18-31, jan./ jun. 2006. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol16/art02v16.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

GONZÁLEZ DE MOLINA, M.. Agroecología: bases teóricas para una historia agraria alternativa. **Agroecología y Desarrollo**, n.4, p.22-31, dic. 1992.

GOODMAN, D.; DUPUIS, E. M.; GOODMAN, M.K. **Alternative food networks: knowledge, practice, and politics.** Abingdon: Routledge, 2012.

GUSTAVSSON, J.; *et al.* **Global food losses and food waste Global food losses and food waste.** Rome: Food and Agriculture Organization, 2011. 37 p. .9789251072059.

GUZMÁN, G.I. **Transición agroecológica: donde confluyen la investigación y la acción.** Laboratorio de Laboratorio de Historia de los Agroecosistemas, 1-12, 2013.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E.. (coord.). **Introducción a la Agroecología como Desarrollo Rural Sostenible.** Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

GUZZATTI, T. C.; CIOCE SAMPAIO, C. A.; ALECIO TURNES, V. Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: perspectivas recentes no Brasil e na França. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 16, n. 3, p. 363-375, 2014.

HAESBAERT, R.. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR.** Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Território, Poesia e Identidade. In: HAESBAERT, R. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006. cap.8, p. 143-158.

HILL, S. B. Redesigning the food system for sustainability. **Alternatives**, v. 12, p. 32–36, 1985.

Hill S.B; MacRae R.J. Conceptual framework for the transition from conventional.



**Sustain Agric**, 7(1):81-87p. 1995.

HLPE. High Level Panel of Experts. **Investing in smallholder agriculture for food security**. Fao n. June, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: segurança alimentar 2013**. Rio de Janeiro, 2014.

JESUS, E.L. de. Diferentes Abordagens de Agricultura Não-Convencional: História e Filosofia. In: AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília - DF, Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 21-48p.

KARNOPP, E. **Tendências de desenvolvimento da agricultura familiar: uma análise regional**. RDE – Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 14, n.26, 2012.

LEFF, E.. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002. Disponível em: [http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3\\_n1/revista\\_agroecologia\\_ano3\\_num1\\_parte08\\_artigo.pdf](http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n1/revista_agroecologia_ano3_num1_parte08_artigo.pdf). Acesso em: 22/04/2020.

\_\_\_\_\_. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LÉLÉ, S. & NORGAARD, R. (2005). “**Practicing Interdisciplinary**”. *Bioscience*, Vol. 55, n. 11: 967-975.

LIMA, J. P. C.; ANTUNES, M. T. P.; NETO, O. R. de M.; PELEIAS, I. R. Estudos de caso e sua aplicação: Proposta de um esquema teórico para pesquisas no campo da contabilidade. **Revista de Contabilidade e Organizações**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 127-144, 2012.

MACHADO, P. P.; OLIVEIRA, N. R. F.; MENDES, A. N. O indigesto sistema do alimento mercadoria. *Saúde e Sociedade*. On-line. São Paulo, Jun. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902016151741>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

MACRAE, R. J.; HILL, S. B.; MEHUYS G. R.; HENNING, J. Farm-scale agronomic and economic conversion from conventional to sustainable agriculture. **Advances in agronomy**, v. 41, p. 155–198, 1990.

MALUF, R. S. J. **Ações públicas locais de abastecimento alimentar**. São Paulo: Polis, 1999.

MARCOS. V. **Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro**. Agrária, São Paulo, 2007, nº 7, pp. 182-210.

MARQUES, P. E. M.; RETIÉRE. M.; ALMEIDA. N.; SANTOS, C. F. **A participação da agricultura familiar no Programa Nacional de Alimentação Escolar: estudo de casos em municípios paulistas da região administrativa de Campinas**. *Segur. Aliment. Nutr.*, 2017, Campinas, v. 24, n. 2, p. 101-112, jul./dez.

MARQUES, A. B. G. M.; TRICHES, R. M. **A Experiência da Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Ceará como fortalecimento da autonomia dos/as agricultores/as familiares.** Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do III CPA – Vol. 14, N° 1, 2019.

MARTINS, José de Souza. O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

MARX, K.. **O Capital – crítica da economia política.** Vol. I, Tomo I. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARSDEN, T.; BANKS, J.; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia Ruralis**, Wageningen, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MARSDEN, T. (2003). *The Condition of Rural Sustainability*. Assen: Van Gorcum.

MATTA, C. R. da.; SCHMIDT, E. B. O paradigma da sustentabilidade: o que pensam pesquisadores em educação ambiental sobre as sociedades sustentáveis?.

Conjectura: **Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 108-119, maio/ago. 2014.

Disponível em:

<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4934/O%20paradigma%20da%20sustentabilidade.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 março 2020.

MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S.; WAQUIL, P. D. & SCHNEIDER, S. (2014) **A realocação e o mercado de cadeias curtas na pecuária familiar do território Alto Camaquã no sul do Rio Grande do Sul.** En: 7º Encontro de Economia Gaúcha. PUC, Porto Alegre.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. 569p.

MENDONÇA, R. R. S. **Processos Administrativos.** 2012. Disponível em: . Acessado em: 27 de abr. 2018.

MÉSZÁROS, I.. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI.** Trad. Ana Cotrim, Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, R. M.; CARMO, J. D. S. do. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura**, v. 51, n. 2, p. 37-56, 2004.

MENDONÇA, M. A. F.C. **Sistemas agroalimentares e sustentabilidade: sistemas de certificação da produção orgânica no sul do Brasil e na Holanda.** 2015. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2015.

MOLINA, M. G. **Introducción a la agroecología. Cuadernos Técnicos. Série**

**Agroecología y ecología agrária.** Valencia: Sociedad Española de Agricultura Ecológica (SEAE); 2011.

MIKULCAK, F.; HAIDER, J. L.; ABSON, D. J.; NEWIG, J.; FISCHER, J. **Applying a capitals approach to understand rural development traps: A case study from post-socialist Romania.** *Land Use Policy*, v.43, p. 248-258, 2015.

MUNIZ, M. M. P. **Igualdade de gênero e políticas públicas para mulheres: a experiência da Rede de Mulheres de Remanso-BA.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural (PPGExR), Universidade Federal do Vale do São Francisco. Juazeiro/BA, p. 154. 2018.

OLIVEIRA, A. L. A.; CRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S. **Sustentabilidade e escolhas alimentares: por uma biografia ambiental dos alimentos.** *Journal volume & issue. Sustentabilidade em debate.* Brasília, DF. Vol. 10, no. 1. Pp. 146-158. 2019.

OLIVEIRA, C. D. S.; PERAFÁN, M. E. V. Gestão social no âmbito do Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais. In: **Encontro da Rede de Estudos Rurais.** Belém: Rede de Estudos Rurais, 2012.

OLIVEIRA, D.; GRISA, C.; NIEDERLE, P. Inovações e novidades na construção de mercados para a agricultura familiar: os casos da Rede Ecovida de Agroecologia e da RedeCoop. **Redes Online**, St. Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 135-163, janeiro-abril 2020.

OLIVEIRA, E. **Desenvolvimento local e suas dinâmicas: um olhar sobre a participação social no Fórum de Entidades do município de Campo Alegre de Lourdes/BA.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós Graduação em Extensão Rural (PPGExR), Universidade Federal do Vale do São Francisco. Juazeiro/BA, p. 139. 2018

PBMC. **Mudanças climáticas e Cidades - Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas.** [S.l: s.n.], 2016. 120 p. .9788528503449.

PEIXINHO, Albaneide Maria Lima. **A trajetória do Programa Nacional de Alimentação Escolar no período de 2003-2010: relato do gestor nacional.** *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2013, v. 18, n. 4 [Acessado 20 Novembro 2021] , pp. 909-916.

PEREIRA, C. **Desenvolvimento Rural e Saúde do Trabalhador: Hábitos Alimentares de Produtores Agroecológicos.** Itajubá/MG. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá – UFI-Itajubá/MG, 2020.

PERES, A. C. **O ronco da fome: no semiárido nordestino, histórias de resistência aos cortes que podem levar o Brasil de volta ao Mapa da Fome.** *Radis*, Rio de Janeiro, 2018, v. 186, p. 15-24.

PETERSEN, P.; MONTEIRO, D. Agroecologia e Colapso. **Outras Palavras**, 30

abril 2020.

PIERRI, M. C. Q. M. & VALENTE, A. L. E. F. (2015) **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura**. In: *53º Congresso de Economia e Sociologia Rural*. Alagoas.

PLOEG, J. D. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Tradução Rita Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

PORTILHO, F.; CASTANEDA, M.; CASTRO, I.R.R. **A alimentação no contexto contemporâneo**: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciência & Saúde Coletiva*. On-line. Rio de Janeiro, Jan. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000100014>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

QUINTAL, E. C. V. **Economia Circular e Desperdício Alimentar: o caso da Cooperativa Fruta Feia**. Orientadora: Dra. Maria Isabel de Deus Mendes. **Dissertação (Mestrado em Economia Internacional e Estudos Europeu)**. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. 2020.

RADOMSKY, G.; NIEDERLE, P.; SCHNEIDER, S. (2015) **Participatory systems of certification and alternative marketing networks**. In: *The Ecovida agroecology network in Brazil*.

RAYNAUT, C. A gênese da abordagem territorial e participativa do desenvolvimento rural: raízes conceituais e experiências internacionais. In: CAVALCANTI, J. S. B.; RENTING, H.; MARSDEN T.; BANKS, J. **Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural**. GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Org.). *Cadeias Curtas e Redes Agroalimentares Alternativas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 27-53.

Ritzer, G. (1983). *The McDonaldization of Society*. *Journal of American Culture*, 6(1), 100-107.

RIBEIRO, L. M.; SOARES, A. **Uma agricultura que não agride o meio ambiente**. *Revista da EMATER-MG*. Ano 24, n. 74, p. 30, 2010.

SABOURIN, E. **Comercialização dos produtos agrícolas e reciprocidade no Brasil**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 5-33, 11 dez. 2013.

SABOURIN, E. **Construcción social de circuitos cortos y de mercado justo: articulación entre intercambio y reciprocidade**. *Theomai Journal*, n. 38, p. 150-167, 2018.

SABOURIN, E.; Noël, A.; Marinozzi, G.; Vieira Andrade, H. 1998. **Coordination entre producteurs et prise de décision collective dans les périmètres irrigués au Nordeste (Brésil)**. In *International Symposium on Sustainable Farming System*. Pretoria, Afrique du Sud.

SABOURIN, Eric; CARON, Patrick; SILVA, Pedro Carlos Gama da. O manejo do fundo de pasto no nordeste baiano: um exemplo de reforma agrária sustentável. **Revista Raízes**, Ano XVIII, Nº20, novembro/99. Pp.90-102.

SAMBUICHI, R. H. R, **Texto para discussão – Programa de Aquisição de Alimentos e Segurança Alimentar: modelo lógico, resultados e desafios de uma política pública voltada ao fortalecimento da agricultura familiar**. / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea. Brasília, 2019.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa et al. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como estratégia de enfrentamento aos desafios da COVID-19**. *Revista de Administração Pública* [online]. 2020, v. 54, n. 4 [Acessado 20 Novembro 2021] , pp. 1079-1096. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-761220200258>>. Epub 28 Ago 2020. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200258>.

SANTARELLI, M. **Da democratização ao golpe: avanços e retrocessos na garantia do direito humano à alimentação e à nutrição adequadas no Brasil**. Brasília, DF: Fian Brasil, 2017.

SANTOS, L. D. L; FLORÊNCIO, M. N. S; ESCOBAR; M. A. R. **A importância dos manuais na gestão dos processos de trabalho com base na percepção da gerência: um estudo de caso aplicado nos correios do interior sergipano**. *Proceeding of ISTI/SIMTEC*. Aracaju/SE. Vol. 9/n.1/ p.105-115. 2018.

SANTOS, J. E. **Feiras Livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informal**. *Geografia Ensino & Pesquisa*, vol. 17, n.2, mai./ago.2013.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M.. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº31, vol.1, 2009. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7437>>. Acesso em: 10/06/2020.

SAUER, S.; BALESTRO, M. V. (Orgs.). **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 2. Ed. São Paulo/SP: Editora Expressão Popular, 2013.  
SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERRA, L. S.; MENDES, R. F.; SOARES, M. V. A.; MONTEIRO, I. P. **Revolução Verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos**. *REVISTA DO CEDS (Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB)* Número 4 – Volume 1 – jan/julho 2016.

SEVILLA-GUZMÁN, E. **La agroecología como estrategia metodológica de transformación social**. [s.l.]: [s.n.], 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/2ZZa5e>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

SCARABELOT, M. & SCHNEIDER, S. (2012) **As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local**: Um estudo de caso do município de Nova Veneza, SC. *Revista Faz Ciência* V.15 (20). 101-130.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar** [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Estudos Rurais series, 252 p.

SCHULTZ, G. **Relações com o mercado e (re)construção das identidades socioprofissionais na agricultura orgânica**. 2006. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Pesquisas em agronegócios, Programa de Pós-graduação em Agronegócios, Porto Alegre, 2006

SCHUTTER, O de. **How not to think of land-grabbing**: three critiques of large-scale investments in farmland. *Journal of peasant studies*, v. 38, n.2, p. 249-279, 2011.

SCHMITT, C.J.; GRISA, C. **Agroecologia, mercados e políticas públicas**: uma análise a partir dos instrumentos de ação governamental. In: Niederle PA, Almeida L, Machado F. *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós Edições; 2013. p.215-265.

SCHNEIDER, S. & FERRARI, D. L. (2015) **Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar**: o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. *Organizações Rurais & Agroindustriais*. V. 17(1). 56-71.

SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. In: Marques, F. C.; Conterato, M. A; Schneider, S. (Orgs). **Construção de mercados e agricultura familiar**: desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. cap. 4. p. 93-140.

SILVA, M. G. **Pedagogia do Movimento Agroecológico**: fundamentos teórico-metodológicos. 2020. 197f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2020.

MARINHO, C. M. **Agroecologia, Convivência com o Semiárido e Extensão Rural**: Um olhar sobre a experiência do IRPAA no território Sertão do São Francisco/BA. 2021.357f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS. 2021.

SILVA, M. L. Relatório da Coordenação de Monitoramento do Controle Social e Agricultura Familiar do PNAE. In: \_\_\_\_\_. **Oficina nacional com prefeitos, prefeitas e gestores municipais do PAA**: modalidade de compra direta local da agricultura familiar. Brasília: FNDE, 2011.

SILVA, M.N.; CECCONELLO, S. T.; ALTEMBURG, S. G. N.; SILVA, F. N.; BECKER, C. **A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil.** Revista Espacios, vol. 38 (Nº 47) Ano 2017. Pág. 7.

SILVA, S. P. **A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, descontinuidades e consolidação.** Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

SILVA, A. O. da. **Funcionamento operacional o perímetro irrigado Senador Nilo Coelho.** TCC. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Bacharelado em Agronomia, Petrolina, 2016.

SILVA, A. da. **Sustentabilidade em empreendimentos da feira livre.** Tese, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2016.

SILVA, D. N., “Escambo”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/escambro.htm>. Acesso em 26 de março de 2023.

SILVESTRE, L. H. A.; RIBEIRO, Á. E. M. **Subsídios para a construção de um programa público de apoio à feira livre no vale do São Francisco, MG.** Organizações Rurais & Agroindustriais, 2011, V. 13(2). 186-200.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SONNINO, R.; MARSDEN, T. Beyond the divide: rethinking relations between alternative and conventional food networks in Europe. **Journal of Economic Geography**, Oxford, v. 6, p. 181-199, 2006.

SOUZA, R.; BATISTA, A. P.; CÉSAR, A. S. **As tendências da Certificação de Orgânicos no Brasil.** Estudos Sociedade e Agricultura, v. 27, n. 1, p. 95-117, fev. 2019

TEIXEIRA, O. A. (2004) “Interdisciplinaridade: problemas e desafios”, In **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n. 1: 57-69.

TEODOLINO, F. C.; CÓCARO, H.; LOURENÇO, F. J. C. **Contribuições da orientação técnica para o fortalecimento da transição agroecológica de agricultores familiares que comercializam para o PNAE: um estudo de caso em Rio Pomba/MG.** Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n.6, p.39524-39544 jun. 2020. ISSN 2525-8761

TITONELL, P. Las transiciones agroecológicas: múltiples escalas, niveles y desafíos. *Revista de La Facultad de Ciencias Agrarias UNCuyo*, v. 51, n. 1, p. 231-246, 2019.

TORRENS, J. C. S. Sistemas Agroalimentares: impactos e desafios num cenário post pandemia. **P@P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 192-211, set. 2020.

ISSN <https://doi.org/10.21721/p2p.2020v7n1.p192-211>.

TRICHES, R., & Schneider, S. (2015). Alimentação, sistema agroalimentar e os consumidores: novas conexões para o desenvolvimento rural. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, 12(75), 55-75. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.cdr12-75.asac>

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais** - A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. ISBN 8522402736.

VERANO, T. D. C.; MEDINA, G. D. S. Comercialização por agricultores familiares em feiras municipais: quantificação, participação e localização no estado de Goiás. **Interações**, Campo Grande, v. 20, n. n. 4, p. 1045-1056, out./dez. 2019.

VILLA REAL, L. C.; SCHNEIDER, S. O uso de programas públicos de alimentação na reaproximação do pequeno produtor com o consumidor: o caso do programa alimentação escolar. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 57-79, 2011. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/125/200>>. Acesso em: 10 out. 2020.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto arado**. 21ª Reimpr. São Paulo: Todavia, 2019.

WANDERLEY, M. de N. B. . A questão agrária, uma questão para a sociedade brasileira. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 15–30, 2019.

WANDERLEY, M. de N. B. **O campesinato brasileiro**: uma história de resistência. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600002>. Acesso em: 1 jul.2023.

WANDERLEY, M. de N. B.; NIERDERLE, P. A (Org). **Participação, território e cidadania**: um olhar sobre a política de desenvolvimento territorial no Brasil. Recife: Editora UFPE/ Mini, 2014.

Wezel, A. and J.-C. Jeuneau. 2011. Agroecology - interpretations, approaches and their links to nature conservation, rural development and ecotourism. pp. 1-25. In: Campbell, W.B. and S. López O. (eds.). **Integrating agriculture, conservation and ecotourism: examples from the field. Issues in Agroecology - Present Status and Future Prospectus. Vol. 1**. Springer Netherlands, Amsterdam, The Netherlands.

XAVIER, C. M. S. **A teoria da decisão na escolha de fornecedores para projetos**. Revista Mundo, PM n° 27, jun/jul 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZILLI, Marcia T. *et al.* A comprehensive analysis of trends in extreme precipitation over southeastern coast of Brazil. **International Journal of Climatology** v. 37, n. 5, p. 2269–2279, 2017.



**APÊNDICE A**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) REPRESENTANTES DAS**  
**ORGANIZAÇÕES SOCIAIS COORDENADORAS DAS FEIRAS**  
**AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS.**

OBS: Os roteiros propostos poderão sofrer alterações e adaptações para melhor atender aos tempos disponíveis.

**DADOS DO(A) PESQUISADO(A)**

Nome:

Idade:

Local que mora:

Formação:

Organização que faz parte:

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL E SEUS INSTRUMENTOS DE GESTÃO**

1. Como surgiu a proposta de construção da Feira Agroecológica e Orgânica?
2. Tiveram realizações de Feiras Agroecológicas e Orgânicas esporádicas/eventos antes de ter o espaço de forma permanente ou com maior frequência?
3. Quando surgiu a discussão sobre a Feira Agroecológica e Orgânica?
4. Quais são as organizações sociais envolvidas no processo de construção da Feira Agroecológica e Orgânica?
5. Quais são os critérios, para fazer parte da Feira Agroecológica e Orgânica?
6. Existe algum processo de certificação ou utilização de selos dos produtos?
7. A Feira Agroecológica e Orgânica possui algum instrumento de controle do espaço? Tipo: regimento interno, controle de vendas, cadastros de feirantes, relação de produtos e preços dentre outros.
8. Vocês receberam algo tipo de apoio técnico ou financeiro na sua implementação?
9. Como está a organização da Feira Agroecológica e Orgânica, em relação a envolvimento, participação e autogestão?
10. As decisões sobre a gestão da Feira Agroecológica e Orgânica são debatidas e decididas de forma coletiva?
11. A organização possui algum planejamento estratégico para curto, médio ou longo prazo para a condução da Feira Agroecológica e Orgânica?
12. A organização possui algum tipo de acordo coletivo para garantir o fornecimento dos produtos para a comercialização?
13. A base produtiva da Feira Agroecológica e Orgânica está bem estruturada com núcleos produtivos? Possui algum instrumento de controle para essa finalidade?
14. Existe na organização da Feira Agroecológica e Orgânica alguma estratégia de comunicação? Divulgação, rótulos, embalagens especiais etc.
15. Como sua organização determina os preços de venda dos produtos?
16. As expectativas com a Feira Agroecologia e Orgânica estão sendo atingidas, em relação ao público, renda e envolvimento dos(as) feirantes?

### GERAÇÃO DE RENDA

1. A coordenação da Feira Agroecológica e Orgânica possui algum planejamento orçamentário, ou seja, faz previsão de receitas e gastos com o espaço de comercialização?
2. É possível estimar algum acréscimo na geração de rendas com a realização da Feira Agroecológica e Orgânica?
3. Existe algum tipo de fundo rotativo ou capital de giro que auxilie na gestão financeira da Feira Agroecológica e Orgânica?
4. Qual é a capacidade da Feira Agroecológica e Orgânica de gerar receita de forma autônoma?

### DISCUSSÃO SOBRE POLITICAS PÚBLICAS

1. A Feira Agroecológica e Orgânica possui algum incentivo de políticas públicas de fortalecimento?
2. Houve algum acesso a crédito como PRONAF, empréstimos, emendas parlamentares etc. para a estruturação da Feira Agroecológica e Orgânica?
3. As estruturas da Feira Agroecologia e Orgânica, como barracas, balanças dentre outras foram conseguidos através de alguma política pública?
4. Seria possível a estruturação da Feira Agroecológica e Orgânica com recursos próprios, ou seja, sem políticas públicas?
5. Quais são os apoios do Estado, esferas municipais, estaduais e federais, na estruturação e gestão da Feira Agroecológica e Orgânica?

**APÊNDICE B**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) FEIRANTES E/OU PRODUTORES(AS)**  
**DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS.**

OBS: Os roteiros propostos poderão sofrer alterações e adaptações para melhor atender aos tempos disponíveis.

DADOS DO(A) PESQUISADO(A)

Nome:  
 Idade:  
 Local que mora:  
 Formação:  
 Organização que faz parte:

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA DA UNIDADE FAMILIAR

1. Desde quando a família está inserida na Feira Agroecológica e Orgânica?
2. Quantas pessoas participam da produção que é comercializada na Feira Agroecológica e Orgânica?
3. Quantas pessoas da família realiza a comercialização direta nas barracas da Feira Agroecológica e Orgânica, ou seja, que está no dia a dia do espaço?
4. Como é definido os tipos de produção a ser desenvolvido? Somente uma pessoa decide ou é coletiva?
5. A família comercializa em outros locais além da Feira Agroecológica e Orgânica? Se sim, quais?
6. A produção direcionada para a Feira Agroecológica e Orgânica segue a procura dos(as) consumidores(as) ou é independente?
7. A produção segue algum escalonamento, de modo a não faltar o produto na barraca?
8. A produção direcionada para a Feira Agroecológica e Orgânica é diversificada? Se sim, quais os produtos?
9. Existem perdas de produtos? Se sim, como é organizado para a sua superação?
10. Os custos de produção são calculados? Como é definido o preço de venda dos produtos na Feira Agroecológica e Orgânica?
11. A produção segue os princípios da produção agroecológica e orgânica? Se sim, quais os mecanismos de verificação?
12. A produção é certificada ou auto certificada por processos participativos? Tais como, Organização de Controle Social (OCS), Organismos Participativos de Avaliação da Conformidade (OPAC), Auditoras e Sistema Participativa de Garantia (SPG).
13. Qual é a estratégia de logística para que o produto chegue até a Feira Agroecológica e Orgânica com qualidade?
14. Qual é o diferencial dos seus produtos? Quais os valores agregados a ele?
15. Os seus produtos possuem algum rótulo ou identidade que pode conquistar o consumidor?
16. Alguém da família participa da coordenação da Feira Agroecológica e Orgânica?

## GESTÃO FINANCEIRA E GERAÇÃO DE RENDA

1. A família possui algum planejamento orçamentário, ou seja, faz previsão de receitas e gastos com os produtos para a comercialização na Feira Agroecológica e Orgânica?
2. É possível estimar algum acréscimo na renda com a participação na Feira Agroecológica e Orgânica?
3. Como era a comercialização dos seus produtos antes da Feira Agroecológica e Orgânica?
4. O que mudou com a inserção na Feira Agroecológica e Orgânica?
5. A família consegue realizar anotações sobre as rendas adquiridas com a Feira Agroecológica e Orgânica?
6. A família possui reserva financeira para ser utilizado na produção ou comercialização dos produtos?

## ACESSO A POLITICAS PÚBLICAS PELA UNIDADE PRODUTIVA FAMILIAR

1. A família teve acesso a crédito para a produção e comercialização dos produtos direcionados a Feira Agroecológica e Orgânica? Tais como: PRONAF, empréstimos, emendas parlamentares etc.
2. A unidade produtiva familiar recebeu apoio técnico para a sua produção e comercialização?
3. Quais foram os apoios recebidos do Estado, esferas municipais, estaduais e federais, na produção e comercialização dos produtos direcionados a Feira Agroecológicas e Orgânicas?

**APÊNDICE C**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS(AS) CONSUMIDORES(AS) DAS FEIRAS**  
**AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS.**

OBS: Os roteiros propostos poderão sofrer alterações e adaptações para melhor atender aos tempos disponíveis.

**DADOS DO(A) PESQUISADO(A)**

Nome:

Idade:

Local que mora:

Formação:

**CONTRIBUIÇÕES NA ALIMENTAÇÃO FAMILIAR**

1. Desde quando a família realiza compra na Feira Agroecológica e Orgânica?
2. Quantas pessoas fazem parte da família e que alimenta dos produtos adquiridos na Feira Agroecológica e Orgânica?
3. A alimentação familiar melhorou após a compra dos produtos da Feira Agroecológica e Orgânica? Se sim, o que mudou?
4. Antes da Feira Agroecológica e Orgânica a sua família conhecia produtos agroecológicos e orgânicos? Se sim, como era o acesso a esses produtos?

**GRAU DE CONFIANÇA NOS PRODUTOS**

1. Quais são as suas preferências de produtos? Agroecológico, orgânico ou convencional?
2. Quais as características que você busca nos produtos comercializados na Feira Agroecológica e Orgânica?
3. Qual é a sua motivação em vim para a Feira Agroecológica e Orgânica e comprar esses produtos?
4. Você prefere produtos orgânicos e agroecológicos com ou sem selo?
5. Os produtos comprados conseguem ter um tempo maior de durabilidade? Ou seja, demora mais a perder?
6. Você ou sua família mantém algum vínculo de confiança e aproximação com os feirantes e produtores(as)?
7. Você já visitou ou tem o interesse de visitar as propriedades dos feirantes ou produtores(as) para visualizar como é a produção?

**RELAÇÃO CUSTO BENEFICIO**

1. Você e sua família estão dispostos ou tem condições de pagar um preço maior para a aquisição dos produtos da Feira Agroecológica e Orgânica?
2. Qual a sua preferência de local para a compra dos produtos? Feira, supermercados, delivery etc.
3. Qual a sua preferência do local de compra? Mais perto da minha casa ou pode ser mais distante, desde que tenha qualidade no produto?
4. Você ou sua família conseguem realizar trocas de experiências com os produtores(as) ou feirantes?

## APÊNDICE D

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS ORGANIZAÇÕES DE APOIO E ASSESSORIA TÉCNICA DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS.

OBS: Os roteiros propostos poderão sofrer alterações e adaptações para melhor atender aos tempos disponíveis.

#### DADOS DO(A) PESQUISADO(A)

Nome:

Idade:

Local que mora:

Formação:

Organização que faz parte:

#### INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE ASSESSORIA TÉCNICA

1. Quais são os objetivos da organização com o apoio a Feira Agroecológica e Orgânica?
2. Há quanto tempo a organização assessora a Feira Agroecológica e Orgânica?
3. Através das intervenções sociotécnicas realizadas existe estimativa de acréscimos no componente renda para os(as) envolvidos(as) na Feira Agroecológica e Orgânica?
4. A organização possui planejamento estratégico com a Feira Agroecológica e Orgânica para monitorar a geração de renda, gastos e receitas?
5. Existe alguma dependência de ordem metodológica e/ou financeira da Feira Agroecológica e Orgânica em relação a organização?
6. Quantas Feiras Agroecológicas e Orgânicas são assessoras pela organização?
7. Existe algum projeto específico para o apoio as Feiras Agroecológicas e Orgânicas?
8. O fortalecimento dos circuitos curtos de comercialização é uma demanda dos financiadores ou é uma estratégia da organização?

#### CAPACITAÇÕES E PROCESSOS REALIZADOS JUNTO AS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS

1. Foram realizadas capacitações junto ao grupo de feirantes e coordenação da Feira Agroecológica e Orgânica?
2. A organização visualiza possibilidades de expansão desse canal de comercialização?
3. Os processos de assessoria visam a previsão de receitas e gastos da Feira Agroecológica e Orgânica?
4. Como surgiu a proposta de construção da Feira Agroecológica e Orgânica?
5. Existe na organização estratégia de comunicação, divulgação, rótulos, embalagens especiais etc. para a Feira Agroecológica e Orgânica?

6. De modo geral como é planejado as atividades e serem desenvolvidas na Feira Agroecológica e Orgânica? Quem participa do planejamento? Qual a periodicidade?
7. Com estão distribuídas as funções de cada ator social envolvido? Quais as obrigações dos(as) feirantes, coordenação e da equipe técnica?
8. De modo geral como a organização avalia as Feiras Agroecológicas e Orgânicas como modalidade de circuitos curtos de comercialização?
9. Faça uma avaliação sucinta de como está a organização da Feira Agroecológica e Orgânica, em relação a envolvimento, participação e autogestão?
10. Existem capacitações da organização para determinar os preços de venda dos produtos?

#### PROVOCAÇÕES DE POLITICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO AS FEIRAS AGROECOLÓGICAS E ORGÂNICAS

1. A organização acessa políticas públicas que apoie a realização de Feiras Agroecológicas e Orgânicas?
2. As articulações em rede que está envolvida a organização, apoia e incentiva a realização de Feiras Agroecológicas e Orgânicas?
3. A organização está envolvida em provocações e/ou formulações de políticas públicas que incentive as Feiras Agroecologias e Orgânicas e outras modalidades de circuitos curtos de comercialização?
4. As estruturas da Feira Agroecologia e Orgânica, como barracas, balanças dentre outras foram conseguidos através de alguma política pública provocada pela organização?

## APÊNDICE E

Petrolina – PE, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2020

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Título da Pesquisa: “Circuitos curtos de comercialização como estratégia para o fortalecimento da Agricultura Familiar nos territórios de identidade do Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano”

Nome do Pesquisador: Elson de Oliveira

Nome do Orientador: Denes Dantas Vieira

Nome do Coorientador: Helder Ribeiro Freitas

**1. Natureza da pesquisa:** O (A) senhor (a) está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar o processo de comercialização da Agricultura Familiar, principalmente as que enquadra nos circuitos curtos que são as vendas diretas aos consumidores(as), feiras livres, redes de produtores(as) e consumidores(as) e as compras governamentais, que são desenvolvidas nos territórios de identidade Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano.

**2. Participantes da pesquisa:** Serão entrevistadas 30 pessoas sendo 21 através de questionários e 9 através de entrevistas semiestruturadas, que fazem parte dos circuitos curtos de comercialização nos dois territórios de identidade.

**3. Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo o(a) senhor(a) permitirá que o pesquisador Elson de Oliveira faça questionamentos sobre os circuitos curtos de comercialização do qual participam. Os questionários e as entrevistas semiestruturadas serão aplicados no local indicado pelo entrevistado, não havendo, portanto, necessidade de deslocamento e terá duração de no máximo 01 (uma) hora. Após a aplicação do questionário ou da entrevista semiestruturada os dados informados serão sistematizados em uma planilha onde serão inseridos os dados dos outros questionários e entrevistas com o objetivo de, ao final, realizar a análise das informações coletadas. Todo o estudo tem previsão para ser concluído até junho de 2022 e a apresentação do estudo completo será através da Defesa de Tese pública que tem previsão para ocorrer até o final de julho de 2022. O(A) senhor(a) tem a liberdade de se recusar a participar e ainda interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o(a) senhor(a). Sempre que quiser



poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do Projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

**4. Sobre as entrevistas:** As entrevistas e os questionários serão realizados nos locais indicados pelos participantes. Tem como objetivo a busca de dados referentes aos alcances e inserção econômica, contribuições para o alcance de políticas públicas e a análise do fortalecimento da Agricultura Familiar envolvida nesses espaços de comercialização nos dois territórios. Além de pesquisar o perfil dos participantes desses espaços, principalmente em relação a quantidades de mulheres, jovens e idosos e seus processos de melhorias de vida. Será explicado aos participantes que a pesquisa terá como base as ações desenvolvidas pelos espaços de comercialização que são desenvolvidos nos territórios de identidade Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano. Ressalto que as entrevistas não serão gravadas, somente serão coletadas informações por escrito.

**5. Riscos e desconforto:**

A participação nesta pesquisa não desobedece às normas legais e éticas e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde; nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. E segue as recomendações da resolução CNS nº 510 de 2016. Portanto, os riscos são: os participantes da pesquisa poderão sofrer algum tipo de represália em relação ao poder público, pois a pesquisa irá inferir sobre as compras governamentais a nível municipal. Além disso, o fato de ser necessário a informação sobre a produção e comercialização poderá ocorrer constrangimentos. No processo de entrevistas e aplicação dos questionários poderá ocorrer o contágio pelo vírus do COVID-19.

Os riscos apresentados acima serão minimizados através das seguintes medidas: a confidencialidade, ou seja, não serão divulgadas quaisquer informações coletadas com nomes ou descrições de quem a forneceu. Todas as possíveis cobranças realizadas junto ao poder público, são de autoria dos pesquisadores e não dos envolvidos diretos nos espaços de comercialização. Caso seja diagnosticado alguma perseguição política aos participantes da pesquisa, os pesquisadores irão formalizar junto ao Ministério Público, pedido de averiguações e de esclarecimentos do poder público municipal. Portanto, pode haver algum tipo de constrangimento, no entanto, buscaremos impedir que ocorram. Em relação ao contágio pela COVID-19, os

pesquisadores só irão realizar as entrevistas e aplicação de questionários a campo, após a realização de testes e com resultado negativo, e sem os sintomas característicos mais comuns da doença (febre, tosse seca e cansaço), além do uso constante de máscaras e álcool em gel. Somado, que as entrevistas e aplicação de questionários serão realizados a distância mínima de 2 metros dos(as) agricultores(as) e em local aberto e de boa ventilação. Em caso de agricultores(as) com sintomas característicos mais comuns da doença (febre, tosse seca e cansaço), serão convidados para participar em outra data, ou até mesmo serem desconsiderados para essa pesquisa. Portanto não haverá, riscos à saúde, sanidade mental ou física dos envolvidos, de imediato e nem tardio.

O(a) senhor(a) poderá ou não receber o pesquisador para responder ao questionário ou a entrevista semiestruturada, após o consentimento prévio dado por telefone, ocasião em que foi agendado dia, local e horário indicados pelo (a) senhor (a) em que teria disponibilidade para receber o pesquisador. Lembramos que, mesmo após o consentimento prévio, tenha desistido ou não tenha condições de receber o pesquisador, tal recusa não trará qualquer problema ao senhor (a), pois não é intuito do pesquisador atrapalhar a rotina pessoal e de trabalho ou causar qualquer outro prejuízo ao bem estar e privacidade do (a) senhor (a).

**6. Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador, seu orientador e equipe de pesquisa terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

**7. Benefícios:** Ao participar desta pesquisa o(a) senhor(a) terá o benefício direto de ter acesso às informações importantes sobre os espaços de comercialização, principalmente as vendas diretas aos consumidores(as), feiras livres, redes de produtores(as) e consumidores(as) e as compras governamentais, além do acesso simplificado e adaptado de planos de negócio. Analisando assim o alcance e inclusão econômica da Agricultura Familiar nos territórios de identidade Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano. De forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa se estender a outros agricultores(as) familiares, trazendo benefícios também para outras regiões, onde o pesquisador se

compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

**8. Pagamento:** O(A) senhor(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação, mas caso haja alguma despesa garantimos a compensação desde que seja por causa da participação na pesquisa. O(A) senhor(a) terá direito a ressarcimento, nos termos da Lei, em caso de dano causado pela participação na pesquisa e também terá direito à assistência gratuita imediata e absoluta pelo tempo que for necessário.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi uma via deste Termo de Consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse Termo se ainda tiver dúvida a respeito.

#### **Consentimento Livre e Esclarecido**

Tendo em vista os itens apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

---

Nome do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Orientador

**Pesquisador Responsável: Elson de Oliveira – (74) 99142 - 9683**

**Orientador: Denes Dantas Vieira – (74) 98839-7513**

**Coorientador: Helder Ribeiro Freitas – (87) 98838-3440**

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do IF SERTÃO-

PE no endereço: Reitoria: Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, [cep@ifsertao-pe.edu.br](mailto:cep@ifsertao-pe.edu.br); ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, [conep.cep@saude.gov.br](mailto:conep.cep@saude.gov.br). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

**APÊNDICE F**  
**REGIMENTO INTERNO COM FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO**  
**FEIRA AGROECOLÓGICA DE SENTO SÉ/BA**

**CAPÍTULO I: DA DENOMINAÇÃO, CONSTITUIÇÃO E ATRIBUIÇÕES**

**Art. 1º** - Este Regimento Interno estabelece processos e procedimentos necessários ao funcionamento e administração da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA e regula-se pelas disposições legais e decisões tomadas pelas organizações e feirantes que a compõem, de acordo com este regimento.

**Art. 2º** - Qualquer Agricultor(a) membro(a) da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA pode ter acesso a este Regimento Interno, bem como a qualquer Resolução, Norma e Instrução e seu correspondente registro de análise ou discussão.

**CAPÍTULO II: DOS FEIRANTES**

**a) ADMISSÃO DE AGRICULTORES(AS)**

**Art. 3º** - Para participar da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA como feirante, o(a) interessado (a) deverá ter capacidade plena, produzir de forma agroecológica e/ou orgânica. Condição essa que será atestada pela coordenação da feira ou pelos os outros feirantes, garantindo assim a certeza em relação a não contaminação dos produtos por agrotóxicos.

**Art. 4º** - Cabe à coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA decidir sobre o ingresso do(a) candidato(a), examinando a sua condição como produtor(a) agroecológico e/ou orgânico, levando-se em conta:

- A quantidade de barracas disponíveis para a comercialização dos produtos;
- Informações sobre o(a) candidato(a) em relação a produção agroecológica e/ou orgânica;
- Comprometimento em relação as demandas da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- Comprometimento em relação aos preços praticados na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, que será baseado no preço justo e solidário.

§ 1º - O(A) interessado(a), caso não tenha conhecimento da doutrina e dos princípios da agroecologia, deverá frequentar, com aproveitamento, um curso básico de agroecologia, que será organizada pela coordenação e organizações de apoio e parceiras.

§ 2º - Concluído o curso, a coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA analisará a proposta de admissão e se manifestará a respeito.

§ 3º - O(A) interessado(a) deve autorizar a visita de membros da coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA a(s) sua(s) área(s) de produção para a verificação dos processos de produção.

§ 4º - Cumpridas essas formalidades, o(a) agricultor(a) admitido(a) na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, adquire todos os direitos e assume todos os deveres e obrigações decorrentes do Regimento Interno e das deliberações das Assembleias Gerais e da coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA.

**Art. 5º** Todos os membros integrantes da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA cultivarão, entre si e com os clientes, os seguintes valores:

- ✚ Os princípios da Agroecologia e Economia Solidária;
- ✚ Valorização das mulheres em todos os espaços da sociedade;
- ✚ Responsabilidade em todas as demandas, direitos e deveres com a Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- ✚ Primar pelo atendimento honesto junto aos clientes.

**Art. 6º** - É proibido (vedado) ao Feirante:

- Comercializar produtos que não são produzidos seguindo os princípios da produção agroecológica e/ou orgânica;
- Levar qualquer cliente a se desinteressar pelos produtos da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- Utilizar-se de estratégias para comercializar com valores diferentes dos acertados em reuniões da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA para essa finalidade.

#### **b) DA DEMISSÃO, ELIMINAÇÃO E EXCLUSÃO DOS FEIRANTES**

**Art. 7º.** É livre a saída do membro da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA quando o mesmo manifestar sua intenção de saída em reunião. Quando ocupante de cargos da coordenação, o mesmo terá que ter as devidas prestações de contas e demandas assumidas aprovadas.

**Art. 8º.** A exclusão do membro dar-se-á quando:

- I. Houver morte do membro;
- II. Deixar de comercializar na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, por quatro feiras consecutivas e não apresentar justificativa para os demais membros, e deixar de participar de reuniões da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- III. Quando o membro difamar outros membros da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- IV. Deixar de atender as determinações da Assembleia Geral e da Coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- V. Por descumprimento do regimento interno;
- VI. Quando for evidenciado e comprovado que o membro não está produzindo seguindo os princípios da Agroecologia e/ou orgânica.

**Art. 9º.** A coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA terá o prazo de dez dias úteis para comunicar ao membro a sua exclusão e a sua substituição em uma Assembleia Geral.

### **CAPITULO III – DOS DIREITOS E DEVERES**

**Art.10º.** Para o bom funcionamento da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, ficam estabelecidas as seguintes regras a serem cumpridas pelos feirantes associados e usuários do espaço da feira.

- I. A produção deve está sendo realizada seguindo os princípios da Agroecologia e/ou produção orgânica;
- II. Concordar que a sua/as unidade/as produtiva/as seja/m inspecionada/as pela coordenação de feira;

- III. Ser produtor ou produtora rural ou urbano e/ou periurbano;
- IV. O feirante eventualmente ao se ausentar da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, poderá indicar um(a) representante para naquela ocasião lhe substituir, sendo este(a) feirante responsável pelos atos do seu substituto;
- V. Concordar que seja afixada, em lugar visível, uma tabela com a relação dos produtos e preços, sendo que o mesmo seguirá os princípios do preço justo e solidário;
- VI. O(A) feirante deve fornecer à Coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA um comunicado de intenção de venda dos produtos que desejam comercializar.

**§ Único:** A coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA irá convocar reuniões ordinárias mensais para o estabelecimento de preços a serem praticados pelos(as) feirantes, realização de prestação de contas, estabelecer cronograma de visitas as unidades produtivas e demais assuntos pertinentes ao funcionamento da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA.

**Art. 11º.** Serão obrigações dos(as) feirantes da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA:

- I. Manter os princípios de boas práticas de higiene no asseio pessoal, na manipulação dos produtos, transporte, acondicionamento exposição até o consumidor final;
- II. Manter tratamento respeitoso e bom atendimento aos consumidores(as) e demais participantes do espaço de comercialização;
- III. Participar assiduamente das reuniões convocadas pela coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, caso da impossibilidade de participar avisar com antecedência de 03 (três) dias, caso não for possível apresentar justificativa no próximo dia útil após a ocorrência do motivo da ausência;
- IV. Os preços dos produtos serão combinados por todos os participantes da feira e exposto em tabelas colocadas em locais visíveis a todos os clientes;
- V. Os (As) feirantes ficaram obrigados a informar os volumes de produção comercializados e seus respectivos preços alcançados;
- VI. A Feira Agroecológica de Sento Sé/BA guardará sigilo das informações individuais, podendo divulgar os dados totais em relação a valores e produtos, em situações julgadas necessárias e de interesse do coletivo.

**Art. 12º.** Em caso de não cumprimento das obrigações mencionadas acima, o(a) feirante da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA estará sujeita a multas a ser definida pela coordenação e aprovada em reunião/assembleia geral.

#### **CAPITULO IV – DA COORDENAÇÃO DA FEIRA E OUTRAS INSTANCIAS**

**Art. 13º** A coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA será composta por membros efetivos de cada território que compõem a feira e distribuídos no município de Sento Sé/BA. Sendo assim distribuídos:

- I) Coordenador(a) geral da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- II) Vice coordenador(a) geral da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- III) Coordenador(a) de comunicação;
- IV) Coordenador(a) de estrutura;

- V) Coordenador(a) de normatização;
- VI) Representante das organizações de apoio e assessoria técnica.

**§ Único:** Não poderá ser eleito para os cargos de coordenador(a) e vice coordenador(a) da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, os membros das organizações de apoio e assessoria técnica.

**Art. 14º** Será função da Coordenação da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA:

- I) Convocar e coordenar as reuniões e assembleias da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA;
- II) Conjuntamente com as(os) demais integrantes da coordenação, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom funcionamento da feira, fundo rotativo e demais espaços. Seguindo as decisões submetidas e aprovadas pela assembleia/reunião geral;
- III) Zelar pelo cumprimento do presente Regimento Interno.

**Art.15º** São considerados beneficiários os(as) feirantes:

- I. Que estejam rigorosamente em dia com suas obrigações regimentais;
- II. Que participem das reuniões;
- III. Que estejam em consonância com as regras estabelecidas deste regimento;
- IV. Os ausentes nas reuniões terão que se submeterem às decisões tomadas pela maioria dos que se fizerem presentes.

## **CAPITULO V – DA CRIAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO DA FEIRA**

**Art. 16º** - Os recursos financeiros e não-financeiros gerados na Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, será organizado no Fundo Rotativo Solidário que será constituído em uma assembleia/reunião com a participação dos(as) feirantes agroecológicos, convocadas(os) especificamente para esse fim.

**Art. 17º** - O Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, tem como objetivo gerar o fortalecimento da agricultura familiar, através do resgate de práticas coletivas de administração de recursos financeiros e não financeiros que contribuam para o desenvolvimento e para a melhoria das condições de todos(as) envolvidos na Feira Agroecológica, numa dinâmica participativa e transparente.

**Art. 18º** - O Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA terá prazo de duração indeterminado.

**Art. 19º** - O Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA será administrado por uma comissão composta por um/a coordenador/a, um/a secretário/a e um/a tesoureiro/a, empossados em assembleia/reunião. Esta comissão composta pelos representantes das organizações que compõem a feira agroecológica será eleita para um mandato de dois anos, não sendo permitido a reeleição.

**Art. 20º** - Para o bom andamento do processo de gestão/administração do Fundo Rotativo Solidário serão realizadas reuniões ordinárias, todos os meses, quando serão



feitas as prestações de contas dos recursos financeiros e não financeiros, bem como serão debatidas e definidas as prioridades de aplicação dos recursos, a partir das demandas apresentadas pelas famílias participantes e das orientações aprovadas em assembleia/reunião geral.

**Art. 21º** - As(os) participantes, em assembleia/reunião geral, poderão aprovar as regras que estabelecem as condições de apoio do Fundo Rotativo Solidário para as(os) sócias(os), assim como as condições de devolução (com ou sem acréscimo financeiro).

**Art. 22º** - As reuniões da coordenação do Fundo Rotativo Solidário serão realizadas nos dias da reunião geral mensal da Feira Agroecológica de modo a assegurar a voz e voto, especificamente, para as(os) sócias(os) associados da dinâmica do Fundo Rotativo Solidário.

**Art. 23º** - Cabe à comissão gestora do Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA receber e fazer a gestão dos recursos financeiros e não financeiros que entram no Fundo Rotativo Solidário, de forma transparente e participativa, assim como planejar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pela assembleia/reunião geral.

**Art. 24º** - A coordenadora ou coordenador do Fundo Rotativo Solidário compete:

- I) Convocar e coordenar as reuniões e assembleias do Fundo Rotativo Solidário;
- II) Assinar com a(o) tesoureira(o) a movimentação contábil e bancária (quando existir);
- III) Conjuntamente com as(os) demais integrantes da comissão gestora, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pela assembleia/reunião geral.

**Art. 25º** - A secretária ou secretário compete:

- I) Secretariar as reuniões e assembleias lavrando as respectivas atas;
- II) Elaborar com as(os) demais integrantes da comissão gestora a pauta das reuniões e assembleias;
- III) Assinar, quando necessário, as correspondências e convites conjuntamente com a(o) coordenadora(o);
- IV) Organizar o arquivo do Fundo Rotativo Solidário, mantendo em boa guarda todos os documentos (atas, cartas, convites e ofício expedidos e recebidos);
- V) Conjuntamente com as(os) demais integrantes da comissão gestora, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pela assembleia/reunião geral.

**Art. 26º** - A tesoureira ou tesoureiro compete:

- I) Receber e escriturar os recursos financeiros e não financeiros ingressados no Fundo Rotativo Solidário;
- II) Organizar demonstrativos de prestação de contas mensais e anuais que possam dar transparência ao uso dos recursos do Fundo Rotativo Solidário;
- III) Assinar com a(o) coordenadora(o) a movimentação contábil e bancária, quando esta última existir;

- IV) Propor iniciativas que possam promover a sustentabilidade da experiência do Fundo Rotativo Solidário;

**Art. 27º** - O Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA, será órgão integrante da estrutura administrativa da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA.

**Art. 28º** - A receita do Fundo Rotativo Solidário da Feira Agroecológica de Sento Sé/BA será constituída pela devolução dos benefícios da feira, assim como por contribuições espontâneas e contínuas de pessoas simpatizantes a causa.

**Art. 29º** - O Fundo Rotativo Solidário deverá comunicar as decisões à coordenação da feira.

## **CAPITULO VI - DISPOSIÇÕES FINAIS**

**Art. 30º** A Feira Agroecológica de Sento Sé/BA poderá criar comissões permanentes ou transitórias para tratar de assuntos específicos do interesse de todos(as) feirantes.

**Art. 31º** Este regimento entrará em vigor na data de sua publicação.

**APÊNDICE G**  
**GUIA PRÁTICO DE AUTOGESTÃO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS E**  
**ORGÂNICAS**



# SUMÁRIO

Apresentação	08
<b>1-Parcerias estratégicas</b>	<b>13</b>
<b>1.1- Parcerias com o poder público</b>	<b>13</b>
<b>1.2- Parcerias com organizações sociais</b>	<b>14</b>
<b>2-Organização das famílias agricultoras para a Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>17</b>
<b>2.1- Perfil dos(as) agricultores(as) que irão participar da Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>17</b>
<b>2.2- Planejamento da produção</b>	<b>18</b>
<b>2.3- Transporte para a chegada dos produtos na Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>21</b>
<b>2.4- Definição e acordos sobre os preços a serem cobrados</b>	<b>23</b>
<b>2.5- Padronização, aparência e rotulagem dos produtos</b>	<b>27</b>
<b>3-Organização do espaço da Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>29</b>
<b>3.1- Indicação de comissão organizadora</b>	<b>29</b>
<b>3.2- Escolha do local adequado</b>	<b>31</b>
<b>3.3- Período de funcionamento e periodicidade</b>	<b>34</b>
<b>3.4-Definição do número de barracas e equipamentos necessários</b>	<b>36</b>
<b>3.5- Quais os atores ou empreendimentos que irão participar?</b>	<b>38</b>
<b>4- Autogestão da Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>40</b>
<b>4.1- Destino dos produtos não comercializados durante a feira</b>	<b>40</b>
<b>4.2- Realização de eventos culturais durante a feira</b>	<b>44</b>
<b>4.3- Divulgação e marketing da Feira Agroecológica e Orgânica</b>	<b>46</b>
<b>4.4- Taxas e custos de manutenção</b>	<b>49</b>
<b>4.5- Formas de pagamento para os consumidores</b>	<b>51</b>
<b>4.6- Importância do regimento interno e Fundo Rotativo Solidário</b>	<b>51</b>
<b>4.7- Outras formas de comercialização</b>	<b>55</b>
<b>5- CONCLUSÃO</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO</b>	<b>62</b>

## ANEXO 1: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Circuitos curtos de comercialização como estratégia para o fortalecimento da Agricultura Familiar nos territórios de identidade do Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano

**Pesquisador:** ELSON DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 42275120.1.0000.8052

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.697.904

#### Apresentação do Projeto:

1.

1.1- O projeto de pesquisa "Circuitos curtos de comercialização como estratégia para o fortalecimento da Agricultura Familiar nos territórios de identidade do Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano está sob responsabilidade do pesquisador ELSON DE OLIVEIRA, aluno de doutorado do Programa de Pósgraduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial – PPGADT da UNIVASF. A equipe também é composta pelos membros: Denes Dantas Vieira (Orientador) e Helder Ribeiro Freitas Co-orientador), todos cadastrados na Plataforma Brasil.

1.2 – Resumo da pesquisa. "A presente pesquisa dos circuitos curtos de comercialização da Agricultura Familiar em dois territórios de Identidade do Semiárido brasileiro. Tendo como base a pesquisa mista envolvendo análises quantitativas e qualitativas. Para coleta de dados serão utilizadas pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e questionários. Para a análise e interpretação dos dados serão utilizadas o método comparativo constante e análise de conteúdo. Como objeto de estudo serão as estratégias de comercialização da Agricultura Familiar com a utilização dos circuitos curtos, envolvendo dois territórios de identidade do Semiárido Brasileiro. O

**Endereço:** Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 56.304-060

**UF:** PE

**Município:** PETROLINA

**Telefone:** (87)2101-2359

**E-mail:** ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE**



Continuação do Parecer: 4.697.904

objetivo geral é analisar as estratégias de circuitos curtos de comercialização (CCC) da Agricultura Familiar nos territórios do Sertão do São Francisco Pernambucano e Baiano. Os objetivos específicos: (i) Identificar estratégias de comercialização desenvolvidas pela Agricultura Familiar nos dois territórios classificados como CCC; (ii) Examinar o alcance e inserção econômica da Agricultura Familiar que utilizam os CCC; (iii) Comparar os resultados obtidos pelos CCC nos dois territórios de identidade e (iv) Avaliar a contribuição dos CCC para o fortalecimento do tecido social da Agricultura Familiar. O problema de pesquisa está estabelecido a partir de como as estratégias de CCC da Agricultura Familiar estão acontecendo na região; somado quais são as contribuições para o fortalecimento dessa categoria social e como atuam os agentes sociais envolvidos nesses espaços. Com a realização da presente pesquisa e percursos metodológicos estabelecidos será possível o maior aprofundamento epistemológico da metodologia interdisciplinar, e com essas contribuições será possível avaliar as contribuições dos CCC para o fortalecimento da Agricultura Familiar nos dois territórios de identidade do Semiárido Brasileiro” Extraído da PB

1.3 - É um projeto de tese de doutorado

1.4 – O protocolo de pesquisa apresenta os documentos necessários à elaboração do parecer ético: Arquivo PB-informações básicas, projeto básico, descrição riscos e benefícios aos participantes da pesquisa e termos de apresentação obrigatória.

**Objetivo da Pesquisa:**

2.

2.1 – Objetivo Geral:

“Analisar as estratégias de circuitos curtos de comercialização da Agricultura Familiar nos territórios do Sertão do São Francisco Pernambucano e Baiano”

2.2 – Objetivos Específicos:

“(i) Identificar as estratégias de comercialização desenvolvidas pela Agricultura Familiar nos dois territórios que podem ser classificadas como circuitos curtos;

(ii) Examinar o alcance e inserção econômica da Agricultura Familiar que utilizam os circuitos curtos de comercialização desenvolvidos nos territórios analisados;

(iii) Comparar os resultados obtidos pelos circuitos curtos de comercialização para o

**Endereço:** Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 56.304-060  
**UF:** PE **Município:** PETROLINA  
**Telefone:** (87)2101-2359 **E-mail:** ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE**



Continuação do Parecer: 4.697.904

fortalecimento da Agricultura Familiar nos dois territórios de identidade;

(iv) Avaliar a contribuição dos circuitos curtos de comercialização para o fortalecimento do tecido social da Agricultura Familiar, principalmente em relação aos agentes sociais e suas organizações, envolvidos no processo;

(v) Elaborar para uso dos circuitos curto de comercialização aplicativos e/ou programas que auxiliam na gestão financeira e econômica, principalmente em relação aos custos de produção (fixos e variáveis), ponto de equilíbrio, margem de sobra, plano de negócio e viabilidade financeira." Extraído da PB e do Projeto

2.3 - Os objetivos de pesquisa estão do ponto de vista ético, alinhados com a metodologia proposta, são exequíveis dentro do cronograma apresentado e não tem implicações em sua execução.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

3.

3.1. Riscos

"A participação nesta pesquisa não desobedece às normas legais e éticas e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde; nenhum dos procedimentos usados oferece

riscos à sua dignidade. E segue as recomendações da resolução CNS nº 510 de 2016. Portanto, os riscos são: os participantes da pesquisa poderão sofrer algum tipo de represália em relação ao poder público, pois a pesquisa irá inferir sobre as compras governamentais a nível municipal. Além disso, o fato de ser necessário a informação sobre a produção e comercialização poderá ocorrer constrangimentos. No processo de entrevistas e

aplicação dos questionários poderá ocorrer o contágio pelo vírus do COVID-19. Os riscos apresentados acima serão minimizados através das seguintes medidas: a confidencialidade, ou seja, não serão divulgadas quaisquer informações coletadas com nomes ou descrições de quem a forneceu. Todas as possíveis cobranças realizadas junto ao poder público, são de autoria dos pesquisadores e não dos envolvidos diretos nos espaços de comercialização. Caso seja diagnosticado alguma perseguição política aos participantes da pesquisa, os pesquisadores irão formalizar junto ao Ministério Público, pedido de averiguações e de esclarecimentos do poder público municipal. Portanto, pode haver algum tipo de

Endereço: Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria

Bairro: CENTRO

CEP: 56.304-060

UF: PE

Município: PETROLINA

Telefone: (87)2101-2359

E-mail: ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE**



Continuação do Parecer: 4.697.904

constrangimento, no entanto, buscaremos impedir que ocorram. Em relação ao contágio pela COVID-19, os pesquisadores só irão realizar as entrevistas e aplicação de questionários a campo, após a realização de testes e com resultado negativo, e sem os sintomas característicos mais comuns da doença (febre, tosse seca e cansaço), além do uso constante de máscaras e álcool em gel. Somado, que as entrevistas e aplicação de questionários serão realizados a distância mínima de 2 metros dos(as) agricultores(as) e em local aberto e de boa ventilação. Em caso de agricultores(as) com sintomas característicos mais comuns da doença (febre, tosse seca e cansaço), serão convidados para participar em outra data, ou até mesmo serem desconsiderados para essa pesquisa. Portanto não haverá, riscos à saúde, sanidade mental ou física dos envolvidos, de imediato e nem tardio."

### 3.2. Benefícios

"Ao participar desta pesquisa o(a) senhor(a) terá o benefício direto de ter acesso às informações importantes sobre os espaços de comercialização, principalmente as vendas diretas aos consumidores, feiras livres, redes de produtores e consumidores e as compras governamentais, além do acesso simplificado e adaptado de planos de negócio. Analisando assim o alcance e inclusão econômica da Agricultura Familiar nos territórios de identidade Sertão do São Francisco Baiano e Pernambucano. De forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa se estender a outros agricultores(as) familiares, trazendo benefícios também para outras regiões, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas."

### 3.3. Comentários

Em conformidade

### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

#### 4.

4.1 – O projeto apresenta em conformidade os seguintes itens necessários para a análise ética: Tema, objeto da pesquisa, relevância social, local de realização da pesquisa, garantias éticas aos participantes da pesquisa, riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa, cronograma, orçamento e divulgação dos resultados do estudo. Após correções apresentadas pelo pesquisador na carta-resposta e demais documentações, os itens 'população a ser estudada' e 'método a ser

Endereço: Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria	
Bairro: CENTRO	CEP: 56.304-060
UF: PE	Município: PETROLINA
Telefone: (87)2101-2359	E-mail: ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE**



Continuação do Parecer: 4.697.904

utilizado' também encontram-se em conformidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

5.

O projeto apresenta os Termos de Apresentação obrigatória: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Maiores de 18 anos), Termo de Sigilo e Compromisso dos pesquisadores, Folha de rosto, além de estar em conformidade com os princípios éticos e com as resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do CNS.

Após esclarecimentos prestados pelo pesquisador na carta-resposta, não há necessidade de inclusão de carta de anuência e declaração de uso de dados, estando esta seção, portanto, em conformidade.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

7.

No que concerne aos aspectos éticos, o projeto está aprovado. Adicionalmente, o pesquisador principal deve:

- Atentar-se ao prazo para o envio do relatório parcial (quando houver alteração no projeto, a qualquer tempo) e/ou final das atividades desenvolvidas (12 meses a partir da data de aprovação do parecer consubstanciado);
- Enviar ao CEP, juntamente com o relatório final (modelo disponível na página do IF Sertão-PE), um exemplar digitalizado de cada termo (TCLE, TCLE para Pais/Responsáveis e/ou TALE, conforme o caso), bem como uma declaração afirmando que todos os demais termos passaram pelo mesmo procedimento;
- Informar ao CEP, a qualquer tempo, caso ocorram mudanças no projeto (metodologia, cronograma, número de participantes, etc) que tenham implicação ética em sua execução;
- Procurar o CEP, a qualquer tempo, para tirar quaisquer dúvidas em relação aos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, ou demais informações que necessite.

Endereço: Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria  
 Bairro: CENTRO CEP: 56.304-060  
 UF: PE Município: PETROLINA  
 Telefone: (87)2101-2359 E-mail: ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO - IF SERTÃO  
-PE**



Continuação do Parecer: 4.697.904

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1678795.pdf	07/03/2021 17:44:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	modelodeTCLEdoutorado.docx	07/03/2021 17:43:40	ELSON DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisadoutorado.docx	07/03/2021 17:43:17	ELSON DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	CartarespostaaoCEP.doc	07/03/2021 17:40:31	ELSON DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromissoesigiloanexoE.pdf	20/01/2021 12:09:32	ELSON DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoelson.pdf	13/01/2021 14:49:21	ELSON DE OLIVEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PETROLINA, 07 de Maio de 2021

---

**Assinado por:  
Ednaldo Gomes da Silva  
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Valério Pereira, 72 - Anexo da Reitoria  
 Bairro: CENTRO CEP: 56.304-060  
 UF: PE Município: PETROLINA  
 Telefone: (87)2101-2359 E-mail: ednaldo.gomes@ifsertao-pe.edu.br